Krishnamurti

Auto-conhecimento

Base da Sabedoria

J. KRISHNAMURTI

AUTOCONHECIMENTO
Base da Sabedoria

HUGO VELOSO
Tradução de

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
Av. Presidente Vargas, 418, sala 809
RIO DE JANEIRO
BRASIL

N.B. — *A palavra "espírito" é empregada nesta obra como sinônimo da palavra "mente", tradução da palavra inglêsa "mind", que segundo o "Concise Oxford Dictionary" significa a "sede da consciência, do pensamento e do sentir".*

PRIMEIRA CONFERÊNCIA DE POONA

COMO vamos realizar só quatro conferências, acho importante determinar-se a relação entre o orador e vós. A atitude que geralmente se observa, por parte de um auditório para com o orador e dêste para com o auditório, é a seguinte: o auditório fica ouvindo certas idéias expendidas pelo orador; o orador vai expondo as suas idéias, procurando incutí-las no auditório. Mas no que me concerne, sinto dizer que a coisa não é assim. Eu não sou conferencista; não vou fazer-vos uma prelação, para que a aceiteis ou a refuteis.

O que hoje vamos tentar fazer, todos juntos, é pensar a fundo nos nossos problemas, pois cada problema é tão vosso como meu; e se me ouvirdes meramente com o fim de criticar ou de aceitar ou de rejeitar o que digo, fareis uma coisa muito fútil, pois minha intenção não é esta. Vamos dedicar-nos, nestas quatro palestras, a descobrir juntos a verdade relativa a cada problema. Não ides ouvir a Verdade, de minha bôca: vamos descobrí-la juntos. Nós — vós e eu — discutiremos, e conversaremos, e refletiremos juntos a respeito dos nossos problemas. Acho importantíssimo ter-se isso em mente, porque, do contrário, não teremos mais do que uma simples argumentação, no nível verbal.

Nessas condições, peço licença para sugerir-vos escuteis, não com o fim de confutar ou de concordar, mas sempre penetrando verdadeiramente os problemas que nos defrontam e se multiplicam dia a dia. Juntos, descobriremos a verdadeira resposta. Notai bem: Juntos! O problema é vosso, tanto quanto meu. *Nós* vamos examinar, sondar o problema, para achar a verdade que êle encerra. Com esta intenção, pois, tende a bondade de ouvir-me.

E' muito importante saber escutar, não só a mim, em particular, mas a tôda e qualquer pessoa. E' importante porque, quando sabemos escutar corretamente, algo extraordinário acontece: podemos então, livres de preconceitos e prejuizos, atingir imediatamente a raiz do problema. Se ficamos, porém, a levantar argumentos, a urdir sutilezas ou impugnações, para vermos quem diz a verdade e quem não diz e continuarmos com as mesmas idiossincrasias e opiniões pessoais, nesse caso não descobriremos de modo nenhum a verdade implícita num problema. Estaremos sempre, apenas, interessados nas nossas conclusões e pontos de vista pessoais. Assim, pois, permiti-me lembrar-vos quanto é importante escutar pela maneira correta; porque, se soubermos escutar, a verdade se revelará por si. Não precisamos esmiuçar o problema; porque, quando sabemos ouvir o canto de uma ave, a voz do nosso semelhante, quando somos capazes de escutar assim como se ouve música, sem interpretação ou tradução, isso nos esclarece a mente de maneira decisiva. Tratemos, pois, de escutar com igual intenção: sem o propósito de refutar ou de aceitar, mas aplicando-nos diretamente, por nós mesmos, ao descobrimento da Verdade.

Vemos que existem, ao redor de nós, no mundo, inúmeros problemas, criados pela sociedade, pelos in-

divíduos; e, parece, a solução de um determinado problema nos apresenta sempre um outro maior, faz criarem-se novos problemas. Assim que resolvemos um determinado problema, como o da fome ou outro qualquer — econômico, social, espiritual — despertamos, não é verdade? — para outros problemas, inumeráveis. Visto que com a solução de um problema nascem sempre novos problemas, vê-se a mente cada vez mais emaranhada em problemas. Nunca há solução definitiva para um problema e sim, sempre, multiplicação dos problemas. Não sei se já tendes notado isso na vossa vida de cada dia. Pensais ter resolvido alguma coisa, e eis que dessa própria solução, nasce meia dúzia de novos problemas. Ora, é possível resolver completamente um problema, sem o aumentar e sem se criarem novos problemas? Essa é uma das nossas maiores preocupações na vida, visto que há tantos problemas no mundo — problemas econômicos, sociais, religiosos: as guerras devastadoras, as relações entre povos, as idéias, se há Deus, se não há Deus, etc.

Queremos ser amados, e, também, amar; desejamos possuir a capacidade de descobrir e compreender a Verdade — a Verdade não ouvida da bôca de outrem, não achada num determinado livro. Queremos conhecer a Verdade, experimentar a Verdade diretamente, sem interpretação.

Temos problemas incontáveis; o dia inteiro é cheio de problemas — que espécie de ação empreender, que profissão adotar, o desejo de preenchimento e (por falta de compreensão dêle) a cadeia sem fim da frustração. A fim de resolver êstes problemas, apelamos em geral para alguém, para um livro, um sistema, um líder, um *guru*, ou para nossa experiência pessoal. Entretanto, se observarmos atentamente, o nosso desejo de achar uma solução por intermédio de alguém, de

um *guru*, de um livro, de uma panacéia política, de um guia, veremos que êle só nos leva à frustração. Não é isso que acontece, na vida de quase todos nós? Pollticamente, tendes seguido alguma idéia, já estivestes na prisão, já vos deixastes arrebatar de entusiasmo pela liberdade, pelo nacionalismo, etc.; e, no fim de tudo, que tendes? Tendes a palavra "liberdade"; esta palavra, porém, não é a Liberdade.

Tendes livros religiosos, tendes guias e filósofos, observais numerosos ritos e, todavia, acompanha-vos sempre o temor, a frustração, a desesperança, a amargura, a ansiedade. Tal o fado de todos nós!

E, à medida que vamos envelhecendo, com uma carga cada vez maior de experiência e de desenganos, vemos, não é exato? — vemos que estamos perdendo a coisa mais essencial da nossa vida: *a fé*. Entendo por "fé", não a mesma coisa que estais acostumados a entender — a fé no líder, a fé no *guru*, e na experiência pessoal. Podeis não crer em coisa alguma, e fazeis muito bem; porque, se não credes em nada, tendes uma possibilidade de descobrimento. Entretanto, o viver sem fé leva ao cinismo, ao cepticismo, a uma vida de gozos superficiais, atividades superficiais, e superficial beneficência. Se não nos tornamos cínicos, tornamo-nos pessoas muito ativas e prestativas; mas aquela chama tão essencial ao pensar criador, é negada, sufocada. Creio ser essa coisa, essa chama, que nos cumpre encontrar, e não a solução para um problema qualquer, pois as soluções dos problemas são relativamente fáceis.

Se sois inteligente, se tendes capacidade e energia, é-vos então relativamente simples estudar o problema. O estudo perfeito do problema representa, justamente, a sua solução, porquanto a solução não se acha fora do problema. Para estudar-se, porém, o problema,

descobrir a verdade que êle encerra, para isso, necessita-se energia, vitalidade; e essa vitalidade, essa energia, são destruidas quando seguis alguém, quando obedeceis ao vosso *guru*, ao vosso guia político, ou a um sistema econômico. Tôda a vossa energia criadora se dissipou no seguirdes alguma coisa, no disciplinardes a vossa mente de acôrdo com um determinado padrão de ação. Se falha ou se morre o vosso guia, vos vêdes sòzinho.

Ora, é possível termos aquela *fé criadora* — se posso usar tal expressão — *sem a identificarmos com um determinado padrão de pensamento?* Não me refiro aqui à fé num *guru*, num livro, na experiência pessoal, mas àquela fé, *àquela confiança que nasce do direto experimentar, por nós mesmos* — prescindindo de tradições e mentores, compreendendo o problema diretamente, aplicando-nos a êle com energia, com aquela extraordinária confiança, aquela capacidade de descobrir-lhe a verdade intrínseca. Essa fé, sem dúvida é a verdadeira solução. Porque, sem ela, não somos entes humanos criadores. O que se faz necessário no mundo, hoje em dia, não são líderes, nem sistemas, nem *gurus*, mas, sim, a capacidade, por parte de cada indivíduo, para descobrir por si mesmo o que é a Verdade.

A Verdade não é coisa vossa ou minha. A Verdade não é pessoal. E' algo que surge quando a mente se acha muito lúcida, simples, direta, silenciosa. Só então surge a Verdade. Não podemos perseguir a Verdade. Tentamos persegui-la quando estamos dominados pela ânsia de solução para determinado problema.

O que se necessita, pois, é a confiança, a fé *imprescindível para o descobrimento da Verdade*. Não podemos descobrir o que é a Verdade, se nossas mentes estão condicionadas. Infelizmente, a janela pela qual observamos a vida, está condicionada. Estamos

condicionados, como hinduistas, muçulmanos, cristãos ou budistas — isto é, estamos condicionados para pensar de uma determinada maneira. A conduta, o padrão de ação é-nos inculcado desde a infância. E, por conseguinte, quando crescemos e começamos a experimentar, fazemo-lo através dessa cortina de condicionamento; esta é uma óbvia conseqüência psicológica, quer nos agrade, quer não.

Nunca somos livres para descobrir. Até agora abrigamos uma determinada forma de condicionamento — capitalista ou socialista. Dizemos agora: "esta forma é insensata; tornemo-nos comunistas". Tornar-se comunista também é condicionamento. Por meio de um condicionamento, pode-se resolver algum problema? Pelo contrário, só se pode resolver um problema quando somos livres para meditá-lo a fundo e experimentá-lo diretamente. E visto que estamos tão condicionados — religiosa, econômica, climàticamente, enfim, de todos os modos — não somos livres para olhar, observar, descobrir. Estamos agrilhoados, principalmente neste país; somos incapazes de pensar independentemente, livremente, por nós mesmos, sem a ajuda dos guias, dos livros, dos líderes. Tende a bondade de refletir sôbre isso, porque o problema é êste. Porque somos adoradores de imagens, temos tantos modelos e tantos herois. Tão inutilizadas estão as nossas mentes pela imitação, que somos incapazes de abandonar todos os livros e todos os guias, para refletirmos por nós mesmos sôbre cada problema e descobrirmos a Verdade.

No descobrir da Verdade inerente a qualquer coisa, há o sentimento de "pensar juntos". Compreendeis o que isso significa? Até agora temos seguido alguém e por êste motivo, justamente, criado divisões. De nada serve dizermos que estamos unidos em tôrno do líder,

porquanto bàsicamente estamos separados e, por conseguinte, nunca há *um sentimento criador de "edificar juntos"*, de que esta é nossa Terra, de que não podeis viver sem mim, nem eu sem vós. Êsse é *o sentimento de que temos de construir juntos, sem que nenhum líder político ou religioso, nenhuma personalidade dinâmica estabeleça os planos;* o sentimento de que esta é nossa Terra; o sentimento de que esta civilização arruinada pode ser reerguida, reconstruída; o sentimento de que vós e eu estamos construindo juntos a nossa civilização.

Não pode nascer êsse sentimento de "nós juntos", se não formos livres para descobrir a Verdade — a Verdade que não é vossa nem minha. Só no descobrimento do que é a Verdade existe a possibilidade do sentimento de estarmos criando juntos, e juntos a viver e embelezar a Terra. Refleti, por favor, sôbre o que digo. Não o rejeiteis como coisa inútil, como uma dessas falas que costumamos ouvir de tempos a tempos. Não façais pouco caso disso, pois estamos tratando da necessidade mais vital da hora presente.

Achamo-nos numa crise tremenda, quer o reconheçamos, quer não. E, no meio desta crise, não podemos continuar a seguir um livro anacrônico ou um guia qualquer; temos de encontrar a Verdade no nosso próprio coração, e só a encontraremos se nossa mente estiver "descondicionada". Enquanto houver o condicionamento que nos faz buscar, seguir, ou criar ideologias e adorar ídolos; enquanto houver condicionamento da nossa mente, fazendo-nos proceder como hinduístas, comunistas, socialistas, capitalistas, ou o que quer que seja, não encontraremos a Verdade contida em problema algum. Só quando vós e eu descobrirmos a Verdade, que não é pessoal, individual, haverá a possibilidade de promover-se uma revolução

que não seja uma revolução de idéias, mas a revolução da Verdade. Dela necessitamos nos tempos atuais.

Importa igualmente descobrir qual é a vossa relação para com a Realidade Criadora, ou como quiserdes chamá-la — pois os nomes não têm importância. Essa Realidade Criadora nunca será encontrada, enquanto a vossa mente estiver cristalizada, atulhada de idéias e palavras sem nenhuma significação. Não a encontrareis, não a descobrireis, se vossa mente não é capaz de libertar-se do pensamento tradicional.

A Verdade não é uma estrutura mental. A mente não pode perceber a Verdade. A verdade não é produto da mente; pelo contrário, enquanto a mente estiver em atividade, tentando imaginá-la, descobrí-la, desenterrá-la, jamais a encontrará. Encontrá-la-á, apenas, quando houver a compreensão que liberta a mente e lhe dá a única possibilidade de profundo silêncio. E' essencial uma mente silenciosa, uma mente tranqüila, de uma tranqüilidade não produzida por disciplina, coerção ou persuasão. Uma mente disciplinada não é uma mente livre; uma mente estreita, condicionada, é incapaz de compreender o que é a Verdade. A mente, porém, que compreende, que penetra, capaz de "experimentar" diretamente, na ação, nas relações, no viver de cada dia — essa mente é também capaz de descobrir a Verdade; e essa Verdade é que nos liberta dos nossos problemas.

Aqui estão umas poucas perguntas, a que tentarei responder. Fazendo-o, não estarei preocupado com o problema, nem com encontrar-lhe solução. Se, enquanto me ouvirdes, estiverdes à procura de solução, não a encontrareis. Mas se souberdes estudar o problema, observar o problema, achareis a solução nele próprio, e não fora dêle.

Infelizmente, os mais de vós tendes uma mentalidade de colegial, que é a de procurar a solução. Interessa-vos tão-sòmente a solução encontrada "no fim do livro" ou a que provém do Mestre, do *guru*, do sistema, do jornal, de um livro qualquer. Quer dizer: quereis achar a solução fora do problema, numa panacéia, numa palavra, num nome, e, acreditais, assim ficará resolvido o problema. Por conseguinte, quando eu estiver respondendo a estas perguntas, tende a bondade de lembrar-vos de que não estamos a procurar nenhuma solução, e, sim, tentando compreender o problema, pois na própria compreensão do problema se encontra a solução. Assim fazendo, vereis que a solução não está separada do problema. Não tereis então aquela solução que desejais, para pautar-vos a vida. Tereis a solução nas vossas mãos, para fazerdes com ela o que quiserdes, ou destruí-la. Prestai tôda a atenção a êste ponto, pois do contrário não alcançareis o significado do que estou dizendo.

Nossa mentalidade, principalmente em reuniões desta natureza, é de expectativa de solução. Entretanto, o que vamos fazer é refletir juntos sôbre o problema, juntos reconhecer a sua Verdade, porquanto não há solução para problema nenhum. Os problemas são criados pelo nosso pensar, nosso viver, nossas ações, e queremos achar uma solução fora dos nossos pensamentos, nossas atividades e relações de cada dia. Por isso estamos sempre à espera de que alguém nos diga o que devemos fazer. E como há sempre quem esteja muito disposto a dizer-nos o que devemos fazer, a essas pessoas chamamos líderes, guias; conseqüentemente, no fim de nossa busca encontramos a frustração, a desesperança, a amargura; nossa vida foi tôda desperdiçada; e começa a desintegração do nosso pró-

prio ser. Assim, pois, só no estudo do problema pode ser encontrada uma solução verdadeira.

PERGUNTA: *Num país pouco desenvolvido e econômicamente atrasado, como a Índia, que só há pouco alcançou a autonomia política, os problemas relativos à reconstrução material são evidentemente de primordial importância. Qual a vossa contribuição para a criação de uma nova ordem social, aqui?*

KRISHNAMURTI: Qual o problema que esta pergunta implica? Precisamos de um sistema econômico de vida, de um novo padrão de ação, de novas condições nas relações entre os entes humanos, no terreno econômico — principalmente num país que acaba de alcançar a sua independência, num país a que chamais pouco desenvolvido e super-povoado; onde não há nutrição para a totalidade do povo; onde se observa uma revolução superficial, e não uma revolução fundamental; onde só se vêem trocas, ou melhor, substituições de líderes, mas nunca uma revolução fundamental, radical, na maneira de vida ou na mentalidade. Afirmamos desejar construir uma nova ordem social e econômica sem nos transformarmos fundamentalmente, queremos uma solução radical.

Pergunta o interrogante qual é a minha contribuição para essa solução. Êle quer uma solução, uma panacéia econômica, um sistema para êste país. Ora, podeis vós, como entes humanos, vivendo neste mundo de realidade, estar ideològicamente livres e independentes de qualquer outra nação? As vossas relações econômicas não estão baseadas noutras nações, em conexão com elas? Não há, pois, solução para o problema econômico, independentemente, separadamente das outras nações.

A primeira ilusão, pois, é desejar-se independência econômica, querer-se uma solução econômica para o povo que habita êste país, em separado das outras nações. O problema é um tanto complexo e muito mais profundo do que a solução econômica ou a reconstrução dêste país. E' um problema que abrange conjuntamente todos os entes humanos da Terra. Senhores, não há que fazer sinais de assentimento com a cabeça, pois isso nada significa. Necessitamos de uma revolução; não uma revolução econômica, não uma nova ordem social, não uma revolução de idéias ou de substituição de um sistema por outro: precisamos de uma revolução fundamental no nosso pensar.

O interrogante quer saber que solução tenho eu para o problema da alimentação, uma vez que a alimentação é a coisa principal, a mais importante. Ora, em que nível, de que ponto de vista estamos, vós e eu, considerando o problema? Todos admitimos, a alimentação vem em primeiro lugar, em ordem de importância; se não tivéssemos o que comer, não poderíamos estar aqui reunidos. O problema da alimentação é o primeiro em importância e deve ser atendido imediatamente. Mas, estudemos e compreendamos êste problema. Dizemos ser a alimentação, de importância primordial. A alimentação é de fato a principal necessidade do indivíduo? Não existe alguma outra coisa muito mais profunda?

Se tendes o que comer, está resolvido o problema das relações humanas, que é de primordial importância? Isto é, podeis ter alimento, podeis organizar um sistema de segurança econômica para cada indivíduo; entretanto, enquanto o organizais, podeis perder-vos de vista, a vós mesmo, podeis deixar de ser livre. E é isso que está acontecendo no mundo, senhores.

Quando considerais a alimentação como a coisa mais importante, entregais a outra pessoa ou a um sistema a vossa própria liberdade, a vossa capacidade de pensar livremente, independentemente, e de descobrir o que é a Verdade; e, justamente nesse "processo", vos tornais escravos, sendo-vos destruida a capacidade de viver criadoramente. Expressando-o diferentemente: *a necessidade principal não é a alimentação; a necessidade principal é que cada indivíduo seja criador. Se se dá à mente a possibilidade de ser criadora, nada mais tem importância.* Daremos então maior pêso, não mais à alimentação ou a algum plano ou sistema econômico, mas a uma outra coisa, da qual resultará a segurança econômica da humanidade.

Cada um de nós é ambicioso. Desejais ser *alguém* neste mundo. Se sois escriturário quereis ser Gerente, Chefe, Diretor; se sois funcionário forense, quereis ser juiz. Quereis subir, subir sempre. Nessas condições, enquanto houver ambição, enquanto houver o desejo de ser *alguém* neste mundo, destruireis, fatalmente, todo e qualquer plano econômico para a segurança da humanidade. Por conseguinte, enquanto houver êsse impulso para se ser *alguém*, não se criará nenhuma possibilidade de atender à necessidade primária que é a alimentação. Senhores, isto está sendo provado repetidamente, não é invenção de minha parte. Quando observardes êste fato, não atribuireis tôda a importância à alimentação, como necessidade primária, mas reconhecereis a urgência de uma revolução fundamental no nosso pensar, para que se possa ocorrer aquela necessidade. Deveis acabar com vossas divisões comunais, vossas castas, e vosso intolerantismo. Não deve haver nacionalidade e nenhuma distinção artificial; só então se terá a possibilidade de satisfazer a necessidade primária do ente humano.

Por essa razão, *a revolução destinada a promover o bem-estar econômico, deve ser interior e não exterior.* Estais de acôrdo? Sim? Dizeis, porém, não poder realizar uma revolução fundamental interior, porque vos falta o necessário vigor, a confiança em vós mesmos; porque vos sentis esgotados; porque já fizestes tantas coisas absurdas na vida, já seguistes tantos líderes e mentores; porque achais que mentalmente estais completamente esgotados. Essa revolução interior, na qual a mente não busca preenchimento de suas ambições, essa revolução interior requer uma grande soma de investigação interior, de compreensão interior. Isso significa o abandono de tôda ambição, para que se descubra e resolva êste importantíssimo problema: o de que cada um tenha, nesta Terra, alimento, roupa e morada. Só será possível tal coisa, quando houver o sentimento de que esta é nossa Terra, de que somos responsáveis pela *totalidade da humanidade;* quando cada um de nós não esteja mais lutando, a realizar algo para se tornar *alguém.* Senhores, é esta a revolução fundamental, que produzirá a vossa nova ordem social.

PERGUNTA: *As invenções científicas, de uma benção que eram, transformaram-se em maldição para a humanidade. Não podeis ajudar a humanidade a livrar-se da loucura criminosa dos seus homens mais capazes e mais poderosos?*

KRISHNAMURTI: Senhor, êste dever vos incumbe, não achais? Sabemos como é o mundo; se não formos muito sensatos, êle nos destruirá. Já existe uma super-bomba de hidrogênio, que fizeram explodir recentemente, a qual transformou em gases tudo o que atingiu na sua explosão. Provàvelmente, já lêstes a

respeito dessa terrível invenção. A guerra, parece, é a ocupação perpétua do homem civilizado. Ora, como iremos resolver êste problema? A energia atômica pode ser utilizada na produção das coisas necessárias à humanidade, dar-nos eletricidade mais barata, etc. Precisamos compreender, porém, porque querem os homens destruirem-se uns aos outros, porque desejamos matar o nosso próximo; êste é que é o problema, e não as invenções científicas. Porque, quanto mais descobrimentos fizermos, relativamente à utilização científica da natureza, tanto mais livres ficaremos para folgar, para contemplar as árvores, o céu, os pássaros, os regatos, o sol poente.

A culpa por conseguinte, não é da ciência. Precisamos saber porque é que vós e eu temos tanta disposição para assassinar o nosso próximo — russo, americano, inglês ou muçulmano. Por que isso? Eis o nosso problema. Por que razão odiamos, criamos inimizade e somos tão desamorosos? Se pudermos compreendê-lo, descobrir o que significa amar o próximo, então provàvelmente poderemos evitar as guerras.

Uma das causas fundamentais das guerras — dizem — é de ordem econômica. Mas, muito mais do que isso, a causa fundamental é "a crença em alguma coisa". Quando eu creio numa coisa, quero converter-vos às minhas idéias, e se não concordais comigo, liquido-vos. Tendes uma panacéia, um sistema, tendes a Biblia ou um livro de Marx, cheio de "verdades", de dogmas transcendentais, de disciplinas; e se eu não estiver de acôrdo com o vosso modo de pensar, se não creio em Deus pela mesma maneira que credes, vós me destruis. E' isto que precisamos compreender: por que vivemos criando inimizade entre nós?

Isso que chamam religião não é uma das causas da inimizade? Tende a bondade de refletir sôbre isso.

Não desprezeis esta questão. Vós vos credes hinduista; eu, desde a infância ouço dizer que sou muçulmano. Pratico certos ritos que não praticais. Por conseguinte, a crença, os ritos, nos estão dividindo, não é verdade? Vós sois brâmane; eu não o sou. Credes num único Salvador — Marx, Jesus, Buda. Se discordo de vós, me poreis à margem, dareis cabo de mim.

Como vêdes, fundamentalmente, *um dos fatores de inimizade entre os homens é a "crença"*, e a crença cria "projeções". Desejo alguma espécie de segurança, na vida; tenho dinheiro, tenho posição; quero, porém, uma segurança maior. Por conseguinte, "projeto" da minha mente o desejo, a ânsia que me impele a buscar a segurança numa "super-idéia", num "super-homem", em "super-visões" ou "super-conclusões". Crio, pois, em virtude do meu próprio desejo, a idéia da segurança, a idéia da existência ou não-existência de Deus; e minha mente se apega a essa idéia. E', pois, a minha crença que me proporciona o sentimento de segurança, de certeza; digo que ela é minha inspiração; chamo-a "minha", porque estais separado de mim pela vossa crença. Gradualmente, em conseqüência de tudo isso, surge a discórdia, o antagonismo; vós sois inglês e eu sou negro; sois capitalista, eu, comunista. Por conseguinte, a crença, o desejo da mente sentir-se segura, numa conclusão, numa convicção, é uma das causas da inimizade.

O amor não é coisa da mente. Amais os vossos filhos? Duvido muito disso; porque, se assim fôsse, não haveria guerras. Se os amásseis, nunca criaríeis na mente a divisão entre hinduista e muçulmano; se os amásseis não haveria a distinção de subordinados e superiores, etc. etc. Se amásseis o vosso filho, ajudá-lo-ieis a tornar-se um ente humano inteligente, livre de

condicionamento, e capaz de penetrar, com sua inteligência, todos os condicionamentos da vida.

A causa da guerra, portanto, não se acha fora de nós, mas em nós. Pregamos a não-violência; temos ideais de fraternidade; empregamos muitas palavras inteiramente vazias de significação. O idealista é o pior dos empreiteiros de guerras (risos). Por favor, Senhores, não riais. O homem que prega a fraternidade não é fraternal; por isso mesmo prega a fraternidade. O homem que é fraterno não fala de fraternidade. Quando um homem tem o ideal da fraternidade, isso significa que êle ainda não é fraternal, mas vai sê-lo, futuramente. Criamos uma filosofia de adiamento e um ideal; e, é bem evidente, o homem que prega um ideal, ainda não é o que êle acha que deveria ser. Só ao compreendermos o que somos, de fato, não teòricamente, mas realmente, só ao compreendermo-lo haverá a possibilidade de nos libertarmos da inimizade.

Temos de reconhecer a verdade de que a humanidade se está dividindo por causa de suas teorias, dogmas, princípios e crenças; de que cada um quer realizar algo, tornar-se alguém, neste mundo; e de que esta é a verdadeira causa da guerra, da destruição, da degeneração. Não queremos, porém, olhar de frente êsse fato; desejamos segurança econômica; queremos ver alteradas as condições externas, sem operarmos, radicalmente, fundamentalmente, uma transformação no nosso pensar, nos nossos sentimentos. Só quando percebermos esta verdade, haverá a possibilidade de pormos um paradeiro às guerras e de impedirmos que as invenções que se possam tornar pavorosos meios de destruição, produzam mais devastações e mais sofrimentos para a humanidade.

PERGUNTA: *Vossa condenação da disciplina só poderia arrastar os jovens ao já muito difundido "culto do corpo". Enquanto não fôr possível a sublimação de todos os desejos, não é absolutamente indispensável alguma espécie de auto-contrôle.*

KRISHNAMURTI: Senhor, examinemos com muita atenção êste problema, para descobrirmos a verdade respectiva. Em primeiro lugar, temos de ver as coisas como são: que o mundo se tornou insano com o culto dos valores sensoriais, com o chamado "culto do corpo", o cinema, etc. E reconhecendo êste fato dizeis que há necessidade de disciplinar-nos, de controlar-nos.

Mas, que se entende por "disciplina"? Compreendamos em primeiro lugar a palavra, sua significação, para então abeirar-nos do problema. Que entendemos por disciplina? Evidentemente, entendemos um processo de resistência, não é verdade? Um processo pelo qual controlamos um desejo por meio de outro desejo, um processo de ajustamento.

"*Êste* me parece o único caminho que devo seguir: submeter-me ao padrão social, ou aos meus maiores, ou ao *guru,* ou a um partido político. Tenho de reprimir o que penso e o que sinto, de ajustar-me ao sistema, ao plano estabelecido pelo partido. Não posso desviar-me, não posso pensar de modo diferente, pois o que o sistema dita é peremptório. O sistema pode ser modificado amanhã, pelo líder; mas, por ora, tenho de submeter-me a êle". — Eis uma atitude que denota ajustamento, resistência, sublimação ou substituição. E' tudo isso o que entendemos quando falamos de disciplina.

Que acontece, depois de nos termos disciplinado? Que vos aconteceu, depois de terdes seguido um *guru* e disciplinado a vossa mente e o vosso coração de acôrdo com um padrão por êle estabelecido? Que aconteceu à vossa mente? Deixastes de ser uma entidade ativa, cheia de vitalidade; ficastes com uma mente completamente disciplinada, controlada, moldada; e na base dêsse moldar da mente encontra-se o temor: temor da opinião pública; temor de não seguir o partido, o líder; temor de perder o emprêgo; temor de errar. Na base da disciplina, que significa resistir, ajustar-se, há temor, temor do que digam os nossos pais, ou nossa espôsa, ou marido, ou *guru;* temor do que possa acontecer. *Assim, pois, a base da disciplina é ajustamento, resistência, ou substituição.* E, por trás disso, está o mêdo.

Pois bem, como pode a mente compreender o problema do ajustamento a alguma coisa — que implica imitação — enquanto o seu incentivo fôr o temor? Estais compreendendo? O que tem vital importância é que compreendamos o "processo" do temor e sejamos, assim, inteligentes — o que não significa ajustar-nos, resistir ou procurar substitutos. E' um fato bem óbvio, a disciplina destroi a inteligência. Todo mestre-escola impõe disciplina. Como tem de lidar com tantos alunos, tem de discipliná-los, atemorizá-los; começa, pois, a discipliná-los, controlá-los, com o que lhes destroi a inteligência — *a inteligência, que significa liberdade para descobrir o que é verdadeiro, em todos os aspectos da vida, desde a infância.*

Está visto, pois, que a disciplina não produz inteligência. Podeis ter inteligência apenas quando há liberdade, e não, temor. E uma mente disciplinada nunca pode descobrir o que é a Verdade — isto é, uma mente que é produto do temor, jamais encontrará o amor.

Procurai, por favor, compreender isso, perceber a Verdade aí contida.

Não digais: "que me acontecerá, se eu não me disciplinar?" — Que vos aconteceu, até agora? — pois suponho vos tenhais disciplinado, até agora; pelo menos dizeis que vos estais disciplinando. Qual é a vossa situação? Viveis lutando incessantemente, entre aquilo que desejais ser e aquilo que sois realmente.

Por que não vos livrais da teoria ideológica relativa *ao que deveríeis ser*, que não contém verdade nenhuma? O fato é: que sois atualmente? Por que não procurais compreender êste fato? A compreensão do que sois não exige disciplina; ao contrário, podeis examiná-lo livremente, livremente investigar-lhe a verdade. Em geral, porém, não queremos compreender o que somos, estamos sempre a buscar aquilo que não somos, sempre em demanda do que *deveríamos ser*, esperando assim fugir ao que somos. A compreensão do que somos é o único fato, a única realidade; e nessa compreensão haveis de encontrar a verdade infinita de que "o que é" *é*, e de que "o que é" *nunca é estático*. Mas isso requer uma mente não carregada de temor, não tolhida por uma idéia de disciplina ou daquilo que meu pai, minha mãe, meu *guru*, minha sociedade possam dizer de mim.

A disciplina impede a inteligência. A inteligência é o resultado da libertação do temor. Mas achais que não deveis ficar livre do temor. Pensais que o temor conserva o homem no caminho reto e que, por conseguinte, deveis disciplinar o vosso filho para que êle não se rebele contra vós, e ensinar-lhe o que acreditais ser a Verdade. Começais, pois, a condicioná-lo, por meio do temor; quereis que se ajuste ao padrão da vossa sociedade. Instalais, assim, gradualmente, no seu espírito, o temor e lhe destruís a inteligência. E' isso

o que está sucedendo à maioria de nós, não é exato? Talento, erudição, capacidade de argumentar, de citar outros — nada disso significa inteligência. O homem inteligente é sem temor. Não se pode dissipar o temor por meio de compulsão ou ajustamento. O temor é um veneno que atua lentamente no vosso ser total, destruindo-vos tôda a lucidez.

Assim, pois, considerando devidamente o problema da disciplina, vereis não ser a disciplina coisa importante; que o que tem importância é a compreensão do "processo da mente", o "processo" de conduta, tanto em vós mesmo como em tudo o que vos cerca. A compreensão de vós mesmo é essencial. A compreensão de vós mesmo não exige vos retireis da vida, vos torneis eremita ou monge. Não podeis compreender-vos no isolamento; só podeis compreender-vos quando em relação com outro, pois viver é estar em relação; e para compreenderdes a vós mesmo, tendes de servir-vos do espelho das relações, o que requer uma capacidade extraordinária, e não temor ou uma mente que diga "isto é errado", ou "isto é correto"; essa é uma mentalidade de colegial. Só o pensamento não amadurecido está sempre condenando ou justificando.

O que há de importante nesta pergunta, por conseguinte, é o que se entende por disciplina. Uma mente inteligente não precisa de disciplina; ela se disciplina continuamente — isto é, está sempre a observar, a adaptar-se e nunca se acha dentro do rígido molde chamado "disciplina". Senhor, uma mente criadora é a mais disciplinada das mentes; entretanto, sua disciplina não é a que resulta do temor e, sim, a disciplina própria da mente que compreende, que está sempre cônscia das suas ações e dos movimentos dos seus próprios desejos. Êsse percebimento não exige disciplina. Apenas a mente preguiçosa, inutilizada, "desintegra-

da", só essa mente tem mêdo de amadurecer e por isso diz: "preciso disciplinar, controlar; preciso ser *isso*, ser *aquilo*" ou "não devo ser *isso*". Essa mente jamais descobrirá o que é a Verdade.

A mente disciplinada não pode, nunca, descobrir o que é a Verdade. A mente disciplinada não pode saber o que é amor. Por isso, nunca conhecemos o amor. Conhecemos tão-sòmente, a sensação do sexo, ou essa vaidade de sermos amados ou de amarmos. Não sabemos o que é amor. O amor não é coisa da mente. O amor não é produto de nenhum artifício da mente que crê, que se limita a si mesma, e que teme. O amor nasce apenas quando a mente compreende a natureza da inveja. Quando a mente compreender as próprias tendências de preenchimento, seu desejo e seu mêdo à frustração, só então poderá surgir aquela coisa que não é mera sensação, mas a "qualidade amor", a qual nos resolverá todos os problemas.

24 de janeiro de 1953.

SEGUNDA CONFERÊNCIA DE POONA

TALVEZ, se considerarmos o problema do sofrimento e da dôr, possamos compreender diretamente, por nós mesmos, o inteiro problema da mente condicionada. Não vamos apreciar simplesmente as formas diversas do sofrimento — físico, psicológico ou psicosomático — mas o problema do sofrimento, o qual, sem dúvida nenhuma, está ligado à questão da mente condicionada, da mente que é incapaz de compreender o todo, interessada que está, exclusivamente, na particularidade, no limitado, na parte. Se pudermos compreender o todo, em vez de ficarmos especulando a seu respeito e criando "projeções" verbais — se pudermos compreender o todo, talvez se nos dê a possibilidade de vencermos o sofrimento, de ficarmos livres dêle.

Em geral, seguimos uma linha de aproximação através da parte para o todo, e esperamos compreender o todo por meio da parte. Isto é, por meio da parte — que é o "eu" — esperamos tornar-nos capazes de compreender nosso sofrimento, nossas relações com o mundo, nossa atitude, nossa dôr, nossa frustração; por meio da parte, do "eu", queremos compreender todo êste complexo problema do viver. Afinal, o "eu", a mente, é o único instrumento que possuímos:

entretanto, essa mente está tão condicionada, tão especializada, que só é capaz de pensar dentro da sua esfera de valores condicionados, pontos de vista condicionados, ações condicionadas. E com a compreensão da parte, do "eu" (i.e. a compreensão de que é dotado o "eu", a parte) esperamos compreender o todo. O todo não é uma teoria, uma especulação; não é o que diz êste ou aquêle instrutor; não é uma idéia relativa a um estado, a Deus, a um modo de ser. Mas o direto experimentar do todo, não especulativamente mas de maneira real, pode tornar-se a libertação final do homem, do seu sofrimento.

Porque nós — vós e eu — estamos condicionados, totalmente condicionados pelo nosso pensar, é incapaz, a nossa mente, de compreender "o todo", a respeito do qual nada sabemos. Todo pensar é condicionado; o pensamento, em qualquer nível que o coloquemos, é sempre condicionado. Não gostais de admitir êste fato. Acreditais existir dentro em vós, uma parte não condicionada, sobranceira a tôdas as influências "condicionadoras" — influências climáticas, religiosas, sociais; a educação; a memória; a experiência. Pensais que essa *coisa* não está sujeita a nenhum condicionamento e que ela não é o "eu". Mas, quando pensais nesse estado que dizeis "não condicionado", o fato, justamente, de o pensardes, cria condicionamento; além disso, essa coisa que se acha além de tôda possibilidade de condicionamento, é todavia condicionada se está em relação com o pensamento. Isto não é mera especulação ou argumento sutil.

Se puderdes examinar esta questão da mente condicionada, vereis não existir nenhuma parte do pensamento que não esteja controlada, condicionada. Talvez seja êsse condicionamento a verdadeira fonte de todo sofrimento. Se pudermos examinar esta questão, fora

do nível verbal (sabeis o que entendo por "nível verbal": o mero refletir sôbre a questão, o mero especular sôbre se a mente pode tornar-se "descondicionada") se pudermos examinar e compreender esta questão, então não há dúvida de que com essa compreensão descobriremos muitas e muitas coisas.

Em primeiro lugar, se estivermos vigilantes, por pouco que seja, se observarmos o estado da nossa mente, reconheceremos o pensamento é condicionado, não há pensar independente de condicionamento. Se admitirmos e compreendermos êsse fato, haverá então diferentes maneiras de tratar o problema. Isto é, ao reconhecer que estou condicionado e que não há nenhuma possibilidade de "descondicionar" a minha mente, tento modificar o condicionamento, a condição, deixando de crer em certas idéias ou ideais; nesse "processo", porém, eu me condiciono, já que trato de adotar outras idéias ou ideais. Temos, pois, um "progresso" no condicionamento, e é isso o que interessa à maioria de nós. Queremos progredir, social, econômica, religiosamente, ou em nossas relações mútuas, vivendo sempre condicionados ou "mais bem condicionados". Admitimos, dêsse modo, que o sofrimento nunca pode ter fim e que só é possível modificá-lo ou recorrer às várias maneiras de fuga ao sofrimento.

Entretanto, quando sabemos, quando temos perfeita consciência de que nosso pensamento está inteiramente condicionado e que não há uma única parte dêle "não condicionada", temos então a possibilidade de descobrir se existe alguma coisa além da mente, além das "projeções" e fabricações da mente. Acho importantíssimo êste ponto; se pudermos examiná-lo verdadeiramente, experimentá-lo efetivamente, enquanto estamos falando, encontraremos então uma solução real para todos os nossos problemas, o principal dos

quais é o sofrimento, a dôr — não só a dôr física, mas as manifestações mais complicadas da dôr psicológica: as lutas e conflitos interiores, as frustrações, o desespêro, a esperança.

O que importa, por conseguinte, é que se descubra, que se experimente de fato a totalidade, o todo não condicionado (se é que existe um estado não condicionado) não controlável pela mente, não "projetado" por ela. Tôdas as nossas soluções — sociais, econômicas ou religiosas — são procuradas por uma mente condicionada e, por conseguinte, qualquer solução há de ser "progressivamente condicionada", nunca independente de condicionamento. Isto é, em vez de venerarmos a palavra "Deus", veneramos, agora, a palavra "Estado" e, assim, usando-a, acreditamos ter feito um progresso espantoso. Ou, se não gostamos da palavra "Estado", adotamos a palavra "Ciência" ou as palavras "Materialismo Dialético", como se isso nos fôsse resolver todos os problemas. Isto é, estamos sempre a abordar a solução de nossos problemas com um pensamento condicionado.

O pensamento é sempre condicionado; não há pensamento não-condicionado. Como disse, pode-se conceber o "Eu Supremo", no nível mais elevado, mais sublime; ainda assim, êle é condicionado. Se, reconhecendo êste fato, não teòricamente mas realmente, observarmos as operações da mente, veremos que a mente está sempre pensando de acôrdo com seu *fundo* próprio, visto não haver pensamento sem memória, experiência sem memória, sem o processo de reconhecimento e, por conseguinte, a respectiva contradição (o respectivo "oposto"). Tal é o estado que conhecemos, e dêsse ponto de vista é que queremos considerar os nossos problemas! Não me parece, porém, possam êles ser resolvidos de tal maneira, i.e, pelo mero processo de os

considerarmos de um determinado ponto de vista. Um problema só pode ser resolvido quando compreendemos o todo, e essa compreensão não é possível enquanto o pensamento, a idéia, estiver em funcionamento. Tende a bondade de refletir sôbre isso — não depois de irdes para casa, mas aqui mesmo, enquanto falo.

Infelizmente, os mais de nós costumamos traduzir, interpretar tudo o que ouvimos. Compreendeis? Dizeis que é assim que está nos *Upanishads*, que é isso o que significa tal frase do *Bhagavad-Gîta*. Dêsse modo, estais interpretando, e *não* compreendendo; por conseqüência o vosso conhecimento se transforma num empecilho à experiência direta. Urge, por conseguinte, suprimirmos o conhecimento, eliminarmos todo o conhecimento (não me refiro ao conhecimento relativo à construção de uma ponte, por exemplo, o qual é essencial; não estou pregando o retôrno ao estado primitivo, o que seria absurdo) urge eliminarmos o conhecimento comparativo, o conhecimento que interpreta o que outros dizem. Essa interpretação, essa tradução é uma forma de satisfação do "eu", do seu desejo de estar sempre seguro, sempre certo; por causa dêle a mente está sempre a dizer: "é o que diz o Livro" — sustando, assim, com essa afirmação, com essa tradução, o experimentar, o estudar.

A mente, sem dúvida, deve achar-se num estado de completa incerteza, quer dizer, num estado de completa inação, um estado de desconhecimento, em que a mente jamais diz "eu sei", "eu tenho experiência", "é isso mesmo!" A mente que diz "eu sei" é incapaz de resolver qualquer problema complexo do viver, pois a vida está sempre em movimento, a vida não é estacionária. Podeis traduzir a vida, interpretá-la como comunista, como socialista, como materialista dialético, etc.; podeis traduzi-la e prendê-la assim a pala-

vras explanatórias; a Realidade, porém, é uma coisa viva, e essa coisa viva não é acessível através da parte, que é o pensamento. Percebei isso, por favor, e a Realidade se vos revelará. Se estais verdadeiramente *à escuta* da Realidade, ela fará algo extraordinário: quebrará de golpe o condicionamento da mente, e esta se tornará tão desperta, tão vigilante, que "o todo" não mais se lhe afigurará uma coisa miraculosa, transcendental. Êsse todo, essa totalidade pode ser experimentada apenas depois de compreendido todo o processo de condicionamento e de reconhecermos positivamente que por meio de um pensamento condicionado não há solução para os nossos problemas. Quando tiverdes uma experiência dessa natureza, quando tiverdes a percepção, a experiência do "todo", ocorrerá então uma extraordinária revolução interior — a única verdadeira; porque "revolução econômica" é mero pensamento progressivo, ação condicionada.

Devemos, pois, abeirar-nos de todos os nossos problemas com a compreensão de que nosso pensamento está condicionado. Podeis fazer o que quiserdes, acumular conhecimentos psicológicos e ler todos os livros sagrados do mundo: se com êsse conhecimento desejardes resolver o problema da vida, que é movimento constante, nunca é estática, não encontrareis jamais a solução. Entretanto, desde que haja o experimentar do todo com a compreensão do todo (em que se reconhece o estado de condicionamento da mente) então, com essa compreensão do todo, qualquer problema pode ser resolvido, não por meio de um condicionamento progressivo, mas em virtude do completo desaparecimento do problema.

Como disse ontem, há neste mundo de pretenso progresso cada vez mais sofrimento, mais destruição, desgraça, sufocação, frustração. Podeis não estar côns-

cio disso, já que vos habituastes às mós da rotina diária. Estivésseis, porém, por pouco que fôsse, conscientes, veríeis ser êste o processo da existência: frustração constante, sem qualquer fim; e quanto mais procurais preenchimento, mais encontrareis frustração. Da satisfação do "eu", do desejo de preenchimento, nascem novos desejos, novos sofrimentos. Visto que a fonte de vossa ação, o incentivo de vossa ação é sempre o preenchimento do "eu" — preenchimento no vosso filho, na vossa família, na nação, ou na sociedade — êsse desejo de preenchimento e a ação dêle resultante acarretam frustração. Na frustração há sempre desespêro. Por isso a mente busca uma senda promissora, no Estado, em Deus, ou noutra coisa qualquer, por meio da qual possa preencher-se; e dessarte nos vemos de novo a debater-nos na mesma cadeia sem fim.

Nessas condições, se se deseja uma ação não inspirada por determinado sistema, determinada teoria, se se deseja *ação de conjunto*, por parte de vós e de mim, *ação não inspirada pelo desejo de preenchimento*, faz-se necessária a compreensão de como está condicionada a nossa mente. E' essencial a libertação da mente do seu condicionamento, porque então há cooperação, ação de *todos nós* e não ação particular *vossa* ou *minha*. Aí se encontra a Verdade. Requer tudo isso, naturalmente, aturada observação. A Verdade não se pode adquirir nos livros. Tal é a verdadeira meditação, que não é meditação de pensamentos controlados, meditação limitadora do pensamento, e, sim, a meditação do amplo percebimento. O amplo percebimento é o percebimento de todos os movimentos do pensar; é estar-se cônscio de como a mente opera, de cada reação, cada experiência, cada transgressão contra a vida; cônscio de como a mente funciona a cada momento;

cônscio de cada reação, sem o desejo de modificá-la, controlá-la, orientá-la, disciplina-la. Nesse estado de amplo percebimento a mente se torna tranqüila num grau extraordinário; não mais lhe interessa a plenitude, o preenchimento do "eu", o ser ou não ser alguma coisa. Êsse estado de tranqüilidade não é um estado forçado, disciplinado. E' o "estado de ser" — o qual nada tem em comum com a mente; por essa razão a mente se apresenta tranqüila, serena; e nessa tranqüilidade, aquilo que é "o todo" é compreendido.

PERGUNTA: *Os homens e mulheres comuns — como eu — em geral, interessam-se, apenas, pelos problemas imediatos: a fome, o desemprêgo, a doença, os conflitos; como posso atender verdadeiramente às questões mais profundas da vida? Só pareço estar em busca de alívio das calamidades imediatas.*

KRISHNAMURTI: Todos nós queremos imediato alívio das nossas calamidades. Somos todos gente comum, por mais altamente colocados que estejamos — burocrática, social ou religiosamente. Há as pequenas calamidades da vida cotidiana, o ciúme, a cólera, a angústia de não ser amado; se puderdes compreender essas pequenas coisas da vida, observareis, através delas, as atividades da vossa mente — quer sejais uma dona de casa, obrigada a preparar três refeições por dia, por todo o resto de vossa vida, escrava do marido, quer sejais um marido escravizado pela espôsa. Se nessas relações do nível mais superficial, de dôr, de prazer, de calamidades, de desespêro, de esperança, fôrdes capaz — começando daí — de observar, vigiar, esperar, perceber, sem condenar, sem julgar, vereis como a mente penetra os problemas cada vez mais; se

ficardes interessados, porém, apenas no aspecto concernente à fuga ao problema, qualquer que êle seja, a vossa mente permanecerá no nível superficial.

Consideremos o problema da inveja, uma vez que nossa sociedade está baseada na inveja. A inveja é vontade aquisitiva, avidez. Eu tenho; vós, não; sois alguém; eu não sou ninguém e vou competir convosco para tornar-me alguém; sois mais ilustrado, mais rico, mais experiente do que eu. Há esta luta perene: vós progredindo sempre, e eu ficando mais e mais para trás; vós, o *guru*, eu, o discípulo, o seguidor, e entre nós dois sempre uma grande distância; vós, sempre adiante, e eu sempre atrás. Se sabemos ver, encontramos um imenso conteúdo em tôdas estas lutas, em todos êstes esforços, êstes sofrimentos, nos pequenos dissabores e outras insignificâncias da vida de cada dia. Não precisais ler todos os Vedas e todos os livros; podeis pô-los fora, todos, por que não têm valor; o que tem valor é que percebais, realmente, diretamente, nessas pequenas coisas da vida as coisas que elas implicam de maneiras diversas. Quando se observa a beleza de uma árvore, um pássaro a voar, o pôr do sol sôbre as águas, tudo isso nos revela muitas coisas; e também quando contemplamos as coisas feias da vida — sordidez, miséria, desespêro, opressão, temor — também elas nos revelam um fundamental processo de pensamento. Mas perderemos tudo isso, se nossa mente só se mostra interessada nas fugas, em achar uma panacéia, em evitar o descobrimento das coisas existentes em tôdas as nossas relações.

Infelizmente, falta-nos paciência, e para todo problema queremos uma solução imediata; tão impaciente é a nossa mente! Entretanto, se ela fôr capaz de observar o problema — de não fugir do problema, mas "viver com êle" — então o próprio problema come-

çará a revelar-lhe a sua extraordinária natureza. Desce a mente às profundezas do problema, libertando-se das agitações causadas pelas circunstâncias e calamidades. Nesse estado, a mente é serena, qual remanso de águas profundas; pois só nesse estado é a mente capaz de tranqüilidade, placidez, paz.

PERGUNTA: *A fé no materialismo dialético suscitou uma onda de atividade criadora na Nova China. A fé religiosa parece tornar os homens complacentes e extra-terrenos. Pode a generosidade própria da índole espiritual combinar-se com a ação dinâmica do materialista?*

KRISHNAMURTI: E' relativamente fácil, como deveis saber, inflamar-nos de entusiasmo pelo Estado, pela Liberdade, pela guerra ou pela paz, e identificar-nos com o Estado, com Deus, com uma idéia. O esquecer-nos a nós mesmos, ou melhor, o preencher-nos por meio da idéia do Estado, de Deus, ou da dialética materialista, é coisa relativamente fácil; infunde-nos um entusiasmo e uma capacidade espantosa. Como pensais que se luta nas guerras — nas guerras que exigem o assassínio desapiedado, que acirram ódios, que impõem sofrimentos e sacrifícios, que nos desobrigam de tôdas as responsabilidades e nos transportam às frentes de batalha, para matar? Para tanto necessita-se um extraordinário grau de entusiasmo, energia, ímpeto, ódio, e do chamado amor da pátria, o qual faz o indivíduo preencher-se numa ação de tal ordem. Por conseguinte, para êsse homem não há problema algum. Êle está vivendo. Anàlogamente, a identificação com o que chamamos Deus, o Estado, a identificação com a idéia, considerada mais importante do que o "eu", dá-nos evidentemente uma espantosa energia e fôrça

criadora. E o mesmo acontece no tocante à religião. Se sou um dêsses indivíduos ditos religiosos, isso me dá uma fé, uma capacidade, um ímpeto extraordinário. Temos de tudo isso neste país. Quando estáveis lutando pela liberdade, éreis capazes de tudo.

A luta pela liberdade representa preenchimento do "eu", a pátria com que vos identificais representa o meio de fugirdes a vós mesmo. A luta, a dôr, o sofrimento, para criar um mundo novo, uma Nova Índia, é um meio artificial de auto-esquecimento. E' tudo preenchimento, de diferentes maneiras, do "eu". Dão-nos essas coisas uma energia extraordinária e transitória, provocam uma explosão de entusiasmo. Atrás de tudo isso, porém, está sempre o "eu", na sua perpétua busca de plenitude; e o preenchimento, o desejo de preencher-se, produz conflito.

A religião, tal como a conheceis e praticais, é uma rotina monótona, uma coisa morta, uma vez que está limitada pela tradição, pelo que Sankara disse, pelo que Buda disse. A mente, por conseguinte, empresta um significado ao que Sankara disse, ao que disse o *Bhagavad-Gîta,* e êsse significado constitui o caminho por onde ireis preencher-vos. A vossa interpretação, os vossos comentários, se tornam, por conseguinte, extraordinàriamente importantes. Há uma falsa ação criadora, surgindo quando estais empenhado em preencher-vos. Não é criadora tal ação e sim, meramente, uma progressão pela via da calamidade e do pensar condicionado. Mas há uma atividade que se acha muito além e muito acima dêsse impulso para o preenchimento do "eu"; e essa atividade só pode surgir depois de cessar definitivamente o nosso desejo de preencher-nos, por diferentes maneiras.

Refleti a respeito de tudo isso, Senhores. Não vos limiteis a concordar ou a discordar. E' uma coisa es-

sencial, para se alcançar a experiência, o verdadeiro "escutar". Êle vos comunicará uma energia incalculável, dar-vos-á uma vida isenta de mágoas, de opressão e de escravidão. Faz nascer uma ação criadora em que não existe "eu" a preencher-se.

O "eu", identificando-se com o Estado ou com determinado sistema, produz calamidades, cria antagonismo, cria inimizade, cria ódio. Se vos identificais com uma certa casta, não vos sentis possuido de assombroso entusiasmo e disposto a manter essa casta, a lutar e a guerrear para destruir tôdas as outras castas? O nosso problema, por conseguinte, não tem nada que ver com a mera identificação com "uma coisa maior", e nem se acha aí a sua solução. Vêde mais uma vez como a nossa mente atúa, como a nossa mente se movimenta, esperando compreender o todo através da parte. Pensamos que o todo é o Estado, a comunidade, a nação ou um ideal. O todo não é nenhuma dessas coisas, pois tôdas elas são "projeções" do pensamento, e o pensamento é sempre condicionado. Eis porque é impossível, quer por meio da religião, quer por meio dos livros, compreender-se o todo.

A experiência do todo só pode revelar-se e ser compreendida e sentida, quando a mente está totalmente cônscia de que se acha condicionada. Então a mente, que é o centro do "eu", o qual busca sem cessar o seu preenchimento e por conseguinte se evade através do entusiasmo — então a mente, reconhecendo a impossibilidade de mover-se em qualquer direção, se torna tranqüila; e aí, nessa tranqüilidade, há uma atividade que não é mero produzir, inventar, e sim uma atividade criadora. E' essencial que se manifeste em cada um de nós êsse estado criador, para desfazer as causas de todos os malefícios, sofrimentos e destruições. Vós e eu somos entes humanos comuns; mas

se descobrirmos êsse estado criador, então êste mundo será *o nosso mundo, que vós e eu estamos edificando juntos, vós e eu operando juntos,* criando um mundo em que terá deixado de existir o sofrimento, a dôr e a fome. Sem aquela Realidade Criadora, porém, qualquer outra ação é mera progressão no sofrimento, progressão do pensamento condicionado.

PERGUNTA: *Conforme pensa, assim se torna o homem. Não é essencial saibamos uma forma de não ficarmos à mercê de nossos pensamentos maus e incontroláveis?*

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, o interrogante começa citando a frase: "conforme pensa, assim se torna o homem". Não é um fato muito curioso êsse — de que não sabemos pensar diretamente num problema? Temos citações e mais citações em apoio de nossas teorias — citações do *Bhagavad-Gîta,* de Marx, Sankara, Churchill ou Mau-Tsé-Tung. E' incapaz a nossa mente de observar e experimentar qualquer coisa diretamente. Esta sabedoria de empréstimo destroi-nos a capacidade de descobrirmos a Verdade por nós mesmos. (risos). Sim, Senhores, rides e não sabeis quanto há de deplorável atrás do vosso riso.

Vossa mente está inibida, tolhida; e uma mente inibida é incapaz de ser livre. Apenas é livre a mente que compreende achar-se tolhida; então há possibilidade de fazer-se alguma coisa. Uma mente que diz: "não estou inibida", "estou repleta de conhecimentos", "estou recheada de citações das idéias de outros" — é incapaz do descobrimento daquilo que é Real. O homem de tal mentalidade vive num nível "de segunda mão."

Agora, a segunda parte da pergunta é: "não é essencial que conheçamos uma forma de não ficarmos à mercê de nossos pensamentos maus e incontroláveis?". Nesta pergunta duas coisas se subentendem. Diz êle: "como posso manter-me livre dos pensamentos maus e incontroláveis?". Prestai muita atenção a isto, porque é importantíssimo; pois, se puderdes realmente perceber-lhe a significação, se puderdes penetrar as palavras, descobrireis algo. Não me acompanheis apenas "verbalmente" — isto é, não fiqueis apenas escutando as palavras e as vibrações de palavras; penetrai o que estais ouvindo.

Existe o pensador, a entidade separada do pensamento, separada dos pensamentos maus e incontroláveis? Tende a bondade de observar a vossa própria mente. Dizemos: "há o "eu", que deseja permanecer separado dos pensamentos maus, dos pensamentos instáveis, erradios". Isto é: há o "eu" que diz: "êste é um pensamento extravagante", "esta é uma ação má", "isto é bom", "isto é mau", "preciso controlar êste pensamento", "preciso reter êste pensamento". E' isso o que sabemos. A pessoa, o "eu", o pensador, o juiz, a entidade que julga, o censor, é diferente de tudo isso? O "eu" é diverso do pensamento, da inveja, do que é mau? O "eu" que se diz distinto de uma coisa má está sempre lutando para sobrepujá-la, dominá-la, lutando para tornar-se alguma coisa. Tendes, pois, esta luta, êste esfôrço de banir pensamentos e de "não ser extravagante".

No próprio "processo" do pensar criou-se êste problema do esfôrço. Compreendeis? E' então que nasce a disciplina, o contrôle, por parte do "eu", do pensamento mau; o esfôrço do "eu" para tornar-se não invejoso, não violento, para ser isto ou aquilo. Criastes, pois, deveras, o processo do esfôrço, no qual figuram

o "eu" e a coisa que êle está controlando. Êste é o fato real de nossa existência de cada dia.

Ora bem, o "eu" que está observando, o observador, o pensador, o agente é diferente da ação, do pensamento, da coisa a que observa? Temos dito, até agora, o "eu" difere do pensamento. Consideremos, pois, esta coisa: "o pensante é diverso do pensamento?". Diz o pensante: "meus pensamentos são erradios, maus; por conseguinte, devo controlá-los, moldá-los, disciplina-los". Nesse processo criou-se o problema do esfôrço e a fórmula negativa "não ser". Tende a bondade de "escutar" o que estou dizendo, sem interpretá-lo; se escutardes com muita atenção, vereis surgir algo extraordinário. Como disse, criamos o esfôrço sob formas distintas — de negação e afirmação; tal é a nossa vida de cada dia.

Mas, existe alguma diferença entre o pensador e o pensamento? Investigai isso. Há diferença? Isto é, se não pensásseis, existiria um "eu"? Se não houvesse pensamento, idéia, memória, experiência, existiria o "eu"? Dizeis ser, o "eu", a entidade superior, a coisa que está acima do pensamento a guiar-vos e governar-vos. Pois bem, se dizeis isso, tornai a considerá-lo; não o adoteis. Se dizeis tal coisa, então essa mesma entidade que pensa a respeito do *Atman*, continua compreendida na esfera do pensamento. Tôda coisa susceptível de ser pensada está na esfera do pensamento. Isto é, quando penso a respeito de vós, no nome próprio que sei, quando vos reconheço, já vos achais na esfera do meu pensamento, não é verdade? Meu pensamento está, por conseguinte, em relação com vossa pessoa. Assim, pois, o *Atman*, ou o "eu superior", ou qualquer palavra que preferirdes, está sempre na esfera do pensamento. Vemos, pois, há sempre uma relação entre o pensador e o pensamento; êles não constituem dois estados separados, mas um processo unitário.

Há, pois, tão-sòmente, pensamento, o qual se divide, a si mesmo, em duas partes — pensador e pensamento, atribuindo ao pensador a preeminência. Êsse pensamento cria o "eu", que se torna permanente, porque, na verdade, é êste o estado a que êle aspira: a segurança, a permanência, a certeza, — nas relações, com minha espôsa, meu filho, minha sociedade; sempre o desejo de inalterável certeza. O pensamento é desejo; por conseguinte, o pensamento, o desejo, buscando a certeza, cria o "eu". E o "eu", então, se fecha na permanência e começa a dizer: "preciso controlar os meus pensamentos, preciso banir tal pensamento e adotar tal pensamento" — como se êsse "eu" tivesse existência separada. Se observardes, vereis não ser, o "eu" separado do pensamento. Aí se faz sentir a importância de se experimentar realmente essa coisa, de que o pensador é o pensamento. *Esta é a meditação verdadeira: o descobrir como a mente está sempre produzindo a separação do pensador e do pensamento.*

Interessa-nos o processo total do pensar, e não o "eu", querendo observar o pensamento, o "eu" que cria, que domina, subjuga e sublima pensamentos. Só há um único "processo": o pensar. O pensamento que declara "esta é minha casa" é inspirado pelo desejo de segurança, nessa casa. Idênticamente, quando dizeis "minha espôsa", êsse pensamento implica segurança. Vemos, pois, que o "eu" ganha preeminência, na certeza. Não há senão um processo, que é o pensar, pois não há "eu" separado do pensamento.

Nessas condições, ao reconhecerdes êsse fato, ao apresentar-se esta percepção, esta compreensão, que acontece aos pensamentos erradios, instáveis, a saltitarem para todos os lados, como borboletas ou macaquinhos? Quando já não existe censor, quando já não há nenhuma entidade que diz "preciso controlar o

pensamento" — que acontece? Segui bem isso, Senhores. Existe então "pensamento errático"? Entendeis? Não há mais nenhuma entidade operando, julgando; por conseguinte, *cada pensamento é um pensamento, de per si, e não deve ser comparado e declarado bom ou mau. Por conseguinte, não há divagação* ou instabilidade.

Só há pensamentos erráticos, quando o pensamento diz "estou divagando; não devo fazer *aquilo;* devo fazer *isto*". Quando não há o pensador, a entidade que quer controlar o pensamento, então o que nos interessa é só o pensamento, tal qual é, e não como deveria ser. E descobrireis então quanto é belo observar, na sua realidade, cada pensamento e a respectiva significação; porque, então, não há mais pensamento errático. Eliminai definitivamente o problema do esfôrço, pois não se pode alcançar a Realidade por meio de esfôrço; o esfôrço tem de cessar, para que a Realidade possa apresentar-se. Deveis ser receptivos. Não se trata de recompensa ou castigo. Não se trata de uma recompensa às vossas bôas ações. À sociedade interessa a vossa respeitabilidade; à Verdade, porém, não.

Para que a Verdade possa existir, o pensamento deve estar em silêncio. Não deve o pensamento estar em busca de recompensa ou punição, e nem ter apreensões. Só nesse estado de espírito em que não há busca, é possível manifestar-se a Verdade. A Verdade resultante de busca não é Verdade nenhuma; não é senão uma voz projetada do "eu", traduzindo-lhe a ambição de preenchimento. Assim, pois, ao perceberdes tudo isso, ao perceberdes na sua inteireza o quadro em que se mostra como a mente opera, não há então pensamento para controlar nem disciplinar; todo pensamento tem então sua importância; há *a observação do pensamento, com o pensamento no papel de*

observador que observa o pensamento, coisa essa dificílima de experimentar-se, uma vez que requer uma extraordinária lucidez e tranqüilidade de espírito. Todo pensamento é resultado da memória — da memória que não é mais do que um nome. Porque, em verdade, nós pensamos com palavras; vosso pensamento é produto ou "projeção" da memória; a memória se constitui de imagens, símbolos, palavras. Portanto, enquanto houver aquela "projeção", haverá pensamento. Um homem interessado em compreender o pensamento deve, por conseguinte, compreender todo o processo da sua produção: dar nome, lembrar-se, reconhecer. Só então há possibilidade de tornar-se, a mente, totalmente tranqüila. Essa tranqüilidade vem com a compreensão. Pode então a Verdade dispensar ao indivíduo as suas bençãos, chegar-se a êle, libertá-lo de todos os seus problemas; sòmente aí surge o ente criador — que não é o homem que pinta quadros, escreve um poema ou trabalha dez horas por dia.

PERGUNTA: Nâma-Japam *é o único meio eficaz de fazer parar as incessantes divagações da mente. Por que condenais êsses exercícios preliminares, que tanto ajudam o homem que busca, a evitar as sombras fugitivas da existência?*

KRISHNAMURTI: O que quase todos queremos é ser hipnotizados por palavras, por sons. Queremos estar tranqüilos, e por essa razão inventamos palavras ou tomamos um entorpecente para acalmar os nervos por umas poucas horas.

Se estais interessado apenas na quietação superficial da mente, *Nâma-Japam* de fato tranqüiliza a mente, os nervos, mediante a repetição de palavras. Em

vez de recitar *Nâma-Japam*, sugiro-vos repetirdes uma porção de vêzes "dois e dois são quatro": vossa mente se tornará muito tranqüila (risos).

Prestai atenção a isso. A mente deseja uma ocupação em que não seja perturbada. Afinal, é isso o que queremos, a maioria de nós; não quereis ser perturbado, na vossa ocupação, nas vossas relações com vossa espôsa, vosso próximo; quereis estar seguro a respeito de vossa renda; quereis estar seguro quanto à vossa vida; quereis paz; não quereis ser perturbado polìticamente, religiosamente. Só quando tendes fome, quando estais na miséria, há perturbação. O homem que se vê na miséria quer alcançar de alguma maneira, um estado de não-perturbação. Afinal de contas, as tiranias e os campos de concentração estão cheios de pessoas "perturbadas". "A dúvida, a incerteza é um obstáculo para o homem que busca". E' o que diz a vossa religião; é o que dizem os vossos políticos e os vossos líderes. A mente, pois, não deseja ver-se perturbada e recorre por isso a vários meios de aquietar-se.

A ausência de desejo é o requisito essencial para se alcançar a tranqüilidade. E' necessária vigilância da mente e do coração, vigilância da Verdade — não da Verdade Fundamental, mas da verdade que se encontra nos movimentos da vida de cada dia, da verdade existente no pensar. E' necessário estar-se vigilante, e não nos limitarmos a hipnotizar-nos com uma repetição de palavras. A Verdade não é uma coisa definitiva; ela tem de ser encontrada a cada minuto do dia. A Verdade não é coisa que possa acumular-se, atar-se, e dêsse modo tornar-se tempo. O que está prêso ao tempo não é a Verdade; é a memória, e a memória diz: "não devo ser perturbada"; "tive uma belíssima experiência da Realidade, de Deus, do pôr do sol"; ou

"tive a alegria do preenchimento"; "tive um certo desejo", "não devo ser perturbada".

A mente, pois, está buscando perenemente um modo de viver em que possa permanecer tranqüila, em que possa funcionar por uma maneira "habitual". Afinal, tôdas as vossas experiências são hábitos consolidados, e no hábito a mente está tranqüila. Por isso criais *Nâma-Japam*, repetis certas palavras, e vossa mente é posta tranqüila. Há, porém, um impulso interior, que continua ativo: o impulso para vir a ser algo, o impulso para o preenchimento; há pensamentos ambiciosos, que lutam, competem, pensamentos que precisam ser percebidos e compreendidos. Êles se revelam nas vossas relações diárias, com vossa espôsa, vossos filhos, na ocupação que exerceis.

A vida, pois, é um "processo" de reações, em que há perturbação. Tem de haver perturbação, e essa perturbação é o espêlho em que se fazem descobrimentos; nêle descobris o estado da vossa mente, do vosso coração; podeis ver como êles se movimentam, como funcionam. Entretanto, se condenais êsse espêlho, criais então um empecilho ao descobrimento. Não podeis passar além. A entidade que julga, que compara, que condena, é sempre o pensamento — o pensamento que está interessado em tornar-se algo, o pensamento que é ambicioso; e êsse pensamento nunca haverá de encontrar a Realidade. O homem ambicioso é um homem político, e o mundo político jamais resolverá o problema da existência humana. Nenhum parlamento, nenhum líder político é capaz de compreensão e de produzir uma revolução interior, no mundo.

O mundo sois vós; vosso mundo é o mundo em que viveis, a gente que vos circunda. E' no coração que deve realizar-se a revolução. E essa revolução não

se produz com o vos pôrdes a dormir; ela vem através de uma coisa que é criadora, dinâmica, — a Realidade fundamental. Só é possível aquela revolução quando se compreendem as coisas da vida. A compreensão pelo coração é o "começo do escutar", e a meditação é a compreensão do "processo" integral da mente.

25 de janeiro de 1953.

TERCEIRA CONFERÊNCIA DE POONA

MUITOS de nós devemos já ter refletido sôbre o problema da desintegração. Quasi tudo em que tocamos, se desintegra. Não há realização importante que em pouco tempo não se acabe em complicações, apreensões, sofrimentos e confusão. Muitos de nós, por certo, já tivemos ocasião de refletir sôbre porque isso acontece e porque, em diferentes níveis de nossa humana existência, se observa êsse sombrio declínio e decomposição. Já o devemos ter notado e encontrado alguma espécie de explicação. Aceitamo-lo como inevitável e achamos alguma explicação conveniente ou puramente verbal; e damo-nos por satisfeitos, porque para tudo o que fazemos desejamos justificação, palavras satisfatórias que nos tranqüilizem a mente irrequieta. Assim, logo nos perdemos no intricado das explicações.

Nesta tarde vamos discorrer sôbre o problema da "educação". Parece-me que um dos maiores fatôres de decomposição em tôda parte, é a chamada "educação". Examinaremos mais adiante esta questão o mais sucintamente possível. Mas antes de entrarmos em tão complexo problema, acho muito necessário não nos limitemos, vós e eu, a aceitar ou a refutar nada do que vou aventar. O que digo pode ser novo ou pode ser

muito velho; a sua simples rejeição, porém, ou aceitação, sem se compreender todo êste complexo problema, é totalmente destituida de valor. Peço, pois, licença para sugerir que, enquanto me ouvirdes, não digais "isto é impossível", "isto é inexeqüível", "isto não convém", "isto é coisa velha". Tal atitude denota tão só uma mente muito preguiçosa, que não deseja penetrar e compreender o problema. E nossa mente está embotada, principalmente no fim do dia, depois de uma atividade vã, própria de uma vida rotineira e estúpida; em geral, vimos aqui em busca de entretenimento ou para ouvirmos alguma coisa a fim de termos sôbre o que conversar, posteriormente. Nesta reunião, desejo sugerir consideremos e examinemos êste problema da educação juntos — isto é, que eu não fique expondo o problema, e vós acompanhando a exposição.

Que entendemos por "educação"? Por que queremos ser educados? Por que mandais educar os vossos filhos? Educação é a mera aquisição de um conhecimento técnico que nos habilite a conduzir-nos na vida, isto é, que nos dê a possibilidade de aplicar a técnica aprendida, num bom emprêgo? E' isso o que entendemos por educação: passarmos em certos exames, depois nos tornarmos escriturários e, daí galgarmos, pela escada da eficiência, os postos de direção? Ou educamos os filhos ou a nós mesmos com o fim de compreender inteiramente o complexo problema do viver? Qual a verdadeira intenção com que mandamos educar os filhos ou nos educamos, a nós mesmos? Òbviamente, se considerarmos as coisas como realmente são, vós vos educais com o fim de obter um emprêgo, e com isso ficais satisfeito; pois só isso vos interessa: ser capaz de ganhar a vida, de alguma maneira. Cursais um colégio ou universidade, casais cedo, e tendes de ganhar a vida; e, quase sem dardes por isso, um belo

dia eis-vos avô, para o resto da vida... E' o que estamos fazendo, os mais de nós, no que respeita à educação. O fato é êste; e com êste fato quase todos estamos satisfeitos. Mas isso é educação? E' um "processo integrador", que possibilita a compreensão de todo o "processo" da vida? Isto é, quereis educar o vosso filho para que compreenda o todo da vida e não apenas um segmento dela, tal como o físico, o emocional, o mental, o psicológico, o espiritual; para que tenha não uma visão dividida, especializada, mas uma visão total, "integrada", da vida, incluindo-se, naturalmente, também, a capacidade de ganhar o sustento? Ora, que é que desejamos — não teòricamente, mas de fato? Qual é a nossa necessidade? Pois, conforme ela seja, tereis escolas, universidade, exames, ou não os tereis. Se só aludimos, porém, intolerantemente, a distinções idiomáticas, isso me parece muitíssimo infantil. O que nos cabe fazer, como entes humanos amadurecidos — se tais seres existem — é estudar o problema. Quereis que vossos filhos se eduquem, para se tornarem importantes funcionários, burocratas, e levarem uma vida deplorável, inútil, vã, funcionando como máquinas, dentro de um sistema? Ou quereis que sejam entes humanos "integrados", inteligentes, capazes, destemerosos? Averiguemos, se possível, o que se entende por "inteligência". A mera aquisição de saber não é inteligência, e não torna ninguém inteligente. Podeis ser um técnico consumado; entretanto, isso não significa necessàriamente que sejais um ente humano "integrado", inteligente.

Que coisa é essa, então, que promove a "integração", na vida, e faz um ente humano inteligente? E' dela que necessitamos; pelo menos é ela a coisa que tencionamos descobrir, no terreno da educação, se temos um pouco de inteligência e de interêsse pela

educação. E é o que estamos tentando fazer aqui. Não é isso? Esta questão vos interessa, Senhores? Pareceis algo hesitantes... Preferis conversar a respeito da alma? Senhores, a educação é, com efeito, um dos nossos principais problemas, se não o mais importante da vida; porque, como disse, tudo se está decompondo em tôrno de nós e dentro em nós. Não somos entes humanos criadores. Somos meros técnicos. E se vamos criar um mundo novo, uma nova civilização, faz-se necessária, sem dúvida nenhuma, uma revolução na nossa perspectiva da vida, e não meramente a aceitação das coisas como estão ou a modificação dessas coisas.

Ora, é possível, por meio da educação, da educação correta, produzir aquêle ente humano integrado — isto é, o ente humano que pensa em têrmos relativos ao todo e não apenas à parte; que pensa como entidade total, como um "processo" total, e nunca especializadamente, fracionàriamente? E' possível um ente humano tornar-se inteligente — quer dizer, sem temor — por meio da educação, e possuir uma mente capaz de pensar livremente e não à maneira do hinduista, do muçulmano, do cristão, do comunista? Só se pode pensar livremente quando a mente não está condicionada — isto é, quando não estamos condicionados como católicos, comunistas, etc. — e em virtude disso sejamos capazes de discernir tôdas as influências da vida que nos estão condicionando constantemente; capazes de examinar e de observar essas condições e influências e de libertar-nos delas; de modo que cada um de nós possa ser um ente humano inteligente, sem temor. Nosso problema se refere a como produzir, por meio da educação, um ente humano criador, capaz, possuindo aquela inteligência desembaraçada de tôda carga e que se não deixa moldar em nenhum sentido, uma vez que é total; um ente humano que não per-

tença a nenhuma sociedade em particular, a nenhuma casta ou religião — de modo que, com essa educação e com essa inteligência, alcance a maturidade plena e seja capaz de viver a sua vida, não como mero técnico mas como *ente humano*.

Ora, êste é que é o nosso problema, não achais? Pois estamos vendo o que está acontecendo pelo mundo e principalmente aqui, neste país industrialmente atrasado, que procura equiparar-se industrialmente ao resto do mundo; pensamos que se precisa de nós e de nossos filhos, para ombrearmos com o resto do mundo. Nisso é que estamos interessados e não damos atenção ao problema total do viver, em que há sofrimento, dôr, morte, o problema do sexo, e todo o problema concernente ao pensar e a um modo de viver feliz e criadoramente; desprezamos tudo isso, interessando-nos ùnicamente pela aquisição de capacidades especializadas. Mas nós temos de criar um ente humano diferente; por conseguinte, é bem óbvio, todo o nosso sistema educativo tem de ser revolucionado, o que, com efeito, significa que se faz necessária a educação do educador. Isto é, o educador deve também estar livre ou procurar livrar-se de tôdas as qualidades destrutivas nêle existentes e que o estão limitando.

Temos de criar um ente humano diferente, criador. Isto é importante, pois não? Mas não se pode alcançar tal fim, numa classe de trinta, quarenta, uma centena de crianças, a cargo de um único mestre; o que, com efeito, significa cada mestre deve ter um número muito limitado de alunos, e isso, por sua vez, implica maior despesa. Percebendo, pois, tais complexidades, querem os pais fazer educar os filhos de qualquer maneira, para depois irem êles passar o resto da vida servindo nalgum escritório. Se, porém, como pais, amais os vossos filhos — do que duvido muito — se vos inte-

ressais realmente por vossos filhos, pela sua educação, é claro deveis compreender êste problema de saber o que é educação. Reconheceis êste problema, não é verdade?

No atual estado de coisas, com o atual sistema educativo e o que se chama "passar nos exames", é possível produzir-se um ente humano "integrado", um ente humano que compreenda a vida — a vida, que significa ganhar o sustento, que significa casamento, e todos os problemas atinentes às relações, ao amor, à bondade? O ente humano integrado só poderá aparecer quando não houver mais ambição. Porque um homem ambicioso não é um homem inteligente, é um homem sem piedade; mesmo que só seja ambicioso espiritualmente, ainda assim é igualmente cruel. É possível produzir-se um ente humano sem ambição? Pode haver um correto sistema educativo que produza um tal ente humano — isto é, um ente humano verdadeiramente *espiritual?* (Hesito um pouco em empregar esta palavra, de mêdo que a traduzais imediatamente em referência a alguma atividade religiosa, alguma superstição). Mas se vos interessa verdadeira a educação, não é êste o nosso problema?

Vossa reação imediata é: por que método? Desejais saber o método pelo qual isso seria realizável. Ora, existe algum método? Prestai atenção a isso, por favor; não o ponhais à margem. Existe um método, um sistema, para uso do educador, pelo qual se possa produzir aquêle estado de integração num ente humano? Ou não existe método nenhum? O educador deve sentir um profundo interêsse, ser muito vigilante, prestar muita atenção a cada indivíduo. Como todo indivíduo é uma entidade viva, tem o educador de observá-lo, estudá-lo e despertar nêle aquêle extraordinário atributo de inteligência que o capacitará a tornar-se livre, inteligente e destemeroso. Pode haver algum método para

êsse fim? O método não subentende imediatamente o "condicionar" do aluno por um determinado padrão que ao educador se afigura importante? Pensais ajudá-lo a tornar-se um ente humano inteligente, impondo-lhe um padrão que já possuis, de como deve ser um ente humano inteligente. E a isso chamais educação, e pareceis convencido de ter criado um mundo maravilhoso, um mundo em que todos somos bons, felizes, criadores.

Não criamos um mundo belo; mas, talvez, se soubermos ajudar o jovem a desenvolver-se inteligentemente, êle venha a criar um mundo diferente, em que não haja mais guerra nem antagonismo entre os homens. Se isso vos interessa, não é um dever óbvio de cada indivíduo adulto interessar-se pelo promovimento dessa espécie de educação — a qual, com efeito, implica em só poder, o educador, ocupar-se com muito poucos alunos; pode não haver exames; deve haver, porém, constante observação de cada aluno e das suas capacidades. Isso significa, em verdade, não haverá a chamada "educação em massa", isto é, a educação de milhares de estudantes distribuidos em duas ou três classes. Isto não é educação.

Por conseguinte, se vos interessa esta questão, haveis de criar um educador da espécie adequada e de ajudar o jovem a ser livre, para criar um mundo novo. Esta tarefa não é para um homem só; é um dever conjunto do educador, do pai, e do próprio estudante. Não cabe exclusivamente ao mestre a responsabilidade de criar um ente humano inteligente e sem mêdo; porque, o mestre pode tentar fazê-lo, mas, voltando o jovem ao lar, as pessoas da família começarão a influência-lo, sua avó começará a condicionar-lhe a mente. Assim, há uma luta constante. E, a menos que vós, os pais, coopereis com o mestre, promovendo a correta educação, é bem claro que há de haver cada vez mais decomposição. O

que deve interessar aos homens inteligentes é a maneira de atender a êste problema. Vós, porém, em geral, afirmais não desejar absolutamente pensar em tais problemas, preferindo que vos digam o que deveis fazer, preferindo seguir certos sistemas, ponto de parte tudo o mais. Interessa-vos, tão-sòmente, gerar filhos e passá-los às mãos dos educadores.

Mas se de fato vos interessa a correta educação, então, por certo, vosso dever de homens adultos é o de cuidar que por meio da educação se estabeleça o meio de vida correto, abandonando os antigos meios de vida. Um meio de vida correto não se coaduna evidentemente com a profissão de militar, de agente de polícia ou advogado. Estas três profissões naturalmente não entram em linha de conta, se temos verdadeiro interêsse pela educação correta. Rides, Senhores; eu sei, isto vos parece pilhéria, ou extravagância. Mas se o considerásseis a sério, não vos ririeis. O mundo se está destruindo; aumentam incessantemente os meios de destruição em vasta escala dos entes humanos; os que riem não estão realmente preocupados com a sombra da morte, que acompanha o homem noite e dia. Evidentemente, um dos fatôres da decomposição do homem é a errada educação que temos atualmente.

Para se criar um ente humano inteligente, há necessidade de uma completa revolução no nosso pensar. Um ente humano inteligente significa um ente humano sem mêdo, não limitado pela tradição, o que não implica que deva ser amoral. Tendes de ajudar o vosso filho a ser livre, para descobrir e para criar uma sociedade nova — e não uma sociedade amoldada a algum padrão, tal seja o de Marx, o católico ou o capitalista. Requer isso muita reflexão, interêsse e amor — não meras discussões sôbre o amor. Se amássemos

realmente os nossos filhos haveríamos de interessar-nos pela educação correta.

PERGUNTA: *Mesmo depois de terminar o domínio britânico, não houve modificação radical do nosso sistema educativo. Continua-se a encarecer e a reclamar a especialização técnica e profissional. Qual a melhor maneira de se possibilitar pela educação a verdadeira liberdade?*

KRISHNAMURTI: Senhor, que se entende por "verdadeira liberdade"? Autonomia política? Ou liberdade é pensar cada um como queira? Podeis pensar assim? E o pensar traz liberdade? Todo pensar não é condicionado? Que entendemos, então, por "verdadeira liberdade"?

Ao que sabemos, a educação moderna é pensar condicionado, não é exato? O que nos interessa é só obter emprêgo ou fazer uso do nosso saber como meio de satisfação e engrandecimento próprio, como meio de progredir no mundo. Não é importante averiguarmos o que se entende por "verdadeira liberdade"? Se o compreendermos, talvez então o ensino de uma técnica de especialização profissional tenha seu valor. O mero cultivar da capacidade técnica, porém, sem se compreender o que é a verdadeira liberdade, leva à destruição, e a guerras maiores. E isso, de fato, está acontecendo no mundo atualmente. Vejamos, pois, o que se entende por "verdadeira liberdade".

Evidentemente, o primeiro requisito da liberdade é a isenção de temor; não só o temor imposto pela sociedade, mas também o temor psicológico à insegurança. Podeis ter um ótimo emprêgo e estar galgando a escada do êxito; entretanto, se há ambição, se há

luta para se ser *alguém*, não redunda isso em temor? E não implica isso, por conseguinte, em que o homem bem-sucedido na vida não é verdadeiramente livre? Dessarte, o mêdo imposto pela tradição, pela chamada "responsabilidade", ou acatamento aos decretos da sociedade, ou o próprio temor da morte, da insegurança, da doença, impede a verdadeira liberdade, no vosso viver, não achais? Não é possível, pois, haver liberdade, quando há qualquer forma de compulsão exterior ou interior. Manifesta-se a compulsão sempre que há o impulso de ajustamento ao padrão da sociedade ou o padrão que criastes para vós mesmo, seja êle bom ou mau. O padrão é criado pelo pensamento, que é produto do passado, da vossa tradição, vossa educação, de tôda a vossa experiência baseada no passado. Assim, enquanto houver qualquer espécie de compulsão — governamental, religiosa, ou do próprio padrão que criastes para vós mesmo, no vosso desejo de preenchimento e engrandecimento — não haverá a verdadeira liberdade. Isso não é fácil, nem é fácil compreender o que se entende por "verdadeira liberdade". Mas pode-se ver que, enquanto há temor, sob qualquer forma, não podemos saber o que é a verdadeira liberdade. Se, individual ou coletivamente, há temor, compulsão, não pode haver liberdade. Podemos especular a respeito da liberdade, mas a liberdade verdadeira é diferente das idéias especulativas a respeito da liberdade.

Nessas condições, enquanto a mente estiver buscando a segurança, sob qualquer forma — e é isso o que quase todos nós desejamos — enquanto a mente estiver buscando qualquer espécie de permanência, não haverá liberdade. Enquanto, individual ou coletivamente, buscarmos a segurança, tem de haver guerra — o que constitui um fato muito evidente; é o que

está ocorrendo no mundo, hoje em dia. Por conseguinte, só pode haver a verdadeira liberdade quando a mente compreende todo êsse "processo" do desejo de segurança, de permanência. Afinal é isso o que desejais de vossos deuses e de vossos *gurus*. Nas vossas relações sociais, nos vossos governos, quereis achar segurança; revestis o vosso Deus da suprema segurança, a qual paira acima de vós; revestis essa imagem com a idéia de que, se, como entidade, tendes uma existência transitória, lá, pelo menos, vos está garantida a permanência. Começais, pois, com o desejo de ser religiosamente permanente; e tôdas as vossas atividades políticas, religiosas e sociais, quaisquer que elas sejam, se baseiam nesse desejo de permanência — êsse desejo de estardes seguros, de vos perpetuardes através da família, da nação, de uma idéia, ou de vosso filho. Como pode essa mente que, consciente ou inconscientemente, busca sem cessar, a segurança, como pode essa mente em algum tempo alcançar a liberdade?

Com efeito, não buscamos a verdadeira liberdade. Estamos buscando coisa diferente da liberdade: melhores condições de vida, uma situação melhor. Não queremos a liberdade, queremos condições melhores, superiores, mais dignas; e a isso chamamos "educação". Pode uma tal educação produzir a paz, no mundo? Não, certamente. Pelo contrário, ela vai é causar mais guerras e mais desgraças. Enquanto fôrdes hinduista, muçulmano, ou sabe Deus o que mais, criareis conflito para vós mesmo, vosso vizinho, vossa nação. Percebeis isso? Vêde o que está acontecendo na Índia. Não vo-lo preciso dizer, pois bem o sabeis.

Em vez de serdes entes humanos integrados, pensais de maneira separativa; vossas atividades são fracionárias, fragmentárias, não "integradas" — sois do Maharashtra, do Gujerat, do Andhra, do Tamil, e todos

estais empenhados em luta. Eis o resultado de vossa pretensa liberdade e educação. Dizeis que tendes unidade, religiosamente; na realidade, porém, estais lutando e vos destruindo mùtuamente, por não perceberdes o "processo" completo do viver, porque só andais preocupados com o amanhã ou com a obtenção de empregos melhores. Saireis daqui, depois de me ouvirdes, para continuardes a fazer exatamente as mesmas coisas. Continuareis a ser "maharastriano", esquecendo-vos do resto do mundo. Enquanto fôr essa a vossa mentalidade, tereis guerras, desgraças, destruição. Nunca estareis em segurança, nem vós nem vossos filhos, apesar de desejardes a segurança e terdes, conseqüentemente, essa mentalidade regionalista, intolerante. Enquanto seguirdes esta linha de conduta, tereis guerras e mais guerras.

Vossa atual maneira de viver denota não desejais realmente a liberdade; o que desejais é meramente uma profissão melhor, mais segurança, mais satisfação — sentir-vos bem seguro no vosso emprêgo, bem seguro da vossa posição, religiosa e polìticamente. Tais indivíduos não podem criar um mundo novo. Não são pessoas religiosas. Não são pessoas inteligentes. Pensam tão-sòmente em têrmos de resultados imediatos, tal como os políticos. E enquanto deixardes o mundo entregue aos políticos, haveis de ter destruições, guerras e desgraças. Senhores, não sorriais, por favor. A responsabilidade é tôda vossa, e não do vosso líder; é vossa responsabilidade individual. A liberdade surge por si; não pode ser procurada. Surge a Liberdade, quando não há mais temor, quando há amor no vosso coração. Não podeis ter amor, se pensais como hinduista, cristão, muçulmano, *parsi* ou o que mais seja. Vem a liberdade, quando a mente já não busca segurança para si, seja na tradição, seja no saber. A mente

tolhida, pejada de saber, não é uma mente livre. Só é livre a mente, quando capaz de, a cada momento que passa, ir ao encontro da vida, ao encontro da Realidade que se revela em cada incidente, cada pensamento, cada experiência; e essa revolução não é possível quando a mente está tolhida, inutilizada.

E' dever do educador criar um novo ente humano, um ser humano diferente, sem mêdo, confiante em si, e disposto a criar sua própria sociedade — uma sociedade de todo dissemelhante da atual, baseada que está no temor, na inveja, na ambição, na corrupção. Só pode surgir a verdadeira liberdade no despontar da inteligência, que é a compreensão do inteiro "processo" da existência.

PERGUNTA: *A vida moderna se tornou visivelmente dependente das pessoas altamente eficientes; quais são as vossas idéias a respeito da educação universitária? Como evitar o abuso da ciência técnica?*

KRISHNAMURTI: Senhor, tudo depende naturalmente do fim para que somos educados. Se somos educados meramente para exercermos uma determinada profissão especializada, por meio de uma educação universitária em que se não dá a mínima atenção ao processo total da existência (que compreende o amor, o interêsse pelo próximo, o problema da Verdade, da morte, da inveja, enfim, todo o problema da Vida), se só nos interessa a aquisição de conhecimentos especializados e não o problema da vida, então, òbviamente, há de criar-se um mundo de confusão, e sombras, e infelicidade. E vindes perguntar-me como se pode evitar isso!

Ora, como ides evitá-lo, Senhores? Como vamos — vós e eu — evitá-lo? Senhores, não achais que ten-

des essa responsabilidade? Ou dizeis: "é nosso *karma;* fazemos tudo o que podemos, para viver, mas a vida nos exige demais" — deixando as coisas no mesmo pé? Não sentis essa responsabilidade? Como pais, não percebeis que a escuridão se aproxima e a decomposição se está propagando a todos os entes humanos? Não percebeis que já não somos verdadeiramente criadores? Pintar quadros ou aprender a pintá-los, escrever versos de vez em quando, isso não é o que eu entendo por criação. Criação é algo de todo diferente, que se manifesta quando não há apreensão ou o mêdo de si mesmo disfarçado em virtude, ou preocupação a respeito de si mesmo, social, econômica, pollticamente. Ao cessar essa apreensão, êsse temor, começa a criação.

A compreensão integral do "processo" de pensamento que forma o "eu", e a dissolução dêsse processo — não é nisso que consiste a verdadeira educação? Se é, não deveriam as universidades contribuir para a consecução dêsse fim, ao mesmo tempo que oferecessem aos estudantes, na justa medida, a oportunidade de cultivarem as suas capacidades? Atualmente, porém, estamos muito interessados no cultivo de capacidades, talentos e tendências a nos tornarmos cada vez mais eficientes, e desprezamos o todo da vida, que é muito mais profundo, mais verdadeiro, e mais complexo. Assim sendo, incumbe-vos êste dever, não achais? Senhores, o problema individual é o problema do mundo. Vosso problema é o problema do mundo. Os problemas do mundo não estão separados dos vossos problemas diários.

A maneira como viveis e como pensais, e bem assim o que fazeis, criará o mundo ou o destruirá. Não percebemos esta verdade. Não reconhecemos esta nossa responsabilidade; por isso, perguntais: "a Ciência técnica está causando a destruição do homem; como evi-

tar isso?", — para eu explicar-vos a maneira de evitá-la, e ouvirdes a minha explicação, e depois vos irdes embora e continuardes pelo mesmo conseguinte. As explicações não têm mais importância nenhuma; as exposições de teorias já nada valem; o que agora tem importância é que vós, como indivíduo, compreendais as coisas e vos torneis responsável pelas vossas ações. Sois responsável. Vós, e mais outros, podereis, com entusiasmo e interêsse, criar um mundo novo. Tendes de pensar no problema de maneira nova, e não de criar um novo padrão, comunista, porventura, ou uma nova fórmula religiosa.

A verdadeira revolução não se realiza meramente no nível superficial, no nível econômico. A verdadeira revolução tem o seu lugar no nosso coração e na nossa mente, virá apenas quando compreendermos o processo total do nosso ser, dia por dia, em tôdas as relações. E só então haverá a possibilidade de evitar-se que a ciência técnica seja utilizada para a destruição do homem.

PERGUNTA: *Os pedagogos do mundo inteiro vêem-se perturbados ante a questão da educação moral. Como despertar por meio da educação o sentimento profundo da decência e bondade humana, em nós mesmos e noutros?*

KRISHNAMURTI: Não é bom o que é "respeitável". Um homem respeitável nunca saberá o que é "bom". Nós, em geral somos pessoas respeitáveis e por êsse motivo não sabemos o que é ser bom. A educação moral não advirá do cultivo da respeitabilidade, e sim, ùnicamente, pelo despertar do amor. Entretanto, não sabemos o que é amor. O amor é cultivável? E' coisa que se possa aprender nos colégios, nas escolas,

por intermédio de professores e técnicos, ou seguindo os vossos *gurus?* Sujeição é amor? Se é, pode o homem respeitável — o homem submisso — conhecer o amor? Sabeis o que entendo por respeitabilidade? Há respeitabilidade quando a mente cultiva a virtude, quando a mente *se está fazendo virtuosa.* "O homem respeitável" é aquêle que luta conscientemente para não ser invejoso, aquêle que segue a tradição, aquêle que diz: "que dirão os outros?". A respeitabilidade, evidentemente, nunca nos fará conhecer a Verdade, "o bom", pois ao homem respeitável só interessa a sua própria pessoa.

E' o amor que inspira a conduta moral. Sem o amor, não há excelência moral. Podeis ser um grande homem, um homem virtuoso; podeis ser muito bom; podeis não ser invejoso; podeis não ter ambições; — mas se não tendes amor, não sois um ente moral, não sois bom — fundamentalmente, profundamente. Podeis ostentar todos os adornos exteriores da bondade, mas se não tendes amor no coração, não podeis ter uma existência moral, ética. O amor é coisa que se possa ensinar na escola? Procurai compreender bem isso. Que é que nos impede de amar? Se, na escola ou no lar, se pudesse ensinar a amar, a questão se tornaria muito simples, não achais? Muitos livros se têm escrito a tal respeito. Vós os lêdes e repetis; e conheceis tôdas as características do amor, sem terdes amor.

Pode-se ensinar o amor? Atenção, Senhores, esta é uma questão muito importante; tende a bondade de seguir-me. Se não se pode ensinar o amor, quais são as causas que estão impedindo a sua vinda? As coisas da mente — os pensamentos, o ciúme, a aflição, as idéias, as aspirações, os recalques, os impulsos da mente — são elas provàvelmente o que está impedindo o amor. E como estamos cultivando a mente há tantos

séculos, é bem possível seja a nossa mente o empecilho a que amemos. Nessas condições, as coisas que ensinais aos vossos filhos e as que êles aprendem nas escolas e colégios, são as causas fundamentais da destruição do amor; pois, apenas desenvolveis um lado — o lado intelectual, o chamado " lado técnico" — que se está tornando cada vez mais importante neste mundo industrializado; e tudo o mais vai diminuindo de valor, até sumir-se de todo. Se pudéssemos ensinar o amor pelos livros, mostrá-lo nas telas dos cinemas seria possível cultivar a virtude. Se a virtude é coisa dada pela tradição, então o caso é muito simples: condicionemos o estudante para que seja moral, para que seja comunista, socialista, para que pense segundo uma determinada norma, e digamos-lhe que essa norma é a norma adequada, a norma correta, e que qualquer desvio da mesma é contrário à moral... e leva aos campos de concentração.

A moral é coisa que se possa ensinar? Isto é, pode a mente ser condicionada para tornar-se virtuosa? Ou a moral é uma coisa que brota espontânea, jovial, criadora? Tal coisa só é possível quando há amor. Não existirá êsse amor enquanto cultivarmos a mente, que constitui justamente o centro do "eu" — a coisa que está mais à superfície, em nós, da manhã à noite; o "eu", que tanta importância tem, o "eu" que se esforça incessantemente para preencher-se, que luta incansàvelmente para ser algo. E enquanto existir êsse "eu", podeis fazer o que quiserdes, tôda a vossa virtude nenhuma significação terá; será sempre mero ajustamento a um padrão baseado na segurança, pelo qual podeis ser "algo", um dia, e viver sem mêdo. Tal estado não é um estado "moral"; é simplesmente imitação. Quanto mais imitativa uma sociedade, quanto mais obediente à tradição, tanto mais positiva a sua decom-

posição. Importa perceber bem isso, que cada um descubra, por si mesmo, como o "eu" se está perpetuando, preocupando-se incessantemente com a virtude, lutando para ser virtuoso e a estabelecer preceitos morais para si mesmo e para os outros. Por conseguinte "o homem bom" que está seguindo o padrão do "bom", é o homem respeitável; e o homem respeitável não é aquêle que sabe o que é o amor. Só o homem que conhece o amor é virtuoso.

31 de janeiro de 1953.

QUARTA CONFERÊNCIA DE POONA

SENDO esta a nossa última palestra aqui, e dada a impossibilidade de considerarmos certas idéias com mais minúcia, permito-me sugerir-vos não rejeiteis ou aceiteis o que tenho dito; que não digais "isto não é para mim", ou "isto é só para uns poucos"; que o não compareis com aquilo que já sabeis.

Nossos problemas são tão complexos, porque, segundo sinto, perdemos, fundamentalmente — ou, quiçá, jamais tivemos — a liberdade, a confiança em nós mesmos, e o vigor necessário para o descobrimento da felicidade e da verdade contida em qualquer problema. Não somos entes normalmente felizes, sadiamente felizes; temos muitas obrigações, muitas preocupações; nossa segurança tanto física como psicológica está sendo ameaçada a tôdas as horas; não há mais fé em coisa alguma, nem esperança; a fé que possuíamos, evaporou-se. Os líderes nos conduziram a piores confusões, piores sofrimentos, pior competição, piores conflitos; e, do meio dessa confusão, escolhemos os nossos *gurus*, os nossos líderes políticos; naturalmente, quando escolhemos um *guru* ou um líder, do meio da confusão, do sofrimento, do conflito, aquêle que escolhemos será invariàvelmente confuso, estará também lutando e batalhando como nós. Assim, pois, quando

seguimos alguém, seguimos invariàvelmente aquêles que representam o nosso próprio estado psicológico e não outra coisa, diferente de todo; as personalidades que nos representam serão talvez mais ilustradas: jamais são, porém, o contrário do que somos.

Acho muito importante, principalmente em presença de uma crise, que tenhamos, nós mesmos, muita clareza, porquanto não há mais quem possa representar-nos. Não vejo nisso nada de extraordinário, se se compreender que não há mais *gurus* nem líderes que sirvam, pois perdemos inteiramente a fé neles; não podemos recorrer a nenhuma panacéia política, como solução; vemo-nos, por essa razão, forçados a pensar nos problemas por nós mesmos e para nós mesmos; a perceber por nós mesmos a verdade contida no problema que ora se nos apresenta; a pensar cabalmente, por nós mesmos, se possível, individualmente e mais tarde, talvez, coletivamente, em cada problema que nos defronta.

A Verdade, ou Felicidade, ou como o chamardes, não pode resultar de escolha; não é uma questão de escolha. Nossas mentes, porém, apenas são capazes de escolher, de diferençar, não tendo, por conseguinte, um discernimento profundo do problema. São pequenas as nossas mentes — estreitas, intolerantes, superficiais. Não importa seja a mente ilustrada ou experimentada: uma mente assim é ainda superficial, ainda mesquinha. Se reconhecerdes o problema que estou tentando mostrar-vos, não o rejeiteis, não digais "isto não é para mim; excede as minhas fôrças" — mas investigai-o, pensai nele cabalmente, por vós mesmo.

Enquanto estiverdes escolhendo entre "o bom" e "o máu", entre o nobre e o ignóbil, entre êste *guru* e aquêle *guru*, entre êste líder político e aquêloutro líder

político, enquanto houver qualquer escolha não pode existir a Verdade. A escolha representa apenas a capacidade de diferençar, da mente, e o processo de diferenciação resulta de uma mente confusa; e, por muito que escolhais, analìticamente, subjetivamente ou pela investigação de tôdas as circunstâncias, a vossa escolha produzirá, não obstante, conflito. O que se faz necessário hoje em dia não é a escolha entre isto e aquilo, mas a compreensão completa de cada problema em si, sem comparar, sem julgar, mas investigando-o profundamente, sob todos os seus aspectos, e pondo-se à margem as próprias inclinações e preconceitos. Nossas mentes se tornaram intolerantes por causa da escolha, por causa da sua capacidade de diferençar. Refleti sôbre isso; não o rejeiteis.

Na atualidade, são tão estreitas, tão confusas e pervertidas as nossas mentes, que somos incapazes de perceber, diretamente, imediatamente, numa experiência, a coisa que é verdadeira. Queremos confirmação, e o homem que busca sèriamente confirmação nunca encontrará ou experimentará aquilo que é verdadeiro. É-nos dificílimo, porém, com nossas mentes superficiais e capazes só de pensar em têrmos relativos ao amanhã ou a resultados imediatos, promover uma revolução fundamental no nosso pensar. E' essencial essa revolução fundamental, se temos interêsse em criar um mundo diferente, não baseado em idéias comunistas, ou capitalistas, ou religiosas.

Há necessidade de uma transformação no nosso pensar; e ela só poderá efetuar-se se investigarmos realmente a questão da escolha — o que não significa devamos tornar-nos obstinados. A mente analítica, dotada da capacidade de ver o que convém e o que não convém, a mente que escolhe, edificará, forçosamente, uma sociedade baseada em resultados, na me-

mória de experiências passadas, ou na necessidade imediata. Essa mente, por conseguinte, será de todo em todo incapaz de criar um mundo em que haja o senso de visão "integrada" do processo total da vida.

Nessas condições, permiti-me sugerir — se de fato estais muito interessados — que deis tôda a atenção ao que estou dizendo. São tão complexos os nossos problemas, que só podemos abeirar-nos dêles de maneira muito simples e direta. Não podemos resolvê-los com o auxílio de um livro, de uma filosofia, de um sistema, de um líder; só os resolvereis pela compreensão de vós mesmos, pelo percebimento de vós mesmos, nas vossas relações, exatamente como sois e não como "deveríeis ser". O "deveria ser" denota escolha e está sempre muito distante do *que é*. O que sou na realidade é o que importa, e não o que eu "deveria ser". O "deveria ser" é de ordem teórica e ideológica e não tem valor algum; não é mais do que uma fuga *ao que sou.* Nossa sociedade, nossas religiões e nossa estrutura moral estão baseadas no que "deveria ser", que é fuga *ao que sou.* O que importa é que eu descubra *o que sou realmente,* de momento a momento, no que não há escolha de espécie alguma. Quando a mente fôr incapaz de escolher o que "deveria ser", dará atenção ao *que é. O que é* tem muita importância, não só no mundo da ação, mas também psicològicamente, interiormente. Só haverá ação direta se eu compreender "*o que é*" e não "*o que desejo ser*".

Enquanto introduzirmos a escolha na nossa ação, ela estará sempre baseada em nosso pensamento e por conseguinte não nos dará a libertação do temor; por essa razão, temos sempre luta e sempre dôr; e se pudermos compreender "o que é", que se modifica constantemente e nunca é estático, essa compreensão mesma será dinâmica e, por conseguinte, criadora; nela

há libertação. Devemos observar realmente, nas nossas relações de cada dia, de cada momento, o nosso exato estado, o que somos de fato, não procurando transformá-lo numa coisa nobre. Não se pode transformar estupidez em inteligência; o que se pode fazer é tão-sòmente compreender a estupidez; e a compreensão da estupidez é inteligência. Vêde bem a importância disso, e criareis um mundo novo. Enquanto estiverdes lutando para serdes diferentes do que sois, haverá destruição, sofrimento, confusão. Só quando compreendo *a coisa que sou*, momento por momento, só então a compreensão me conduz às profundezas inconscientes do meu ser; a compreensão por conseguinte é que nos dará a libertação do temor; e a libertação do temor é o estado de felicidade.

PERGUNTA: *Pareceis dar a entender que tôda ação, todo pensamento e todos os ideais são formas de preenchimento do "eu". E, para aumentar-nos a confusão, afirmais que "ser é estar em relação" e que "não estar em relação é morte". Numa hora advogais a renúncia, noutra, a condenais. Que entendeis por preenchimento do "eu"? Pode-se viver sem se estar preenchendo de uma ou de outra maneira?*

KRISHNAMURTI: Não estamos todos nós procurando preencher-nos em alguma coisa? O alpinista que galga os mais altos cumes — para êle é esta a ação do preenchimento; pelo casamento e pela prole, pelo vosso filho, procurais preencher-vos; e o político, frente à multidão, ao recolher-lhe as vibrações está-se preenchendo com ela. Se rejeitais essas expressões exteriores de ação e atividades tendentes ao preenchimento pessoal, voltais-vos para as ações interiores, as ações

psicológicas, espirituais: quereis então preencher-vos numa idéia, em Deus, na virtude. Vemos, pois, cada um de nós deseja preencher-se à sua maneira — o que significa *tornar-se algo por meio da identificação*. Quereis preencher-vos pela identificação com um partido político; renunciais a vós mesmo e dizeis que o partido tem tôda a importância: o partido representa o que acreditais ser a Verdade; o partido por conseqüência representa um meio pelo qual vos preencheis. O alpinista se preenche no deleite de ascender às grandes alturas, e o homem ambicioso se preenche no realizar a própria ambição. Ora, é isso o que estais fazendo, não é verdade?

O desejo de preencher-se, o desejo de vir a ser, o desejo de realizar, ganhar, governa as nossas relações, não é verdade? Desejo algo de vós e por isso vos trato muito amàvelmente, muito urbanamente. Ofereço-vos ramalhetes, e trato com desdém aquêles de quem nada recebo. Tal é o processo constante de nossa existência. Senhores, existe de fato tal coisa — "preenchimento pessoal"? Compreendeis? "Ser é estar em relação" — isto é um fato muito evidente. Não posso viver sem estar em relação com alguma coisa, e essa coisa se torna o meio pelo qual procuro preencher-me — minha espôsa, meu filho, minha casa, minha propriedade, meu quadro, meu poema, ou esta fala que vos dirijo agora. Se com ela me estou preenchendo, ela é evidentemente uma maneira de dar expansão ao meu "eu"; eu é que sou importante, e não vós, nem o de que estou falando. Conseqüentemente, o meio de preenchimento pessoal se torna muito mais importante para mim ou para vós, do que a Verdade que se encontra no investigar se de fato existe preenchimento.

Todo esfôrço, nas condições atuais, se baseia no desejo de preenchimento; sabemo-lo muito bem. Pode-

mos tentar encobrí-lo, disfarçá-lo com palavras e frases bem-soantes; essencialmente, porém, tôda ação é produto do desejo de nos preenchermos por meio dela. Quando digo "Índia", identifico-me com a Índia, e a Índia se transforma no meio pelo qual realizo o meu preenchimento. Êsses os fatos evidentes. Aprofundemos a questão um pouco mais. *Existe possibilidade de preenchimento?* Da infância à maturidade e até à morte, estamos sempre em busca de preenchimento, por diferentes maneiras, não é verdade? — e sempre, infalìvelmente, encontramos a frustração. Logo que se realiza uma ambição, apresenta-se outra ambição mais alta, e viveis assim numa luta incessante. Assim, pois, o nosso esfôrço de preenchimento, o nosso impulso a preencher-nos, é acompanhado sempre do mêdo do insucesso, da frustração. Observai vossa mente e vosso coração, para verdes se é ou não é verdade o que estou dizendo. Não sois obrigados a aceitar o que digo.

Onde há o desejo, o desejo consciente ou inconsciente, de nos preenchermos, existe sempre, forçosamente, o mêdo da frustração. Vendo-nos frustrados, procuramos outra espécie de preenchimento, para fugir a essa frustração. Achamo-nos, pois, encerrados nesta prisão perpétua do preenchimento e da frustração. Não achais, pois, muito importante libertemos a nossa mente dêsse desejo de preencher-se numa ação, numa idéia, em qualquer coisa, enfim? Quando procuro preencher-me por meio de minha espôsa e de meus filhos, isso significa amor? Se desejo preencher-me, discursando para grandes ou pequenos auditórios, estou realmente interessado na Verdade, tenho o desejo fundamental de libertar os homens, ou estou-me preenchendo por meio dos meus ouvintes?

Senhores, esta não é uma reunião de discussão. Não nos importa, pois, descobrir se existe uma maneira

diferente de resolvermos êste problema, uma maneira diversa de estudá-lo, não baseada no desejo de preenchimento, uma ação que não vise a um certo resultado? Não digais: "Sim, é o que diz o *Bhagavad-Gîta*, o *Upanishads*" — pondo de parte a questão. Quando dizeis uma coisa dessas, não estais realmente *escutando* à outra pessoa. E o que importa é o *escutar*. Com efeito, se souberdes escutar, o milagre se realizará. Se souberdes escutar tanto a melodia como o silêncio entre duas notas, talvez possais então descobrir a verdade relativa a qualquer coisa. Entretanto, enquanto estiverdes comparando, rejeitando, aceitando, em constante atividade de explanação e rejeição, não estais de fato *escutando*.

Estou aventando talvez haja uma forma diferente de proceder sem se visar ao preenchimento pessoal, e que não esteja só ao alcance de poucos. Se eu fôr capaz de compreender-me, de observar-me nas minhas atividades diárias, e reconhecer que a tôdas as horas do dia estou ocupado em preencher-me e, por conseguinte, vivendo na frustração e no temor — se eu fôr capaz de reconhecer tal coisa — e não sòmente aceitá-la — então não haverá mais preenchimento pessoal, meu, em coisa alguma. Se perceberdes, realmente, momento por momento, nas vossas atividades diárias, que tôda ação é insuflada pelo desejo de preenchimento e que o preenchimento traz sempre frustração; se perceberdes a coisa na sua inteireza, se a virdes, bem desperto, sem argumentação, sem discussão, sem desejo de comparar — então, daí, resultará forçosamente uma ação nova, uma ação que não será de preenchimento pessoal, mas de outra natureza.

E' bem óbvio que, quando cada um de nós está tentando preencher-se, há o caos na sociedade; e, a fim de dominar êsse caos, a nossa mente apela para

um determinado padrão ou condição. Se puderdes perceber bem isso (se realmente estais *escutando* o que digo) reconhecereis êste fato verdadeiro, isto é, que não há preenchimento. Podeis fazer tudo o que quiserdes, elevar-vos às maiores alturas — *nunca há preenchimento*. Se se reconhecer êste fato verdadeiramente, se o sentirmos interiormente, haverá então possibilidade de ação, a qual não será produto ou resultado da compulsão, do temor, da frustração.

PERGUNTA: *Pareceis encarecer exclusivamente a importância do indivíduo. A ação não precisa ser coletiva, para ser eficaz? Por que condenais tôda espécie de organização — social, política ou religiosa?*

KRISHNAMURTI: "Pareceis encarecer exclusivamente a importância do indivíduo. A ação não precisa ser coletiva para ser eficaz? Por que condenais tôda espécie de organização — social, política ou religiosa?" — Senhores, aí está a pergunta.

Pois bem, consideremos a questão relativa ao que se entende por "ação coletiva". Pode haver tal coisa — "ação coletiva"? Bem sei que esta é a frase em voga — ação em massa, ação coletiva, espírito de cooperação. Mas que significa "ação coletiva"? Podemos pintar um quadro, todos juntos? Prestai atenção a isso. Podemos escrever juntos uma poesia? Podemos arar juntos um campo ou trabalhar juntos numa fábrica? — Ora, senhores, o que realmente se entende não é a ação coletiva. O que se entende é o *pensar coletivo*. Temos pois que ver com o pensamento coletivo, e não com a ação coletiva. Pois bem, do pensamento coletivo pode resultar ação; isto é, se todos nós pudermos con-

cordar, unânimemente, sôbre o que é bom para a Índia ou outro país qualquer, se as autoridades puderem "condicionar-nos" dessa maneira o pensamento, haverá então ação coletiva, ação de forma coletiva, em que tomais parte individualmente; e se não tomardes parte nela, haverá sempre meios de obrigar-vos a fazê-lo — compulsão, extermínio, castigo, recompensa, etc.

Essencialmente, a natureza da ação coletiva é o pensamento coletivo. Que se entende, porém, por "*pensamento coletivo*"? Podemos, vós e eu e mais alguns milhões de pessoas, *resolver juntos um problema*, seja econômico, social, político, religioso, ou seja qual fôr? Sabemos resolver um problema independentemente, ou somos persuadidos por ameaça da punição ou promessas de recompensa, pelas tradições, pelas influências condicionadoras? Pode haver pensamento coletivo? Verificai-o, Senhores, observai por vós mesmos, pensai! Não sois resultado de pensamento coletivo? Quando vos dizeis hinduista, brâmane, cristão, isso não é resultado de pensamento coletivo? Sois "condicionado" pelo pensamento coletivo, para serdes hinduista, budista, cristão, católico romano, ou comunista; e todo grupo, tôda sociedade, tôda religião condiciona, inculca suas idéias na nossa mente. E' possível pensarmos independentemente, se estamos juntos, condicionados por uma determinada maneira? Somos gregários; não sabemos pensar independentemente. Não há pensamento independente, porque todo pensamento procede de uma mente condicionada; o pensamento é o símbolo da reação à memória. Por conseguinte, todo pensar — consciente ou inconsciente — tem de ser coletivo. Não podeis pensar independentemente, desde que vossa mente já está condicionada pelo padrão comunista, católico, etc. Senhores, não há liberdade de pensamento. Ação coletiva é pensamento coletivo.

Quando dizemos que vamos fazer o homem pensar diferentemente, não mais de acôrdo com o velho padrão mas pelas novas normas, isso representa, não obstante, a continuação do velho padrão, sob forma modificada. E' só nisso que estamos interessados, e é isso o que entendemos por pensamento coletivo. Quando temos essa espécie de pensamento coletivo, necessitamos da propaganda para nos incitar a pensar de uma certa maneira, necessitamos dos jornais. E tornamo-nos dessarte escravos da autoridade, das compulsões infligidas por mentes sutis, que nos gravam constantemente no espírito certas impressões. *Nessas condições, o pensamento coletivo pode produzir ação individual, mas essa ação se realizará dentro de uma atmosfera de pensamento condicionado, e por isso não há liberdade nenhuma.* A liberdade só é possível quando percebemos e admitimos que estamos completamente condicionados. Então existe a possibilidade de quebrarmos as cadeias e encontrar um estado mental livre de qualquer condicionamento. Quando percebermos tôda a verdade a êste respeito, haverá então ação coletiva — que não é pensamento condicionado coletivo.

Quando vós e eu afirmarmos que todo o nosso pensar está condicionado — pelo molde católico, comunista, hinduista, budista ou muçulmano — quando reconhecermos êsse fato e vós não desejardes que eu me torne comunista, nem eu desejar que vos torneis católico (visto que isso é a continuação do antigo padrão sob forma modificada, implicando temor, ameaça, compulsão, extermínio, campos de concentração, e tôda espécie de propaganda, para obrigar-nos a fazer as coisas) quando reconhecermos que todo o nosso pensar está condicionado e por isso não pode haver revolução fundamental, então talvez cheguemos, vós e eu, à compreensão daquela Verdade que não é produzida

por pensamento condicionado. Quando a compreendermos, vós e eu, haverá então ação coletiva.

Não é nossa missão — vossa e minha — descobrir a Verdade que se encontra além dos limites da mente condicionada, de modo a podermos trabalhar juntos, criar um mundo novo que nos pertença, a vós e a mim, o nosso mundo — não o mundo comunista, capitalista, socialista ou hinduista. Mas direis talvez, ser êsse um estado impossível, só realizável por pouquíssimos indivíduos, — pondo assim de parte a questão. Senhores, é o nosso mundo. Podemos transformar o mundo, podemos realizar essa obra, para nós mesmos e nossos semelhantes; precisamos, porém, dar tôda a atenção e reflexão ao assunto. A verdadeira ação coletiva, não a ação coletiva produzida pela mente condicionada, só será possível, só será realizável, quando vós, como indivíduo, compreenderdes o processo total. Eis porque as organizações políticas, religiosas ou sociais jamais conduzirão o homem à felicidade.

Pode o homem ter as roupas, a alimentação ou o teto de que necessita; existe, porém, na vida, uma coisa muito mais significativa do que a mera aquisição. Isso não significa que devais tornar-vos santo, *sanyasi*, e retirar-vos para uma caverna, numa fuga suprema. Entretanto, quando compreendermos, deveras, a significação da mente que é livre de condicionamento e, por conseguinte, tôdas as nossas ações procederem dessa compreensão — isso será a verdadeira revolução.

PERGUNTA: *Que entendeis por "o Todo"? E' apenas um têrmo novo para definir o Absoluto ou Deus? E há alguma possibilidade de transferirmos a nossa visão da parte para o todo, a não ser por meio da imagem, da idéia, ou da aspiração?*

KRISHNAMURTI: Não emprego a palavra "Todo" para substituir Deus ou a Verdade. Vós é que o fazeis, eu não. O que desejo salientar é que através da parte não se pode compreender o todo. Um momento, senhor; vamos considerar o que é "o Todo".

Se estudais parte de um quadro, se examinais só uma secção, um canto do mesmo, não vêdes o quadro inteiro. Se víssemos o quadro todo e compreendêssemos o que o artista deseja transmitir-nos, depois disso talvez fôsse proveitoso estudar a parte, o canto do quadro; todavia, se começarmos estudando o canto, o ângulo, em vez do quadro inteiro, nesse caso nunca teremos a compreensão do seu todo. Êste é um fato muito simples; isto é, se damos importância apenas ao lado econômico do nosso viver total e aplicamos tôda a nossa inteligência, e nossos pensamentos, e nossa experiência à solução econômica, perderemos de vista tôda a luta humana, tôda a existência do homem, seus diferente estados — psicológicos, físicos, interiores, exteriores. E êsse estudo da parte vos levará à compreensão da totalidade do homem? Como quase todos nós — os especialistas, os homens eruditos, experientes, importantes — só nos mostramos interessados pela parte e tratamos apenas de legislar para a parte, talvez alguma coisa nos esteja escapando: o todo do homem, o todo da existência humana; e se compreendêssemos êsse todo, encontraríamos, muito provàvelmente, uma solução diferente, uma resposta diferente, uma maneira mais rápida de atender ao nosso problema econômico. Aquela coisa que nos escapa é a totalidade do meu ser e do vosso ser; ela é composta de tôdas essas partes, não é verdade? Eu sou o corpo, a roupa que visto, a fome, a sêde, exteriormente; e, interiormente, sou todos os desejos, tôdas as ambições, as lutas psicológicas, as frustrações, os impulsos, a

compulsão a preencher-nos, a buscar algo para além da mente; eu sou o processo total de tôdas essas coisas, bem como vós o sois.

Não importa muito que nos ajudemos mùtuamente a compreender o processo total de vós e de mim, e não nos limitemos a legislar para uma parte de mim, uma camada de mim? Senhor, necessito de alimento, roupas e morada, e vós também; e necessitamos ainda de outra coisa, muito mais fundamental. Queremos preencher-nos, ser pintores, escritores, santos, indivíduos prestantes, ou entes perversos; há o sentimento do ódio, da ambição, da inveja; como podeis deixar tudo isso à margem, para vos ocupardes só com uma particularidade, uma parte — ainda que seja uma parte "glorificada" — e falardes a respeito dessa parte, e levardes a efeito uma revolução? Minha existência não é um processo total, não representa o processo total do meu ser em diferentes níveis, tanto conscientes como inconscientes? Não vos cabe levar tudo isso em consideração, não deveis ter a visão do todo de vós mesmo — e não de algum Deus extraordinário? O meu "eu" está em relação com o "eu" de todos os demais homens; não existo independente deles, nem posso existir. O processo total do "todo", de vós e de mim, tem de ser compreendido. Se tanto vós como eu pudermos compreender o processo total do ser e tivermos consideração e interêsse pelo todo e não pela parte, encontraremos então uma solução diferente para todos os nossos problemas. Mas o encarecimento e a glorificação da parte não irá resolver o problema do todo.

E' tão mais fácil ocupar-nos com a parte! Estamos interessados na parte — o que indica nossa superficialidade, a pequenez de nossas mentes. E' só quando compreendemos o processo total do nosso ser, dia por dia, em tôdas as nossas relações, que há a possi-

bilidade de se descobrir algo além dos limites da mente. Mas não podemos encontrar o que se acha além da mente, pelo encarecimento da parte. E se não descobrirmos o que existe além da mente, jamais teremos felicidade, nunca terá paz a humanidade; a vida ser-nos-á luta e sofrimento sem fim. Êstes são fatos evidentes; não necessitais estudá-los nos tratados de psicologia; não precisais fazer nenhum exame, não precisais conhecer técnica nenhuma, para descobrirdes o que existe na vossa mente e no vosso coração, hora por hora, momento por momento, dia por dia, requer-se tão sòmente vigilância e não que se siga um *guru* ou um líder. Não se requer disciplina, mas o mero observar de coisas simples — cólera, ciúme, desejo de preenchimento, desejo de adquirir, desejo de ser poderoso. Observai essas coisas, nas vossas relações, na vossa vida de cada dia, e vereis como funciona a totalidade do vosso ser, vereis se sois o centro e se, sem alteração fundamental, radical, do centro, é possível efetuar-se uma revolução na periferia. Enquanto estivermos lustrando o exterior — o que não significa que o exterior não deva ser brilhante — êsse modo de atender aos nossos problemas não os resolverá. Entretanto, se pudermos compreender o processo total do nosso ser, em seguida, se possível, passar além e, daí, nos aplicarmos aos nossos problemas, encontraremos então a solução correta. A solução não será então uma causa de novos problemas, mais sofrimentos, mais aflições.

PERGUNTA: *Sou perturbado pelos meus sonhos tôdas as noites. Não pode uma pessoa livrar-se dêsse "processo" exaustivo?*

KRISHNAMURTI: Investiguemos juntos a solução correta dêste problema — *juntos*, vós e eu. Não fiqueis

apenas a escutar, simplesmente, como ouvinte de um orador. Juntos, descobriremos a verdade relativa a esta questão, pois o problema vos diz respeito.

Que se entende por "estar desperto" e "estar sonhando"? Quando estais desperto? Ou, por outra, quando pensamos estar despertos? E, quando pensamos estar sonhando? Tende a bondade de notar que esta não é uma questão psicológica. Acompanhai-a passo a passo, com simplicidade. Não a traduzais, dizendo "exatamente, Sankara, Buda disse isso", afastando-vos em seguida da questão. Estou falando muito simplesmente do fato real. Quando pensamos estar despertos? Quando está funcionando a nossa mente consciente, não é assim? Isto é, há a mente que opera todos os dias, e quando ela está em funcionamento, estamos despertos. Estais desperto quando executais um trabalho, quando estudais, quando tomais o bonde ou o ônibus, quando seguis alguém, quando ralhais com alguém, quando sois ambicioso, lascivo, etc. Isto é, durante o dia, pensamos estar despertos e pensamos que quando dormimos nos achamos num estado em que a mente adormeceu — ou, melhor, foi posta a dormir.

Ora, a mente dorme alguma vez? Descansa, alguma vez? A mente é tanto o consciente como o inconsciente. A consciência mostra-se muito avaramente; o que chamamos "consciente" é muito superficial; mas há uma parte temível, uma parte não revelada, oculta, abaixo da parte consciente, e que é o inconsciente; e nossa mente é tanto o consciente como o inconsciente. A mente consciente é incitada, impelida, tangida, ou coibida pelo inconsciente. Podeis pensar que sois, exteriormente, uma pessoa muito pacata, sem ambições; mas por baixo, profundamente oculto, está o clamor que vos vai no coração — vossos impulsos, compulsões, desejos, motivos. O inconsciente é o reservatório

de todo o passado da humanidade, não apenas do passado do vosso existir, mas o de vosso pai, de vossos ancestrais, de vossa nação, da humanidade; as tradições raciais, os preconceitos de casta; tudo isso está contido no inconsciente.

A mente consciente ocupa-se durante o dia com coisas triviais, e a essa ocupação com coisas triviais chamamos o "estado de desperto". Quando adormecemos, a nossa mente continua ativa, continua a pensar nos problemas do dia, associando-se ao inconsciente e recebendo-lhe as influências; e quando o inconsciente quer imprimir na vossa mente consciente alguma idéia, alguma coisa de que ela não é capaz durante o dia, então tendes sonhos. Isto é, vossa mente consciente está ocupada durante todo o dia; não pode receber novas impressões, novas insinuações, novas sugestões, porque se acha muito ocupada; depois, quando adormeceis, o inconsciente projeta nessa mente consciente semi-ativa, as suas impressões. Ao despertardes, dizeis ter tido um sonho. Começa então a interpretação dêsse sonho pela mente consciente e declarais ter tido uma experiência maravilhosa.

Assim, pois, enquanto não tiverdes um percebimento consciente, constante, durante tôdas as horas em que estais desperto, durante o período de vigília — das comunicações do inconsciente, enquanto não estiverdes aberto a tôda impressão ou sugestão procedente do inconsciente, continuareis naturalmente a sonhar; tem de haver conflito entre o consciente e o inconsciente. Senhores, estes são fatos muito simples. Se observardes o vosso próprio existir, vossos pensamentos, vossas atividades diárias, se estiverdes sempre cônscios delas, vereis ser isto o que realmente se processa. Não há nada de misterioso nessa coisa.

O processo inteiro — o inconsciente, o consciente, as insinuações, sugestões, impressões e a interpretação de todos êsses impulsos pelo consciente — tudo isso constitui o vosso ser; é isso o que sois. Se não estais abertos, se vossa mente não está aberta ao processo total, ocupando-se só com a parte, tem de haver, naturalmente, sonhos — sendo os sonhos impressões e projeções do inconsciente. Existe, pois, esta luta constante entre o consciente e o inconsciente, porque o consciente jamais pode competir com o inconsciente, porque o consciente quer traduzir cada impressão de acôrdo com certas exigências, certas atividades e resultados.

Senhores, só quando começamos a compreender êsse processo total do nosso ser, o real estado em que nos achamos, só então, é que há a possibilidade de um ente humano "integrado". Isso, por certo, é o comêço da meditação, não é? Meditação não significa concentração numa idéia, num quadro, ou no desejo de ser algo — isso indica falta de madureza, é coisa infantil; não é meditação. Meditação é a compreensão do processo total, é a observação, o percebimento das reações do pensamento condicionado, a cada estímulo, conservando-se, assim, a mente cônscia do seu conteúdo, da sua atividade, das suas buscas, dos seus ocultos impulsos; de modo que, por meio dêsse percebimento constante, livre de escolha, há liberdade, há "integração"; êsse "processo", no seu todo, é meditação. Uma mente capaz de observar, sem escolha, capaz de ver as coisas como são, sem procurar interpretá-las, traduzí-las, torcê-las, desfigurá-las, essa mente, com êsse percebimento, conhecerá o que é a paz, essa mente é capaz então de estar verdadeiramente silenciosa. Só então, nesse silêncio, se manifesta *aquilo que é*. A mente, porém, que busca resultado, nunca encontrará a Verdade.

1 de fevereiro de 1953.

PRIMEIRA CONFERÊNCIA DE BOMBAIM

COMO vamos ter uma série de dez conferências, acho muito importante determinar-se a relação que deve haver entre o orador e vós; do contrário, Senhores, haverá erros de interpretação, dos quais resultarão inevitàvelmente incompreensões. Não falo para convencer a qualquer de vós de uma dada teoria ou de um dado modo de conduta, nem com o fim de inculcar-vos certas idéias, porquanto minha intenção não é, de modo nenhum, propagandística. Propaganda significa "condicionar" certas mentes, para certas atitudes. Tal não é absolutamente a minha intenção. Se tendes idéias, a respeito das quais desejais convencer-vos; se desejais adquirir certas idéias, para acalentá-las e seguí-las; se desejais adotar uma determinada linha de pensamento, conducente a certos resultados; ou, ainda, se tendes vontade de produzir uma certa revolução nas idéias — creio ficareis muito desapontados. Porque, o que me parece de fundamental importância é a *revolução do inconsciente*, e não a revolução consciente; e a respeito dela me estenderei mais adiante, no decurso desta palestra.

Mas, antes disso, é necessário que nos conheçamos mùtuamente, não só no nível verbal: também mais profundamente, se possível. Pois, se conhecermos as

nossas mútuas intenções, haverá então a possibilidade de nos juntarmos para conversar a respeito dos nossos problemas. Se tendes, porém, certas idéias já firmadas, e eu, idéias contrárias, é óbvio, não há ponto de contacto entre nós. Considero, por isso, muito importante, estabelecermos desde já a relação correta entre nós. Eu não sou vosso *guru*, tão pouco um líder; portanto, não precisais venerar-me. Não creio que o nosso problema, ou a crise em que nos achamos atualmente possa, de algum modo, dissolver-se, se seguimos um líder político ou religioso, ou um *guru*. Como disse, faz-se necessária uma revolução fundamental, e não meramente uma substituição de idéias, no nível superficial.

Não deve, por conseguinte, ser muito importante compreender-se claramente o que vou dizer e o que já disse? Porque não vou convencer-vos a respeito de coisa alguma. Não estou fazendo propaganda. Digo-o com tôda a franqueza: não estou aqui para convencer-vos de nenhuma idéia, em especial. Convicção supõe o "processo" de rejeição e aceitação, confirmação ou negação; e tal não é meu intento, em absoluto. O que estamos tentando fazer é descobrir a verdadeira solução, a solução correta de todos os nossos problemas. Apenas se pode encontrar a solução correta quando não estamos "projetando" nenhuma idéia determinada, quando não estamos meramente aceitando uma certa tese e renunciando ao nosso próprio pensar. Estamos interessados no problema do pensar, e não no que se deve pensar. Quer dizer, se não pensamos corretamente, tôdas as nossas ações nos levarão, por fôrça, a uma confusão maior. O que nos interessa, pois, não é a projeção ou a aceitação de idéias, mas como pensarmos corretamente, todos juntos, (isto é, em relação uns com os outros), como descobrimos juntos a maneira de

atender corretamente aos problemas que se nos deparam. Não estou empregando o têrmo "corretamente" como oposto. Só há uma maneira de pensar; não "a maneira correta" ou "incorreta". Verificaremos se é de algum modo possível seguir um pensamento e descobrir a Verdade que êle encerra, a verdade contida no problema respectivo.

Não achais importante diferençar entre "ouvir" e "escutar"? Muitos de nós ouvimos ao acaso, do mesmo modo como ouvimos os ruídos comuns; pois gradualmente nos acostumamos com certos ruídos, até ouví-los sem lhes dar nenhuma atenção. Enquanto lemos o jornal, ouvimos vozes familiares em redor de nós. Mas não achais que há diferença entre "ouvir" e "escutar"? *No escutar não há aceitação nem rejeição; escutamos para compreender.* Escutamos a outra pessoa para compreender o que ela nos deseja transmitir, compreendê-lo não apenas no nível verbal, mas em níveis mais profundos do entendimento. Estamo-nos negando, porém, a escutar, quando só queremos fazer objeções ou interpôr nossas próprias idéias, em vez de procurarmos realmente compreender o que se nos diz. Afinal, temos nossas opiniões, e achamos desnecessário escutá-lo; mas, se soubermos escutar sem interpretação e sem tradução, se soubermos realmente escutar, talvez haja então possibilidade daquela radical revolução no nível inconsciente, única revolução verdadeiramente desejável.

Temos problemas incontáveis; e quanto mais pensamos neles, conscientemente, tentando resolvê-los, tanto mais crescem as complicações e se multiplicam os problemas. Uma vez que estamos tratando de problemas não originados na mente superficial, mas resultantes de lutas, conflitos, ambições, agitações que se processam nas profundezas inconscientes, se se não

operar uma transformaçãço radical e fundamental naquele nível profundo, muito pouco valor terá qualquer reforma de remendos que se fizer no nível superficial — no terreno econômico, social, político, etc. Pode-se ver que as revoluções não nos alteraram fundamentalmente o processo do viver. A transformação que se opera no nível consciente não passa de uma simples continuidade modificada, pois nesse nível a mente opera de modo superficial, calculando, julgando, pesando; mas êsse "processo" de calcular, pesar e julgar é a continuidade de uma coisa condicionada; por conseguinte, por êsse meio não se resolve o problema de modo nenhum; o que se faz é apenas modificá-lo, alterar a sua direção; todavia, a nova direção é confusa, do mesmo modo.

Enquanto quisermos resolver os nossos problemas no nível superficial, com idéia contra idéia, argumento contra argumento, lógica contra lógica — tudo isso reações da mente superficial — é bem óbvio que os resultados que a mente obterá serão produto de pensamento condicionado. Nesse "processo", por conseguinte, não há revolução psicológica, profunda, fundamental. Creio, o mais importante atualmente não é a revolução do nível superficial, mas a revolução do nível inconsciente, profundo, porque vivemos muito mais nesse nível, e nosso *ser* está lá mais do que no nível superficial.

Assim sendo, não achais importante que escutemos de maneira que o inconsciente absorva — se assim me posso expressar — o que se nos transmite, e a revolução, por conseguinte, não seja uma revolução consciente? Considero muito importante se escute de maneira tal que a transformação seja inconsciente, e que tenhamos uma nova perspectiva da vida não fundada

na ação consciente deliberada, mas na revolução não produzida pelo "processo" deliberado do pensamento.

Afinal, nós temos tantos problemas, em níveis diversos — problemas econômicos, sociais, religiosos; o problema do amor, da morte, o problema das relações, da penúria, o que é Deus, se há continuidade, o que é imortalidade, o que é aquêle estado de "atemporalidade", o que é criação, etc., etc. Temos problemas inumeráveis e a êles sempre nos aplicamos com a intenção de resolvê-los com nossa mente consciente, nossa mente comum, a mente que tem pensamentos, a mente que é resultado do tempo, resultado da tradição, da chamada educação (que é o processo de "condicionar-nos" numa determinada idéia, atividade ou padrão — comunista, socialista, capitalista, católico, etc) e com êsse condicionamento queremos resolver os nossos inúmeros problemas; mas, é bem óbvio, uma mente condicionada não pode resolver tais problemas.

Necessitamos de uma solução inteiramente diferente, de uma revolução diferente — de natureza psicológica, interior, fundamental. Isso, parece-me, só será possível quando souberdes escutar não só a mim, mas a tôdas as coisas: a conversação que se trava na vossa proximidade, o diálogo que tendes com vossa espôsa, vosso marido, vossos filhos, vosso patrão, as conversas de bonde, de ônibus, as falas do mendigo, a melodia de uma canção, o canto dos pássaros, o marulho das ondas. Se souberdes escutar sem interpretação, sem tradução, haverá então a possibilidade de realizar-se a revolução inconsciente.

Acho que o que mais necessário se faz, nos dias atuais, é esta revolução — e não uma série de líderes, não um determinado sistema político. Porque todos os líderes falharam completamente; porque os sistemas que êles advogavam, ou que criaram, são o produto da

mente condicionada e seus resultados serão sempre condicionados — de modo que nunca mais sairemos da rêde de problemas em que nos vemos embaraçados. Êsse caminho não conduz à felicidade humana, à ação humana criadora, ao descobrimento do que é verdadeiro.

O descobrimento do que é verdadeiro não se efetua por meio de esfôrço consciente. Se compreendermos isso verdadeiramente (é minha intenção, no decurso destas conferências, considerar esta questão de todos os pontos de vista) chegaremos ao estado em que a mente reconhecerá a sua incapacidade de atender aos nossos problemas. Então talvez se nos ofereça a possibilidade de descobrirmos uma nova fonte de ação, uma fonte diferente, cujo descobrimento nos habilitará a encontrar uma nova maneira de pensar, de sentir, de viver, de existir.

Nossos problemas não são individuais — porque não existe a entidade "indivíduo". O indivíduo — vós — pode ter nome diferente, corpo diferente, viver numa casa separada; mas o conteúdo da vossa mente é o mesmo conteúdo da minha mente. O que pensais eu penso; sois ambicioso, e eu também; o que sois, eu sou, e o é o vosso vizinho. Temos um problema coletivo e não um problema individual. Vós, como indivíduo "condicionado" dentro de um certo sistema de idéias, não podeis resolver êste problema da existência; êle só será resolvido quando vós e eu o estudarmos juntos, e não separadamente. *A ação coletiva só poderá vir a efeito, só poderá realizar-se quando houver pensamento que não seja coletivo.* Mas, como já sabemos, a ação coletiva implica atualmente pensamento coletivo; pensamento coletivo é pensamento "condicionado"; e é isso o que nos interessa, em virtude de tôda espécie de propaganda, da educação, da compulsão,

dos campos de concentração, etc. etc. Fazem-vos pensar coletivamente, tradicionalmente — quer seja uma tradição nova, quer velha; fazem-vos ajustar-vos, pensar segundo uma norma coletiva, esperando-se que dêsse modo produzireis ação coletiva; *mas não é possível a ação coletiva, visto que pensamento coletivo é sempre pensamento condicionado.*

Iremos desenvolvendo esta questão progressivamente. Entretanto deve haver uma maneira de agir que não seja *a vossa* ou *a minha*, que não seja a do comunista, do socialista, do católico, do cristão, do hinduista, do budista; tal é a maneira de agir que resulta do descobrimento da Verdade. O descobrimento da Verdade não depende de vós e de mim, de vossa mente condicionada ou de minha mente condicionada. O descobrimento da Verdade apenas ocorrerá quando vós e eu reconhecermos a nossa mente condicionada, o nosso estado condicionado.

Se vós e eu pudermos descobrir o que é a Verdade, dêsse descobrimento virá a ação coletiva. Mas o pensar coletivo não conduz à ação coletiva, e sim, sòmente, ao sofrimento em escala maior, como de fato está ocorrendo atualmente. Talvez possamos, porém, *vós e eu juntos* (porque nesse caso não sou eu quem está guiando, e não sois vós quem está seguindo) descobrir o processo do nosso próprio pensar. Eu não vô-lo posso mostrar, para o aceitardes ou rejeitardes, meramente; vós é que tendes de descobrí-lo enquanto vamos andando juntos; tendes de observar o vosso próprio estado mental, não só no nível consciente mas também inconscientemente, em todos os momentos do dia, nas vossas relações, não só enquanto aqui estais a ouvir-me, mas também depois de vos irdes daqui.

Só pode nascer o sentimento de que o descobrimento da Verdade não é individual, que a verdade não

é coletiva nem individual, mas A VERDADE, depois de compreenderdes todo o processo do pensar. O pensar é coletivo; não se pode pensar independentemente; não há pensar individual; o que pensais é pensamento coletivo, pois estais "condicionado" como hinduista, cristão ou muçulmano; estais aprisionado no molde da tradição, que é pensamento coletivo. Podeis estar condicionado dentro do molde, como suposto indivíduo, mas o molde é coletivo; podeis estar condicionado como comunista, todavia o condicionamento é coletivo. O "coletivo" não pode descobrir o que é verdadeiro, e nem o pode o indivíduo, porquanto não há pensamento individual, pois tudo é pensamento coletivo.

Dai atenção a isto, por favor; não o rejeiteis; procurai alcançar a Verdade relacionada com o que digo.

Em última análise, as palavras que estou empregando, os pensamentos que estou expressando, as tendências de nosso pensar, tudo é resultado de pensamento e ação coletiva; ainda que eu me considere um indivíduo distinto, atribuindo-me um nome, morando numa choça ou num palacete, meu funcionamento, meu "processo", é todo coletivo. Pode "o coletivo" encontrar o que é verdadeiro? O "coletivo" é a mente condicionada, a mente prêsa à tradição, à autoridade, a tôda sorte de temor consciente ou inconsciente, a mente buscando sem cessar a segurança. Pode essa mente, que é a mente coletiva, achar a Verdade? A Verdade é aquilo que nunca se contaminou, que se não pode conceber, premeditar, ler nos livros, que vos não pode ser dada por outrem. A única solução para os nossos problemas é o descobrimento do que é a Verdade. Esta é a única revolução capaz de nos influir radicalmente na existência, na nossa vida de cada dia, em nossas relações diárias.

Uma vez que o descobrimento daquilo que é a Verdade é de vital significação e importância, não devemos, os que frequentarmos estas reuniões, no decorrer das próximas seis semanas, indagar com todo o interêsse se a mente é capaz de se despojar de todo o seu condicionamento, para ter a possibilidade de descobrir o que é a Verdade? Êsse descobrimento do que é a Verdade não se verifica por meio de esfôrço consciente. Acho muito importante compreender-se que não podemos *ir* à Verdade. *E a Verdade só pode vir-nos imperceptivelmente, quando não a esperamos.* Qualquer forma de expectativa, de esperança, é uma forma de "projeção" — projeção do "eu", sendo o "eu" o coletivo. Por conseguinte, nosso problema é êste: compreensão do conflito, da luta, da vida de cada dia, das nossas relações, nossas ambições, nossas paixões e desejos, nosso espírito de imitação, e a medonha degradação que vai dentro em nós, a corrupção, a escuridão, a morte, que constantemente nos acompanha; e, compreendido tudo isso, o descobrimento de algo existente além dos limites da mente. E êsse estado só é realizável quando compreendermos o processo da nossa mente, e não quando procurarmos imaginar o que êle seja, ou especular-lhe a respeito. Tão-sòmente ao compreendermos o processo do nosso pensar e vermos o quanto estão condicionadas as nossas mentes, só então há uma possibilidades de descobrir o que é a Verdade, a qual, só ela, pode libertar-nos dos nossos problemas.

Depois de cada breve alocução passarei a responder a perguntas; receio, porém, ficareis desapontados se aguardais soluções. A mente que espera uma solução é uma mente de colegial, porque então apenas vos interessam os resultados, tal como o colegial que vai procurar "no fim do livro" a solução do problema, sem se dar ao trabalho de estudá-lo ou examiná-lo profunda-

mente. Quando fazeis perguntas, desejais respostas; em geral pouco vos interessam as perguntas; o que quereis é só uma resposta — isto é, uma explicação ou combinação de explicações. Mas se só estais buscando solução, não estais verdadeiramente interessados no problema.

Senhores, tende a bondade de não tirar fotografias. Posso dizer-vos uma coisa? Esta é uma reunião muito séria; considero-a uma reunião religiosa — no sentido mais profundo da palavra, e não no seu sentido superficial e estúpido. Requer-se um certo senso de dignidade, impossível se ficais a pedir autógrafos, a tirar retratos, ou a bocejar. Requer-se gravidade. Quem está sério, está quieto; não está a remexer-se; está concentrado, escutando. Assim sendo, tende a bondade de não tirar fotografias e de não tomar notas, pois assim não prestais atenção, não estais *escutando*. Sendo esta uma reunião séria e como viestes com propósitos sérios, passemos uma hora juntos com a intenção de compreender e de esclarecer-nos, uma vez que os nossos problemas são formidáveis, e nós nos estamos a destruir mùtuamente.

Como dizia, a mente interessada apenas numa solução, i.e. num resultado, numa combinação de explicações, essa mente se satisfaz com palavras e nunca será capaz de compreender o problema. A mim, interessa-me o problema, não a solução; ver-vos-eis, portanto, desapontados se só estais aguardando solução. Direis talvez que o problema é "duro" demais para mim. Mas, se somos capazes de ver, encontraremos a solução no próprio problema; a solução do problema consiste no compreender a Verdade nêle contida. O descobrimento da Verdade, porém, é um processo muito árduo. Requer pensamento amadurecido — e não fáceis soluções, conclusões, ou juízos, segundo a fór-

mula esquerdista ou direitista, ou tirados do que aprendestes nos vossos livros ou da vossa experiência. Requer-se estudo muito sério. Visto só nos interessar aqui a descoberta do mecanismo do nosso pensar e daí a maneira de realizar aquela revolução fundamental, passemos a examinar os problemas que formos encontrando, no emaranhado das perguntas.

PERGUNTA: *Neste país há fome; morre-se de inanição e enquanto isso falais aqui a respeito de coisas que não enchem estômagos vazios. Não estais contribuindo para que percamos todo o senso de responsabilidade perante nossos irmãos que têm fome?*

KRISHNAMURTI: Se eu vos oferecesse uma possibilidade de fuga por um meio qualquer, dialético ou religioso, ou por meio de sofismas, tal seria uma ação irresponsável da minha parte, não seria? Mas se, juntos, pudermos descobrir a maneira de resolver êste problema, não só neste país, mas no mundo inteiro, então talvez não fiquemos sentados, a falar em vão. Podem-se encher êsses estômagos vazios, agora mesmo, com um sistema econômico, com uma revolução operada no nível econômico ou político? Se tivéssemos uma revolução de nova espécie — não importa com que nome — capaz de alterar tôda a camada burocrática superior, ela resolveria o nosso problema? Pensamos que sim. Pensamos que se houver uma revolução de valores, de sistemas econômicos, será possível alimentar todo o mundo. Será? A verdadeira revolução é de ordem econômica, ou é ela um processo total, e não um simples processo parcial? Afinal, já tivemos revoluções baseadas em sistemas econômicos e elas não deram o que comer a ninguém. Prometeram-no sem-

pre; mas suas promessas sugerem sempre campos de concentração, tirania, totalitarismo, guerras, devastações, e desgraças maiores; estamos bem familiarizados com essa coisa; os jornais nos dão conta de tudo isso tôdas as manhãs.

Nosso problema é o problema da parte — que significa "revolução econômica" — ou é o problema do todo, que significa "revolução no nosso pensar"? Quando falamos a respeito da fome, o que nos interessa é a questão de fornecer alimentos aos que padecem fome — questão essa que representa apenas uma parte, embora essencial, que representa apenas um segmento de nossa existência. Quanto mais nos concentrarmos numa parte, num ângulo da vida, tanto menos possibilidade teremos de resolver o problema. Só o resolveremos, quando compreendermos o quadro na sua totalidade; teremos então compreensão plena do problema; e podemos então aplicar a nossa compreensão à parte. Mas, da parte, não é possível passar-se ao todo. Tôdas as nossas revoluções se baseiam na modificação da parte, e não do todo.

Eu falo do processo total do nosso ser, e não da parte. A verdadeira revolução está e deve sempre estar no ser total, no pensar total e não no pensar parcial. Nem só de pão vive o homem. É-nos necessário o pão, o vestuário, o teto; entretanto, se só encarecemos essas coisas, se tão-sòmente nos interessam alterações ou revoluções no terreno econômico, então acabaremos inevitàvelmente em maior confusão e miséria. Mas se pudermos compreender o processo total do nosso ser e promover uma revolução na psique — na natureza íntima do nosso ser — poderemos, então, aplicar essa revolução, essa compreensão à parte. Sem dúvida, êste é que é o nosso problema. Por favor, não me interpreteis erradamente. Não devemos descuidar-nos da

questão da alimentação, da roupa e da morada; pelo contrário, cumpre-nos providenciar a respeito dessas coisas. Precisa-se, porém, da solução correta, e esta não pode ser encontrada no nível superficial, mas só quando há uma revolução fundamental no nosso ser, no nosso pensar, no estado psicológico da nossa existência. Temos experimentado revoluções econômicas; elas, porém, jamais deram sustento ao homem; pelo contrário, o que se vê é mais miséria, mais destruição, e mais guerras. Só será possível acabar com a miséria, com a fome, quando compreendermos o todo e com essa compreensão promovermos uma revolução fundamental, profunda.

PERGUNTA: *Há muitos anos vos ouvimos. Entretanto, continuamos abjetos, ignóbeis, rancorosos. Não raro sentimo-nos como que abandonados por vós. Sabemos que não nos quereis para discípulos, mas há necessidade de vos eximirdes completamente à vossa responsabilidade perante nós? Não deveis dar-nos a mão, guiar-nos?*

KRISHNAMURTI: Senhores, eis uma maneira indireta de perguntar: "Por que não quereis ser nosso *guru?*" (Risos). Ora, Senhores, o problema nada tem que ver com abandonar-vos ou dar-vos a mão, porque, presume-se, somos pessoas adultas. Pelo menos fìsicamente somos já adultos; mentalmente, somos crianças de catorze e quinze anos; e queremos um ente glorificado, um Salvador, um *guru*, um Mestre, que venha tirar-nos de nossa desgraça, de nossa confusão; que nos explique o presente estado de caos; que "explique", e não que produza uma revolução no nosso pensar; e isso nos basta.

Fazeis esta pergunta com o desejo de encontrar uma saída desta confusão; com o desejo de libertar-vos do temor, do ódio, de tôda a mesquinheza da vida; e contais com a ajuda de alguém, a êsse respeito. Ou, talvez, outros *gurus* não conseguiram fazer-vos adormecer com uma dose de ópio, com uma explicação; por isso vos voltais para outra pessoa, dizendo: "por favor, guiai-nos". E' êste o problema, para vós — a substituição de um antigo *guru* por um novo, de um antigo mestre por um novo, de um antigo líder por um novo? Tende a bondade de ouvir com tôda a atenção. Pode alguém conduzir-vos à Verdade, ao descobrimento da Verdade? E' possível o descobrimento, quando somos levados a fazê-lo? Se fordes conduzido à Verdade, vós a descobristes, vós a experimentastes? Pode alguém — seja qual fôr essa pessoa — conduzir-vos à Verdade? Quando dizeis que precisais seguir alguém, não implica isso em que a Verdade é uma coisa estacionária, que a Verdade está num lugar, para serdes conduzidos até lá, olhá-la, e levá-la?

A Verdade é algo que tem de ser descoberto ou algo a que somos conduzidos? Se é algo a que somos conduzidos, então o problema se torna muito simples: tratareis de encontrar o *guru* ou guia que mais vos agrade, e êle vos levará onde ela está. Mas, por certo, a Verdade que buscais se acha acima do plano das explicações; ela não é estática; tem de ser experimentada; tem de ser descoberta; e não pode ser experimentada por intermédio de um guia. Como posso experimentar espontâneamente uma coisa original, se me dizem "olhe aqui uma coisa original — experimente-a!"? O ódio, a vileza, a ambição, a frivolidade, são os vossos problemas, e não o descobrimento do que é a Verdade. Não podeis achar o que é a Verdade com uma mente frívola. Uma mente superficial, maldizen-

te, estúpida, ambiciosa — jamais descobrirá o que é a Verdade. Uma mente frívola não pode criar senão uma coisa frívola; não pode criar senão um Deus frívolo. Nosso problema, por conseguinte, não é o de achar ou descobrir o que é Deus, mas o de percebermos como somos frívolos.

Vêde, Senhor, se sei que sou frívolo, que sou desgraçado, que sou infeliz, posso então fazer alguma coisa. Entretanto, se sou frívolo e digo "não devo ser frívolo, quero ser um homem superior", nesse caso estou fugindo, e isso é frivolidade. Compreendei-o, por favor.

O importante é descobrir-se e compreender-se *o que é*, e não, transformá-lo noutra coisa. Afinal, uma mente estúpida, mesmo quando procura tornar-se muito sagaz, muito penetrante e inteligente, continua estúpida do mesmo modo, porque sua essência mesma é a estupidez. Não gostamos de *escutar*. Queremos alguém que nos converta a frivolidade numa coisa superior e nunca aceitamos, jamais vemos *o que é*, na sua realidade. O descobrimento do *que é*, da realidade, é importante; é a única coisa verdadeiramente importante. Em qualquer nível que seja — econômico, social, religioso, político, psicológico — o que mais deve interessar é o descobrimento do *que é*, no seu aspecto exato — e não *o que deveria ser*.

Prestai atenção. Esta pergunta suscita várias questões. O interrogante deseja alguém, para ajudá-lo a libertar-se das complicações de sua vida; está, portanto, à procura de um guia. O guia que êle busca é produto da sua confusão, da sua atribulada condição; e por êsse motivo o guia é também confuso. Senhor, não sabeis o que vai pelo mundo? Um homem se vê confuso, no meio de tanta agitação; aparece um líder político; o homem vota nele, por causa da confusão em

que se acha; e criou, dessa maneira, um político também confuso, que se torna seu líder, seu guia. Assim também o *guru*, ou o mentor, ou o guia que escolheis; vós o escolheis por causa de vossa confusão, por causa do vosso desejo de satisfação e segurança; conseqüentemente, "projetais" o vosso desejo, e o *guru*, portanto, é vossa criatura. Êle vai dar-vos satisfação e por isso aceitais o que êle oferece — o que denota que nunca enfrentais *o que é*, o que existe em vós mesmo, o que realmente sois. E' só quando vossa mente não está a evadir-se, a evitar *o que é*, a perseguir o ideal — i.e., quando a mente não diz "não deve ser assim", deve ser "assim", etc., é só então que se pode descobrir a maneira de agir com relação ao *que é*. Então, o problema será resolvido. Só resolvereis o problema quando descobrirdes o que é, na realidade, o "eu". Se sabeis que sois frívolo, que vossa mente é superficial, que odiais vossos semelhantes; se percebeis bem êsse fato, sabeis então agir com relação a êle. Podemos examinar a questão de como agir com relação ao fato. Se afirmais, porém, "não devo odiar, devo amar", nesse caso estais penetrando num mundo ideológico — o que representa a maneira mais estúpida de fugir ao *que é*.

Esta pergunta denuncia falta de interêsse em compreender a verdade relativa aos nossos problemas. Só a Verdade pode libertar-nos. A compreensão apenas pode vir quando não estamos seguindo alguém, quando não existe autoridade de espécie alguma — seja a autoridade da tradição, seja a autoridade dos livros, do *guru*, da nossa própria experiência. Nossa experiência é resultado de nosso condicionamento, e tal experiência não pode ajudar-nos a descobrir o que é a Verdade.

Nessas condições, os que se sentem sèriamente interessados, os que desejam deveras descobrir a Verda-

de relativa aos seus problemas, devem, naturalmente, pôr à margem tudo quanto é autoridade. Isto é dificílimo, porque quase todos nós estamos cheios de temor. Precisamos de alguém para nos escorar, para nos dar coragem; precisamos do "irmão mais forte" — aquêle que mora na Rússia, ou na Inglaterra, ou na América, ou do outro lado do Himalaya, ou "ali na esquina". Todos precisamos de alguém para ajudar-nos. Enquanto estivermos encostados em alguém, nunca chegaremos a compreender o "processo" do nosso pensar; negaremos, assim, a nós mesmos, o descobrimento da Verdade.

Escutai o que estou dizendo; não o rejeiteis, pois ainda não resolvestes o vosso problema e sois ainda tão infeliz como dantes. Enquanto estiverdes seguindo vosso *guru* ou vossos líderes políticos, estareis confuso. Há uma única maneira de resolver êste problema, que é pela compreensão de vós mesmo, nas vossas relações, de momento em momento, de dia em dia: os antagonismos, os ódios, as paixões, o amor efêmero, etc. Estais embaraçados no problema, e só o resolvereis quando o aceitardes, quando o virdes tal qual é. Só depois de o resolverdes, terei a possibilidade de libertar a vossa mente do seu condicionamento, deixando assim a Verdade reinar.

PERGUNTA: *Possuis uma técnica que eu possa aprender de vós, de modo que eu também possa levar a vossa mensagem aos sofredores e aflitos?*

KRISHNAMURTI: Senhor, que entendeis por "levar uma mensagem"? Entendeis repetição de palavras — propaganda? A propaganda, por sua própria natureza, é um meio de condicionar a mente. Qualquer espécie de propaganda — a propaganda comunista, a

propaganda religiosa, etc. — visa condicionar a mente, não é verdade? Se aprenderdes uma "técnica" (como o chamais), um método, se o decorais e repetis, sereis um bom propagandista; se sois arguto, hábil, eloqüente, condicionareis os vossos ouvintes de uma maneira nova, em substituição da antiga; mas isso será ainda condicionamento, ainda limitado. E tal é o nosso problema, não é verdade?

Os problemas surgem porque estamos condicionados. Nossa educação nos condiciona. E' possível ser a mente livre de condicionamento? Êsse estado tem de ser descoberto. Não se pode dizer que êle é possível ou impossível. Quando perguntais "possuis uma técnica?" — que entendeis? Talvez entendais um método, um sistema para aprenderdes como um colegial e para repetirdes. Ora, Senhor, o problema é algo muito mais fundamental, e radicalmente diferente, não achais? Não há técnica que aprender. Não necessitais levar a minha mensagem; o que deveis levar é a vossa mensagem, Senhores, e não a minha.

Esta existência de sofrimento e confusão é o vosso problema. Se o compreenderdes, se puderdes compreender a experiência de uma mente condicionada, e passar além, sereis vós então quem ensina; não haverá então mestre, e não haverá discípulo. Mas, tendes de compreender a vós mesmos, e não de aprender a minha técnica ou levar a minha mensagem. Senhor, o que importa é que se compreenda que êste é o *nosso mundo;* que *juntos* podemos construir êste mundo: juntos e felizes; que nós, vós e eu, estamos em relação um com o outro; que o que fazeis e o que eu faço, interiormente, é de grande significação; que a maneira como pensamos é importante; e que o pensamento, que é sempre condicionado, não resolverá o nosso problema. O que resolverá o nosso problema é

a compreensão das tendências do nosso pensar. No momento em que compreendermos a maneira como pensamos, dar-se-á uma radical transformação, interiormente; não seremos mais hinduistas, cristãos, comunistas, socialistas ou capitalistas; seremos *entes humanos*, entes humanos dotados de sentimentos, de amor, de consideração. Isso não resulta meramente de se aprender uma técnica ou de se levar a mensagem de outro homem.

Não se pode adquirir amor mediante o emprêgo de uma técnica. Pode-se adquirir sensação, por meio de uma técnica; essa coisa porém não é amor. O amor é algo que se não pode ensinar, que se não pode difundir por meio dos jornais, de técnicas, de propaganda. Êle tem de ser sentido e tem de ser compreendido. Mas se repetis "amor, amor, amor", isso não tem sentido nenhum. Tereis conhecimento dêsse amor, quando vossa mente for tranqüila, quando estiver livre do seu condicionamento, das suas ansiedades, dos seus temores. E êsse amor é que é a verdadeira revolução, a qual alterará todo o processo do nosso ser.

8 de fevereiro de 1953.

SEGUNDA CONFERÊNCIA DE BOMBAIM

COMO dizíamos no último domingo, o esfôrço que se faz conscientemente, com o fim de provocar uma alteração da nossa atitude com relação aos valores ou ideais, não opera nenhuma transformação fundamental ou radical. Provàvelmente terei de examinar êste problema a fundo, pois estou convencido da grande importância de se compreender esta questão relativa a como efetuar uma transformação fundamental, qual o "processo" respectivo, e como pode êle entrar em vigor.

Quase todos nos esforçamos conscientemente, de uma ou de outra maneira, no sentido de nos ajustarmos a determinado padrão de ação — político, religioso, ou pretensamente espiritual. Conscientemente, desenvolvemos um esfôrço com a intenção deliberada de operar uma certa modificação, seja dentro em nós mesmos, seja na sociedade, econômica ou culturalmente. Uma alteração dessa natureza constitui revolução radical? Ou produz tão-sòmente um efeito temporário, no nível superficial? — o que não representa transformação fundamental. Quanto mais observamos, no mundo e em nós mesmos, esta superficial modificação, tanto mais claramente percebemos que ela só gera

mais problemas, não só dentro em nós, como também em nossas relações, na sociedade.

Acho que, se pensardes com um pouco mais de profundeza, tornar-se-vos-á bastante claro que quanto mais nos esforçamos conscientemente, para nos modificarmos, efetuarmos uma transformação dentro em nós mesmos, tanto mais numerosos se nos tornam os problemas. Isto é, desejo modificar-me: sou um indivíduo irritadiço, ou ganancioso, ou o que quiserdes. Faço um esfôrço consciente para modificar-me; e no decorrer dessa transformação há várias formas de resistência, de repressão e sublimação; há necessidade de esfôrço constante, porquanto o próprio desejo de efetuar uma transformação em mim mesmo, traz no seu bôjo outros problemas.

Não sei se tendes notado que quanto mais persistimos num esfôrço, tanto mais numerosas se tornam as complicações e problemas. Por conseguinte, deve haver uma maneira diferente de resolver esta questão. Por muito que se esforce a mente condicionada para modificar-se, não gera ela sempre novas condições, reações e atividades, que nos tornam os problemas ainda maiores? Se reconhecemos êsse fato, deve haver então uma solução diferente para o problema da transformação, da nossa radical transformação interior. No domingo passado aventei que essa transformação, essa revolução pode realizar-se apenas no nível inconsciente e de modo nenhum no nível consciente: porque todo esfôrço é um processo de imitação, motivo por que não se verifica transformação fundamental.

Só há modificação fundamental, transformação radical, depois de a mente consciente desistir de todo e qualquer esfôrço, o que, com efeito, significa compreensão no nível inconsciente. Por isso, dizia eu ser muito importante a maneira como *escutamos* as coisas,

ao redor de nós — não só o que vos estou dizendo, mas cada incidente, cada pensamento, os sons que ouvimos em redor de nós, o grito da ave, o bramido do mar, — de modo que, escutando, comecemos a compreender sem esfôrço algum. No momento em que fazemos esfôrço consciente, logo entra em ação o "processo" da imitação, sendo imitação ajustamento ao padrão já estabelecido pela experiência, pelo ideal, pelo desejo de alcançar um resultado. Se compreendermos isso verdadeiramente, acredito uma revolução fundamental se realizará em nós mesmos. Compreendendo que todo esfôrço psicológico, sob qualquer forma, leva à imitação, ao ajustamento, percebemos que, sempre que desejamos ser eficientes, bem orientados, firmes no nosso esfôrço, tem de haver um processo de imitação, ajustamento a padrão; e, dêsse modo, não há transformação nenhuma; apenas a mudança de padrão de ação, a troca de um padrão por outro, de uma reação por outra; e, por conseguinte, daí só resulta aumentarmos os nossos problemas.

E' possível efetuar-se uma revolução ao mesmo tempo externa e interna, sem esfôrço? Senhores, isto não é uma pergunta sarcástica, fàcilmente liquidável. Reconhecemos que todos os esforços que temos feito até agora não nos trouxeram a coisa que buscávamos, a que aspirávamos, que trabalhamos para conseguir — no sentido político, religioso ou econômico. Tal caminho, por conseguinte, há de ser totalmente errado. Se não é o caminho certo, há de haver um caminho diverso para a solução de todos os nossos problemas.

Pode a mente, que é resultado do tempo, da imitação, do desejo de segurança, ajustamento, pode a mente de tal maneira condicionada — por maior que seja o seu esfôrço — operar uma transformação? Pode essa mente promover uma revolução em si mesma?

Isto é, perguntando de outro modo, o esfôrço consciente, a ação da vontade, pode operar transformação? Conhecemos bem a ação da vontade: "devo ou não devo"; "serei ou não serei"; "tal coisa deve ser boa"; "tal coisa deve ser má"; "deve criar-se uma diferente condição social, um diferente padrão de ação"; "sou violento e devo ser não-violento" — etc., etc. Tal é o esfôrço consciente da vontade. Justamente nesse processo de "deve ser" e "não deve ser" há uma infinidade de problemas de contrôle e recalcamento, várias formas de desejos psicológicos decorrentes do recalcamento e do contrôle, os esforços contínuos, as lutas, os insucessos, as frustrações inerentes ao "processo" de alcançar aquilo que julgamos ser a Verdade. Se já refletistes um pouco a êsse respeito, se estais cônscios dessas coisas, deveis reconhecer que êste problema nos interessa não só individualmente, mas também coletivamente, social e universalmente. Como deve uma pessoa sèriamente interessada na sua própria transformação fundamental interior, operar essa transformação? Mediante esfôrço consciente, ou pelo atender à verdade relativa à falácia de todo esfôrço?

Reconhecendo a verdade sôbre tudo o que o esfôrço implica, sois capazes de escutar, simplesmente, sem tradução, sem interpretação, o que se diz? Todo esfôrço é um processo de imitação, sendo a imitação sempre um fator que condiciona a mente, e uma mente condicionada nunca encontrará a verdade relativa a problema algum. Sou capaz, sois capazes de dar atenção a um problema, sem interpretação e sem julgamento? Posso olhar, ver, ouvir a verdade respectiva? Isso não é possível no nível consciente, mas só no nível inconsciente, e quando a mente não está lutando para compreeder, nem fazendo esfôrço imitativo. E isso sòmente pode acontecer se a mente consciente — a mente

que está ativa noite e dia, numa faina incessante de construir, destruir, alterar, moldar — serenar-se, por alguns segundos, para ouvir a voz da Verdade. Penso êste é o problema que nos deve interessar, — e não o que devemos fazer, como prover sustento aos pobres ou promover uma revolução econômica, ou que espécie de deuses devemos ter, que ritos observar.

Fundamentalmente, o nosso problema é o de operar uma revolução em nossa maneira de pensar, psicològicamente, bàsicamente. Tal transformação não pode ser efetuada por esfôrço consciente, porquanto, como disse, a mente consciente se constroi em tôrno da tradição, de experiências produzidas pela ação condicionada. Assim sendo, enquanto a mente está sempre a imaginar e a conceber planos, para agir de acôrdo com êles, sob coerção, mediante ajustamento e imitação, é incapaz de encontrar uma solução para todos os nossos problemas. Ensinaram-nos desde a infância a cultivar a memória. A memória é essencial, num determinado nível de nossa existência; entretanto, a memória não nos fornece a verdadeira solução de nenhum problema; ela é tão-sòmente capaz de traduzir o problema em conformidade com sua própria condição, sua própria experiência. Se, como hinduista, experimentais uma coisa, vós a traduzis de acôrdo com vossa mente condicionada; ou, se sois comunista, recebereis a experiência ou a traduzireis segundo as definições do materialismo dialético ou coisa semelhante. Nessas condições, nunca recebeis a experiência com a mente não-condicionada; e a mente condicionada, ao criar um padrão, uma norma de ação, cria mais problemas, maiores sofrimentos e desgraça. E' isso que cumpre reconhecer. Acho de muita importância perceber que o esfôrço interior, sob qualquer forma, é sempre imitativo; esfôrço significa imitação, ajustamento; e por

meio de ajustamento não há possibilidade de transformação radical.

Pois bem, sou capaz de ouvir uma asserção desta natureza e de apreender a verdade que encerra? A vida é um processo de imitação. A própria linguagem que estou usando é resultado de imitação, de cultivo da memória e do conhecimento. O adquirir informações é um processo de imitação. Até o desejo de ser bom é resultado do temor, o qual me impele ao ajustamento. Reconheço que a memória, a experiência, o saber são coisas essenciais em certos níveis de nossa existência; porque, se eu não soubesse fazer uso da linguagem, não teria possibilidade de comunicar-me com ninguém. Quando, porém, realizo um esfôrço para operar uma modificação psicológica, para ser diferente interiormente, êste próprio processo de me tornar diferente cria outros problemas. Vejo-me assim embaraçado numa rêde de problemas inumeráveis, sem possibilidade de libertar-me. Mas, *há possibilidade de libertação, no nível inconsciente, desde que eu seja capaz de ouvir sem traduzir nem interpretar a verdade relativa ao que se me diz.* Podeis averiguá-lo, experimentando-o com vós mesmos.

Senhores, não estamos numa reunião de discussão. Esta reunião não comporta discussões.

Temos aqui um problema dificílimo; a mente está cultivando a memória há séculos e séculos, e ela é o único instrumento de que dispomos. E dêsse instrumento temos feito uso para resolver os nossos problemas. Endeusamos o intelecto (não se entenda, todavia, que devemos nos tornar sentimentais, ou devotos, ou desordenados). E' muito difícil enxergar as limitações da mente. Dificílimo perceber que os nossos problemas não podem ter solução por intermédio da mente, por intermédio do "processo" do pensamento, uma vez que

o pensamento é sempre condicionado. Não há liberdade de pensamento, visto que o pensamento, que é memória, que é o resultado de várias experiências passadas, é condicionado, limitado; e êsse pensamento, quando aplicado a resolver os nossos problemas, só pode aumentá-los e acrescentar-lhes novos problemas. Posso perceber a verdade a respeito do pensamento condicionado e deixar que ocorra uma revolução no nível inconsciente? Porque, no nível inconsciente, não há limitação, não ha ajustamento, uma vez que, lá, a mente não interfere, buscando resultado; lá, a mente não se esforça, não recalca, não procura tornar-se alguma coisa; lá, ela está apenas presente. A mente pode compreender o que é a Verdade. A Verdade não é o processo de análise, nem a simples observação do conhecimento. Mas a Verdade só pode ser compreendida no nível inconsciente, com a mente muito tranqüila, não interferindo, não traduzindo. Se percebermos isso fundamentalmente, veremos que há, aí, uma transformação radical da nossa maneira de pensar. Entretanto, como disse, a mente foi exercitada para interferir, para buscar sempre, ativamente, um resultado. E' só no nível inconsciente que se pode encontrar o Amor. E só o amor é capaz de efetuar uma revolução.

PERGUNTA: *Quem é o homem verdadeiramente religioso? Por que sinal se pode reconhecer-lhe a ação?*

KRISHNAMURTI: Que é religião? Antes de definirmos o que é um homem religioso — que é religião? Religião é celebração de certos rituais, aceitação de certos dogmas, condicionar o indivíduo desde a infância por meio de certas crenças, para torná-lo hinduista, cristão, budista ou muçulmano? O condicionamento da mente por meio de uma crença é religião? Pelo fato de

eu me intitular hinduista ou outra coisa que tal, isso me faz um homem religioso? Ou religião é o estado mental em que ocorre uma experiência que não depende da memória, um estado em que cessou de todo o condicionamento produzido pelo tempo? Religião é crença em Deus? O homem que não crê em Deus é irreligioso? E o homem que pratica boas obras, que se mostra socialmente ativo — alimentando os pobres, cumprindo rigorosamente os seus deveres, preocupado com reformas, com o padrão do aperfeiçoamento humano — êsse homem é necessàriamente religioso? O homem que cultiva a virtude, a virtude da não-violência, a virtude da não-avidez, é religioso? Ou está apenas a ajustar-se a um certo padrão, "projetado" para satisfação do seu próprio "eu"? Não devemos, por conseguinte, averiguar, em primeiro lugar, o que se entende por religião?

Ora, sem dúvida, o percebimento da Verdade não depende de nenhuma crença; pelo contrário, as crenças atuam como obstáculos ao percebimento da Verdade. Um homem que crê, que está prêso ao dogma, não conhecerá nunca o Real. Jamais conhecerá aquêle estado de êxtase e de amor. O dogma, a crença, e a experiência são-lhe empecilhos; porque a experiência nada mais é do que conservação da memória. Um homem bem "adubado" de memória, experiência, saber, nunca descobrirá Deus; tão pouco o homem que professa contìnuamente a sua crença em Deus, é capaz de encontrar a Realidade. A Realidade não se manifesta senão quando a mente está tranqüila, quando não é compelida, coagida, disciplinada. Quando a mente está tranqüila, há então, no nível inconsciente, revolução.

Pode-se julgar a ação de um homem pelas boas obras que pratica? Pode-se, por elas, saber se êle é re-

ligioso ou não? Como julgareis êsse homem? Tende a bondade de notar que isto não é argumentação sofística, sutil. Por que padrões, por que condições, o julgareis? Se êle pratica boas ações para com o próximo, alimenta os pobres, cobre-se de cinzas, põe vestes de penitente, rapa o crânio, renuncia — por isso o chamareis religioso? Renúncia é embriaguez, e o homem que se embriaga com as próprias ações, nunca saberá o que é a Verdade. Só na cessação completa do "eu", do "ego" — a qual não se consegue por esfôrço, por ato de vontade, por nenhum ato consciente — só quando presente o amor, existe a possibilidade de a mente ser religiosa.

O dizer o que é amor, porém, o discutir sôbre se o amor é isto ou aquilo, o cultivar o amor — nada disso é amor. Requer-se muita compreensão e penetração. A penetração da mente consciente só é capaz de criar embaraços maiores. Mas quando estou bem cônscio do processo do "eu", em tôda a sua extensão, do "eu" que luta para ser algo — religiosa, política, socialmente — reconheço que quando êsse "eu" se "está tornando" virtuoso ou não-violento, está-se ajustando, meramente, ao padrão da respeitabilidade; e que o "eu" que renuncia porque quer alcançar Deus, representa apenas um homem que se embriagou com sua própria imaginação; naturalmente, em tal estado, êle nunca saberá o que é o Amor, o que é a Verdade.

Sabemos disso, no fundo de nossos corações; já temos sentido nas profundezas de nosso inconsciente a necessidade de se perceber isso claramente; mas o mundo nos exige demais. As influências, as tradições, os exemplos, tudo isso é demasiado, e somos levados de arrasto pelas coisas triviais, porque desde pequenos nos ensinaram a seguir o exemplo, o herói, o grande ho-

mem; dessarte também nós nos tornamos triviais, tornamo-nos frívolos, e por isso nunca encontramos a Verdade. A verdade — a única religião — só pode ser achada, ou, melhor, pode manifestar-se sòmente quando nossa mente se acha de todo tranqüila, sem sentir necessidades, em "projetar", sem desejar "fazer" ou "não fazer". Isso não implica retirada para longe do mundo; não há possibilidade de retirada, não há possibilidade de isolamento. Estar em relação é — Vida. E nas nossas relações podemos descobrir o que é a Verdade, o que é Amor.

PERGUNTA: *Sou escritor; ouvi-vos há alguns anos e desde então não sinto mais tanta vontade de escrever. A carência de expressão é o resultado inevitável do autoconhecimento?*

KRISHNAMURTI: Por que escreveis? Escreveis para preencher-vos? Escreveis para vos tornardes famoso? Escreveis para ganhar a vida? Ou escreveis sem propósito nenhum, porque vos sentis tão cheio de vitalidade e tão rico, interiormente, que o escrever vos é uma expressão natural, e não uma profissão ou um meio de autopreenchimento? Se representa um meio de autopreenchimento, então, quanto mais vos conhecerdes, quanto mais vos estudardes, tanto mais rara se tornará a expressão por meio de palavras. Se vos estais preenchendo por meio de uma determinada condição, por meio da política, da religião, da atividade, da beneficência, pelo escrever um poema ou pintar um quadro; se vos estais preenchendo através de uma determinada ação, — então, quanto melhor conhecerdes a vós mesmo, tanto menos haverá de tal atividade.

Quando desenvolvemos qualquer ação, da qual nos advém satisfação, regozijo, pela qual nos tornamos

alguma coisa, profissionalmente, um grande político, um grande homem, uma celebridade: quando estamos tirando proveito de nossas atividades externas como meio de engrandecimento próprio — então, quanto mais autoconhecimento houver, tanto mais se reduzirão essas atividades. E' importantíssimo compreender-se isso, visto que quase todos nos estamos preenchendo por meio de algo, por meio de nossas espôsas, nossos maridos, nossos filhos, ou pela virtude. Se, dirigindo a palavra a um grande auditório, ou escrevendo um poema, eu me estou tornando alguma coisa, se com isso o "eu" se está tornando alguma coisa, — então quanto mais autoconhecimento eu tiver, tanto menos prevalecerá êsse "vir a ser". A ação não constituirá mais um meio de preenchimento do "eu".

Mas, como sabeis, somos criados, desde pequenos, para nos preenchermos. Temos uma porção de herois, uma porção de santos, uma porção de autoridades para seguir, e de *gurus* que vão dar-nos o que desejamos; destarte vemo-nos perenemente embaraçados na rêde de nosso preenchimento pessoal. Sempre que há preenchimento individual, preenchimento do "eu", é inevitável a frustração, e a frustração vem acompanhada de temor; e de novo eis-nos apanhados na mesma rêde. Há, porém, uma libertação de fôrças criadoras, a qual não é efeito de autopreenchimento. Se compreendêssemos isso com exatidão, dar-se-ia uma extraordinária alteração de nossa atividade. Atualmente não estamos libertando, nas nossas atividades, aquela energia criadora; com nossas reformas sociais, nossa literatura, nossa engenharia, nossa produção de quadros, não estamos criando. Não indica preenchimento o denominar-vos hinduista, cristão, ou comunista? Quando vos mostrais ativo, como comunista, socialista ou homem religioso, essa atividade não vos dá — a vós, o "eu"

— uma ânsia de "vir a ser", realizar, ser, de persistir em tal atividade? Não criais então problemas? Não sois cruel, não dividis, não destruis, liquidais, e criais campos de concentração, etc.? Isso será religião, para vós, será expressão; entretanto, com essa expressão criais desgraças, tanto para vós mesmo como para outros. Ora, por certo, isso não é atividade criadora, e não constitui libertação para a mente, do seu desejo de preencher-se.

Digo-vos que há uma libertação diferente, uma atividade criadora não limitada por ação condicionada. Essa capacidade criadora só pode manifestar-se quando compreendo o processo do esfôrço, quando não há imitação. Todo esfôrço é imitação, e existe imitação sempre que estou lutando para tornar-me alguma coisa. Tão-sòmente quando há cessação completa do "eu", quando não sou *nada*, absolutamente — o que não constitui uma virtude, uma coisa que preciso lutar para alcançar — surge um estado, no qual se pode compreender, na sua inteireza, o "processo" do autoconhecimento. E' só então que se opera uma libertação de energias, de caráter fundamental, atemporal, na qual há criação.

PERGUNTA: *O homem é impelido à ação conforme sua natureza intrínseca; é como se fôsse forçado a pecar, ainda que relutantemente; que fôrça impele o homem ao êrro?*

KRISHNAMURTI: Que é pecado? Que é isso que chamamos ação má ou ação boa? Senhores, procurai compreender isso; pois, compreendendo-o, achareis a vossa libertação de tôdas estas palavras, uma libertação criadora, na qual não existe pecado, não existe ação má, apenas um "estado de ser", um estado de amor,

o qual nunca erra. Mas, como não temos amor, impusemos limites às nossas mentes e à nossa ação, com o que é bom e o que é mau. Estamos presos dentro desta dualidade; e vendo-nos presos, buscamos a fuga, criando outra antítese, outra dualidade. Para a maioria de nós, virtude é tradição. Somos escravos das circunstâncias, da sociedade, da tradição, do que nos dita o vizinho, o patrão, o govêrno, ou nosso partido. Qualquer desvio das normas do partido significa pecado — não importando se o partido é religioso ou político. Todo desvio, todo afastamento do que é tradicional, do que é "respeitável", é considerado coisa má. Fomos nutridos e criados desde a infância sob tais condições; e, dêsse modo, todo desejo que vá de encontro ao que é tradicional, é chamado pecado. Existe também o impulso ao ajustamento, sendo êste ajustamento considerado coisa boa, respeitável.

Nessas condições, o nosso problema não se refere ao que é bom nem ao que é mau, ao pecado ou à verdade; nosso problema é o de nos libertarmos do temor. O homem que se libertou do temor conhecerá o amor; e o homem que ama não conhece pecado; nenhuma fôrça o impele, nada o impele, senão o amor. Não se pode ter amor, se há temor; e haverá sempre temor enquanto a mente estiver buscando segurança — segurança no Estado, segurança na religião, na crença, em vossa espôsa, vosso nome, vosso filho, vossa propriedade, vossa conta no banco. Enquanto há segurança, tem de haver temor; e o homem que está seguro, psicològicamente seguro, certo, imbuído de saber, êsse homem, no seu íntimo, tem mêdo. Êle saberá sempre o que é pecado, o que é "bom", pois está envolvido no conflito da dualidade. Mas o homem sem mêdo tem uma mente que não busca nenhuma segurança; nessa mente existe amor.

Sòmente quando ama, está o homem livre do pecado, livre de todos os impulsos criadores de atividades anti-sociais. Porque o amor é a única revolução verdadeira. Êsse estado, porém, é dificílimo de alcançar-se. Quando empregamos a palavra "amor", ela terá muito pouca significação se existe temor, o qual se expressa no ajustamento, na aceitação da autoridade. A mente limitada, tradicionalmente, pelo conhecimento, a mente buscando sem cessar um resultado, jamais estará livre do temor. O que é escuridão, o que é treva, nunca encontrará a luz.

PERGUNTA: *Estive às portas da morte. O perigo está afastado, por ora; sei, porém, ela é inevitável. Ensinai-me a enfrentar a morte.*

KRISHNAMURTI: Senhor, isso não é coisa que se ensine. Eu nada posso ensinar-vos; não sejais discípulo de ninguém; não sigais a ninguém, por mais confortante e agradável que isso possa ser. Ora bem, esta é uma questão muito complexa.

Que entendemos por "morte"? Finar-se, deixar de existir? Quando sabeis que não estais morto? Tendes sempre consciência de que não estais morrendo, de que viveis? Prestai tôda a atenção a isso. Estais sempre cônscio de estar vivo? Quando é que sabeis, quando é que tendes consciência de estar vivendo? Tendes sempre consciência disso? Tendes consciência do vosso viver tão-sòmente quando há conflito, não é verdade? Tendes consciência dêle quando estais contente, quando sois feliz, ou amais?, Podeis dizer, num dado momento, que sois feliz? Essa felicidade não deixou de existir no momento em que estais cônscio de ser feliz? Ela se tornou memória, lembrança. Prestai atenção a

tudo isso, Senhores. Não se trata de simples argumentos ou palavras sutis.

Há um estado que transcende a morte, e estou tentando comunicar-vos a sua existência, vô-lo revelar; não vou ensinar-vos a alcançá-lo, mas mostrar-vos como podereis descobri-lo por vós mesmo, como podereis experimentá-lo. Não podeis garantir-vos aquêle estado, mediante acumulação de experiências, pois, assim que há experiência acumulada, estamos morrendo, há então a morte.

Quando tendes consciência da vida, do viver? Apenas quando há doença, quando vos sentis mal de saúde. Quando estamos sãos, somos totalmente inconscientes de nosso estado de saúde; só quando nos vemos num estado de atrito, de tribulação, de conflito, de constante "vir a ser", só então é que sabemos, temos consciência do "estado de viver". Quando estamos bem dispostos, quando tudo corre suavemente, sem atritos, sem impecilhos, sem obstáculos, não há então consciência do viver.

A nossa vida, por conseguinte, é um "processo" de atrito. Só vivemos quando conhecemos lutas, tribulações, dôres e desgraças; tal é a nossa vida; sabemos quando temos ciúme, sabemos quando somos gananciosos, quando apetecemos coisas — tal é a nossa vida; e isso chamamos viver. O mêdo de perder um emprêgo, o mêdo de não ser, o mêdo de não completarmos o que começamos a fazer, o mêdo de não fruirmos o dia de amanhã, ou de não vermos o ente que amamos — tudo isso é o que chamamos vida. Apenas isso sabemos, e nada mais. Assim que tomamos conhecimento de uma coisa que chamamos alegria, ela já desapareceu, já pertence ao passado. Vivemos na nossa memória, que é passado; e assim morre o jovem e morre o

velho. Assim, pois, para nós, a morte está sempre presente. Estamos sempre morrendo e sempre com mêdo da morte. A morte nos acompanha. Eis tudo o que sabemos. Porque tudo quanto fazemos, tôdas as nossas ações, tudo o que tocamos com as mãos, tudo se corrompe. Há uma sombra de destruição que nos acompanha sempre. A coisa que amamos, destruimo-la. A coisa que admiramos, desapareceu. A coisa que acalentamos, corrompeu-se. Tudo o que tocamos se decompõe. Isto não é fantasia, é realidade. Por isso só conhecemos a morte — declínio, decomposição — e essa é que é a nossa vida. Só quando ao compreendermos êsse fato, quando o percebemos realmente, tal como é, sem tentar fugir de sua presença; só quando "convivemos" com êle e o vemos exatamente como é — só então existe uma possibilidade de se transcender esta mente, de se transcender a memória, porque tudo que tem continuidade há de encerrar, invariàvelmente, no seu seio, a semente da deterioração, da destruição.

Procurai compreender isso. Estamos sempre interessados tão-sòmente na continuidade. Queremos continuar a existir, pelo nome, pela propriedade; desejamos preencher-nos, por meio de nossa pátria, do Estado, de nosso filho; queremos que as coisas se conservem como estão. Tôda coisa que tem continuidade, é destrutiva; nela está o germe da deterioração. Só há renovação, só há criação, nas coisas que têm fim. Posso ter a renovação, se fôr capaz de "experimentar" sem continuidade, se houver a possibilidade de "experimentar" sem a memória; isso, porém, é extremamente difícil, pois tudo o que experimentamos — o pôr do sol ou a estrêla solitária nos céus — é imediatamente guardado como lembrança; porque a mente quer apenas acumular, armazenar, conservar; e a mente tem mêdo de perder o que possui.

Que somos nós? Uma massa de confusão, de anelos, de conflitos, de lutas perenes. Visto estarmos morrendo a tôdas as horas, visto que para nós a morte está sempre presente, só vivemos preocupados com a continuidade. E se ouvirdes realmente o que digo, sem o interpretardes, sem o comparardes com o Bhagavad-Gîta ou os Upanishads; se escutardes o que estou dizendo; se o experimentardes diretamente, ainda que por um segundo (o direto experimentar é aquêle estado em que a mente não está prêsa ao tempo, em que não há experiência decorrente da memória, em que o tempo não existe, em que a mente está tranqüila) vereis então que não existe morte, pois cada momento é um findar. Isto não é frase poética. E' uma realidade que podeis experimentar; e o seu experimentar não se verifica com a ajuda de nenhum padrão de ação, nem pelo cultivo da virtude. A Verdade tem de vir a vós. A Verdade não pode ser chamada. E ela só pode vir quando estais aberto, quando não tendes nenhum desejo. Só quando vazia, de todo vazia, a vossa taça, só quando sabeis que estais morto, só então se apresenta aquêle estado em que tendes a taça sempre cheia. Só há, então, Amor, o amor infinito.

11 de fevereiro de 1953.

TERCEIRA CONFERENCIA DE BOMBAIM

ACHO que uma das nossas maiores dificuldades é a de sermos "sérios", porque estamos rodeados de tantas frivolidades e distrações, tantos mentores e sistemas e filosofias, que se nos torna extremamente difícil escolher o que é correto. E isso é particularmente difícil se somos pessoas muito ilustradas, se já nos vinculamos a um determinado padrão de ação. Quanto mais vinculados estamos a um dado padrão, a um certo tipo de pensamento, de ideal, ou de ação — embora aparentemos muita gravidade, muita seriedade — não somos de fato pessoas espertas ou inteligentes; porque, é óbvio, o próprio fato de se aceitar qualquer sistema — religioso, político, científico, ou social — é condicionamento e portanto um fator deteriorante, na nossa existência. Parece-me ser dificílimo à maioria de nós agir com seriedade, sem estarmos todo enredados num determinado sistema de pensamento, ou sem estarmos encaixados numa rotina; porque só tomamos uma atitude séria quando queremos ser algo, realizar coisas, aderir a um determinado movimento, reforma, revolução; e pensamos que uma coisa não suscetível de traduzir-se imediatamente em ação não é séria.

Creio muito importante considerar esta questão. Não digo que não deva haver ação, que não deva efe-

tuar-se uma certa revolução, uma certa modificação — econômica, social, etc. Entretanto, não achais que antes de mergulharmos numa atividade, devemos perceber bem claramente o que se entende "por seriedade" e o que se entende por "ser inteligente"? Tôdas as pessoas sérias são inteligentes? E são sérias tôdas as pessoas inteligentes? O homem considerado inteligente, o homem muito lido e perfeitamente em dia com o saber científico ou os mais modernos sistemas filosóficos — é sério êsse homem? Não importa muito cada um de nós descubra o que significa "ser sério"? Porque sem seriedade, sem verdadeira gravidade, a vida tem muito pouca significação.

No caso da maioria de vós que assistis a estas palestras regularmente, se estais apenas tomados de curiosidade, se desejais encontrar solução para um determinado problema, uma resposta, não consideraríeis de que maneira é importante ser sério? Ouvis estas palestras e ides embora. Que efeito isso produz nas nossas vidas? O de ficardes a repetir meramente certas frases, palavras? O de terdes aprendido uma nova técnica, palavras novas, ou de terdes tornado mais penetrante a vossa mente? Ou êsse efeito é o que resulta do *escutar*, não do mero "ouvir" (há diferença entre "escutar" e "ouvir") e portanto o de descobrir o que significa "seriedade"? Não se trata da seriedade do homem que cultiva uma determinada virtude. O cultivo da virtude conduz, tão-sòmente, à respeitabilidade, sendo, por conseguinte, coisa vitanda. Pois o homem respeitável nunca terá a possibilidade de encontrar a alegria, a felicidade criadora.

Não importa, por conseguinte, descubramos por nós mesmos em que grau, em que profundidade nós somos "sérios"? Porque é necessário sermos sérios. A seriedade não está aliada à inteligência? Um homem

realmente inteligente tem de ser, por fôrça, um homem "sério". Vejamos o que significa esta inteligência.

Ora bem, permiti-me repetir o que disse há dias, se posso fazê-lo sem vos enfadar muito: procurai escutar corretamente, sem interpretar e sem comparar o que escutais com o que já lêstes ou ouvistes; escutar como quem escuta algo deleitável, procurando esclarecer-vos, investigando, não opondo barreiras, empecilhos, enfim, descobrindo alguma coisa. Isso é coisa muito diferente do "ouvir uma conferência". Estamos acostumados a freqüentar conferências. Ouvimos discursos e mais discursos, muito brilhantes uns, insípidos outros. Entretanto, o efeito do verdadeiro *escutar* é muito mais revolucionário do que essa simples ação. Se sei escutar-vos, se sei escutar música ou o som de uma onda — se sei verdadeiramente escutar tôdas as coisas, deixando-as penetrar-me sem esbarrar em obstáculo algum, então êsse mesmo escutar faz nascer uma *atividade extraordinária, que não representa um esfôrço consciente da minha parte.*

Talvez nos seja possível escutar dessa maneira — o que não significa "deixar-se mesmerizar", para uma determinada atitude ou ação. Não estou a sugerir nenhuma espécie de atividade ou atitude. Estou apenas tentando descobrir, junto convosco, o que é essa inteligência de tão essencial significação, da qual resulta uma seriedade, uma dedicação, uma involuntária dedicação à vida, e não a uma determinada ação; porque a vida não é uma determinada atividade, mas um "processo" total. Não é possível dedicar-nos inconsciente, involuntária e livremente à totalidade da existência? Para tanto, necessitamos inteligência extraordinária, intuição inata; precisamos ser incorruptos. E é possível tal inteligência? Porque, quanto mais lemos,

tanto mais comparamos e tanto mais nos enredamos nas confusões do saber.

Não é possível descobrir-se o que é a verdadeira inteligência, de modo que, com o funcionamento dessa inteligência, descubramos a ação verdadeira? A ação verdadeira não é imposta por ninguém — nem por Marx, nem pelo Socialista, nem pelo Capitalista ou qualquer outra entidade humana muito talentosa — é aquela que não nos obedece à ambição, ao nosso saber e erudição. Como provàvelmente jamais tivemos tal inteligência, deixamo-nos dominar por outros; e no próprio processo de nos deixarmos dominar destroi-se o cultivo ou o descobrimento da verdadeira inteligência.

A inteligência — assim me parece — é livre de tôda e qualquer autoridade. Não pode haver inteligência onde há autoridade, a autoridade do partido, a autoridade da tradição, a autoridade dos livros ou da nossa própria experiência. Porque, onde há autoridade, domínio, tem de haver escolha. E onde há escolha não há inteligência.

Escutai, por favor: deixai-vos penetrar do que estou dizendo; *escutai-o*, e descobrireis a sua verdade intrínseca, a cada passo que dermos. Apoio-me na minha experiência, pensando que ela produzirá inteligência. Será, porém, minha experiência capaz de dar tal inteligência? A experiência é capaz de produzir inteligência? Que é minha experiência? Uma série de reações a numerosos estímulos da vida. Vós me lisonjeais, e eu "reajo"; ou reajo à beleza. Esta constante relação de estímulo e reação é experiência, não é verdade? E tal experiência se baseia num fundo condicionado. E assim reage o condicionamento, o fundo condicionado, a outros estímulos; e do estímulo resulta que

começo a escolher, começo a reagir de acôrdo com o meu "fundo" (background), de acôrdo com minha preferência. Dessarte a minha experiência se converte gradualmente em autoridade — a autoridade, da qual resulta o que sou, o que escolho, o que penso. Escolha, pois, significa autoridade — a autoridade do saber, isto é, da experiência — minha, ou vossa, ou de todos os sábios.

Existe inteligência, onde há a capacidade de escolher? A escolha é resultado da experiência, minha ou de outrem; e experiência é o registro que se faz no fundo condicionado. Tôda a nossa vida está baseada na escolha. Escolho tal ou tal coisa. Escolho esta flôr ou aquêle perfume; escolho tal filosofia, tal *guru*, tal sistema político, tal chefe, etc. Tôda a minha vida está baseada numa série de interpretações e escolhas; e quanto mais alto o nível da minha escolha, tanto mais me julgo capaz de discernimento, tanto mais inteligente me considero. E' exato isso? Não há dúvida de que a escolha é necessária em certos níveis da existência, em certos setores do pensamento, da vida, da ação; psicològicamente, porém, interiormente, a escolha baseada na autoridade não mutila a inteligência? Porque, bem consideradas as coisas, quando escolho psicològicamente, não resulta essa escolha do meu condicionamento, da minha experiência? E, nessas condições, quanto mais escolho de acôrdo com a minha experiência, tanto mais condicionada está a minha mente e, por conseqüência, tanto mais escolho em conformidade com um determinado sistema de pensamento, em conformidade com a tradição, em conformidade com meu condicionamento.

O próprio "processo" da escolha baseada em autoridade não destroi a inteligência? E não é essencial a

inteligência, principalmente num mundo em que se verificam crises sucessivas, onde só se vê dominação e a imposição da autoridade? Não é essencial libertarmo-nos de tôda espécie de autoridade — o que significa: de tôda espécie de escolha — para descobrirmos o que é verdadeiro? Porque o que é verdadeiro não é resultado de escolha, não é produto de nenhuma autoridade. Se escolho, não acho a Verdade. Escolho de acôrdo com meu fundo mental (background), de acôrdo com minha experiência, ou de acôrdo com a autoridade que me oferece a segurança, a autoridade por cuja influência realizarei meu preenchimento, por cuja influência executarei certas séries de ações que me garantirão o que desejo. A escolha, pois, tal como a conhecemos, tal como a exercemos cada dia, essa escolha nos conduzirá à inteligência? Se não o faz, não é então importante averiguarmos o que é que está impedindo o funcionar da inteligência, que significa estar livre de tôda e qualquer espécie de autoridade?

E' possível viver-se num mundo cuja estrutura não se baseie em nenhuma autoridade, em nenhuma imposição cultural — social, econômica, religiosa — nem na dominação pela autoridade? Pode-se viver sem autoridade, livre de tôda compulsão ou resistência, que nos aprisiona numa certa rotina? Não é importante descobrirmos se é possível haver uma intenção séria, de nossa parte, aliada àquela inteligência em que não há escolha nenhuma? Porque, então, há ação independente de recompensa e sem nenhum fim em vista, ação que é uma revolução constante; e tal ação é necessária, em nós, individualmente, uma vez que estamos confusos. Todos os instrutores, todos os *gurus*, todos os livros, tudo falhou; os heróis perderam todo o significado e já nos não empolgam a mente e o coração, porque todos êles falharam. Não é importante, por con-

seguinte, estejamos libertos de tôda e qualquer espécie de autoridade e investiguemos o que é a Verdade, prescindindo da autoridade e da escolha? Pois, quando não mais escolhermos, quando não mais estorvarmos aquela atividade isenta de escolha, produzir-se-á, sem dúvida nenhuma, uma revolução, não só superficialmente, mas também fundamentalmente, profundamente, interiormente.

Essa ação criadora é que é essencial — criação sem escolha, independente de tôda espécie de autoridade. Porque, então, está a mente libertada do temor; só a mente que tem mêdo escolhe, e a mente que tem mêdo não é inteligência. A escolha não se baseia sempre no temor? E pode a mente ficar de todo livre do temor? A mente só pode estar livre de temor quando não está buscando um fim, um resultado, quando não está condicionada por nenhuma crença ou autoridade. Só então há a possibilidade de produzir-se uma revolução, uma regeneração, uma transformação da mente e do coração humano.

PERGUNTA: *Meu corpo e minha mente parecem constituídos de anseios profundamente arraigados e de temores conscientes e inconscientes; observo a mente, mas muitas vêzes êsses temores básicos parecem dominar-me completamente. Que devo fazer?*

KRISHNAMURTI: Senhor, averiguemos o que se entende por "temor". Que é temor? O temor só existe em relação com alguma coisa. Êle, por si só, não existe. Só existe em relação com alguma coisa — em relação com o que podem dizer a meu respeito, com o que o público pode pensar de mim, com a perda de meu emprêgo, com a necessidade de segurança, para mim, na

velhice — ou há o mêdo de que morra meu pai, de que morra minha mãe, ou sabe Deus de que mais. O mêdo *de alguma coisa.*

Ora, como posso ser livre de temor? A disciplina, de qualquer espécie que seja, pode dissipar o temor? Disciplina é resistência, é o cultivo da resistência ao temor. Ela libertará a mente do temor? Ou a manterá apenas apartada do temor — como uma parede — continuando o temor a existir, do outro lado? E' evidente, não há possibilidade de nos libertarmos do temor pela resistência, pelo cultivo da coragem; porque a coragem, pela sua própria natureza, é o oposto do temor, e quando a mente está a debater-se entre o mêdo e a coragem, não há solução nenhuma, mas só cultivo da resistência. Não há, pois, nenhum triunfo sôbre o temor, pelo cultivo da coragem.

Como posso livrar-me do temor? Prestai atenção a isto, senhores. Êste problema nos interessa, a vós e a mim, interessa a todos os entes humanos que desejam livrar-se do temor, porque, estando-se livre do temor, o "eu", o "ego", que tantos malefícios e tantas desgraças está causando no mundo, pode desaparecer. Não é o "eu", na sua própria essência, a causa do temor? Porque eu desejo segurança, e se não me vejo seguro econômicamente, quero sentir-me seguro polìticamente, socialmente, no meu nome, na vida futura; quero segurança da parte de Deus, a esperança de "ter melhor sorte na próxima vida". Preciso de alguém que me ensine, que me anime, que me proteja, que me dê refúgio. Assim sendo, uma vez que estou em busca de segurança, sob alguma forma, existe forçosamente temor, do qual resultam todos os meus anseios básicos. Assim, pois, se eu puder compreender o que é temor, talvez haja possibilidade de me libertar dessa constante escolha.

Como posso compreender o que é temor? Como posso — sem me disciplinar, sem resistir, sem fugir do temor, sem criar outras ilusões, outros problemas, outros sistemas de *gurus*, de filósofos — como posso enfrentar verdadeiramente o temor, livrar-me dêle e transcendê-lo definitivamente? Só posso compreender o temor quando não fujo dêle, quando não lhe resisto. Cabe-nos, pois, averiguar o que é essa entidade que está resistindo. Quem é o "eu" que está resistindo ao temor? Compreendeis, Senhores? Isto é, sinto mêdo; sinto mêdo do que se possa dizer de mim, visto desejar eu ser uma pessoa muito respeitável, bem-sucedida na vida, ter um nome, posição, autoridade. Um lado de mim mesmo, pois, deseja alcançar tal fim; interiormente, porém, eu sei que tudo o que fizer há de levar-me à frustração, que o que desejo fazer me fechará o caminho. Assim, dois "processos" se operam em mim: um é a entidade desejando alcançar um resultado, tornar-se respeitável, lograr bom êxito; e o outro, a entidade que está sempre com mêdo de não conseguir o que deseja.

Vemos, pois, em mim mesmo se operam dois processos, dois desejos — uma entidade que diz "quero ser feliz", e outra que sabe não poder existir felicidade no mundo. Desejo ser rico, e ao mesmo tempo vejo que há milhões de pessoas pobres; todavia, minha ambição é ser rico. Enquanto estiver na minha frente o desejo de segurança, enquanto fôr êle a fôrça que me impele, não há possibilidade de libertação; ao mesmo tempo existe em mim compaixão, amor, sensibilidade. Há uma batalha interminável, e essa batalha cria "projeções", atividades anti-sociais, etc., etc. Que devo então fazer? Como posso ficar livre desta batalha, dêste conflito interior?

Se eu puder observar um único "processo", em vez de cultivar o processo dual, há então possibilidade de fazer algo com relação a tal processo. Isto é, se eu puder observar o temor, de per si, em vez de cultivar a virtude, a coragem, posso então fazer alguma coisa com relação ao temor. Isto é, se conheço *o que é,* sem me preocupar com *o que deveria ser,* posso então modificar *o que é.* No que respeita à maioria de nós, não conhecemos *o que é;* pois em geral só estamos interessados *no que deveria ser.* Êsse "deveria ser" cria dualidade. *O que deveria ser* produz sempre conflito, dualidade.

Posso, então, observar *o que é,* sem o conflito do oposto, posso observar *o que é,* sem resistência alguma? Porque, a resistência, justamente, cria o oposto, não é exato? Isto é, quando sinto mêdo, posso observar esse mêdo sem criar nenhuma resistência? Porque, no mesmo instante em que crio resistência contra o temor, faço nascer um novo conflito. Posso observar o que é, sem resistência nenhuma? Se posso, estou então apto a fazer algo com relação ao temor.

Ora, que é temor? E' uma palavra, uma idéia, um pensamento, ou uma coisa real? O temor nasce da palavra "temor", ou é independente da palavra? Pensai cabalmente nisso, senhor, junto comigo. Não vos enfadeis. Não deixeis vossa mente evadir-se. Porque se realmente vos interessa o problema do mêdo — e êle tem de interessar-vos, como a todo ente humano — mêdo da morte, mêdo de que vos morra o avô, a avó — se vos oprime essa insólita escuridão, não deveis estudar o problema, em vez de simplesmente o afastardes de vós? Se examinarmos muito atentamente êste problema, veremos que, quando criamos resistência contra o temor, em qualquer de suas modalidades, seja fugindo, seja levantando barreiras, essa mesma resis-

tência produz conflito: o conflito dos opostos. E através do conflito dos opostos jamais alcançaremos a compreensão.

A idéia de que do conflito entre a tese e a antítese resultará uma síntese, é uma idéia falsa. O que produz compreensão é o claro percebimento do *que é*, como fato, e não a criação do oposto. Posso enfrentar o temor, observar o temor, sem resistir e sem fugir? Ora, quem é a entidade que observa o temor? Quando digo "tenho mêdo" — qual é o "eu" e qual é "o temor"? Existem aí dois estados diversos, dois diferentes processos? Sou diferente do temor que o "eu" sente? Se o sou, posso exercer ação sôbre o temor, posso modificá-lo, resistir-lhe, afastá-lo de mim. Se não o sou, porém, não há então uma ação completamente diversa?

Achais isso um tanto abstrato ou difícil, senhores? Tende paciência, penetremos o assunto. Escutai, escutai só; não vos deis ao trabalho de argumentar, porque, pelo *escutar* sem opôr argumentos, pelo simples escutar, pode-se compreender o que estou dizendo.

Enquanto estou resistindo ao temor, não estou livre dêle; há apenas mais conflito e mais sofrimento. Quando não resisto, existe só o temor. E' êle então distinto do observador, do "eu" que diz "tenho mêdo"? Que é êste "eu", que diz: tenho mêdo? O "eu" não é constituido dêsse sentimento que chamo "mêdo"?? Não é o "eu" o sentimento de temor? Se não houvesse o sentimento de temor, não haveria "eu". Por conseguinte, o "eu" e o temor são uma só coisa. Não há "eu" separado do temor; portanto, o mêdo sou "eu". Só há, pois, mêdo.

Surge aqui a pergunta: o mêdo é simples palavra? A palavra "mêdo", a idéia, o símbolo; o estado é criado pela mente, independentemente do fato? Tende a bondade de *escutar*. O mêdo sou "eu", não há um "eu" independente do temor. O homem, o "eu" diz: "sou

ganancioso"; a autoridade é o "eu". A qualidade não difere do "eu". Enquanto o "eu" está dizendo "devo libertar-me da avidez", está fazendo um esfôrço, está lutando. Mas, não obstante isso, êsse "eu" continua ávido, visto que deseja ser "não-ávido". De modo idêntico, quando o "eu" diz "preciso libertar-me do temor", está a cultivar uma resistência; e há, assim, conflito, e jamais fica êle livre do temor. Por conseguinte, só estou livre do temor quando reconheço o fato, quando há compreensão do fato de que o temor sou "eu" e que o "eu" nada pode fazer com relação ao temor. Observai o "eu" que diz "tenho mêdo, e preciso fazer alguma coisa com relação ao mêdo". Enquanto êle estiver atuando sôbre o temor, só pode criar resistência, e, por conseguinte, aumentar o conflito. Ao reconhecer, porém, que o mêdo sou "eu", não há então ação por parte do "eu"; e só aí posso estar livre do temor.

Como sabeis, estamos tão acostumados a fazer alguma coisa com relação ao temor, com relação a um impulso, com relação ao impulso sexual, que sempre atúo sôbre o impulso como se êle fôsse independente de "mim". Nessas condições, enquanto nos estivermos ocupando com o desejo, como coisa independente do "eu", tem de haver conflito. Não há desejo sem "mim". *Eu sou o desejo; as duas coisas não estão separadas.* Percebei bem isso, por favor. Há uma experiência extraordinária quando existe o sentimento de que o mêdo sou "eu", a avidez sou "eu", e não está separada de "mim".

Não há pensamento sem pensador. Assim que há pensamento, há pensador. O pensador não está separado do pensamento; todavia o pensamento cria o pensador, dando-lhe existência separada, pois o pensamento está eternamente em busca de permanência e por essa razão cria o "eu" como entidade permanente, o "eu" que controla o pensamento. Mas sem pensamento

não há "eu"; quando não pensamos, quando não reconhecemos, quando não fazemos distinções, existe "o eu"? O próprio processo do pensar cria o "eu"; e, depois, o "eu" atúa sôbre o pensamento; e a luta prossegue, assim, indefinidamente.

Se temos a intenção de ficar completamente livres do temor, devemos reconhecer a verdade de que o "mêdo" é o "eu", de que não há temor, separado do "eu". Tal é o fato. Quando estamos frente a frente com um fato, há então ação, — não produzida pela mente consciente, ação que é a Verdade, independente de escolha ou de resistência. Só aí existe uma possibilidade de se libertar a mente de tôda espécie de temor.

PERGUNTA: *Minha vida é um ajustamento constante com meu marido, com meus parentes. Julgava-me feliz; mas depois de ouvir-vos revelou-se-me a gelidez de minha vida. Que vantagem há em escutar-vos, se o que dizeis não traz luz para a minha vida ordinária, de todos os dias?*

KRISHNAMURTI: Não é importante despojarmo-nos de tôdas as nossas ilusões? Não é importante compreendermos o que somos, compreendermos os sucessos do mundo? Não podemos compreender se adotamos um ponto de vista socialista, comunista, capitalista, ou religioso; precisamos ver os fatos como são. Podemos então fazer alguma coisa com relação a êles. Se vivemos, porém, num mundo ilusório e olhamos os nossos vários problemas através dessa ilusão, não há então solução para os mesmos.

A questão parece ser esta: — Deve um pessoa despojar-se de suas ilusões para ver-se exatamente como é? Não achais necessário ter-se conhecimento, estar-se cônscio dessa gelidez? Afinal, somos entes humanos

que vivemos sem alegria, sem felicidade, tristes, e explorando os outros. Tal é o nosso estado real: utilizando os outros, para nosso preenchimento, preenchendo-nos no Estado, no partido ou na idéia. Somos entes humanos vazios. Interiormente, estamos muito sós, cheios de mêdo, na dependência de tantas pessoas, de tantas idéias, e não temos amor; eis o que somos na realidade. Não podemos olhar êste fato e não devemos ter conhecimento dêle? Podemos evitá-lo? Procuramos evitá-lo, freqüentando cinemas, lendo livros, entregando-nos a atividades várias; mas persiste o fato de que, atrás de tôdas essas atividades, somos entes humanos estúpidos, infelizes, vivendo em condições deploráveis. Não importa fazer-se frente a êsse fato, sabermos exatamente o que somos? Quando sabemos o que somos de fato, que acontece então? Procuramos alterar o fato, produzir, conscientemente, uma modificação. Compreendeis, senhores, o que estou dizendo?

Vivemos num mundo de fugas, num mundo de ilusão coletiva; fugimos das coisas como são; e quando alguém nô-las mostra e nos faz ver a sua realidade, não gostamos dela. Procuramos então fazer algo com relação ao *que é*, à realidade; isso também significa criar resistência, também significa fugir. Tal é, pois, o nosso problema. Se vejo que estou só, que sou anti-social, ávido, que tenho mêdo, desejo alguém que me diga o que devo fazer. Se tenho conhecimento de minha avidez, se estou cônscio dela, minha reação imediata é atuar sôbre ela, fazer algo com relação a ela. E ponho, assim, novamente em movimento a cadeia contínua — que é "fazer alguma coisa", "criar resistência". Entretanto, se eu puder encarar a avidez, ficar com ela, "conviver com ela", enfronhar-me em todos os seus meandros, terei então a possibilidade de transcendê-la. Mas enquanto eu tiver o desejo de atuar sôbre o que sou,

nunca serei capaz de modificá-lo. Estou só, tenho mêdo, sou infeliz; se eu puder olhar êsse fato sem compulsão de espécie alguma, sem nenhuma interpretação, produzir-se-á, então, uma revolução inconsciente.

Queremos agir conscientemente, e nossa ação consciente é muito limitada; porque nossas mentes estão sempre condicionadas. Não importa de quem seja o pensamento, todo pensar é condicionado, todo pensar é reação; e o pensamento não é produtivo, o pensamento não cria a liberdade. Produz-se a liberdade quando a mente consciente está tranqüila, quando todo o nosso ser está tranqüilo em presença do fato — do fato da solidão, do fato do temor, do fato de que odeio, do fato de que sou ambicioso. Quando a mente está silenciosa, em presença do fato, há então uma revolução inconsciente. A revolução está no libertar da energia criadora. Essa revolução é de essencial importância para a formação de uma sociedade criadora. Mas, nunca chegamos a êsse ponto; queremos sempre fazer algo com relação ao fato — o fato de que sou infeliz, de que estou deprimido, de que sou ambicioso. No momento em que reconheço o fato, minha mente começa a atuar sôbre êle com o fim de modificá-lo, controlá-lo, moldá-lo. Assim é a mente.

A mente consciente nunca encara o fato e jamais "fica com êle", sem o desejo de alterá-lo, modificá-lo. A verdadeira compreensão está no ver a coisa tal como é. Asseguro-vos a revolução do inconsciente, dar-se-á, então, a revolução não dependente de "motivos". Tal é a única revolução verdadeira; pois nessa revolução há a liberação da energia criadora, da potência criadora que é o amor.

PERGUNTA: *Ouço-vos, e às vêzes estou certo de que vos compreendo. Outra pessoa emprega as mesmas*

palavras, e não há compreensão. O que é que se compreende?

KRISHNAMURTI: Que entendeis por "compreender"? Quando é que compreendeis? Quando digo "compreendo-vos", que quero dizer? Ouço meramente as palavras, ou há um processo mais profundo em funcionamento? A compreensão se dá no nível verbal? Isto é, ouço-vos, e traduzo o que dizeis, e digo "sim, compreendi". E' isso o que significa "compreensão"? Ou a compreensão é coisa inteiramente diferente? A compreensão não é a simples audição verbal, mas o percebimento da verdade ou da falsidade do que se está dizendo.

Que é que compreende? E' um estado, uma reação? Escutai isso, por favor. Muito importa averiguá-lo, desde que, assim, a chave de todo o processo da compreensão, do entendimento, pode ser encontrada. Estamos escutando, quando interpretamos? Compreendo o que dizeis, quando o estou traduzindo? Quando, por exemplo, dizeis "sê bom!" — que efeito tem isso em mim? Vós o dizeis com plena intenção, com o sentimento do "ser bom" sem nenhuma tendência de reserva, de inibição? E sou capaz de escutá-lo sem o traduzir, sem dizer "como posso ser bom, nas minhas circunstâncias?" Sou capaz de escutar o que dizeis, sem o traduzir, acomodando-o às minhas circunstâncias? Posso escutar-vos sem nenhuma barreira? Não é só então que vem a compreensão?

A compreensão não é algo que nasce sem esfôrço? Se estais fazendo um esfôrço para compreender-me, tôda a vossa capacidade se consome nesse esfôrço; não me escutais. Se não estais fazendo esforço, se estais simplesmente escutando, sem compulsão, sem tradução, sem interpretação, sem comparação — o que sig-

nifica que estais deixando as palavras, o pensamento, o sentimento, a coisa que se diz, a totalidade da coisa que se está sugerindo, que estais deixando tudo isso penetrar-vos — não há então uma comunhão direta de algo que eu vejo e que vós também vêdes? Então, essa compreensão — que não é minha nem vossa, porém *compreensão* — é o lampejo de algo que é verdadeiro. *A compreensão, pois, não é pessoal. Não é vossa nem minha. E' um "estado de ser" em que a mente é capaz de receber o que é a Verdade.* Entretanto a mente é incapaz de receber a Verdade, se está limitada pela autoridade, pela tradição; está então comparando o que se diz com o Bhagavad-Gîta, com a Bíblia, com isso e com aquilo. Não há dúvida, pois, de que a compreensão é um estado em que a mente não está comparando, no qual não há autoridade alguma; é percebimento sem escolha; dessarte, a mente vê diretamente, sem nenhuma interpretação, sem nenhum intermediário. Assim, pois, se nós dois, vós e eu, pudermos ver, se pudermos achar-nos naquele estado, é óbvio que haverá então percepção imediata do que é verdadeiro.

Mas, no que respeita à maioria de nós, nosso conhecimento, nossas experiências, autoridades, compulsões, as várias atividades de nossa vida diária nos estão impedindo de experimentar diretamente algo que é verdadeiro. Por mais que me ouçais, vossas mentes estão sendo estorvadas de tal maneira pela autoridade, pelo saber, pela experiência, que sois incapazes de ver as coisas diretamente. Assim, pois, apenas vem a compreensão quando a mente está realmente tranqüila, quando não é coagida, compelida, quando, na sua tranqüilidade e serenidade, a mente está receptiva. Se compreensão não é acumulação, não se pode juntar compreensão; não se pode armazenar compreensão. A compreensão vem em clarões, numa série de clarões ou

num só clarão de longa duração — o que indica que a mente deve achar-se sobremodo tranqüila, *escutando,* sem fazer escolha alguma. Mas uma mente condicionada, uma mente disciplinada, aprisionada, limitada por compulsões — essa mente não pode compreender, não pode experimentar diretamente a Verdade. E é êsse experimentar da Verdade, de momento em momento, que produz a libertação criadora.

PERGUNTA: *Falais de revolução no inconsciente; mas, uma vez que o inconsciente é uma dimensão desconhecida pelo pensamento, como posso saber que houve uma revolução profunda? Não estais empregando estas palavras para hipnotizar-nos, fazendo-nos imaginar um estado?*

KRISHNAMURTI: O inconsciente não é também o consciente? Isto é, a consciência, como a conhecemos, é luta. Só estou cônscio, quando há conflito, quando há desafio, quando sofro, quando me esforço conscientemente para fazer ou deixar de fazer uma coisa. Mas não existem, atrás dêsse esfôrço consciente, muitos "motivos" ocultos, muitas compulsões, impulsos, tradições, que constituem nossa herança secular? Eu sou tanto o consciente como o inconsciente. Um e outro constituem o "processo" do pensamento, não é verdade? Suponhamos que eu costume celebrar rituais, *puja;* esta é uma ação resultante da velha tradição segundo a qual fui educado; baseia-se essa tradição no tempo, no desejo de encontrar a paz, a esperança, a recompensa, etc.; tal é o "motivo" inconsciente que me leva a executar uma certa ação. Todo o "processo" da consciência não é resultado do pensamento? Posso não pensar na idéia; o inconsciente pode não tê-la elaborado; tudo isso, porém, não constitui o processo do pensar? Eu posso não ter

inventado o *puja,* mas alguém o inventou e fui condicionado nisso; isso é o inconsciente, meu inconsciente profundo. Fui educado como capitalista, comunista, ou socialista, e dessa base eu ajo e reajo. Os "motivos", os impulsos, as condições inconscientes são o resultado de pensamento criado por mim ou por outro, pela sociedade, pelas circunstâncias.

Pode o pensamento realizar uma revolução? Prestai atenção a isso. Sendo condicionado, estando sempre condicionado, pode o pensamento efetuar uma revolução — que se faz tão necessária — revolução radical, e não revolução econômica, parcial? Pode uma revolução profunda, uma revolução fundamental ser realizada pelo pensamento? O pensamento, consciente e inconciente, é um processo total. Meu inconsciente pode estar encoberto e eu posso não me ter ocupado com êle. Entretanto, êsse inconsciente nem por isso deixa de estar presente, e êle é o resultado de pensamentos, pensamentos de meus ancestrais, pensamentos contidos nos livros — saber — experiência. Tudo isso é produto do pensamento. Reconheço, pois, que todo êsse processo é pensamento, e percebo que o pensamento condiciona; como pode, então, o pensamento produzir uma revolução radical? Mas há uma revolução que está além dos limites do pensamento; e é aí, além dos limites do consciente, além dos limites do pensamento, que se faz necessária a revolução.

O Amor é coisa cultivável? Sei quando amo? O amor é um "processo" consciente? Se sei que vos amo, isso é sensação e portanto não é amor, não achais? Se tenho consciência de ser humilde, se tenho consciência de ser benevolente, isso é humildade, é benevolência? Por conseguinte, o amor, a humildade, não é um estado do qual não tenho consciência, no sentido de "pensamento" — "pensar"?

A revolução de que falo é possível sòmente quando o pensar, como reação, como estado condicionado, cessa. Só então há revolução. Senhores, não afasteis isso para o lado, como uma idéia extravagante; procurai compreendê-lo, investigai-o, senti-o plenamente. Vereis tôda espécie de pensar é condicionada — o pensar comunista, o socialista, o católico, ou o pensar do homem religioso. O pensar é condicionado; e enquanto estivermos operando dentro de um campo condicionado, teremos sempre novos problemas de ações condicionadas; e nisso não há libertação, não há ação criadora. Só há ação criadora, libertação, quando a mente está de todo silenciosa. Êsse silêncio não é cultivável conscientemente. Não posso cultivá-lo, porque o esfôrço consciente feito para produzí-lo é resultado de um pensamento, de um desejo, de um fim condicionado; por êsse motivo não há revolução; há apenas uma conclusão, um resultado; e a mente que busca resultado não é revolucionária.

Assim, pois, só a mente que está tranqüila é capaz de receber o que é verdadeiro — não qualquer coisa extraordinária, mas o que é verdadeiro a cada momento, a Verdade daquilo que vemos, a palavra, o pensamento, o sentimento. Só quando a mente está deveras tranqüila, sem compulsões e incentivos, se verifica a revolução. Essa revolução é uma revolução de pensamento produzida pela Verdade — não por meio de alguma espécie de cultivo, e sim pelo escutar o que se diz. Não podeis escutar, porém, se argumentais comigo — o que não significa queira eu hipnotizar-vos. Em verdade, estais sendo hipnotizados todos os dias, pelos jornais, pelos políticos, pelos "praticantes de boas obras", por vossa religião, pelo vosso Bhagavad-Gîta, pela Bíblia, pela gente que vos domina ou vos impele, pela ação dirigida para um fim em vista. Tudo isso não

constitui um processo de hipnose? Todo o "processo" da propaganda é um sistema de hipnotismo, a que estais submetido.

Eu falo de coisa inteiramente diversa. As duas coisas não são compatíveis, pertencem a dois mundos totalmente diferentes. Digo tão-sòmente isto: se sabemos escutar, a Verdade libertará uma atividade criadora em entes humanos; e sem êsse poder de criar, nós nos tornamos extremamente caóticos, destrutivos; por mais nobres que sejam as nossas intenções, tôdas as nossas ações só produzirão desgraças e malefícios. Essa atividade criadora é Amor. Sem Amor não há revolução, e o amor não é uma ação consciente. O amor é algo além dos limites do pensamento. Só se pode compreender, sentir, experimentar o amor, quando a mente se acha de todo tranqüila; e só então existe a possibilidade de efetuar-se uma revolução fundamental no mundo.

15 de fevereiro de 1953.

QUARTA CONFERÊNCIA DE BOMBAIM

PARECE-ME que uma das coisas mais difíceis que há é a comunicação. Desejo dizer-vos uma coisa e naturalmente tenho de empregar palavras. As palavras estão de tal maneira pejadas de diferentes variedades de sentido, que se torna sobremodo difícil à maioria de nós comunicar direta e simplesmente o que desejamos dizer uns aos outros. E isso é particularmente difícil quando se trata de coisa um pouco mais sutil, imperfeitamente definida e requer não só a simples transmissão verbal mas também comunicação num nível superior ao das meras palavras. A mente se rebela contra tudo aquilo de que não pode apoderar-se, em que não pode cravar os dentes.

A dificuldade da maioria de nós resulta do querermos sempre uma norma precisa de ação. Desejamos saber o que fazer, como devemos comportar-nos, principalmente quando estamos confusos e quando o próprio objeto de nossa escolha é produto de nossa confusão. Quando escolhemos do meio de nossa confusão, o líder, ou a idéia, ou o sistema, nossa escolha pode, apenas, conduzir-nos a mais confusão, maiores desgraças e sofrimentos. Porque, se da minha confusão escolho uma ação, esta ação forçosamente me levará a uma confusão maior. Êste é um fato óbvio a que, infeliz-

mente, em geral, não damos atenção. Uma vez que a maioria de nós está muito empenhada em achar um método, uma norma de ação, parece-me ser muito importante, não que saibamos o que devemos fazer, mas, sim, que saibamos pensar.

Os mais de nós estamos habitualmente interessados em saber o que devemos fazer. Temos modelos, temos heróis, temos preceitos e ideais para seguir. Mas o que é importante é a maneira do nosso pensar porque, se puder haver revolução aí, então talvez seja possível produzir-se uma revolução em nossa ação. Não achais, portanto, que tem muita importância descobrirmos como devemos pensar, e não o que devemos fazer? Pois no momento em que estamos condicionados por uma atividade, por um sistema de pensamento, as nossas ações se tornam mais e mais complexas, mais e mais confusas, mais e mais dificultosas, condicionadas, disciplinadas, moldadas; daí resultando, por conseguinte, mais confusão. Parece-me, pois, que o importante é sabermos pensar; e então talvez haja a possibilidade de modificarmos êsse pensamento, de produzirmos uma revolução no nosso pensar, criando assim uma nova conduta de vida, uma nova norma de ação. *Há um estado de ser, que é revolução; e há um estado de "vir a ser", que é confusão.* A norma habitual de quase todos nós é o "vir a ser" — tornarmo-nos coisa mais importante; alterar nosso método de ação, ajustando-o a determinado padrão de pensamento; seguir o líder; cultivar uma virtude; passarmos da avidez à não-avidez; cultivar ou praticar certas maneiras de pensar. E tudo isso implica — não é verdade? — tudo isso implica num "vir a ser", no qual nunca há transformação, jamais revolução. "Vir a ser" é meramente uma forma de continuidade; nêle não há revolução nenhuma, nunca é possível a transformação. Apenas

num *"estado de ser"* são possíveis a revolução e a transformação. Ora, *"o que vem a ser"* nunca pode compreender *o ser*. Quando *"o que vem a ser"* observa *o ser*, não há *ser*.

Tende a bondade de seguir isto literalmente. Acho muito importante compreender-se isto, visto nossas mentes estarem já muito habituadas a "vir a ser", a acumular experiências para base de nossa conduta futura. Nosso pensar está baseado no conhecimento, na experiência, nos exemplos, na memória, — tudo isso compreendido no padrão da continuidade. Pode operar-se uma "modificação" da continuidade; jamais, porém, uma revolução, uma transformação.

"O que vem a ser" está sempre empenhado em transcender, ultrapassar a si mesmo. Sou resultado do tempo, da memória, da experiência, da escolha constante, da diferenciação; sou a continuação do passado, no tempo; minha mente, pelo seguir, rejeitar, aceitar, está tôda encerrada no padrão, no campo do "vir a ser" — não é verdade? Sou uma coisa hoje e quero ser outra coisa amanhã. A "projeção" — amanhã — é a continuidade de hoje. E' a isso que a mente está habituada, a êsse resultado de acumulação, da memória, não é verdade? Isto não é complicado. Observai vosso próprio pensar; observai as várias maneiras da vossa ação, dos vossos desejos; vereis que é exatamente assim. Estamos sempre empenhados em tornarmo-nos algo — o escriturário quer tornar-se gerente, o gerente, diretor, o político quer ser o líder mais excelente, etc., etc. Há continuamente êsse *"vir a ser" alguma coisa;* e com êle esperamos promover uma revolução, uma transformação. Mas isso é impossível, pois aquilo que continua não pode nunca operar uma transformação em si mesmo.

Ora bem, com essa mentalidade, com essa mente, com o processo dêsse pensamento, observamos *o ser* — o deus verdadeiro, ou o que quiserdes, o qual desconhecemos. *O que vem a ser* está sempre especulando a respeito do *ser; o que vem a ser* está sempre observando *o ser*, procurando apreendê-lo, apoderar-se dêle, ajustar-se a êle. Nessas condições, quando vós — *o que vem a ser, o "eu"* — quer apoderar-se do *ser*, não há êsse *ser*. Visto que a minha mente se habituou a pensar em têrmos referentes ao tempo, visto ser minha mente produto do tempo, não sou capaz de pensar senão em termos de "vir a ser" ou "não vir a ser". Assim, pois, no próprio processo de "vir a ser" há conflito, e esperamos, através do conflito, chegar a um resultado. Assim é nossa vida. Queremos alcançar um resultado, um fim, e procedemos por várias maneiras para alcançá-lo — sempre por meio de esfôrço, de luta, complicações, escolha, desejando tal coisa, moldando e aceitando tal coisa, etc., etc. Tal é a nossa vida, não é exato? O "que vem a ser", pois, está sempre tentando seguir uma linha de ação — o culto do herói, o cultivo da virtude, etc. Está sempre tentando apreender o estado que é o *ser*, o único estado em que é possível a revolução. E' importante, assim me parece, compreendermos que, no "vir a ser" não pode haver alteração, transformação radical. Que devemos então fazer? Estais seguindo?

Desejo comunicar-vos uma coisa e tenho de empregar palavras. Ides traduzir estas palavras de acôrdo com o vosso condicionamento e, dêsse modo, interrompe-se a comunicação entre vós e mim. Desejo comunicar-vos uma coisa muito simples, que é: *não há felicidade, não há transformação, não há revolução no "vir a ser"; só no ser existe a possibilidade de transformação fundamental e radical.* Mas *o que vem a ser* nunca

pode compreender *o ser. Quando aquêle que "vem a ser" observa o ser, o ser se torna estático, imóvel.* Vemos, pois, que o que a mente escolhe está sempre compreendido nesse vir a ser, no desejar fazer alguma coisa. Percebeis o problema?

Como posso eu, que fui "condicionado", (minha educação, minha criação, minha religião, todos os meus esforços são para *vir a ser*) como posso sustar *o vir a ser?* Não sei se já tendes refletido sôbre êste problema; agora, porém, que estou falando, como é que o vêdes? Que sentis em presença dêle? Todos os nossos compêndios, tôdas as nossas religiões, todos os *gurus,* todo o processo do pensamento, tudo isso está em relação com *o vir a ser alguma coisa* — temos de ser primeiro regionalistas, depois nacionalistas, depois cosmopolitas; primeiro sois criança, depois homem maduro, e, por fim, morreis; tendes de passar por êsse processo evolutivo, para alcançardes a realidade suprema. Nossa mente está condicionada na maneira de pensar que o mundo pode ser transformado gradualmente, que não é possível criar-se instantâneamente um estado revolucionário; que isso tem de vir através de um "processo gradativo" de tempo; que todos devemos ser dedicados; que todos devemos ser educados de uma certa maneira; pensar numa certa maneira de ação, etc. Conhecemos muito bem êsse processo de pensar. Devo dizer-vos que por êsse caminho não há revolução, não há alteração, nenhuma possibilidade de transformação. E, no entanto, a transformação é essencial para que se possa produzir um mundo diferente.

Encontrais mendigos famintos na estrada, criancinhas ao relento. A criancinha precisa de carinhos, de alimento, de amor, e precisa da liberdade verdadeira e da educação que a faça sem mêdo. Ora, é possível transformar-se o mundo imediatamente, e não daqui

a alguns séculos? Êste problema não vos interessa também? Há crianças com fome, e nós inventamos uma teoria socialista, uma teoria comunista, a qual, no fim, dará alimento às criancinhas; e, enquanto isso, as criancinhas vão morrendo de fome. E durante a edificação do sistema surge um sem número de complicações, destruições, desgraças, extermínio, campos de concentração — e tudo isso representa o processo de "vir a ser", não é verdade?

Deve, portanto, haver uma solução diferente para êste problema. Pode minha mente, que tão condicionada está no "vir a ser", imobilizar-se e tornar-se capaz de receber *aquêle ser* que não pode ser observado, não pode ser compreendido por *aquêle que vem a ser?* Como posso eu, produto do tempo, da memória, que estou sempre *"vindo a ser" alguma coisa,* sempre a aceitar ou a recusar algo, positiva ou negativamente, como posso produzir em mim mesmo uma fundamental revolução de valores, de pensamento, de desejos, de tôdas as coisas, radicalmente, para que possa haver felicidade, não só em mim, mas também nas minhas relações com o mundo, com os meus semelhantes? Êste problema não vos interessa também? E se êle é tanto vosso como meu, de que maneira agimos? Agimos em relação com *o vir a ser* ou em relação com *o ser?* Não há *ser,* se há *vir a ser.*

Como já disse anteriormente, tende a bondade de escutar. E' muito importante escutar, para se compreender uma coisa que é verdadeira, porque êsse próprio escutar do que é verdadeiro tem um efeito extraordinário na mente. Se sei escutar, se sou capaz de ver a beleza, sem interpretação, essa beleza tem sôbre mim um efeito extraordinário. Se sou suficientemente sensível, tanto para ver a beleza como para ver a fealdade da vida, vê-las sem interpretar, vê-las simplesmente,

isso tem um efeito extraordinário. De modo idêntico, se sei escutar uma coisa que é verdadeira, justa, sem traduzi-la e sem compará-la com o que já foi dito por algum instrutor, pelo Bhagavad-Gîta ou por algum livro; se sei escutar sem tradução, êsse escutar, então, essa receptividade à Verdade, tem um efeito extraordinário. Uma revolução inconsciente se está processando, quando sabemos escutar.

Escutai pois isto: só pode haver revolução, quando há *ser*, do qual pode resultar a ação verdadeira. Enquanto, porém, a mente se encontra aprisionada no perene processo de *vir a ser*, não pode haver revolução, nem transformação, e não pode haver amor; apenas infelicidade, mais ódios, e maiores guerras. Que deve, pois, a mente fazer? Ela não pode passar ao outro estado. A mente que é, em si, o processo de vir a ser, não pode passar para o outro estado e assimilá-lo; *ela não pode tornar-se o ser*. Não pode buscar *o ser*. No momento em que ela está consciente *do ser*, está morto *o ser;* já não é *o ser* uma coisa vital, já não exulta, já não vive, já não age construtivamente. Que deve então fazer a mente, reconhecendo a sua impossibilidade de promover uma revolução em si mesma? *Escutai* só, não respondais a esta pergunta. *Escutai*.

E' necessária ação; as guerras precisam acabar, e não deve haver mais miséria. Reconhecemos, é essencial que haja uma revolução, uma revolução fundamental, ampla, e não uma revolução parcial, limitada. Faz-se necessária uma revolução total. Pela investigação, percebe-se que a mente não pode operar uma tal revolução. O comunista, o socialista, ou a pessoa dita religiosa não pode realizar uma revolução que seja total; podem operar reformas parciais, mudanças parciais; tudo, porém, será apenas continuidade modificada. E' necessária uma revolução total, para

criarmos um mundo diferente, um mundo, não vosso, não meu, mas que seja de todos nós, juntos; e só pode verificar-se esta revolução quando há *ser e não vir a ser*. Assim, pois, todo e qualquer esfôrço que fizerdes para revolucionar *o ser*, constitui justamente uma negação da revolução. Isto é, se faço um esfôrço para compreender aquêle "estado de ser", em que há revolução radical, o ser se torna um estado morto. Assim, quando minha mente compreende essa coisa, inteiramente, ela, a mente, se torna muito traqüila; não faz, então, mais esforço para ser ou não ser, segui bem isso, por favor. A mente se torna tranqüla, e compreende-se então, na sua totalidade, o processo do *vir a ser*.

A mente não pode chamar a si *o ser*. *O ser* apenas pode manifestar-se quando a mente está de todo tranqüila, quando não persegue alguma coisa, quando não busca um resultado, quando não quer tornar-se virtuosa. Porque, o "eu" é *vir a ser*,, o "eu" é *o que vem a ser;* e enquanto existir "eu" não pode haver *ser*. O "eu" pode pôr vestes diferentes, de côres diversas, e pensar que se está modificando, que está produzindo revolução; mas, no centro, continua presente o "eu", e êle não pode extinguir-se por meio de disciplina, de contrôle, de sacrifício, da observância de exemplos. O "eu" existe em virtude do próprio esfôrço que faz, para ser ou não ser. Continuai a escutar.

Tôda vez que a mente faz um esfôrço, êsse próprio esfôrço vai reforçar o "eu" — o "eu" que se identifica com o Estado, com o partido, com a virtude, com certo sistema de pensamento, com a religião, com qualquer coisa, enfim. Por conseguinte, não há, através dêsse processo, revolução nenhuma, não há transformação; há tão-sòmente mais desgraças, maior confusão, mais guerras, mais ódios. Quando reconheço isso, quando minha mente reconhece isso, há então tran-

qüilidade; há aquêle silêncio tão essencial *ao ser;* e, só então, há uma possibilidade de revolução radical.

PERGUNTA: *Tenho desejo de suicidar-me; a vida não tem finalidade nem significação alguma. Para qualquer lado que olhe, não vejo senão desespêro, sofrimento e ódio. Por que devo continuar a viver neste mundo monstruoso?*

KRISHNAMURTI: Por que uma pessoa se suicida? Não há diferentes maneiras de nos suicidarmos? Não vos suicidais, quando vos identificais com vossa pátria? Não vos suicidais, ao vos tornardes membro de um partido, ao ingressardes numa seita? Não vos suicidais quando crêdes em alguma coisa? Isto é, entregai-vos de corpo e alma a algo que é "maior"; essa coisa "maior" é vossa "projeção" daquilo que pensais *deverieis ser;* a identificação de vós mesmo com uma coisa maior (e essa coisa maior é o vosso desejo de algo mais digno) é uma maneira de nos suicidarmos. *Escutai* isso; não o rejeiteis, Senhores.

Muitos de vós estais identificados com êste país; estivestes na prisão, tendes lutado. Não vos suicidastes por uma causa muito insignificante? Outro se suicida por não mais ter crença; tornou-se cínico, tôda a sua vida intelectual levou-o, apenas ao desespêro e ao sofrimento, e por isso êle se suicida. O homem que crê e o homem que não crê, tanto um como outro se suicidaram, cada um à sua maneira, visto que todos dois querem fugir de si mesmos. Querem fugir, servindo-lhes de fuga a pátria, a idéia do nacionalismo, a idéia de Deus; e quando Deus e o nacionalismo falham, ou quando falha a pátria ou o ideal que ela representa, êsses homens se vêem na escuridão. E, também, quando qualquer de nós depende de um amigo ou depende da

pessoa amada, se nos tiram êsse arrimo, vemo-nos de novo à beira do precipício e dispostos a dar o salto na treva. Dessarte, todos nós — pela identificação com algo que é "maior", pela crença, e por várias outras maneiras de fuga, procuramos evitar a nós mesmos; e quando tornamos a cair em nós mesmos, vemo-nos perdidos, sós, desesperados. E estamos prontos a suicidar-nos. Tal é a nossa condição, não achais? Uma pessoa que amais vos abandona, e sentis ciúmes; revela-se-vos a vacuidade da vossa mente e do vosso coração, e ficais aterrado; e, conseqüentemente, estais disposto a abrigar-vos num novo refúgio; e assim por diante.

Assim, pois, enquanto não compreendermos a nós mesmos, achar-nos-emos sempre na orla da escuridão. Dizemos que o mundo é horrível, que o mundo é miserável. O mundo, porém, é uma coisa que nós criamos, o mundo são as nossas relações com outro. Se nessas relações há dependência, então tem de haver temor, frustração, desilusão; e daí, o desejo de suicídio. Todavia se tendes uma crença muito forte, ela vos contém; e essa crença mesma condiciona-vos a mente, conscientemente, de modo que não vêdes a necessidade de exame interior; essa crença atúa ela própria como meio de fuga. Quanto mais religiosa uma pessoa, tanto menor a inclinação para o suicídio.

Quanto mais indagais, quanto mais investigais, tanto maior se vos torna o mêdo de conhecer intimamente a vacuidade de vossa solidão. Mas, não deveis olhar de frente êsse vazío, sem estardes amparado em alguma coisa? Não deveis pôr-vos no estado em que vos vêdes completamente só, e compreender êsse estado? Não deveis vêr-vos só, para achardes aquilo que "é só", aquilo que não está contaminado, que nunca foi pensado? Não podeis, porém, alcançar êsse "estado de só", se tendes mêdo da solidão. Quase todos

temos mêdo de olhar-nos a nós mesmos, e temos por esta razão muitas vias de fuga; e quando se mostram improfícuas essas vias, tornamos a cair em nós mesmos. E' êste o momento oportuno para nos examinarmos interiormente; temos de compreender êsse vazio, e não fugir-lhe da presença, por meio de ritos, de distrações de qualquer espécie, do saber ou da crença.

Só podeis examinar êsse vazio quando vossa mente nêle se absorve por inteiro, quando tomais conhecimento dêle sem nenhuma tendência a traduzí-lo e sem desejardes que êle se modifique — e isso é coisa muito difícil. Visto sermos em geral, muito preguiçosos, preferimos refugiar-nos numa crença qualquer ou suicidar-nos. Assim, pois, é só quando uma pessoa compreende o que significa a solidão e a ela se sujeita, aí, sòmente, essa pessoa se purifica para "ser só"; e apenas essa solidão pode achar aquilo que é *o ser,* onde não existe "o eu", com tôdas as suas lutas, contradições e confusões.

PERGUNTA: *Tenho conhecido momentos de tranqüilidade, um sentimento de perfeito equilíbrio, mas tais momentos são sempre passageiros; como manter êsse equilíbrio?*

KRISHNAMURTI: Por que quereis conservar êsse equilíbrio? Não está aí o mesmo desejo de continuar, o mesmo desejo de estardes apegado a uma coisa que possuis? A felicidade é uma experiência, um sentimento de serenidade, é tranqüilidade. Tivestes esta experiência e desejais conservá-la. O próprio desejo de a conservar significa dar-lhe continuidade, não é exato? E o que tem continuidade não pode experimentar o novo. Aí está o nosso embaraço.

Estamos por demais limitados pela tradição, nossa mente está sobremaneira condicionada pela tradição, pela beleza de ontem, pela tribulação de ontem, pela experiência de ontem. A mente está saturada dos muitos dias passados, não sendo possível penetrá-la nenhuma experiência nova; e quando por acaso isso acontece, queremos conservar a experiência em nosso poder; e dêsse modo o momento tranqüilo se torna "habitual", o momento "tradicional"; e essa mente, portanto, já não é uma mente tranqüila. E' oprimida pela carga de suas aquisições. E a mente oprimida pelo pêso do passado é incapaz de ser tranqüila, vive apenas de lembranças, como um velho. Uma mente velha, dobrada sob a carga do passado, não pode de maneira nenhuma compreender uma mente tranqüila. Escutai isso, e achareis a maneira de alijardes o passado e têrdes uma mente nova.

Nosso problema não se refere à adoção de novos métodos, novos sistemas de ação; é, antes, o de como sermos criadores. Não somos criadores, na nossa vida, nas nossas maneiras de pensar, nas nossas atividades. Somos simples máquinas rotineiras, e nossa educação é o cultivo daquela rotina que é a memória; e, uma vez não somos criadores, todo alento novo e criador logo se torna velho, prendendo-se à tradição e perdendo-se de todo. Assim, pois, se realmente puderdes escutar e compreender isso, vereis que tôda acumulação, de virtude, ou de dinheiro, ou de posses, constitui uma carga para a mente, e por êsse motivo a mente se torna incapaz de conhecer o novo, incapaz de ser nova; e o que é de essencial importância no mundo, nos dias atuais, é a mente nova, a mente criadora — não uma mente inventiva. Não é possível ter-se uma mente criadora, quando a mente está "vindo a ser", quando pos-

sui alguma coisa, quando está aprisionada no processo da memória.

Está visto, pois, a mente que acumula experiências felizes não é uma mente criadora. Uma mente carregada do passado e, por conseguinte, cheia de mêdo, é incapaz de promover a revolução do *ser*. Se fôrdes capaz de escutar isso e de deixardes a sua verdade operar inconscientemente, sem nenhuma ação por parte da mente, visando a um alvo, vereis então como a mente se liberta do passado, não num futuro distante, mas imediatamente. Significa isso que é necessário terdes a capacidade de escutar, de escutar muito atentamente e sem interpretação. Só então existe a possibilidade de a mente ser criadora.

PERGUNTA: *Compreendo, Senhor, o vosso encarecimento da necessidade de revolução na psique humana e vossa decidida recusa a abonar meras idéias; mas, Senhor, a nossa maneira de vida influi-nos na psique; por que não pregais a voluntária distribuição de terras e propriedades, ajudando assim a criar uma atmosfera adequada à compreensão de vosso ensino pelos homens e mulheres comuns? Por que não estabeleceis a condição mínima que deve preencher todo aquêle que busca a Verdade?*

KRISHNAMURTI: Senhor, que há de importante nesta pergunta? O padrão mínimo para o homem que procura a Verdade? Mas, essas coisas estão nos vossos livros, não? Não vos disseram sempre, desde que começastes a viver, que deve haver generosidade, que deveis ser bom para com os outros, deveis dar aos outros do pouco que possuirdes, deveis amar, que não deveis ser ganancioso? Tudo isso são ideais muito

bons, não são? Porque não tendes generosidade no vosso coração, a generosidade do coração ficou sendo uma idéia. E o fato é mais importante do que o mínimo daquilo que deverieis ser, o padrão mínimo que deveis alcançar.

A redistribuição das terras criará uma atmosfera adequada? Se todos tiverem terras suficientes, suficiente alimentação, roupa e morada, criarão uma atmosfera adequada para o homem que busca a verdade, para o ente humano? Senhor, qual é a essência desta pergunta? Nossas mentes são insignificantes, pequenas; e acreditamos poder ampliar a mente por meio de regulamentos, pela criação da atmosfera adequada, pela redistribuição das terras, pela revolução econômica. O problema não diz respeito à distribuição das terras ou à espécie de sistema econômico que devemos ter; o problema é a pequenez da nossa mente. Não percebemos isso.

De que se constitui a mente que é pequena? A pergunta que me foi feita não é importante; mas o autor da pergunta, sim, pois ela revela a mente que faz tais perguntas. A pergunta, em si, é compreensível. Pode-se resolver o problema da distribuição de terras, de alimentos, de roupas, de morada; tôdas essas coisas podem ser arranjadas, organizadas. A mente, porém, acha-se atrás da organização, e ela é a coisa que precisa ser compreendida. Nela é que deve operar-se a revolução; mas uma mente limitada não pode promover tal revolução. A mente, mesmo quando pensa em Deus, continua insignificante, porque, na sua essência, ela é insignificante. Quando a mente cria uma revolução, esta revolução tem de ser uma coisa insignificante; porque a mente, a despeito de tudo o que fizerdes, há de continuar insignificante, por ser o pensamento condicionado. Podeis fazer o que quiserdes, o pensa-

mento está sempre condicionado — condicionado de acôrdo com Marx, de acôrdo com o Cristianismo, com o Budismo, o Hinduismo, etc. Enquanto a mente estiver condicionada continuará pequena; e essa mente não pode criar nenhuma revolução. Pode produzir reformas aqui e ali; entretanto, essas reformas acarretam mais sofrimento; a reforma produzida pela mente mesquinha acaba em tirania e campos de concentração.

Nosso problema, pois, não se refere à redistribuição das terras ou a um melhor sistema econômico, mas, sim, a como anular a mente que se mostra tão mesquinha, para que não possa mais pensar. Senhor, é importantíssimo compreender-se esta questão, pois todos nós queremos alguma coisa neste mundo. Há tanto sofrimento, miséria, desamor, falta de afabilidade, e tanta brutalidade; todos sabemos da absoluta falta de amor na nossa vida de cada dia. Queremos fazer algo, mas nossas mentes nunca produzirão uma revolução; têm elas produzido reformas; tais reformas, porém, só têm gerado guerras maiores e piores atribulações. Vêde isso, escutai-o, deixai-o penetrar-vos; compreendê-lo-eis, então. O pensamento, pois, nunca será capaz de produzir um mundo feliz. O pensamento sabe, apenas, produzir mais confusão, mais desgraças, porque nosso pensamento é sempre condicionado. Não há livre pensamento, uma vez que o pensamento está baseado na memória. A memória é experiência, e experiência é reação condicionada. Desde pequeno, fôstes educado como hinduista, comunista, socialista, ou o que mais seja; fôstes condicionado, ajeitado num molde. Chega o revolucionário e diz que êsse molde não é bom e que êle vos porá num molde novo; e, se não vos ajeitardes ao seu molde, êle dará cabo de vós. Eis o constante processo de modificar, de alterar o pensamento. Isto não é revolução. Não é

transformação. E' mera modificação, mudança feita superficialmente. Dessarte, enquanto dermos importância ao pensamento, às idéias, à experiência, o nosso mundo estará sempre num estado de confusão e desdita.

Nosso problema, pois, não é o de como redistribuir as terras, ou de como sacrificar-nos, de como renunciarmos a alguma coisa, mas sim de que forma promover o silêncio da mente, de modo que possa manifestar-se um novo estado. Só é possível essa revolução quando o pensamento cessou de todo. E só pode cessar o pensamento quando compreendo todo o seu processo, como o pensamento surge. O pensamento surge por obra da memória, o pensamento são palavras. Tôda ação se baseia na experiência, no conhecimento, que é sempre condicionado; e se faço um esfôrço para pôr fim ao pensamento, êle continua condicionado do mesmo modo. A mente, pois, compreendendo isso, se torna muito tranqüila. Isso é a verdadeira meditação. Quando a mente — sem disciplina, sem compulsão, sem resistência — compreende todo êsse processo do pensamento e se torna tranqüila, só então se dá a possibilidade de operar-se uma revolução profunda, fundamental, em virtude da qual será possivel a ação não condicionada. Haverá, por conseguinte, a possibilidade de criar-se um mundo diferente, no qual não existirá mais êste conflito entre entes humanos, porque uns têm tudo e outros, nada. E, nesse mundo, ainda que tenhais algo mais do que eu, não me importo com isso, pois eu possuo uma outra coisa.

E' só quando a mente já não está buscando engrandecer-se, já não está à procura de um resultado, já não está tentando produzir uma ação por meio de idéias — só então, existe a possibilidade de uma revolução que não procede da mente, que não é produto do pensamento. Tal é a revolução do *ser*, da verdade,

do Amor. Isto não é uma coisa sentimental, uma superstição, uma miragem religiosa. Não é um mito, mas uma realidade que pode ser descoberta por cada um de nós. Esta Realidade pode encontrar-se apenas quando estamos possuídos de um sério empenho, quando sabemos escutar a algo que é verdadeiro e deixar essa Verdade operar e purificar a nossa mente de todos os seus pensamentos.

18 de fevereiro de 1953.

QUINTA CONFERÊNCIA DE BOMBAIM

PARA a maioria de nós o prejuízo ou preconceito constitui uma influência muito poderosa em nossas vidas. Em geral, não estamos cônscios dos nossos preconceitos e da maneira como êles nos condicionam a vida, e dêles nos vêm muita fôrça; assim, é quase impossível que qualquer coisa nova transponha a espêssa muralha dos preconceitos e influências condicionadoras. E quanto mais esforços fazemos, conscientemente, para nos libertarmos dessa muralha, não só tornamos mais fortes os preconceitos que já tínhamos, como também desenvolvemos preconceitos novos. Não sei se já observastes que tôda espécie de esfôrço consciente com o fim de nos libertarmos de uma dada qualidade, inclinação, ou preconceito, produz uma outra espécie de preconceito, um outro condicionamento, uma outra muralha, a qual constitui uma resistência e da qual recebemos fôrça para agir, para viver, continuar a existir.

Seria de lamentar se nós, enquanto estamos ouvindo a presente palestra, procurássemos romper qualquer muralha de preconceitos, com o fim de apreendermos uma dada significação do que estou dizendo. Considero, por conseguinte, muito importante ouvir-se corretamente. Não penso seja demasiado repetir que

há uma arte de escutar, que não representa o cultivo de um novo pensamento ou de uma nova resistência. Pelo contrário, o "processo" mesmo do escutar significa realmente um estado de lucidez inconsciente. Nessa lucidez inconsciente, nesse "escutar", pode surgir um novo percebimento, uma compreensão nova; e qualquer esfôrço que se faça destroi e anula a compreensão. Só compreendeis quando está bastante tranqüila a vossa mente, quando estais dispostos a descobrir a Verdade relativa a uma questão; tal verdade, porém, não pode revelar-se quando fazeis um esfôrço e com isso criais resistência. Nessas condições, — se me permitis sugerí-lo — procuremos "escutar", não as meras palavras ou a definição de uma certa palavra, mas a essência de uma dada asserção. Quanto mais uma pessoa escuta dessa maneira, sem esfôrço, sem o propósito de fazer uso do que se diz, de aproveitá-lo para fazer algo na vida, utilizá-lo para agir, manejá-lo como instrumento, para dissipar os seus conflitos e sofrimentos — tanto mais será ela capaz de ouvir com aquela lucidez passiva, com um percebimento fácil, em que não há escolha, com um alertamento no qual o significado, o sentido do que se diz, se apresenta sem nenhum esfôrço de nossa parte.

Nesta tarde desejo discorrer, se possível, sôbre a coisa que denominamos influência, a fôrça motora, a fé, a energia que nos conserva ativos — o monótono mecanismo da rotina — a chamada "determinação", que, uma vez implantada, dá-nos um certo ímpeto — o poder de uma idéia, de um desígnio, de um alvo, do desejo de alcançar um resultado, que tanta fôrça nos dá para continuarmos. Em quase todos nós há ambição, o desejo de conseguir um resultado — seja pessoal, seja nacional, de um partido, ou de um grupo — e quando nos identificamos com determinada idéia,

dela nos provém uma grande fortaleza, mantendo-nos ativos, dando-nos energia, ímpeto; e quanto mais utilizamos essa energia, tanto maior se torna a capacidade de alcançar um resultado. Mas, na esteira dessa capacidade vem sempre um cortejo de dôres, de sofrimentos, e há sempre frustração; e, dessarte, gradualmente, perdemos a confiança.

Não sei se já notastes que, se lutais por causa de uma idéia, se lutais para conseguir um resultado, podeis conseguí-lo; entretanto, nessa própria consecução há sempre frustração, acompanhada de temor, de falta de confiança; tornando-vos cônscios dessa falta de confiança, vós vos identificais com alguma coisa que vos ampara, e essa fôrça vos sustenta. Se não tenho uma determinada idéia, tenho fé em Deus, e essa fé me sustenta; com essa fé traduzo tôdas as minhas tribulações, ou ela me ampara através da tribulação. Mas a maioria de nós não tem, realmente, nenhuma fé; temos fé sob a forma de asserção verbal e, assim, estamos sempre em busca de algo, uma idéia, uma pessoa, um *guru*, um partido político, um sistema; identificamo-nos com um país, com uma idéia, da qual nos advém fortaleza, e nos mantemos assim em atividade; e aquêles dentre nós, dotados de capacidade, servem-se dessa capacidade como o meio para sustentar-lhes o esfôrço.

Enquanto existir uma fé exterior ou interior, haverá sempre temor. Quase todos nós procuramos despertar a confiança em nós mesmos por meio de uma certa experiência, a experiência de Deus ou a experiência do saber, ou a experiência de um estado condicionado. Creio numa determinada religião, num determinado ideal, em Deus; e dessa crença me vem a fôrça que me sustenta; e, aí, no próprio operar da energia que me sustenta, há o cultivo do *"eu"*, do "ego". Se não temos confiança em nós mesmos, pro-

curamos aprender a técnica de certos exercícios, estabelecendo assim uma rotina, um hábito de pensamento, que nos dá vitalidade, que nos dá energia para enfrentar os nossos conflitos e lutas de cada dia. Quanto mais inteligentes, quanto mais alertados somos, tanto menos fé temos em qualquer coisa.

Nessas condições, não haverá um modo de vida em que seja inexistente a confiança em si? Examinemos um pouco esta matéria. Dependo do amparo dos meus pais quando sou novo; tornando-me mais velho, passo a depender da sociedade, do meu emprêgo, da minha capacidade; e quando essas coisas falham, passo a depender da fé. Há sempre uma dependência, uma fé em alguma coisa. Essa dependência me sustenta, me dá vitalidade, energia; e como tôda dependência traz sempre temor, põe-se em andamento o conflito. Ou, faltando-me a fé, cultivo a consistência, procuro ser constante no meu modo de viver, fiel à minha idéia, e essa mesma consistência põe em perigo a confiança que tenho em mim mesmo; quanto mais consistente sou, tanto menos forte me torno, tanto menos enérgico e incisivo. Consistência — o ser consistente em relação com uma certa formalidade, uma certa ação — é isso o que quase todos nós lutamos por conseguir.

Assim, pois, em todos os nossos esforços há sempre o desejo de nos ampararmos em algo, para têrmos fôrça — amparar-nos numa pessoa, numa determinada idéia, num partido político, num sistema, ou numa experiência. Estamos, pois, sempre na dependência de alguma coisa, de um apôio; e visto dependermos cada vez mais das coisas, estamos cultivando o temor. A dependência resulta de que em nós mesmos somos insuficientes, em nós mesmos estamos sós, em nós mesmos, vazios. Dependendo de qualquer coisa, estou cultivando a fé. Necessitamos, por isso, de saber

e mais saber; e como nos tornamos cada vez mais civilizados, cada vez mais instruídos — no sentido materialista ou espiritual — precisamos da fé, pois, do contrário, nos tornamos cínicos.

Ora, não existirá um impulso à ação — um impulso para fazer alguma coisa, para viver — sem se depender de nada, interiormente? À maioria de nós é necessária a confiança em nós mesmos, e para quase todos nós a confiança significa a simples conservação de uma experiência, ou a conservação do saber. A presunção pode libertar a mente da influência que a condiciona? Essa confiança alcançada por meio de esfôrço produz liberdade ou apenas condiciona a mente? E não é possível libertar a mente, rejeitando tôdas as dependências? Isto é, sou capaz de estar cônscio de minha solidão, de minha total vacuidade — cônscio dela, sem fugir — em vez de ser um indivíduo consistente, em virtude de determinada forma de saber ou de experiência? E' êste o nosso problema, não achais? Quase todos estamos a fugir de nós mesmos, como somos; desenvolvemos várias formas de virtude para nos ajudarem a fugir. Cultivamos várias formas de confiança, de saber, de experiência; amparamo-nos na fé; mas, por baixo de tudo isso, há um sentimento de infinita solidão; e é só quando somos capazes de olhar essa solidão, de "conviver com ela", compreendê-la integralmente, só então temos a possibilidade de agir sem produzirmos uma série de esforços que condicionam a mente para uma determinada ação. Tende a bondade de dar atenção a isso, e o compreendereis.

Durante toda a nossa vida procuramos ser consistentes com um pensamento, com um padrão de pensamento, e o próprio desejo de sermos consistentes gera energia, ímpeto, dá-nos fôrça e, por isso mesmo,

limita a mentalidade. A mente que é consistente é muito pequena, muito insignificante. Um espírito estreito tem um formidável potencial de energia; da sua própria pequenez lhe vem muita fôrça; e por isso a nossa vida se torna muito insignificante, limitada e estreita. Podemos compreender êsse "processo" da dependência, da qual nos vem fôrça, na qual há sempre conflito, temor, inveja, ciúme, competição, e que nos está constantemente restringindo os esforços e sempre gerando temor?

Não é possível observamos, tornarmo-nos cônscios de nossa solidão, nosso vazio, e compreendê-lo, sem procurarmos fugir? Compreendê-lo não é condená-lo, mas, sim, estar passivamente cônscio dêle, é sondar todo o conteúdo da nossa solidão. Isso, com efeito, significa transcender o "eu", o "ego", para agirmos; porque nossa ação presente está encerrada dentro dos limites do "eu". Podemos ampliá-la, dilatá-la, mas lá está sempre o "eu", identificado com uma pessoa ou um ideal; e essa identificação nos dá muita fôrça para agir, realizar, ser, e está sempre fortificando o "eu", o "ego", onde há sempre conflito, onde há sempre sofrimento; e, em vista disso, tôdas as nossas ações levam à frustração. Ao reconhecermos isso, apelamos para a fé, apelamos para Deus, como fonte de confôrto; e isso também significa ampliação do "eu", fortalecimento do "eu", visto que o "eu" está a fugir de si mesmo, da solidão nêle existente. Quando somos capazes de encarar essa solidão sem condenação ou julgamento, quando somos capazes de olhá-la, compreendê-la, de apreender todo o conteúdo do "eu", da sua solidão, só então há a possibilidade de têrmos uma fôrça não procedente do "eu". Só então existe a possibilidade de criarmos um mundo ou uma civilização diferente.

PERGUNTA: *Falais tanto da beleza. Falai-nos agora da fealdade.*

KRISHNAMURTI: Evitamos o que é feio, voltamos-lhe as costas. Rejeitamos a coisa que chamamos má e cultivamos aquela que consideramos boa. Resistimos àquilo que chamamos vício e cultivamos a virtude. Evitamos as coisas feias — as ruas feias, os rostos feios, os hábitos feios — e estamos sempre a cultivar o que chamamos belo, bom, nobre. Ora, nesse "processo", que acontece? Quando voltamos as costas ao feio, virando o rosto para o que é belo, que acontece? Tornamo-nos insensíveis, não é assim?

Quando afastais o feio, quando lhe resistis, quando lhe voltais as costas e virais o rosto para o que é considerado belo, que estais fazendo? Estais observando apenas uma face da vida, e não o seu processo integral. E o processo integral da vida, o seu processo total, compreende o belo e o feio. Existe fealdade? Não deve a nossa mente ser totalmente sensível tanto ao belo como ao feio? Não deve estar cônscia tanto do ódio como do amor, não como duas coisas opostas, não como processo dual? Acompanhai isso, por favor. Para nós, o amor e o ódio são dois opostos; queremos evitar o ódio e cultivar o amor. No próprio evitar do ódio estamos desenvolvendo uma resistência, criando fealdade, tornando-nos insensíveis. Somos insensíveis à secção que chamamos "feia" e procuramos ser sensíveis à parte que chamamos "bela".

Está, assim, em função, um processo dual: evitar o que chamamos feio e apoderar-nos do que chamamos belo; e nesse conflito a mente se torna embotada, insensível, sem lucidez. Isto é como andar na rua e olhar apenas para o céu bonito, para as árvores, ou

para as estrêlas. A vida não é só o céu, as estrêlas e as árvores, mas é também sordidez, miséria, fealdade, sofrimento, crianças morrendo de fome, lágrimas e risos. O "processo" integral constitui a vida. A mente, porém, não deseja ser sensível, para compreender o processo integral; o que ela quer é seguir um determinado padrão de pensamento. E o seguimento de um padrão de pensamento é considerado coisa nobre, boa, virtuosa; mas êle conduz tão-sòmente à respeitabilidade, e a mente respeitável jamais encontrará Deus (risos). Não, Senhores, não riais! O que queremos é só isso. Desejamos ser respeitáveis, pois todos nós aspiramos a ser consistentes, e essa própria consistência nos dá presunção; e com o fortalecimento do "eu" vem a respeitabilidade, consistente na prática, ou na negação da virtude.

A vida, pois, não é o mero cultivo do belo, mas também a compreensão daquilo que chamamos pecado, daquilo que chamamos feio. E' sempre necessária muita sensibilidade e muita vigilância, um percebimento passivo das duas coisas; e veremos então não há nem feio nem belo: apenas o "estado mental". Mas não podemos chegar a êsse "estado mental" pelo cultivo de determinada virtude ou determinado pensamento que consideramos belo. Êsse "estado mental" não surge senão quando compreendemos todo o processo do nosso ser integral — ira, inveja, ciúme, amor, ódio, as coisas feias da nossa existência, as lágrimas e os risos, tudo enfim. O homem que evita o repelente, e pendura quadros na parede, e se põe a adorar êsses quadros, psicológica ou fìsicamente, êsse homem nunca está satisfeito.

Não há dúvida de que o que tem importância não é o cultivo do belo nem o evitamento do feio, mas, sim, a compreensão do processo total da nossa existên-

cia, do todo que somos. Entretanto, não pode haver compreensão dêsse todo se só há em nós o interêsse de julgar; pois, a maioria de nós tira a sua fôrça do julgar os outros, o próprio caráter, ou o próprio estado. Temos certos valores, e de acôrdo com êsses valores julgamos as pessoas, as experiências, as idéias; êsse próprio julgamento nos dá fôrça; e nessa fôrça, nesse julgamento está o nosso viver; daí nos advém a confiança para a ação ulterior. E' bem evidente que essa ação, essa atividade, êsse julgamento, nos anula a capacidade de compreender o processo total da existência. Eis porque é dificílimo à maioria de nós viver completamente abertos interiormente, psicològicamente, sem nenhum fundo de acumulações (background), viver momento por momento, sem a acumulação psicológica proveniente do julgamento, do cultivo de qualquer virtude, ou da negação do vício; porque não temos uma percepção plena da entidade total — nem consciente nem inconscientemente — não conhecemos o todo.

Sois amor e ódio, conjuntamente. Mas se queremos simplesmente cultivar o amor e fazer um esfôrço consciente para possuí-lo, o amor deixa de ser amor. O homem consciente do amor, não conhece o amor; e de modo idêntico o homem que tem consciência de sua humildade, deixa, por certo, de ser humilde; só há interêsse no cultivo da particularidade. Por conseguinte, o que importa compreender-se, nesta questão, não é o feio ou o belo, mas sim como sermos totalmente sensíveis ao "processo" integral da vida, que somos nós, sensíveis ao processo total da vida de relação. Afinal de contas, a sociedade é relações, e se compreendo essas relações, com seus conflitos, prazeres, dôres, aflições, fealdades, amarguras, se compreendo tudo isso, sou então um ente humano amadurecido. Todavia, o com-

preender o todo, o processo integral da vida — tanto consciente como inconsciente — requer muita atenção ao conteúdo total de mim mesmo, o que significa que nunca deve haver condenação, julgamento.

Sabeis quanto é difícil viver sem condenação, sem comparação; porque, nossa mente está sempre ocupada em comparar, em julgar; e com suas comparações e seus julgamentos ela adquire vitalidade e fôrça; e essa vitalidade e essa fôrça nos satisfazem — e isso é de efeito muito destrutivo. Se desejo compreender, nunca deve haver comparação, jamais julgamento; tenho de escutar, tenho de perscrutar. E isso requer uma enorme soma de paciência, de afeição, de atenção — o que implica em completa franquia da mente, — não a mente em branco, porém num estado de passividade. O espírito, porém, resistirá sempre a isso. A mente só existe no comparar, no julgar. Essa é a sua função. E quando a privamos de julgamento, de comparação, não existe mais mente, não mais existe o ancoradouro onde a mente pode viver. Temendo isso, pois, cultivamos várias formas da beleza, e evitamos várias formas da fealdade; e vemo-nos assim eternamente no meio do conflito da dualidade. Entretanto, se pudermos compreender a coisa como um processo total, como um processo unitário, há então uma possibilidade de a mente transcender a si mesma, uma possibilidade de tranqüilidade, serenidade, de modo que se pode então receber aquilo que é verdadeiro.

PERGUNTA: *Como posso ser livre da inveja?*

KRISHNAMURTI: Que é inveja? A inveja não é o desejo de "mais"? Mais saber, mais poderio, mais amor, mais adulação, mais compreensão. O possuir

cada vez mais coisas, idéias, conhecimentos. O "mais" implica comparação, não é verdade? Tende a bondade de escutar.

Vereis ser possível libertarmo-nos completamente da inveja, não numa data futura, porém imediatamente, se soubermos escutar a Verdade contida na asserção de que "a mente é a sede da inveja". A mente está sempre e sempre pedindo mais e cada vez mais, e tôda a nossa civilização baseia-se na aquisição de "mais", no desejo de mais haveres, mais dinheiro... mais, mais, e mais; por essa razão há sempre comparação, e uma luta sem fim. Conhecendo a inveja, dizemos que temos de cultivar a "não inveja", o que representa outra forma do "mais", negativamente. E' possível, pois, à mente, deixar completamente de pensar em têrmos relativos ao "mais", deixar de comparar e de julgar *o que é?* Isso não é estagnação; pelo contrário, quando a mente não busca o "mais", quando não está comparando, já nada temos que ver com o tempo.

O tempo implica "o mais": "serei tal coisa amanhã", "serei feliz no futuro", "serei um homem rico", "realizarei o preenchimento", "serei amado", "amarei", etc. A mentalidade comparativa, a mente que pede "o mais", pertence ao tempo, ao amanhã, não é verdade? Assim, quando a mente diz "não devo ser invejosa" isso também é tempo, sob outra forma, não é? — Outra forma de comparação é: "eu fui *isto* — serei "menos" *isto*". Ora, pode a mente que está em busca do "mais", deixar completamente de exigir "o mais" — o que é inveja? Compreendeis o problema, Senhores?

O problema não se refere a como sermos livres da inveja — o que é coisa muito sem importância —

mas, sim, a como deixarmos de pensar em têrmos referentes ao "mais", como deixarmos de pensar comparativamente, como deixarmos de pensar em têrmos relativos ao tempo, como deixarmos de pensar "Eu serei..." E' a mente capaz de pensar sem ser em têrmos de "mais"? Não digais isso é impossível. Não o sabeis. Tudo o que sabeis é "o mais" — mais conhecimento, mais influências, mais roupas, mais haveres, mais amor. Se não podeis obter o mais, quereis então o menos, e menos, e menos.

Ora, é possível à mente não pensar absolutamente em tais têrmos? Fazei primeiro a pergunta. Não me ajudeis a ser livre da inveja. Pode a mente deixar de pensar em têrmos de "mais"? Fazei esta pergunta e ficai "escutando" — não só agora, mas quando fôrdes para casa, quando tomardes o bonde, quando estiverdes sentados no ônibus, quando estiverdes passeando sòzinho, quando virdes um *sari*. Quando virdes um homem viajando num carro de luxo, um grande político, um grande negociante, fazei esta pergunta e ficai "escutando". Encontrareis então a verdade respectiva; vereis então que a Verdade liberta o espírito do "mais". A mente não é então o espírito que faz esfôrço consciente para desembaraçar-se do "mais". Quando a mente faz esfôrço consciente para não pedir "mais", êsse esfôrço é outra forma — uma forma negativa — da mesma coisa, do "mais"; ai, pois, não se encontra nenhuma resposta. Mas se fazeis esta pergunta, só podereis "escutar" a resposta quando não estais julgando, quando não quereis um resultado, quando não quereis servir-nos dêsse resultado para realizar uma dada ação. E' só quando estais escutando, que é possível a Verdade manifestar-se, a Verdade que libertará a mente do "mais".

PERGUNTA: *Tendes falado de um estado de "não reconhecimento". Como se realiza êsse estado?*

KRISHNAMURTI: Antes de tudo, vejamos como se realiza o estado de reconhecimento. Sem a memória não existe mente. Sem se dar nome, não existe mente. Se não reconheço, não tenho experiência nenhuma, não é verdade? Não há experiência, se não há reconhecimento. Se não vos reconheço não tenho a experiência do meu encontro convosco, tenho-a? Por conseguinte, tôda experiência é um "processo" de reconhecimento. O dar nome, o verbalizar, a memória, tudo é reconhecimento. Nessas condições, a minha mente, que é o mecanismo do reconhecimento, nunca pode ver o novo. Apenas pode reconhecer o que já foi. Tôdas as experiências são condicionadas. Jamais são libertadoras; pois tôda experiência é por mim reconhecida como boa, bela, feia, útil ou inútil. O próprio processo do reconhecimento, o próprio processo da experiência resultante do reconhecimento, torna mais forte o condicionamento da mente. Não há, pois, nenhuma liberdade por meio da experiência, porque, afinal de contas, a experiência é o "processo" de reconhecimento. Reconheço por causa de uma similaridade situada no passado, de modo que o passado é o "processo" de reconhecimento. Dizemos que a experiência é fôrça libertadora. Dizemos que quanto mais experimentamos, quanto mais reconhecemos uma experiência e a compreendemos e armazenamos, tanto mais sabedoria há. E' exato isso? Tôda experiência só me condiciona o pensar, não é verdade? E pensar é o processo de reconhecer, verbalizar, nomear, designar. De modo que a minha mente está condicionando a si mesma, limitando a si mesma, confinando-se na experiência já reconhecida, procedente do seu *fundo* (background), pro-

cedente da própria mente. Por conseguinte, a minha mente que é o mecanismo de reconhecimento, nunca pode saber o que é a Verdade, o que é a Realidade.

A Realidade é coisa original, nova, completamente irreconhecível. Se a reconheço, trata-se de "projeção" minha, de coisa que já conheço, e não da Verdade. Acompanhai isto por favor, ou, melhor, escutai-o: "*todos os deuses, tôdas as experiências, tôdas as imagens e símbolos que a mente cultiva, no seu desejo de felicidade, são projeções de seu próprio reconhecimento, de suas próprias experiências. Não há liberdade no saber, na acumulação de reconhecimento, que representa o "processo" da experiência.*

Sabemos, estamos bem cônscios de que no momento em que reconhecemos uma experiência, ela não é nova. Pode a mente achar-se alguma vez no "estado de não reconhecimento"? Não digais "não". Não balanceis a cabeça, mas escutai e investigai. Se a mente nunca pode achar-se num estado de "não-reconhecimento", não há então possibilidade de nada novo, não há possibilidade da Verdade ou de Deus. A Verdade que é reconhecível, o Deus que é reconhecível, não é a Verdade, não é Deus, mas só uma projeção do meu passado. Deveis reconhecer a verdade dêsse fato, isto é, que enquanto a mente está reconhecendo, não há nada novo, não há criação em nenhum momento, nada existe senão o estado de reconhecimento. Pois bem, existe um "estado de não reconhecimento?" Se eu dissesse "existe", isso não constituiria uma resposta, visto que seria uma asserção feita por mim e, portanto, sem valor; mas vós é que tendes de descobrir a verdade a êsse respeito. E descobrir a verdade a êsse respeito, é fazer a pergunta, examiná-la, deixar que a mente, que o inconsciente, as camadas mais profundas enviem sugestões da coisa que não é reconhecível. Nunca experimentas-

tes o estado em que a mente está tranqüila, serena — ainda que seja por um rápido segundo — quando se acha num estado em que algo novo lhe está sucedendo, interiormente. Mas êsse estado de não reconhecimento é imediatamente apreendido pelo reconhecimento, pelas lembranças do passado, pelos desejos do passado. Êsse estado é o novo; o espírito, porém, se apodera dêle, reconhece-o, e deseja "mais". Nisso está todo o seu interêsse, no "mais".

Não haverá um estado em que a mente não reconhece, em que se acha absolutamente tranqüila, em que não pede sequer uma experiência, em que todo o desejo de "mais", todo desejo de aquisição desapareceu de todo? Só nesse estado existe a possibilidade do "estado de não-reconhecimento". Quando a mente se acha assim tranqüila, assim serena, sem nenhum processo de reconhecimento, é que se pode manifestar a Verdade. No instante, porém, em que a reconhecemos como a Verdade, já não é mais a Verdade; já está aprisionada na rêde do tempo. Pois a Verdade é algo que surge momento por momento, que não pode ser acumulado, armazenado, para uso. Se a armazenamos, se a utilizamos, ou a apreendemos, já não é então a Verdade: é só memória, só uma coisa que veio e se foi. A Verdade não pode ser acumulada. A mente nunca pode compreender a Verdade, porque a mente é um processo de reconhecimento. A mente nunca pode experimentar a Verdade. A Verdade é uma coisa viva; e uma coisa viva não pode ser compreendida pela mente, desde que a mente é o resultado do passado, uma coisa morta.

E como a Verdade, como aquela Realidade é uma coisa não pertencente ao tempo, a mente é incapaz de compreender o atemporal. Pode o espírito criar tôda sorte de ilusões, "projetar" várias formas de desejos,

símbolos; mas isso não é a Realidade. Essa Realidade surge apenas quando a mente se acha num "estado de não reconhecimento", e êsse estado não pode ser cultivado. Não se pode cultivar um estado que não se conhece. Se o conhecemos, não é a Verdade. E' tão-sòmente memória condicionando-vos para uma determinada ação. Nessas condições, a mente que indaga o que é a Verdade, o que é a Realidade, nunca poderá encontrá-la. Pode a mente inventar, criar teorias; jamais, porém, conhecer a Realidade.

Só pode manifestar-se essa Realidade quando a mente percebe o seu próprio processo, percebe o quanto está condicionada, e quando está livre do seu próprio processo de reconhecimento. Só então há possibilidade de a mente ficar tão tranqüila que seja capaz de receber aquilo que é a Verdade. A Verdade é atemporal. Não depende do tempo. Por conseqüência, não pode ela ser apreendida e guardada para uso, ou lembrada e seu nome repetido. Por conseguinte, a Verdade é criadora. E' ela sempre nova, e a mente nunca pode compreendê-la.

22 de fevereiro de 1953.

SEXTA CONFERÊNCIA DE BOMBAIM

ACHO que é importante compreender-se o problema do descontentamento. Talvez encontremos a solução correta de nossos enormes problemas se pudermos investigar o significado profundo do descontentamento. Quase todos nós estamos insatisfeitos com nós mesmos, nosso ambiente, nossas idéias, nossas relações. Desejamos efetuar uma modificação. Há descontentamento geral, do simples aldeão ao homem mais letrado — se não está subordinado ao seu poder, se não é escravo da sua ciência. Alastra-se por tôda a parte uma insatisfação que nos leva a executar tôda sorte de ações, e queremos encontrar um caminho que nos conduza à satisfação. Se estais insatisfeito, desejais encontrar um caminho para a felicidade. Se estais batalhando dentro em vós mesmo, aspirais a encontrar o caminho da paz. Estando insatisfeito, descontente, desejais uma solução que seja satisfatória. Por conseguinte, a mente está sempre a tatear, sempre a sondar, em busca da Verdade — em busca da solução verdadeira para o seu descontentamento. Uns encontram a solução na satisfação própria, num alvo, num objetivo na vida, por êles estabelecido; e tendo descoberto um meio por onde encaminhar o seu desejo, pensam ter encontrado o contentamento.

O contentamento pode ser encontrado? A paz é uma coisa que possa ser achada pelo processo do intelecto? A felicidade é coisa adquirível pela compreensão ou pela criação do seu oposto? Êsse sofrimento, êsse descontentamento é essencial em nossa vida? O fato é que estamos descontentes com *o que é*, descontentes com as coisas que temos, descontentes com o que somos; e o descontentamento surge por causa da comparação. Estou descontente porque vejo que sois ilustrado, rico, feliz, poderoso. E' essa a causa do descontentamento? Ou vem à existência o descontentamento quando estou em busca de um caminho por onde possa afastar-me *do que é?* Se eu puder compreender o caminho do descontentamento, talvez possa haver felicidade, talvez possa haver satisfação. Não há caminho para a felicidade, para o contentamento. Aquêle contentamento e aquela felicidade não constituem um processo de "estagnação". Pois, se me vejo descontente e desejo estar contente, êsse caminho me conduz ao contentamento, que é estagnação; e isso é o que deseja a maioria de nós. Mas existe algum caminho?

Podemos investigar, podemos sondar a questão do descontentamento, sem procurarmos criar o seu oposto, sem querermos alcançar o seu oposto? Porque, afinal de contas, quando somos jovens, estamos descontentes com a sociedade, tal como está constituída. Queremos reformá-la, produzir uma modificação. Aderimos, assim, a uma sociedade, a um partido, um grupo político ou associação religiosa. E logo o nosso descontentamento se canaliza, e é refreado e destruído. Porque, nesse caso, estamos interessados tão-sòmente em pôr em prática um método, um sistema, para produzirmos um resultado e, em virtude disso, pomos fim ao nosso descontentamento. Êste não é um dos nossos maiores problemas? Como nos satisfazemos fàcilmente!

O descontentamento não é essencial em nossa existência, relativamente a qualquer questão, qualquer indagação, no sondar, no descobrir o que é o Real, o que é a Verdade, o que é essencial na vida? Posso possuir em mim êsse flamejante descontentamento durante o tempo de colégio; mais tarde, porém obtenho um emprêgo e lá se vai o descontentamento. Torno-me satisfeito, luto para manter minha família, para ganhar a vida, e, dessa maneira, o descontentamento se acalma, é destruído, e me transformo numa entidade medíocre, satisfeita com as coisas da vida, e não mais estou descontente. Entretanto, a chama tem de ser alimentada desde o princípio até o fim, para que haja verdadeira investigação, o verdadeiro sondar do problema relativo ao que é o descontentamento. Porque a mente busca muito prontamente um narcótico que a ponha satisfeita com suas virtudes, qualidades, idéias, ações, e estabelece uma rotina na qual se aprisiona. Estamos muito familiarizados com êsse fato; o nosso problema, porém, não é o de como acalmar o descontentamento, mas de como mantê-lo em combustão, ativo, cheio de vitalidade. Todos os nossos livros religiosos, todos os nossos *gurus*, todos os nossos sistemas políticos pacificam a mente, aquietam-na, influem sôbre ela para fazê-la arrefecer, pôr de parte o descontentamento e ficar chafurdando nalguma forma de satisfação. E não é essencial estar-se descontente, para se descobrir o que é verdadeiro?

Por que ficamos descontentes? — e o descontentamento produz revolução, modificação, transformação? E só é possível a revolução quando compreendemos a natureza do descontentamento? E com o que há descontentamento? Que coisa é essa com a qual estamos descontentes? Se puderdes investigar verdadeiramente esta questão, talvez vos seja possível achar uma

solução. Com que estamos descontentes? Ora, com *o que é*. Êsse "o que é" pode ser a ordem social, podem ser as relações, pode ser o que somos, a coisa que somos essencialmente — isto é, o feio, os pensamentos inconstantes, as ambições, as frustrações e os temores sem conta; isso é o que somos. Pensamos que, afastando-nos disso, encontraremos uma solução para o nosso descontentamento. Por conseguinte, estamos sempre em busca de um método, um meio de modificar "o que é". E' nisso que está interessada a nossa mente. Se me vejo descontente e desejo encontrar o método, o meio de chegar ao contentamento, fica o meu espírito ocupado com o meio, o método e a prática do método, a fim de alcançar o contentamento. Assim, pois, já não estamos interessados em manter vivas as brasas, em nutrir a flama que arde e que se chama descontentamento. Não descobrimos o que existe na base dêsse descontentamento. Interessa-nos, tão-sòmente afastarnos dessa chama, dessa ânsia ardente.

Não há dúvida de que estamos descontentes com "o que é". E é extraordinàriamente difícil sondar "o que é" — a Realidade, e não "o que deveria ser", i.e., sondar aquilo que sou momento por momento. Êsse indagar e sondar não visa ao "eu superior", mera fabricação da mentalidade, mas sòmente *ao que é*. Isso é dificílimo, porquanto a nossa mente nunca fica satisfeita, jamais fica contente quando examina *o que é*. Quer sempre transformar *o que é* noutra coisa, — o que indica o processo da condenação, da justificação ou da comparação. Se observardes a vossa própria mente, vereis que quando ela se vê frente a frente com *o que é*, logo o condena e compara com *o que deveria ser;* ou justifica-o, etc., e dêsse modo afasta de si *o que é*, desembaraçando-se dessa coisa que lhe causa perturbação, dôr, ansiedade.

O descontentamento não é essencial? E não achais que não devemos deixá-lo consumir-se, mas sempre nutrí-lo, investigá-lo, sondá-lo, de modo que, com a compreensão *do que é*, surja o contentamento? Êste contentamento não é o contentamento produzido por um sistema de pensamento; é o contentamento que acompanha a compreensão *do que é*. Êsse contentamento não é produto da mente — da mente que está sempre perturbada, agitada, que é incompleta, quando busca a paz, quando busca um caminho que a leve para longe *do que é*. E dêsse modo, o espírito, pela justificação, pela comparação, pelo julgamento, procura alterar *o que é* e espera assim alcançar um estado em que nunca será perturbado, em que estará calmo, no qual haverá tranqüilidade. E quando a mente se vê perturbada por causa das condições sociais — pobreza, miséria, degradação, angústias pavorosas — quando a mente percebe tudo isso e deseja alterá-lo, logo se prende e enreda no *método de alterar*, no *sistema de alterar*. Se o espírito, porém, é capaz de olhar *o que é*, sem comparação e sem julgamento, sem o desejo de transformá-lo noutra coisa, pode-se ver que surge uma espécie de contentamento não produzido pela mente.

O contentamento que é produto da mente é fuga. E' estéril. E' coisa morta. Mas há contentamento que não vem da mente, que surge com a compreensão do *que é*, e no qual se verifica uma revolução profunda, atingindo a sociedade e as relações individuais. O descontentamento, pois, não deve ser aplacado, pôsto de parte, narcotizado por algum sistema de pensamento. Êle é essencial. Cumpre mantê-lo vivo, ardente, para podermos investigar as coisas.

Achamo-nos em conflito uns com os outros e nosso mundo está sendo destruído. Há crise sôbre crise, guerra após guerra; há fome, há angústias; há os que

são excessivamente ricos, revestidos de respeitabilidade, e há os que são pobres. Para se resolverem êsses problemas, o que é necessário não é um novo sistema de pensamento, não é uma nova revolução econômica, mas sim a compreensão *do que é* — o descontentamento, o constante investigar do *que é* — da qual resultará uma revolução de alcance infinitamente maior do que o da revolução de idéas. E essa revolução é que se faz sumamente necessária para a criação de uma civilização diferente, uma religião diferente, um diferente estado de relação entre os homens.

PERGUNTA: *Quem sois? A quem estou escutando? Dizeis: "não confieis em nenhum guru!"; dizeis: "escutai-me!". Ora, escutar-vos é escutar ao maior de todos os* gurus. *Estou perplexo. Que devo fazer?*

KRISHNAMURTI: Tem mesmo muita importância saber quem é o orador? Não tem certamente muita importância saber quem fabricou êste microfone; importa muito, porém, aquilo que o microfone vos transmite aos ouvidos. A voz não tem nenhuma importância. De quem ela é, se é uma voz educada, se de gente culta, isso não tem importância alguma: o que tem significado é o que ela diz, o que ela comunica. E o que ela diz, e a compreensão do que ela diz, isso depende de vós, não depende do *guru*, nem da voz; só depende de como o compreendeis, como o interpretais, como o pondes em ação. Repito, pois, a voz não tem importância nenhuma; o que importa muito é escutá-la.

De que maneira escutais? Escutais com vossas "projeções", através de vossas ambições, desejos, temores, ansiedades? Escutais só o que desejais, o que vos parece satisfatório, aprazível, confortante, o que vos alivia momentâneamente do vosso sofrimento? Se

escutais através da cortina dos vossos desejos, então é bem evidente que o que escutais é a vossa própria voz; escutais a voz dos vossos próprios desejos. E existe alguma outra maneira de escutar? Não é importante descobrir-se a maneira de escutar, não apenas o que se vos diz mas a tôdas as coisas — o ruído das ruas, o pipilar das aves, o barulho do bonde, o fragor das ondas, a voz de vosso marido, de vossa espôsa, de vossos amigos, o chôro da criancinha? O escutar só tem importância quando não "projetamos" nossos próprios desejos, para escutar através dêles. Podemos pôr de parte tôdas estas cortinas através das quais queremos escutar, para escutarmos verdadeiramente?

Que significa êsse "escutar"? Isto é o que mais deve interessar-nos — e não quem é o orador, pois isso é completamente irrelevante; não importa se êle é bom ou se é mau; nem se é um *guru*, grande ou pequeno. Todavia no escutardes o orador, achareis a maneira de "escutardes" a vós mesmo, de observardes a vós mesmo. Não escuteis sòmente a mim, mas observai o processo da vossa própria mente — como estais "projetando", repelindo, como desconfiais de certos argumentos, como resistis a uma idéia nova, a uma nova maneira de ver, e a repelis; tudo isso revela o processo da vossa própria mente, não é verdade? E se vos livrardes de tôdas essas projeções do espírito, haverá uma outra maneira de escutar? Podemos livrarnos delas e escutar verdadeiramente?

Quando sabemos escutar, existe então algum *gurú?* E' então necessário um *guru?* Acreditamos necessitar de um *guru*, no comêço, para levar-nos até o limiar. Entretanto, se o *guru* não é mais necessário depois de transpôrmos o limiar, então êle é desnecessário também no comêço, pois o fim está no comêço, e o homem que busca o limiar da realidade, deve buscá-lo sòzi-

nho, desde o comêço, e não só no fim. E por sermos entes preguiçosos, impacientes, cheios de dúvidas e de descontentamento, queremos encontrar alguém que nos afaste de nosso descontentamento. A compreensão do descontentamento é que é essencial, e não a entidade que vos leva para longe dêle, não o sistema, não o pensamento, afastando-vos daquilo que realmente sois.

Nessas condições, não é importante que saibais de que maneira estais escutando? E quando escutais, sem aquelas "projeções", que acontece? Prestai atenção a isso. Que acontece quando não estais projetando os vossos próprios desejos, através dos quais ouvis, através dos quais traduzis as coisas, ajeitando-as ao vosso temperamento peculiar, às vossas idiossincrasias? Quando não estais "projetando" os vossos desejos, de que maneira escutais? Vossa mente é capaz de escutar? Ela vos deixa escutar? E, quando sois capaz de escutar, quando escutais realmente, que acontece? Que acontece à mente que escuta dêsse modo? Isto é importante, e não se estais em presença de um *guru*, se estais ouvindo a voz de um *guru* promulgando a Verdade, e tornando o *guru* sumamente importante para vós. Que escutais, quando não estais escutando através da cortina, através dos véus de vossas projeções? Compreendeis isso?

Estamos sempre escutando alguma coisa — um ruído, a voz de alguém, o mar agitado. Mas quando não estais escutando através de vossas "projeções", escutais alguma coisa? Dai atenção à vossa própria mente, e não ao que digo. Se só dais atenção ao que estou dizendo, estais na minha dependência; e se dependeis de mim, tendes então temor; estais acorrentado a mim, o que significa escravidão; deveis libertar-vos dêsse jugo. Assim, pois, desde o primeiro passo, não conteis com ninguém. Não sigais ninguém, porque tem muita

importância o que sois no comêço, e não o que sois no fim.

Assim, pois, quando a mente não mais está seguindo, não mais está ouvindo a voz de suas próprias projeções, desejos, ambições, satisfações, que está ela escutando? Está escutando alguma coisa? Não se acha ela então num estado de perfeita receptividade, num estado completo no qual não há reação, não há o escutar de uma dada coisa, não há concentração, nem absorção em idéia, em qualquer idéia que seja? Não é êsse um estado de completa "atividade passiva", no qual a mente se acha muito serena, sem estar escutando uma dada coisa, particularmente, mas tão-sòmente escutando; sem estar "projetando", mas em completa tranqüilidade? E, num tal estado, há necessidade de algum *guru?* Não é possível alcançar-se êsse estado, justamente no comêço? Isto é, se desejo compreender algo que é fundamental, não devo achar-me sempre naquêle estado? A maioria de vós está "a projetar" vossos próprios desejos, e por isso não "escutais". Estais sempre *escutando uma determinada coisa.* Não estais apenas *escutando.* Estais sempre a escutar a vossa própria voz, e essa voz é sempre a voz do desespêro, da esperança, do prazer, da segurança. Entretanto, se não estais escutando alguma coisa e, sim, *só escutando,* há então uma absoluta tranqüilidade da mente, que não é um resultado de disciplina alcançável num fim distante, mas que deve ser compreendido justamente no comêço, de agora em diante e pelo resto de vossas vidas.

Podeis livrar-vos completa e totalmente desta idéia de *guru,* do homem que vos desperta e dá confôrto, do homem que vos levará aonde está a Verdade? Digo-vos que podeis apagá-la completamente, quando perceberdes que *escutar alguma coisa é escutar vossas próprias projeções, vossos próprios desejos,* e significa tra-

duzir as coisas acomodando-as a vós mesmos; quando compreenderdes isso, não haverá então o escutar de algo; há só *escutar;* êsse "escutar" é eterno, porque não pertence ao tempo, não pertence à mente.

PERGUNTA: *Que é felicidade? Não é a busca da felicidade que faz o espírito ansiar por novas experiências? Existe um estado de felicidade além da esfera da mente?*

KRISHNAMURTI: Por que perguntamos, "que é felicidade?" E' esta a maneira correta de proceder? E' o verdadeiro indagar? Não somos felizes. Se fôssemos felizes, seria muito diferente êste nosso mundo; nossa civilização, nossa cultura, seria completamente, radicalmente diversa. Somos entes humanos infelizes, mesquinhos, desgraçados, empenhados numa luta vã, rodeados de coisas inúteis e frívolas, satisfeitos com ambições insignificantes, com dinheiro e posição. Somos sêres infelizes, ainda que possuamos saber, tenhamos dinheiro, casas suntuosas, filhos em penca, carros, e muita experiência. Somos entes humanos desgraçados e sofredores. E porque sofremos desejamos a felicidade. Por êste motivo, nos deixamos levar por aquêles que nos prometem essa felicidade — social, econômica, ou espiritual. Queremos pois, fugir ao *que é* — o sofrimento, a dôr, a solidão, o desespêro. Desejamos fugir, e a própria fuga nos dá experiência; a essa experiência chamamos felicidade. Existe alguma outra espécie de felicidade?

Que me adianta perguntar se há felicidade, quando estou sofrendo? Posso compreender o sofrimento? O meu problema é êste, e não o "como ser feliz?". Sou feliz quando não estou sofrendo; no momento, porém, em que estou cônscio de ser feliz, já não há felicidade.

Não é exato isso? Pois no momento em que sei que sou virtuoso, deixo de ser virtuoso. No momento em que sei que sou humilde, corajoso, generoso, no momento em que estou cônscio disso, já não o sou. Assim, a felicidade, tal como a virtude, não é coisa que se possa procurar, não é coisa que se possa chamar. A virtude, quando cultivada, se torna imoral, porque vai fortalecer o "eu", o "ego", levando à respeitabilidade, que é interêsse do "eu". Assim sendo, cumpre-me compreender o que é sofrimento. Posso compreender o que é sofrimento, quando uma parte da minha mente está a fugir e a procurar a felicidade, a buscar uma saída dêsse sofrimento? Não devo, pois, se desejo compreender o sofrimento, tornar-me completamente unido com êle, em vez de rejeitá-lo, em vez de justificá-lo, condená-lo, compará-lo; estar completamente unido a êle, compreendendo-o?

Posso escutar a voz do sofrimento, sem a interferência de "projeções"? Não posso "escutar", quando estou em busca da felicidade. No meu "escutar", no meu indagar, já não me interessa o que é a felicidade, nem se existe felicidade além do meu espírito, nem se ela é permanente ou impermanente, ou se é uma experiência e pode, por conseguinte, ser armazenada. Quando faço qualquer uma dessas coisas, a felicidade se foi, já não há felicidade. Mas a verdade sôbre o que é a felicidade virá por si, quando sabemos escutar. Devo saber "escutar" o sofrimento; se sei "escutar" o sofrimento, sei "escutar" a felicidade, porque êle é o que eu sou.

Sofro; tenho mêdo da morte; desejo estar seguro depois da morte; desejo ser permanente, ter posição, riquezas, confôrto; estou cheio da dôr da solidão. Posso "escutar" tôdas essas coisas? O meu problema, então, já não é de achar o caminho da felicidade, mas

o de descobrir como se houve a voz do sofrimento, como podemos escutá-la, simplesmente, sem procurar interpretá-la. E êsse é um processo muito árduo, uma vez que a mente é sempre avêssa a "conviver com o sofrimento", olhando-o, sem o interpretar, justificar, traduzir, condenar; observando-o e conhecendo-lhe o conteúdo; privando com êle, e amando-o. A mente só é capaz de escutar aquela voz que se faz ouvir além das fronteiras do sofrimento, quando não o está mais evitando e refugiando-se nalguma imaginação ou ilusão fútil, nalgum desejo de satisfação.

O que é importante, pois, não é saber o que é a felicidade, mas sim investigarmos sòzinhos, desde o comêço, o que é o sofrimento, e permanecermos ao lado dêle, até que nos venha a verdadeira resposta. A resposta verdadeira não poderá vir, quando a estais procurando. No mesmo instante em que começais a procurá-la, a mente se "projeta", visto estar desejando a resposta; não está por conseguinte interessada em "escutar" o sofrimento. Não está interessada no "escutar", mas tão-sòmente na resposta que irá repelir o sofrimento. No momento em que desejais repelir algo, encontrareis a resposta que vos seja satisfatória; e é pois essa satisfação o que o espírito busca, e não a compreensão do sofrimento. Afinal, é isso mesmo o que todos nós queremos. Queremos satisfação, seja num emprêgo, seja nas nossas relações, seja nas nossas idéias. E quanto mais satisfeitos estamos, tanto maior o sofrimento. Porque, a mente que se acha satisfeita nunca está em paz; está sempre sendo desafiada, por todos os aspectos da vida. Nessas condições, a mente que compreenda estar em busca de satisfação (o próprio desejo de encontrar uma solução para o sofrimento, é o desejo de sermos satisfeitos) — rejeita definitivamente tudo isso. Por conseguinte, ela fica apenas

a escutar, percebendo todo o processo em virtude do qual a mente se evade e jamais pode manter-se ao lado do sofrimento — como, por exemplo, encarar o temor. Só há temor, quando estamos fugindo da coisa. O temor existe no "processo" da fuga, e não quando estamos frente a frente com a coisa. Só quando estamos fugindo da coisa, só nessa fuga, se cria o temor — e não quando estamos a observar a coisa, "o que é".

Idênticamente, posso observar o sofrimento sem fugir dêle — o que gera aflição, o que gera temor, e me impede de observar a coisa? Se sei olhar a coisa, tenho então a possibilidade de "escutar" o sofrimento, sem interpretação, sem julgamento, sem traduzir ou pedir um resultado. Só então há possibilidade de se escutar, de se tentar o descobrimento de algo além das fronteiras da mente.

Não podemos achar o que está além da mente, se não sabemos encarar *o que é,* se somos incapazes de encarar *o que é.* E requer-se uma enorme atenção, uma intensa vigilância passiva para se observar sem justificação, sem julgamento, — observar, simplesmente, "escutar", simplesmente. Aí, há transformação. Aí, há felicidade, felicidade não mensurável pelo tempo, pela mente.

PERGUNTA: *Falais tanto sôbre a inteligência. Que significa "ser inteligente"?*

KRISHNAMURTI: Pergunto de novo: pode a mente estúpida perceber o que é inteligência? Pode a mente pequenina, superficial, descobrir o que é grandioso? Prestai atenção, senhores. A mente pequenina indaga a respeito de Deus. E' o caso do homem rico que edifica templos, depois de explorar seus semelhantes; depois de guardar o seu dinheiro, pergunta êle: "que é Deus?".

Um tal homem pode encontrar Deus? Sua mente está corrompida, sua mente é cruel, sem generosidade, sem benevolência, mesquinha, e está encouraçada de suas crenças; pode um tal homem descobrir o que é a Verdade, o que é a Realidade, o que é Deus? Êle pode rodear-se de imagens, de símbolos, orações, palavras, livros; essa mentalidade, porém, pode descobrir o que é Deus? Seu espírito é mesquinho, e seu Deus é também mesquinho. Assim, a mente estúpida que indaga o que é inteligência, nunca compreenderá o que é inteligência; mas se ela tem consciência de ser estúpida, então já é inteligente. "Escutai" isso, por favor; não é caso para risos nervosos, emocionais.

Como quase todos nós somos mesquinhos, pequenos, limitados, criamos o mundo à nossa imagem, e não à imagem de Deus. O que tem importância, por conseguinte, não é o saber-se o que é inteligência, mas estarmos cônscios de nossa própria estupidez, de nossa mesquinheza, sem procurar alterá-la, sem dizer "devo fazê-la inteligente, devo fazê-la atilada". Quando a mente mesquinha, tornando-se cônscia de sua mesquinhez, procura alterá-la, a sua atividade será, ainda, mesquinha. Se reconheço que sou estúpido, se estou cônscio de ser estúpido e me ponho em atividade para alterar essa estupidez, essa própria atividade é produto da estupidez, não é? Entretanto, posso eu ter consciência de que sou estúpido, e "escutar" a coisa, seguí-la, compreendê-la, e não querendo desafiá-la? A mente estúpida é sempre a mente estúpida e não pode alterar a sua linha de conduta, que é a da escolha. O mais que ela pode fazer é reconhecer que tudo o que escolhe é mesquinho. Observai, por favor, a vossa própria mente. Não vos limiteis a escutar-me, mas observai as vossas próprias mentes e percebei a verdade do que estou dizendo.

Uma vez que a escolha é um fator de deterioração, a escolha é sempre mesquinha, em tôdas as circunstâncias; não há escolha melhor e escolha pior. Todos os nossos "processos" culturais e religiosos se desenvolvem de discriminação em discriminação, subindo mais e mais alto, por meio da escolha. Mas a escolha é feita pelo espírito mesquinho, pois onde há escolha há pequenez da mente. A mente que é resultado do ódio, que é resultado do preconceito, resultado de condicionamento — o que quer que essa mente escolha é sempre condicionado; o que quer que experimente, suas experiências são sempre condicionadas. Por conseguinte, a mente mesquinha, não se liberta, na escolha, da sua mesquinhez. Por conseguinte, quando a mente escolhe alguma coisa grande, essa coisa grande é ainda mesquinhez. Quando a mente mesquinha escolhe o *guru*, um certo *guru*, para seguí-lo, é o espírito mesquinho que faz a escolha; por conseguinte, o *guru* é mesquinho. E, assim, todos os *gurus* são mesquinhos, porque os escolhestes.

A inteligência, pois, é sem dúvida algo que se não pode cultivar pelo processo da escolha, pelo processo da experiência, por meio do saber. A mente mesquinha permanece mesquinha, embora tenha inúmeras experiências, pois, no seu centro, ela é sempre mesquinha. Podeis ler todos os Vedas, todos os Upanishads, o Gîta, todos os livros sagrados do Oriente e do Ocidente; a mente continua mesquinha; e, assim, todo o vosso saber é mesquinho. A mente não é sempre mesquinha? Pode ela ser outra coisa senão mesquinha e pequena? Não é pois importante descobrir, não o que é inteligência, mas de que modo a mente está escolhendo, agindo, discriminando? Não importa que vos esclareçais por vós mesmos — *não* ouvindo-me, *não* lendo um livro que vos diz o que é inteligência — que

observeis o estado da vossa própria mente? Só no descobrir do *que é* nasce a inteligência. Na compreensão *do que é,* há inteligência criadora.

PERGUNTA: *Tôdas as religiões advogam a oração. Podeis explicar-nos o poder da oração e em que a oração difere da meditação?*

KRISHNAMURTI: Vós rezais, não? E quando é que rezais? Quando sois feliz? Ou orais nos momentos de tensão, de sofrimento? Rezais tôdas as manhãs, quando praticais o vosso *puja*. E' uma rotina, uma coisa tradicional e monótona, sem muita significação. Quando sofreis, rezais, não é? Rogais, pedis uma solução para o vosso sofrimento. E há a prece que não é rotina, que não é súplica, mas, sim, uma vigilância (listening) plena.

A prece rotineira, consistente na repetição de palavras, produz evidentemente um certo resultado; quanto mais repetis tanto mais tranqüilo vos tornais. Essa tranqüilidade, porém, resultante da repetição é estagnação, porque a mente é posta a dormir pela repetição de uma frase, e pensais ter realizado uma coisa maravilhosa, quietando a mente pela repetição; mas essa quietude não é criadora, é? E' uma coisa insípida, como a existência do homem insignificante, sempre ocupado com seus assuntos domésticos, suas rezas, e sempre a repetir frases, porque, na repetição, se sente tranqüilo, na sua insignificância.

E há oração, rôgo, súplica, quando há sofrimento. Prestai atenção a tudo isso, por favor. Quando sofro, desejo uma resposta. Quando morre meu filho, desejo confôrto; desejo alguém me diga que tudo lhe vai bem. Quando estou a morrer, já velho, desejo a garantia de um *guru,* ou do Livro, ou de um amigo, de que

tudo vai dar certo, de que estou em segurança. E, assim, rezo, suplico, indago, pergunto. Quando rogo, quando peço, quando suplico, obtenho o que desejo; porque o que desejo é segurança, confôrto. Vendo-me diante do abismo tenebroso, diante da solidão, diante do aniquilamento total, e não sabendo o que é isso, peço a alguém que me dê a resposta que desejo — isto é, a garantia de que, do "outro lado", está a luz, que lá encontrarei companheiros, encontrarei O Pai. Como disse, quando sofro, rezo; e minha prece é respondida de acôrdo com meu desejo. Isto não é uma asserção cínica, mas o fato verdadeiro.

Estou sofrendo, e alguém vem dizer-me que sofro por causa de tôdas as desgraças que infligi em milhares de pessoas, por causa da minha conduta na vida. Não quero ver êsse fato de frente, quero ser tranqüilizado, quero confôrto, e procuro a pessoa que me satisfaz. Ou, nesse sofrimento, quando rezo, penso em alguma coisa — na luz, no pássaro, no mar, num quadro, — e meu sofrimento passa; livro-me dêle temporàriamente. Já não notastes que quando desviais o espírito do sofrimento físico, o sofrimento diminui? De modo idêntico, se quando rezais podeis desviar o espírito do presente conflito, do presente sofrimento, encontrais paz. Mas isto é fuga. Nisso há deterioração. Mas dá-vos uma certa tranqüilidade, uma certa paz; vossa mente se acalmou; e esta paz atua como um entorpecente, como um narcótico. Tanto faz beber uisque como rezar, pois não vos interessa investigar, descobrir, passar além; só estais interessado em confôrto. Assim sendo, a oração corresponde ao vosso desejo; e quanto mais desejais, quanto mais intensamente desejais, tanto maior a satisfação que obtendes.

Todavia, pode-se fazer uso da palavra "oração", de que tanto se abusa, para designar coisa inteira-

mente diferente? Se eu puder compreender o que é meditação, compreenderei, então, talvez, o que é a prece — a verdadeira prece, e não a prece estúpida da mente mesquinha.

Que é meditação? Para saberdes o que é meditação, deveis saber quem é "o meditador" — não uma entidade qualquer superior, mas o "meditador", o homem que medita, o homem que se senta numa cadeira, fecha os olhos e começa a meditar. Sem se conhecer essa entidade, o "processo" é inteiramente vão, e não podeis conhecer a meditação, pois não podeis separar a meditação do meditador. Não há meditação sem meditador, e se o meditador não compreende a si mesmo, não há paz. Assim, pois, para se saber o que é meditação, precisamos compreender o que é o meditador; e a compreensão do meditador é autoconhecimento, sabedoria. Não escuteis palavras, simplesmente, mas compreendei a vós mesmo.

O autoconhecimento é o comêço da sabedoria, e a mente limitada que medita, será sempre, mesmo ao cabo de dez anos, um espírito ainda limitado; e esta é a tragédia das pessoas que costumam meditar. Fecharam-se de tal maneira dentro do seu condicionamento que não há nada que possa penetrar até onde se encontram; e permanecem limitadas, e ansiosas, e numa busca incessante. O meditador deve começar a compreender a si mesmo, momento por momento, dia por dia — compreender o que êle é e o que êle não é, quando toma o bonde, quando conversa com a espôsa, quando ralha com a criada, quando tem preconceito de classe — êle tem de estudar a si mesmo, em todos êsses momentos.

Então, nesse autoconhecimento, revelar-se-ão as operações do meditador, de que modo êle surge; ver-se-á então que não há meditador separado da medita-

ção, há apenas meditação — e não o meditador meditando. Só então, quando não há senão meditação, há paz, pois a mente já não está meditando em alguma coisa, já não está tentando pela meditação encontrar algo. Então só há meditação, pois há, tão-sòmente "escuta". Não existe aí meditador meditando em alguma coisa. O observador é a coisa observada. Não existe temor. E só então há paz, paz que não pode ser obtida pela mente, porque a mente é sempre insignificante, pequena. A mente nunca pode ser grande. O que é grande não pode ser chamado pela mente. O espírito, pode chamar apenas sua própria pequenez. Não pode chamar o que é grande. Não pode chamar a Verdade, o Real. E, assim, a mente só pode estar quieta, receptiva, só, quando está a "escutar".

25 de fevereiro de 1953.

SÉTIMA CONFERÊNCIA DE BOMBAIM

UM dos nossos problemas — assim me parece — é a questão da mediocridade. Não estou empregando esta palavra em sentido condenatório, mas é fato óbvio que a grande maioria de nós é medíocre. Poderá alguma técnica, religiosa ou mecânica, libertar-nos dessa mediocridade? Ou não deve, antes, haver uma revolta contra tôda técnica? Porque, parece-me, mais observamos e menos e mais raros se vão tornando os indivíduos criadores. Não estou empregando a palavra "criador" para designar o homem que pinta, que escreve poesias ou produz invenções, o gênio. Veremos, no prosseguimento desta palestra, o que significa ser criador.

Antes de descobrirmos, porém, o que é "ser criador", não devemos investigar por que é que quase todos nos deixamos influenciar tão fàcilmente? Por que é que tantos de nós permitimos a ingerência de outros nas nossas vidas? Por que gostamos, também, de ingerir-nos na vida dos outros e somos tão eficientes no julgar os outros? E talvez descubramos, nesta investigação, a possibilidade de que, justamente nas coisas tão carinhosamente cultivadas por nós — o julgamento, a capacidade de desenvolver uma técnica, mecânica ou dita espiritual — se achem as raízes da

mediocridade e que enquanto não houver uma revolta contra a técnica, haverá imitação, autoridade, o desenvolvimento da capacidade, o seguimento de certas idéias, no espírito consistente — indicando tudo isso a estrutura de uma mentalidade medíocre.

Tende a bondade de *escutar;* não tomeis notas. Não estamos em aula. Não sou um lente a prelecionar-vos para tomardes notas, a fim de as estudardes posteriormente. Vamos andando e pensando juntos. Estou apenas dizendo uma coisa que é muito evidente ou suficientemente evidente; e se não escutardes, talvez não possais experimentar diretamente aquêle "estado de criação" que temos a possibilidade de descobrir juntos pelo compreender, isto é, pelo ouvir diretamente o que é que constitui a mediocridade.

A criação é um "estado de solidão". Se a mente não está completamente só, não há criação. Só quando a mente é capaz de sacudir de si tôdas as influências, tôdas as interferências, quando é capaz de estar completamente só, independente, desacompanhada, livre de tôda influência modeladora e do julgamento, só nesse estado de solidão há criação. Entretanto, êsse estado de solidão não é compreensível ao espírito medíocre, à mente que se exercita numa atividade, na técnica, na maneira de fazer qualquer coisa.

Hoje em dia se estão desenvolvendo técnicas e mais técnicas — a técnica de influenciar pessoas, por meio da propaganda, da compulsão, da imitação, dos exemplos, da idolatria, do culto do herói. Têm-se escrito livros inumeráveis sôbre como fazer uma coisa, como pensar eficientemente, como construir uma casa, como montar maquinismos; e, dêsse modo, estamos perdendo a pouco e pouco a iniciativa, a iniciativa para acharmos qualquer coisa original, por nós mesmos. Na nossa educação, em nossas relações com o

Govêrno, estamos sendo influenciados por diferentes maneiras, para nos ajustarmos, para imitarmos. E quando nos deixamos persuadir por uma dada influência a adotar determinada atitude ou ação, criamos naturalmente a resistência e outras influências. No processo, justamente, de criarmos resistência a outra influência, não estamos sucumbindo a essa influência, negativamente?

Não somos o resultado de inumeráveis influências? Nossa mente, nossa estrutura, nosso ser não é uma contextura de influências — influências econômicas, climáticas, sociais, culturais, religiosas? Nossa mente é composta de partes, e com essa mente queremos descobrir, queremos criar. Essa mentalidade, porém, é tão-sòmente capaz de imitar, de ajustar outras coisas entre si, e esta é a razão do crescente desenvolvimento tecnológico que se observa no mundo. Um homem tecnològicamente eficiente nunca pode ser um ente humano criador. Poderá construir uma casa maravilhosa, montar um aeroplano; mas não é uma entidade criadora. Porque sua mente é constituída de partes; sua mente não é inteiriça, "integrada".

Como pode haver uma mente integrada, se somos segmentos de várias formas de influências? Nossa mentalidade é o resultado dessas influências; ela está condicionada por tôdas essas influências, como hinduista, como muçulmana, como cristã. E condicionados que estamos e sujeitos a influências várias, dizemos: "Escolherei uma determinada influência, um *guru*, escolherei o que é bom, o que é nobre; e cultivarei por meio de vários exercícios, de vários métodos, tal excelência. Todavia, não obstante isso, nossa mente continua a ser uma mente influenciada, controlada, moldada, mente que luta para alcançar um fim predeterminado; e essa mente jamais pode achar-se em revol-

ta, pode? Pois, no mesmo instante em que se revolta, essa mente se vê num estado de caos. A mente medíocre, pois, nunca pode estar revoltada, sendo capaz ùnicamente de passar de um estado condicionado para outro, de uma influência para outra.

Não deveria a mente estar sempre revoltada, para compreender as influências que a assaltam incessantemente, interferindo, controlando, moldando? Um dos fatôres da mente medíocre não é o mêdo constante que a domina e, também, o estado de confusão em que se acha, em virtude do qual ela deseja ordem, consistência, deseja uma fórmula, um modêlo pelo qual possa ser guiada, controlada; e entretanto essas fórmulas, essas várias influências geram contradições no indivíduo, geram confusão no indivíduo. Estais condicionado como induista ou como muçulmano; outro está condicionado pela idéia de "ser nobre" ou por idéias econômicas ou religiosas. Qualquer escolha entre diferentes influências denota sempre um estado de mediocridade. A mente que escolhe entre duas influências e começa a viver em conformidade com a influência preferida, continua a ser medíocre, não é verdade? Pois essa mente nunca se acha num estado de revolta, e a revolta é essencial para que se possa descobrir algo.

Se a mente nunca está só, pode ser criadora? Se examinardes a vossa mente, vereis como tem ela mêdo de desviar-se, de errar. A mente está de contínuo em busca de segurança, de certeza, de uma garantia, em determinado padrão consistente de pensamento; e pode essa mente que nunca está só, ser criadora? Quando digo "só" não me refiro àquela solidão em que há desespêro; refiro-me à solidão *em que não há dependência de coisa alguma*, em que não dependemos de nenhuma tradição, nenhum costume, nenhum companheiro. E não deve a mente achar-se num tal estado

de isenção de qualquer espécie de temor? Porque, no momento em que começo a depender, nasce o temor; e perde-se tôda a iniciativa, tôda a originalidade — "originalidade" não no sentido de "excentricidade", mas de "capacidade para pensar e descobrir." Não deve a mente ter a capacidade de investigar, de não imitar, de não deixar-se moldar, e ser sem mêdo? Não deve a mente ser "só", e, portanto, criadora? Êsse poder de criar não é coisa vossa nem minha; é anônimo.

Prestai tôda a atenção a isto, já que quase todos nós somos medíocres. Existe a possibilidade de uma transformação imediata e completa que nos ponha nesse estado criador? Porque é disso que se necessita na hora atual, no mundo; não precisamos de reformadores, ideólogos ou filósofos, mas, sim, que vós e eu, compreendendo a nossa mediocridade, façamos surgir imediatamente aquêle estado de solidão em que não há dependência nem temor; em que nos achamos completamente sós, livres de influências; e onde não há interferências, nem imitação, nem desejo de seguir. Podemos, vós e eu, produzir imediatamente essa mentalidade? Porque, se assim não fôr a nossa mente, tudo o que fizermos, tôdas as nossas reformas apenas produzirão mais sofrimentos e mais caos.

E' possível à mente que sempre foi medíocre, que sempre sofreu interferências, que foi ajustada, moldada, controlada, que precisa de arrimo — é possível a essa mente realizar, de pronto, aquêle estado de solidão? Não digais "talvez seja possível, mas não a mim; outro talvez o consiga" — mas *escutai,* simplesmente, não as palavras, mas o significado das palavras. Pode um espírito que sofreu interferências, que é o resultado dessas interferências, que é resultado do tempo, da influência — pode um tal espírito lançar tudo fora e ficar só? Porque, nessa solidão há criação. Não im-

porta quais sejam as palavras que empregais. Aquela criação não é coisa do tempo, não é coisa vossa nem minha; é completamente anônima. E enquanto estiverdes cultivando uma técnica, não há anonimato, porque a mente de quase todos nós só está interessada em aprender "como fazer *isto*", "como deixar de ser influenciada", "como libertar-se do condicionamento". Quando uma pessoa diz: "Vou exercitar-me em tal coisa, para adquirí-la", "Vou disciplinar-me, para não ser mais influenciado", ou "edificarei em tôrno de mim uma muralha contra tôdas as influências" — isso indica que sua mente está procurando o método, a técnica. Essa mente é capaz, em algum tempo, de ser livre, de estar revoltada? E não é medíocre essa mente? Ela, por conseguinte, jamais pode estar só. Se se deseja criar um novo mundo, uma nova civilização, uma nova arte, tudo novo, não contaminado pela tradição, pelo temor, pelas ambições; se se deseja criar algo que seja anônimo, que seja vosso e meu, uma nova sociedade; se desejamos criar isso *juntos* — no que não há *vós* e *eu*, mas, sim, *nós-juntos (ourness)*, não se faz necessário um espírito que seja completamente anônimo, e por conseguinte esteja só? Isso implica, não é certo? — na necessidade de uma revolta contra o ajustamento, contra a respeitabilidade, pois o homem respeitável é o homem medíocre, visto desejar alguma coisa, visto depender de alguma influência para sua felicidade; depende do que pensa a seu respeito o seu vizinho, do que pensa o *guru*, do que diz o Bhagavad-Gîta, ou os Upanishads, ou a Bíblia, ou Cristo. Sua mente nunca está sòzinha. Nunca anda só êsse homem, porque está sempre em companhia de suas idéias.

Não é importante que se descubra, que se perceba de maneira completa a significação da interferência, da influência, da confirmação do "eu", que é a contra-

dição do anonimato? Percebendo-se bem isso, não surge invariàvelmente a questão: é possível fazer surgir imediatamente aquela mentalidade livre de influências; a mente não influenciável nem pela própria experiência nem pela experiência de outros; a mente incorruptível, independente? Só então se tem a possibilidade de criar um mundo diferente, uma civilização diferente, uma sociedade diversa, em que será possível a felicidade.

PERGUNTA: *Sou aleijado desde a idade de 40 dias. Falais de segurança, mas eu não tenho nenhuma — nem lar, nem amigos, nem emprêgo. Como enfrentar a minha vida?*

KRISHNAMURTI: De que maneira enfrentamos a vida, quer tenhamos saúde, quer não a tenhamos? De que maneira a enfrentamos, na realidade?

Se estais seguro econômicamente, se tendes um talento, se tendes capacidade, se tendes alguma proteção, alguma influência, podeis enfrentá-la regularmente bem, não é verdade? Mas a grande maioria das pessoas não tem segurança de espécie alguma, não tem influência junto aos grandes; são aleijados, mental e fìsicamente; e de que maneira poderão enfrentar a vida? Ora, pela melhor maneira que lhes fôr possível. E' o que realmente está acontecendo.

Entretanto, os que são capazes de pensar neste problema de maneira nova, os que não estão estropiados e desejam encontrar um novo modo de existência — isto é, vós e eu, que não estamos mentalmente estropiados — podem êsses encontrar uma nova linha de ação, uma nova maneira de pensar? Por certo, vós e eu temos o dever de criar um mundo novo. Cabe-nos sem dúvida — a vós e a mim — a obrigação de criar

um mundo novo, visto que nos sobram lazeres, temos a capacidade de pensar, e nos achamos em segurança, econômicamente. Não achais que tendes a obrigação de ajudar os que são incapazes de pensar, os que estão estropiados fisicamente, mentalmente, intelectualmente, e têm mêdo de enfrentar a vida? Nós temos esta obrigação. E se o não fizermos, quem mais o fará?

Haverá algum meio de se dar emprêgo ao autor desta pergunta? Os mais de nós não podemos dar-lhe emprêgo. Ou, se podemos, mostramo-nos sempre implicantes e mandões, pois não sabemos dar um pouco do que temos; perdemos a generosidade; já não a temos, se alguma vez a tivemos... Por isso, mantemos os fracos na sua fraqueza e somos subservientes aos fortes, procedendo, também nós, como fracos. Tal é, pois, a nossa vida — confusão, mediocridade, sofrimento e insuficiência, interiormente; e, exteriormente, o arder de desejos inumeráveis, que reprimimos. E, positivamente, não podemos criar um mundo diferente, a menos que haja uma revolta contra tudo isso — não uma revolta com o fim de entrarmos numa dada associação, não a revolta contra um dado grupo, para entrarmos num grupo comunista ou socialista. Refiro-me à revolta total, pois sòmente nela existe aquela fôrça que se manifesta quando nossa mente está só, quando não é mais susceptível de influenciar-se — o que não se deve entender como "obstinação", pois tal fôrça não procede da experiência nem do saber. Isso não significa "estar só": há sempre dependência, quando há saber e experiência. Êsse estado de solidão prescinde completamente das muletas da mente. E' um estado de revolta, não só contra alguma coisa; é revolta total. Só assim haverá a possibilidade de um mundo diferente, e só assim poderá o autor desta pergunta encontrar a solução do seu problema.

PERGUNTA: *Podeis explicar, por favor, o intervalo de que falais, entre um pensamento e outro pensamento? Em geral o nosso pensar é trivial e sem nenhuma importância. E' necessário seguirmos tão insignificantes pensamentos?*

KRISHNAMURTI: Senhor, já notastes, no vosso pensar, que existe um intervalo entre dois pensamentos? Por mais triviais e por mais estúpidos que sejam êsses pensamentos, existe o intervalo, não existe? Não há pensamento contínuo. Se observardes lùcidamente, notareis que há um vazio, um intervalo. O mero seguir, o analisar, o estar cônscio de determinado pensamento, será completamente inútil se não tivermos compreendido ou observado o intervalo entre dois pensamentos. Porque, afinal de contas, quando sigo até o fim um determinado pensamento, por mais insignificante que êle seja, a mente que o leva até o fim continua a ser trivial, um espírito limitado, medíocre, que está julgando, comparando, condenando; e quando essa mente segue um pensamento, não pode compreendê-lo. E dizendo "Não devo julgar, não devo comparar", atamos mais ainda a mente, limitamos o pensamento, porque no momento em que digo que não devo julgar, imponho um limite ao pensamento, oponho uma resistência ao julgamento e por conseguinte condiciono ainda mais o espírito. Se observo porém que existe um intervalo entre os pensamentos, se minha mente se interessa por êsse intervalo e o observa com lucidez, verei então desvanecerem-se os pensamentos triviais, sem que eu os julgue, compare, discipline, refreie. Porque, naquêle intervalo, não há função de pensamento. Existe um intervalo, que apenas pode durar um segundo; mas no momento em que desejais prolongar êsse segundo para dez segundos, pusestes em ação a mediocridade.

Prestai atenção a isso; vê-lo-eis com tôda a clareza, se estais escutando corretamente. Isto é, se observardes o intervalo entre dois pensamentos, e a mente, cônscia dêsse intervalo, desejar permanecer nêle, desejar prolongá-lo — se assim desejardes, não tereis pôsto em movimento uma determinada influência, por vós desejada, escorando assim a mente numa determinada influência, numa determinada experiência, vale dizer, reduzindo-a à mediocridade, a um estado de mesquinheza, pequenez ,estreiteza? Quando a mente deseja gozar uma determinada experiência e conservar essa experiência, isso não denota consistência? E a mentalidade que é consistente, não é uma mente medíocre, que tem mêdo? Por conseguinte, por mais que essa mente siga ou analise determinado pensamento, o analista continua sempre a mesma entidade invadida pela mediocridade.

O estarmos cônscios dêsse intervalo é suficiente, mas desde que não o busquemos, que não procuremos criá-lo, prolongá-lo. E isso, positivamente, implica em autoconhecimento infinito, não é exato? Porque êsse intervalo não pode ser conservado, é possível apresentar-se, nêle, um sentimento novo e diferente. Mas no momento em que buscais êsse intervalo e procurais prolongá-lo, a mente está intervindo nêle; e quando a mente intervém, influencia e condiciona. Assim, pois, quanto mais cônscios estamos do processo do pensamento e do intervalo, tanto maior o nosso autoconhecimento — autoconhecimento que não nos veio de nenhum livro, que não está de acôrdo com nenhum padrão de pensamento, mas que é a compreensão de nós mesmos, tais como somos, momento por momento, dia por dia, mês por mês. Êsse é um "processo" extremamente difícil. Sem aquêle conhecimento, não se pode compreender a influência que condiciona, e é por isso que a mente está sujeita a tôda espécie de influência e interferência, vivendo perpètua-

mente num estado de imitação, de dependência e de temor.

Escutai bem isso. Se o compreenderdes verdadeiramente, não precisareis fazer nada conscientemente. Não precisareis fazer nada, porque tôda interferência consciente é condicionante. Eis porque é importante escutarmos de maneira que haja uma revolução inconsciente profunda, não a revolução produzida pela mente, pelo nível superficial da mente, porque os níveis superficiais da mente são o resultado da influência, interferência, condicionamento. Tal interferência por parte da mente não pode produzir coisa nova, de todo diferente. Não tem importância, pois, conhecermos a nós mesmos, conhecermo-nos assim como somos, e não de acôrdo com nosso julgamento?

Só nos conhecemos comparando. Pelo menos pensamos que nos conhecemos. Entretanto, a comparação impede a compreensão da coisa tal como é. Sou feio, ganancioso, invejoso. No momento em que me comparo com alguém que é invejoso, não gastei minha energia, não a dissipei, não a desvirtuei? Não devo absorver-me completamente no *que é?* Porque, quando comparo, quero transformar *o que é* numa coisa que *não é.* E o desejo de transformar *o que é* numa coisa que *não é* não representa um total desperdício de energia e de tempo, e não representa uma fuga? Posso, sem comparação, ver o *que é?* É-me possível olhar o que sou, sem conhecimento comparativo? Prestai atenção a isso. Quando digo que sou ávido, isso, em si, não é comparativo? Só conheço a avidez comparando o sentimento — o sentimento do *mais,* o desejo de mais poderio, posição mais importante, mais segurança, mais experiência, mais conhecimento. O "mais" é a condição comparativa. Posso observar o meu pensamento sem comparação, se minha mente é comparativa? Assim sendo,

no momento em que vejo que minha mente é capaz de pensar, de olhar, de observar, sem comparação, existirá a avidez? Segui bem isso.

Visto minha mente ser comparativa, quando ela diz "não devo ser ávida" — que é condenar — esta condenação, justamente, cria um estado comparativo. Ela fortalece o estado comparativo. É-me possível considerar a avidez, que é produto do "mais", resultado do "mais", que é o desejo de "mais", sem comparação? E não constitui isso a única maneira de libertarmos a mente de tôda avidez?

O autoconhecimento, pois, é o comêço da sabedoria. E a sabedoria não pode ser comprada. Não há *guru*, nem livro, nem experiência que possa dá-la. Pois a experiência é do tempo, a experiência é acumulativa; ela implica sempre em "mais", o cultivo da técnica pela experiência. Só a revolta contra a técnica, contra a experiência, contra o "mais", trará a libertação da mente, que estará, então, completamente só.

PERGUNTA: *Que é o perdão? São idênticos o perdão e a compaixão? Talvez seja possível perdoar a outros, mas não é necessário perdoarmos a nós mesmos?*

KRISHNAMURTI: Que é o perdão, e quando é que perdoais? É realmente necessário o perdão? Magoei-vos e guardais esta mágoa. E, ou o tempo a cura, ou começais a cultivar deliberadamente o perdão. Primeiro guardais a mágoa, primeiro acumulais a mágoa; e depois a perdoais. Entretanto, se a não guardásseis, não haveria necessidade de perdoá-la.

O perdão não é diferente da compaixão? O homem que se sente ofendido e que perdôa — pode êsse homem conhecer a compaixão? Ora, sem dúvida, o amor é um

estado que não conhece mágoa, ofensa, não é verdade? Só existe mágoa, quando nesse amor predomina o "eu", quando espero alguma coisa, nesse amor. Quando quero ser amado, sou eu, nesse amor, o fator preponderante. Quando há querer, por parte do "eu", do "ego" — "quero ser amado", "quero desvelos", "sinto falta de tal pessoa" — continuo a ser o centro, e êsse centro é susceptível de mágoa ou aprazimento; e quando recebe uma ofensa, guarda-a. E, mais tarde, conforme a pressão, as interferências, as influências e temores, perdôa-a. A compaixão é um estado em que o "eu" — o centro, o "ego" — tem consciência de si mesmo como compassivo? Existe necessàriamente, na compaixão, a consciência do "eu"?

Quando sabeis que sois compassivo, quando estais côncio de que sois compassivo, isso é compaixão? Quando sabeis que sois indulgente, isso é indulgência? E no momento em que estou cônscio da virtude, é virtude isso? Nessas condições, o ato consciente de indulgência, o sentimento de ofensa, não fortifica aquela entidade, o "eu", que está sempre juntando, sempre acumulando, comparando, julgando, pesando? E pode, em algum tempo, uma tal entidade ser livre, conhecer o amor, saber o que significa ser compassivo? Descobri isso por vós mesmos, não ouçais só as minhas palavras.

Que é ser compassivo? Descobri por vós mesmos, procurai sentir por vós mesmos se a mente susceptível de ofender-se, é capaz de perdoar. Pode a mente suscetível de ofender-se, perdoar? E pode essa mente suscetível de ofensa cultivando a virtude, tendo consciência da generosidade, ser compassiva? A compaixão, tal como o amor, não é coisa que pertence à mente. A mente não tem consciência de si mesma, quando é compassiva, amorosa. Mas no momento em que perdoais conscientemente, está a mente fortalecendo o seu pró-

prio centro, sua própria mágoa. Assim, pois, a mente que perdoa conscientemente, nunca perdôa; não sabe o que é perdão; perdôa por não querer ser ofendida de novo.

Muito importa, por conseguinte, averiguarmos porque a mente, com efeito, guarda uma ofensa. Pois a mente está incessantemente empenhada em engrandecer-se, em tornar-se algo. Quando a mente está disposta a não ser coisa alguma, a ser *nada*, nada absolutamente, nesse estado, então, há compaixão. Nesse estado não há nem perdão nem sentimento de ofensa; para compreendê-lo, porém, é necessário compreender-se o desenvolvimento consciente do "eu", o "eu' que cresce, que se torna grande, virtuoso, respeitável, o "eu" que irá, no fim de tudo encontrar Deus. Isto é, é necessário compreender-se porque exaltamos o "eu", porque cultivamos o "eu", o "ego" — quer o situemos num nível superior, quer o situemos em nível inferior.

Nessas condições, enquanto houver o cultivo consciente de uma dada influência, de uma dada virtude, não pode haver amor, não pode haver compaixão; pois o amor e a compaixão não são o resultado de esfôrço consciente.

PERGUNTA: *Como posso ficar livre do passado?*

KRISHNAMURTI: Se eu puder compreender aquilo com que minha mente se ocupa, talvez possa ver a maneira como libertá-la do passado.

Com que se ocupa a vossa mente? Não está ela ocupada com algo que vem do passado, com o que deverieis ter feito, o que deveríeis ter pensado, com vossas experiências, vossos sofrimentos, vosso desejo de ser feliz, as ofensas que sofrestes, vosso desejo de preenchimento? Vossa mente, vossa consciência é o passado,

não? Aquilo que *deverieis ser* é produto daquilo que não fizestes. O futuro é a "projeção" do passado, não é? Nossa mente é o passado; e perguntais "como posso ficar livre do passado?". Mas eu, que faço esta pergunta, sou também o passado; o "eu" não difere da mente que é o passado. É meu espírito que diz "eu quero ficar livre do passado". Êsse "eu" faz parte da mente, não faz? Êle faz parte do pensamento, sem dúvida. E êsse pensamento é o resultado do passado.

Quando a mente diz "preciso livrar-me do passado" não está se separando do passado? E o seu desejo de libertar-se do passado não é um processo total, um processo unitário, e não o "eu" distinto do passado? Não existe só um estado, o passado, o qual se "projeta" no futuro? Assim sendo, se a mente, a consciência, está ocupada pelo passado, como pode ela libertar-se? Atentai para isto: Como pode a minha mente, que é resultado do tempo, libertar-se do passado? Quando examinamos a mente, vemos que ela é memória, é experiência, é crescimento no tempo — i.e., o passado.

A mente, pois, é tempo; a mente é o passado. E quando a mente pergunta "posso libertar-me do passado?" — é justificável esta pergunta? E ao perceberdes êsse processo total, que acontece à vossa pergunta: "posso ser livre?" — Se eu disser que podeis ser livre, esta resposta não é válida; não é vossa "experiência", não é um fato. O que então fareis será apenas uma tentativa de vos libertardes, de libertades a vossa mente de tôdas as ocupações do passado. Se compreenderdes, porém, tôda a estrutura do passado, nesse caso nunca fareis tal pergunta. E pelo fato de não fazerdes a pergunta, encontrareis a resposta correta; porque a mente, que é a soma de tôdas as experiências, de tôdas as influências, e que é constituida de partes, não pode perceber aquilo que não é constituido de partes, ajustado.

Pois o espírito não pode experimentar nem compreender o que é eterno. O eterno é uma coisa inteiramente distinta da mente, porque o eterno não pertence ao tempo. A mente pertence ao tempo. Se a mente compreender que ela própria é tempo, produto do tempo, produto da memória, produto de experiências, influências, interferências — se a mente compreender tudo isso, haverá então uma revolução nela própria, uma revolução não criada pela mente.

Enquanto a mente estiver buscando o eterno através da experiência, nunca o encontrará. Por isso fazeis a pergunta: "pode a mente ser livre do passado?" Sim, quando compreende o processo total de si mesma; quando está bem cônscia de ter feito tal pergunta e está, assim, consciente de sua própria estrutura. Vereis que qualquer movimento que busque afastar-se dessa estrutura, é também produto do passado. Quando o espírito percebe isso, não há movimento nenhum; por conseguinte, há uma tranqüilidade total da mente. Todo movimento visando a afastar-se do passado, pertence ao tempo, e essa mente não pode compreender, não pode achar-se no estado de receber o Eterno.

PERGUNTA: *Deus não pode ser negado fàcilmente. Atacais o próprio conceito de Deus. Que tendes então para oferecer ao mundo? Sem a crença em Deus, a vida é estéril, viciosa, e só pode conduzir à escuridão.*

KRISHNAMURTI: Se credes ou não credes, se eu desprezo ou destruo o conceito de Deus — em qualquer caso, a Realidade existe. Essa Realidade não pode ser encontrada por meio de crença nenhuma, desde que a crença é produto do nosso desejo de segurança. A mente, cheia de temor e ansiedade, a mente que deseja algo

em que se arrimar, percebendo a transitoriedade do mundo, cria uma idéia; mas a idéia de Deus não é Deus. Deus não é uma coisa "projetada" pela mente; nessas condições a mente não pode de modo nenhum nem em tempo algum compreender Deus.

É bem evidente que a crença em Deus tem dividido os homens e lançado os homens uns contra os outros; porque, para vós, não é Deus que é importante, e sim a crença. E não tornais o mundo mais sombrio com vossa crença? Vêde as inumeráveis crenças que tendes! Em nome de Deus matais, não é verdade? O homem que lança uma bomba atômica crê em Deus, destruindo milhares de vidas em poucos segundos. E o homem que não crê em Deus, o comunista, também destroi, com o fim de criar um mundo melhor. Por conseguinte, não há muita diferença entre êsses dois homens, não é verdade? Tanto os que crêem como os que não crêem trazem destruição e miséria para o homem. O cristão crê e o hinduista crê; são dois polos separados, guerreando, disputando, apetecendo, destruindo, exterminando, e crendo, professando crer em Deus. E Deus pode ser negado? É Deus uma "projeção" de nossas mentes?

Ora, a Realidade — ou como preferirdes chamar — é algo que excede a mente. Mas não pode achar-se essa realidade, se a mente não compreende a si mesma. Se a mente não está quieta, serena, não pode saber o que é aquela Realidade, aquela coisa extraordinária.

Todavia não é a crença que torna o espírito tranqüilo. Pelo contrário, a crença desvigora a mente; a crença condiciona a mente, mutila-a. A mente que é temerosa e busca segurança, a mente buscando uma coisa a que se apegar — essa mente é sem valor. A crença se torna então um meio de autoproteção. Torna-se nesse caso, não uma coisa anônima, mas algo em que nos podemos apoiar. A crença divide e destroi. E pode

um tal espírito, em algum tempo, encontrar a Realidade? Ao perceber tudo isso, não deve a mente manter-se vigilante e libertar-se de tôdas as suas crenças — o que significa libertar-se do temor? Só então se torna a mente muito tranqüila, muito serena, não mais sob a influência de suas projeções e desejos, de seus livros, de suas esperanças. A mente em desespêro não pode encontrar a Realidade. Quando a mente se vê no desespêro busca a esperança, e a esperança se torna a Realidade, projetada pela mente desesperada.

Percebendo tudo isso, a mente se torna tranqüila. Só então se manifesta a Realidade. A Realidade não pode ser chamada, não pode ser aliciada. Não podeis fazer sacrifício algum para obtê-la. Nenhuma virtude poderá recompensar-vos com a Realidade. Só quando a mente está de todo tranqüila, sem aguardar nem esperar coisa alguma, só então a Realidade pode manifestar-se a essa mente tranqüila.

1 de março de 1953

OITAVA CONFERÊNCIA DE BOMBAIM

ACHO que é bem evidente que a vida de quase todos nós é muito confusa; e, vendo-nos confusos e numa luta constante, buscamos uma forma de sair de tal confusão. Apelamos, assim, para alguém que possa dar-nos ajuda. Se nos vemos num estado de premência econômica, apelamos para o economista ou o político; e quando a confusão é de natureza psicológica, interior, apelamos para a religião. Recorremos a outra pessoa, em busca de um caminho, de um método que nos tire da confusão e nos livre dos nossos sofrimentos. E, nesta tarde, se possível, tenciono verificar se há algum método, algum meio de vencermos os nossos sofrimentos, pela acumulação de conhecimentos e de experiência; ou se existe um outro "processo" inteiramente diverso e muito mais importante do que a busca de um sistema, de uma técnica, ou o cultivo de determinado hábito.

Assim sendo, desejo — se me é permitido — explorar esta questão com tôda a calma e cuidado; e nesta exploração vós também tomareis parte, uma vez que o problema vos atinge também. O problema é o de encontrar uma saída, um sistema, que me ajude a dissolver radicalmente a causa, a substância ou a natureza mesma da mente que cria o problema. É possível isso por

meio de qualquer acumulação de conhecimento e de experiência? O saber consiste na acumulação exterior de conhecimentos técnicos e na acumulação interior de experiência psicológica, que é conhecimento, capacidade de conhecer. Ajudar-me-á isso a alcançar a completa liberdade — não um alívio momentâneo, porém liberdade total — dessa perene batalha que se trava dentro em mim? Porque é esta batalha, êste conflito, esta constante incerteza que gera atividades exteriores produtivas de malefícios e de caos, que provoca a expressão da ambição pessoal — o desejo de ser alguém, a atitude agressiva perante a vida.

Considero de muita importância compreender se, pelo cultivo de uma dada virtude ou pelo desenvolvimento de um conhecimento ou técnica, se pode pôr fim ao sofrimento. Ou se poderá pôr fim ao sofrimento apenas com um espírito que não busca, que não sabe, que não acumula. Quase todos nós temos certas atitudes perante a vida, possuimos certos valores com os quais conferimos as nossas atividades, os quais determinam o padrão cultural, exterior ou interior, que estabelecemos para nós mesmos; e dizemos: "Sei. Sei o que devo fazer". Sabemos o que sabemos? E não devemos tentar muito sèriamente investigar a questão relativa a isso que chamamos "conhecimento", averiguar se nos é possível saber qualquer coisa e se não é uma maneira enganosa de pensar o dizermos "sei"? Não é importantíssimo, quando a mente diz "sei", verificar o que sabe? E pode êsse conhecimento, em algum tempo, dissipar o contraditório "processo" mental responsável pelos inumeráveis conflitos existentes em nós, e tôdas as nossas frustrações e temores?

O problema é: Pode o saber dissipar o sofrimento? Sabemos que, num certo nível, o saber técnico pode dissipar o sofrimento — quando o corpo está doente,

fìsicamente, psicològicamente. Num certo nível o saber é essencial, necessário. É também essencial o saber com relação aos males da pobreza. Possuimos o conhecimento técnico necessário para pôr fim à pobreza, para termos abundância, roupas suficientes e casa para morar. É essencial o saber científico, para tornar a vida mais suave, no nível puramente físico. Entretanto, o saber que acumulamos, que juntamos, com o fim de sermos livres, com o fim de não sofrermos — exercícios, técnicas, meditações — os diferentes ajustamentos que a mente faz, para não ter mais conflitos — pode isso ocasionar a cessação do conflito? Lêdes muitos livros e tentais achar um método, uma conduta de vida, uma finalidade da vida; ou ides buscá-lo de outra pessoa; e procurais viver e agir segundo êsse propósito. Mas o sofrimento continua, o conflito continua.

Èsse constante ajustamento do *que é* ao *que deveria ser* é o fator deteriorante, inerente à luta. Interiormente, pois, a nossa vida é cheia de lágrimas, agitação e sofrimento, e deve haver uma maneira de nos encontrarmos com a vida sem ser com o saber acumulado da experiência, uma maneira diferente, na qual não exista essa batalha. Sabemos que enfrentamos a vida, que enfrentamos o desafio sempre com o nosso conhecimento, nossa experiência, nosso passado. Isto é, digo "sei", "acumulei experiência", "a Vida me ensinou". Começamos sempre com o nosso saber, com um certo resíduo de experiências; e com isso enfrento o meu sofrimento. O sofrimento é o conflito entre *o que é e o que deveria ser*. Conhecemos a natureza interior do sofrimento: a morte de alguém, o sofrimento da pobreza, a frustração psicológica interior, a insuficiência, a luta do preenchimento e as penas incessantes do temor; e enfrentamos o sofrimento sempre com nosso saber, não é verdade? Digo "sei o que devo fazer", "creio na reincarnação,

em *karma,* em certa experiência, em certo dogma"; e com isso faço frente às ocorrências diárias da vida.

Vamos agora pôr em dúvida êsse saber, essa coisa com que dizemos que enfrentamos a vida. Nunca há o sentimento de completa humildade num espírito que diz "sei". Mas há uma humildade completa que diz "não sei". E não é êsse um estado essencial, uma necessidade absoluta, quando enfrentamos a vida, quando enfrentamos um problema, o sofrimento, a morte? Êsse senso de humildade não pode ser provocado, cultivado, produzido, "juntado". É o sentimento de "não saber".

Que sabeis vós? Que sabeis sôbre a morte? Assistis à incineração de cadáveres, assistis à morte de parentes; mas que sabeis afora as coisas que aprendestes, as crenças? Não sabeis o que é o Desconhecido. Pode a mente, que é resultado do tempo, resultado de acumulação, resultado do passado total, pode essa mente conhecer o desconhecido, isto é "o que existe depois da morte"? Centenas de livros se têm escrito sôbre o que existe após a morte; a mente, porém, não o sabe.

Não é, pois, essencial, para que se possa descobrir qualquer coisa verdadeira, que tenhamos êsse sentimento de completa humildade, o sentimento de "não saber"? Só então existe a possibilidade de "saber". Só quando não sei o que é Deus, há Deus.

Mas eu penso que sei. Já provei o sabor da idéia relativa ao que é Deus — não Deus, mas a idéia de Deus. Já o busquei e achei; já sofri; por isso procuro o *guru,* o livro, o templo. Minha mente já vislumbrou a Realidade; eu sei, eu tenho alguma experiência, eu li, eu provei. Existe, pois, em essência, vaidade, um estranho sentimento de vaidade, que se baseia no saber. Entretanto, o que sei é apenas lembrança, experiência — isto é, uma reação condicionada, um movimento banal da vida. Dou o primeiro passo já com vaidade:

"sei que Deus me fala", "eu possuo saber", "tenho visões". E a isso chamo, absurdamente, sabedoria. Organizo escolas de pensamento, acumulo; e jamais se dá um momento em que eu diga sinceramente, com completa humildade, com completa "integração": "Não sei". Porque eu julgo saber. Mas o que sei é a acumulação da experiência, da memória, do passado; e isso não me resolve o problema do sofrimento, nem o problema relativo a como agir na vida, com tôda a sua confusão, suas contradições, suas instigações, suas influências e incentivos. Pode vossa mente, contaminada que está pela vaidade, pelo saber, pela experiência, ser livre de todo? Pode ela experimentar aquêle sentimento de completa humildade? "Não saber" é humildade, não é? Tende a bondade de prestar atenção, de *escutar*. Quando reconheceis não saber, estais começando a descobrir. Mas o "estado de não saber" não pode ser cultivado. O "estado de não saber" só vem com a humildade completa. Então, quando a mente tem um problema, ela "não sabe", e o problema dá a resposta; o que significa que a mente, para receber respostas, tem de estar completamente, totalmente, interior e profundamente despida de vaidade, achar-se num estado absoluto de "não saber". A mente, porém, tem forte aversão a êsse estado. Observai vossa própria mente, senhores. Vereis como lhe é extraordinàriamente difícil olhar-se de frente e dizer "não sei". Desagrada à mente tal manifestação, porque ela deseja estar sempre apoiada em alguma coisa. Prefere dizer: "conheço o caminho da vida", "sei o que é o amor", "tenho sofrido", "sei o que isso significa" — o que, com efeito, denota a mente que está tôda envolvida no seu próprio saber. Essa mente, por conseguinte, nunca é pura. É a mente pura que diz "não sei", a mente sem vaidade e sem adornos. Essa mente é que é capaz de achar o

Real — a resposta verdadeira. Só a mente que diz "não sei" recebe aquilo que é a Verdade.

Quando o espírito indaga o caminho da liberdade, o caminho da Verdade, o método relativo a qualquer técnica psicológica, está apenas preocupado com a acumulação de saber, por meio do qual espera dissolver a luta constante que vai dentro de si mesmo. Mas o saber não dissolve a luta. Vós o sabeis, não? Dos vossos livros, das experiências diárias de vossa vida, vós o sabeis suficientemente; êsse saber, porém, vos tem impedido de sofrer? É possível achar-se a mente num estado absoluto de "não saber", de modo que seja sensível, receptiva? A mais elevada forma de pensar não é o estado mental completamente negativo, no qual não existe acumulação alguma, no qual, por conseguinte, há completa "pobreza de espírito" — "pobreza", no seu sentido mais nobre e mais profundo? A mente é então solo novo, é um espírito onde não existe sabedoria; é o Desconhecido. E então, só então, pode o Desconhecido vir ao Desconhecido. O conhecido não pode jamais conhecer o Desconhecido. Senhores, isto não é uma simples asserção; se a "escutardes", se "escutardes" o seu verdadeiro significado, conhecereis a sua Verdade. Mas o homem de vaidade, o homem de saber, o erudito, o homem que quer alcançar um resultado, êsse nunca conhecerá o Desconhecido; não pode, por conseguinte, ser um ente criador. E na época atual, o ente criador — o homem capaz de criar — se torna essencial em nossa vida de cada dia, e não o homem que possui uma nova técnica, uma nova panacéia. E não há possibilidade de criação, onde já existe algum resíduo de saber. A mente precisa estar vazia, para poder criar. Isso significa que a mente deve ser humilde, total e completamente humilde. Só então há a possibilidade de manifestar-se aquêle poder criador.

PERGUNTA: *Num mundo que necessita de ação coletiva, por que encareceis a liberdade do indivíduo?*

KRISHNAMURTI: A liberdade não é essencial à cooperação? Não deveis ser livre, para poderdes cooperar comigo, e eu convosco? E surge a liberdade quando vós e eu temos um objetivo comum? Quando vós e eu estabelecemos intelectualmente, verbalmente, teòricamente, um objetivo comum, um alvo comum, estamos deveras cooperando? O fim comum nos une? Acreditais que tenho um alvo comum; mas sou, por acaso, livre, quando tenho um alvo comum? Estabeleci um alvo, um objetivo, baseado no meu saber, na minha experiência, na minha erudição; e digo que tal é a finalidade do homem. Depois de estabelecer êsse alvo, êle não se apoderou de mim? Não me tornei seu escravo? Por conseguinte, há criação? Para sermos criadores, devemos estar livres de um objetivo comum.

É possível a ação coletiva? E, que entendemos por "ação coletiva"? Não é possível a ação coletiva, porque somos indivíduos. Vós e eu não podemos pintar juntos um quadro. Não há ação coletiva, há apenas pensamento coletivo, não é exato? É o pensamento coletivo que nos une, fazendo-nos cooperar. Nessas condições, o que é importante não é a ação coletiva, mas o pensar coletivo.

Pois bem, pode haver pensamento coletivo? E que entendemos por "pensamento coletivo"? Quando é que todos pensamos do mesmo modo? Quando todos somos comunistas, quando todos somos socialistas, quando todos somos católicos, então todos estamos sendo condicionados num certo padrão de pensamento e todos cooperando. E que acontece, quando há pensamento coletivo? Que acontece? Não subentende isso campos de concentração, extermínio, contrôle do pensamento,

para que ninguém pense diferentemente do partido, do todo que foi estabelecido por uns poucos? O pensar coletivo, por conseguinte, leva a maiores desgraças, à destruição de vidas, à crueldade, à barbaridade. O que é necessário não é o pensamento coletivo, mas o pensar corretamente — não de acôrdo com a direita, não de acôrdo com o comunista ou o socialista; *saber pensar*, e não *o que pensar*.

Acreditamos que, pelo condicionar da mente com *o que pensar*, haveria ação coletiva. Mas isso tem, apenas, o efeito de destruir entes humanos, não é verdade? Quando sabemos *o que* pensar, não se acabou tôda investigação criadora, não se acabou o sentimento de completa liberdade? Nosso problema, pois, não é a ação coletiva ou o pensamento coletivo, mas o sabermos pensar. E isso não se aprende em nenhum livro. A maneira de pensar, o que é o pensar, isso só pode descobrir-se na vida de relação, no autoconhecimento. E não pode haver autoconhecimento quando não temos liberdade, quando temos mêdo de perder nosso emprêgo, quando receamos o que digam de nós as nossas espôsas, nossos maridos ou nossos vizinhos.

Assim, pois, no "processo" do autoconhecimento surge a liberdade. Essa liberdade produzirá a ação coletiva, que não pode ser gerada pela mente condicionada, impelida a agir. Não há, por conseguinte, ação coletiva em nenhuma das formas de compulsão, de coerção, recompensa ou castigo. Só quando vós e eu somos capazes de achar o que é a Verdade, pelo autoconhecimento, pode haver liberdade; só então há a possibilidade da verdadeira ação coletiva.

Não há ação coletiva, quando há objetivo comum. Todos queremos uma Índia feliz, uma Índia culta, um mundo culto; afirmamos todos ser êste o nosso objetivo; dizemo-lo e repetimo-lo; mas não o estamos a

repelir constantemente? Todos dizemos que há necessidade de fraternidade, que há necessidade de paz e de amor de Deus; tal é o nosso objetivo comum. E não nos estamos destruindo mùtuamente, apesar de professarmos que temos um objetivo comum? E quando o esquerdista diz ser necessária ação coletiva, mercê do pensamento coletivo, não está êle destruindo, produzindo miséria, guerra e devastação? Nessas condições, um objetivo comum, uma idéia comum, o amor de Deus, o amor da paz — nada disso nos une.

O que nos une é o amor, que vem com o autoconhecimento e a liberdade. O "meu eu" não representa uma unidade separada; eu estou em relação com o mundo; sou o "processo" total. Assim, no compreender o processo total, que é o "eu" e que é o "vós", há liberdade. Êsse autoconhecimento não é o conhecimento de "mim", como entidade separada. O "eu" é o "eu" total de todos nós, visto que não estou isolado; tal coisa não existe; nenhum ser pode existir no isolamento. Meu "eu" é o processo total da humanidade. Meu "eu" é vosso "eu", relacionados um com o outro. É só quando compreendo êsse "eu" que há autoconhecimento; e nesse autoconhecimento há, então, liberdade. Então o mundo se torna *nosso mundo;* não é vosso mundo, não é um mundo hinduista, católico, ou comunista. Torna-se *nosso mundo* — vosso e meu — e nêle podemos viver felizes, criadoramente. Entretanto, isso não é possível quando estamos condicionados por uma idéia, quando temos um alvo comum para todos nós. Só na liberdade, que surge com a compreensão do "eu", o qual constitui o "processo" total do homem, só na liberdade existe a possibilidade de pensamento e ação coletivos.

Eis porque é importante, num mundo dividido pelas religiões, pelas crenças, pelos partidos políticos, seja essa verdade compreendida muito claramente por

cada um de nós. Porque, na ação coletiva, não há salvação; seguindo êsse caminho encontramos maiores sofrimentos, destruição e guerras; êle acaba na tirania. Mas a maioria de nós deseja alguma espécie de segurança. No momento em que o espírito busca a segurança, está perdido. Só os que não estão seguros são livres; não é livre o homem respeitável, o homem que se acha em segurança. Escutai isto: jamais há liberdade em qualquer forma de enriquecimento do espírito, numa crença, num sistema. E porque a mente se acha em segurança, numa certa forma, num certo padrão, gera, nessa escravidão, ação produtiva de mais sofrimentos. Só a mente que é livre (e quando se compreende o "processo do eu", com todo o seu conteúdo, a mente é livre) pode criar um mundo novo. Êste mundo é então *nosso mundo*, uma coisa que podemos edificar juntos, e *não* criá-lo segundo o padrão de alguma tirania ou de algum deus. Podemos então trabalhar, vós e eu, para edificar, cultivar, criar o *nosso mundo*.

PERGUNTA: *Vendo-vos e ouvindo-vos, pareço estar diante de um infinito oceano de tranqüilidade. Minha reação imediata ante vossa pessoa é de reverência e devoção; isso, por certo, não significa que vos constitui minha autoridade. Que achais?*

KRISHNAMURTI: Senhor, que se entende por "reverência" e "devoção"? A reverência e a devoção não devem, por certo, ser dirigidas para alguma coisa. Quando sou devotado a uma coisa, quando sinto reverência por alguém, crio uma autoridade, porque tal reverência e devoção me dá, inconscientemente, no mais profundo do meu ser, um sentimento de confôrto, de satisfação; por conseguinte, nela me amparo. En-

quanto sou devotado a alguém, enquanto tenho reverência a alguma coisa, sou escravo; não há liberdade.

Não pode existir sòzinha a reverência, a devoção? Isto é, se reverenciamos uma árvore, uma ave, a criança da rua, o mendigo, o nosso criado, a reverência não é então dirigida a alguma coisa, a alguém; é um sentimento de respeito, existente em nós mesmos. O respeito por alguém não se baseia no temor? O sentimento de respeito não é mais essencial e mais importante do que o respeito tributado a uma divindade ou a uma pessoa? Quando existe êsse sentimento, existe igualdade. A igualdade pregada pelos políticos, pelos legisladores, pelos comunistas, não é igualdade nenhuma, visto que haverá sempre desigualdade, já que uns têm mais capacidade, mais inteligência e mais talento do que outros. Quando sinto, porém, aquêle respeito que não é dirigido a uma pessoa, mas que é o respeito *em si*, êsse respeito imanente é amor — não amor por algo. Quando estou cônscio de render reverência a algo exterior a mim, a uma pessoa ou imagem, não há amor; há então separação, entre vós, que reverencio. e eu, num degrau inferior.

São imanentes a devoção e a reverência, quando começo a compreender o processo total da vida. A vida não é simplesmente o "eu" em ação — mas a vida do animal, a vida da natureza, a criança que esmola na rua. Quantas vêzes contemplamos uma árvore? Quando é que olhais para uma árvore, uma flor? E quando o fazeis, sentis reverência — não pela flor, que vai fenecer, mas ante a sua beleza, ante essa coisa extraordinária que é a vida? Isso significa, em verdade, o sentimento de humildade integral, em que não há senso de súplica. A mente, em si, está então tranqüila. Não precisamos então procurar alguém que esteja tranqüilo. E nessa tranqüilidade não há nem *vós* nem *eu*

— há apenas tranqüilidade. Nela vereis não haver respeito por coisa alguma, mas o respeito *em si*. E' então a vida supremamente importante; já não existe autoridade; a mente está tranqüila de todo.

PERGUNTA: *Quando me torno cônscio dos meus pensamentos e sentimentos, êles desaparecem. Mais tarde me apanham desprevenido e dominam-me inteiramente. Posso tornar-me livre de todos os pensamentos que me atormentam? Terei de viver sempre entre a depressão e o exaltamento?*

KRISHNAMURTI: Senhor, qual é a "conduta" do pensamento? Que é pensar? Faço-vos uma pergunta; estou certo de que tendes uma resposta. Vossa mente salta de pronto e responde. Ela não diz: "não sei; vou investigar". Observai vossa própria mente e achareis uma resposta para vossa pergunta.

Que é pensar — não o pensar correto e o pensar incorreto, mas o processo total do pensar? Quando pensais? Tão-sòmente quando sois desafiado. Quando se vos faz uma pergunta, começais a responder de acôrdo com vosso acervo mental, vossa memória, vossa experiência. O pensar, pois, é o processo de reação a um desafio. Por exemplo: "sou infeliz, e preciso achar uma saída, uma solução." Começo então a investigar. "Preciso achar uma saída" — eis o meu problema, a questão que tenho de resolver. Se não encontro a solução fora de mim, começo a procurá-la dentro em mim. Dependo de minha experiência, de meu saber; e meu saber e minha experiência dão-me sempre a resposta, isto é, a solução. E' assim que ponho em movimento o processo do pensar.

Pensar é reação do passado, reação ao passado. Não sei o caminho de vossa casa, e vós mo ensinais,

porque o sabeis. Pergunto-vos o que é Deus, e respondeis imediatamente, porque lêstes muito, porque vossa mente está condicionada, e o condicionamento dá a resposta. Ou, se não credes em Deus, respondeis também de acôrdo com o vosso condicionamento. O pensar, pois, é um processo de "verbalização" da reação do passado.

A questão é, agora, a seguinte: posso estar cônscio do passado, e dêsse modo pôr fim ao pensar? Quando penso de maneira plena, quando me encontro plenamente, não há pensar. A observação de uma idéia, de uma ação, o concentrar-se em algo, implica sempre em pensamento, pois quando nos concentramos tem de haver exclusão. A mente se focaliza, se concentra numa idéia, no escrever uma carta, no resolver um problema; nessa concentração há exclusão. Nela, há um processo de pensamento, consciente ou inconsciente.

Entretanto, quando há percepção total — não o percebimento de uma idéia, não a concentração numa idéia, mas o percebimento do processo total do pensar, não há concentração; há percebimento sem exclusão de nada. Quando começo a indagar como libertar-me de determinado pensamento, em que implica isso?

Atentai nisto, para verdes o que entendo por "percebimento". Há um determinado pensamento que vos perturba e do qual desejais livrar-vos. Tratais então de encontrar a maneira de resistir a êsse pensamento. Desejais, porém, conservar os pensamentos agradáveis, as lembranças agradáveis, as idéias agradáveis. Quereis livrar-vos dos pensamentos dolorosos e conservar as coisas agradáveis, que vos dão satisfação, que vos dão vitalidade, energia, ímpeto. Assim, pois, ao mesmo tempo em que desejais livrar-vos de um pensamento, quereis conservar a todo custo as coisas que vos dão prazer, as lembranças deleitáveis e que vos dão energia; e, então, que

acontece? Não estais interessado no processo total do pensar mas tão-sòmente em como conservar o que é agradável e rejeitar o que é desagradável. Aqui, porém, o que nos interessa é o todo, o processo total do pensar, e não como nos libertar de um certo pensamento. Se eu puder compreender o passado total e não, ùnicamente, procurar livrar-me de um aspecto particular do passado, estarei então libertado do passado e não de uma particularidade do passado.

Mas, em geral, queremos apegar-nos ao que é agradável e rejeitar o que é desagradável. Tal é o fato. Todavia, ao investigarmos a questão no seu todo, a questão do passado — do qual resulta o pensamento, não devemos examiná-la do ponto de vista do pensamento bom e do pensamento mau, do passado bom e do passado desagradável. Só nos interessa então o passado, e não o que é bom e o que é mau.

Ora, pode a mente ficar livre do passado, livre do pensamento — não do pensamento bom ou do pensamento mau? Como averiguar isso? Pode a mente livrar-se de um pensamento, sendo "pensamento" o passado? Como averiguar isso? Só posso averiguá-lo se perceber com o que se ocupa a mente. Se meu espírito está ocupado com o bom ou ocupado com o mau, nesse caso êle está interessado apenas no passado, está ocupado com o passado. Portanto, não está livre do passado. Assim sendo, *o importante é descobrir-se como está ocupada a mente.* Se está ocupada, por pouco que seja, então está ocupada apenas com o passado, porque a totalidade de nossa consciência é o passado. O passado não está apenas à superfície, mas no mais alto nível, e o que atúa sôbre o inconsciente é também o passado. Pode, então, a mente livrar-se de tôdas as suas ocupações? Observai vossa própria mente, Senhores, e vê-lo-eis.

Pode a mente estar livre de ocupação? Isto é, pode a mente manter-se completamente desocupada, deixando desfilarem as lembranças, os pensamentos bons e maus, sem escolher? No momento em que a mente se ocupa com um pensamento, bom ou mau, já está interessada no passado. Isso é exatamente como se o espírito estivesse "sentado" firmemente numa muralha, observando o perpassar das coisas, nunca se ocupando com qualquer dessas coisas, como lembrança, como pensamento, quer bom ou agradável, quer desagradável — isto é, totalmente livre do passado e não de uma particularidade do passado. Se escutardes verdadeiramente — não apenas verbalmente, mas real e profundamente — vereis existe uma estabilidade que não procede da mente e que é a liberdade do passado.

O passado, entretanto, não pode ser eliminado. Há uma maneira de observar o passado, no seu desfilar, sem nos deixarmos ocupar por êle. *A mente é então livre para observar, sem escolher.* Quando há escolha, nesse movimento do rio da memória, há ocupação, e no nomento em que o espirito está ocupado, está aprisionado no passado. E quando a mente está ocupada pelo passado, é incapaz de ver o que é real, verdadeiro, novo, original, não contaminado.

A mente ocupada com o passado — o passado é a totalidade consciente que diz "tal coisa é boa", "tal coisa é justa", "tal coisa é má", "tal coisa é minha", "tal coisa não é minha" — a mente ocupada com o passado não pode jamais conhecer o Real. A mentalidade, porém, que está desocupada pode receber aquilo que não é conhecido, aquilo que é "O Desconhecido". Isto não implica num estado sobrenatural, acessível sòmente a algum iogue ou santo. Observai apenas a vossa própria mente; isto é tão simples e direto! Vêde como está ocupada a vossa mente. E a resposta, reve-

lando o com que a mente está ocupada, vos dará a compreensão do passado, libertando-vos dêle.

Não se pode apagar o passado. Êle existe. O que tem importância é a ocupação do espírito — o espírito que se ocupa com o passado, seja bom ou seja mau, que diz "devo guardar tal coisa", "não devo guardar tal coisa", que tem boa memória para apegar-se a uma coisa e má memória para largar outra. O espírito que está observando o passar das coisas, sem escolher, é o espírito livre, espírito liberto do passado. O passado está sempre emergindo diante de nós; não podemos apagá-lo; não podemos esquecer o caminho de nossa casa. Mas, na ocupação da mente com o passado, não há liberdade. A ocupação chama o passado; e a mente está perpètuamente, incessantemente, ocupada com palavras bonitas — virtude, sacrifício, busca de Deus, felicidade; essa mente nunca é livre. Lá está sempre o passado, como uma sombra ameaçadora, incitando-nos e nos deprimindo constantemente. *O que é importante, por conseguinte, é averiguarmos com o que a mente está ocupada, com que pensamento, com que lembrança, com que intenção, com que objetivo.*

PERGUNTA: *Falai-nos sôbre Meditação.*

KRISHNAMURTI: Não estais meditando agora? Há meditação quando a mente, despojada do seu saber, dos seus desejos, e sem buscar resultados, está verdadeiramente a investigar, não em relação com determinada idéia, determinada imagem, determinada compulsão; quando a mente não está senão investigando, e não em procura de uma solução, de uma idéia, de qualquer coisa. Quando pesquisais verdadeiramente? Não estais investigando verdadeiramente quando sabeis a resposta, quando desejais alguma coisa, quando bus-

cais satisfação, quando quereis confôrto. Aí a mente já não está investigando. Só quando, compreendendo todo o significado do confôrto e do desejo de segurança, se despoja de tudo quanto é autoridade, só quando a mente é livre, é capaz de investigar. E não constitui isso, inteiramente, o processo da meditação? Por conseguinte, o pesquisar, em si, não é devoção, reverência?

Meditação, pois, é tranqüilidade do espírito — do espírito que não está mais desejando, vibrando, indagando, com o fim de satisfazer-se. Não há meditação quando estamos repetindo palavras ou cultivando alguma virtude. A mente que está cultivando uma virtude, repetindo palavras, salmeando — essa mente é incapaz de meditação; isso é auto-hipnose, e pela auto-hipnose podem criar-se ilusões maravilhosas. A mente que é capaz de alcançar a verdadeira liberdade — a liberdade do passado — é uma mente que não está ocupada, e por isso se acha extraordinàriamente tranqüila. Essa mente não tem "projeções"; encontra-se no estado de meditação. Nessa meditação não há "meditador": *eu não estou meditando, não estou experimentando a tranqüilidade;* há só tranqüilidade. No momento em que *experimento* a tranqüilidade, neste momento ela se torna memória; por conseguinte, não é mais tranqüilidade; é uma coisa que se foi. Quando a mente está ocupada por algo que já se foi, está aprisionada no passado.

Na meditação, pois, não há "meditador"; por conseguinte, não há a entidade que se encontra e se esforça para meditar, que se senta de pernas cruzadas e fecha os olhos, para meditar. Quando o "meditador" faz esfôrço para meditar, aquilo em que medita é então sua própria "projeção", suas próprias coisas, vestidas com suas próprias idéias. Tal mentalidade não sabe meditar; não sabe o que significa meditação.

Entretanto, o homem que compreende o que está ocupando o seu espírito, e não escolhe o com que ocupar-se, êsse homem conhecerá a tranqüilidade — a tranqüilidade que surge exatamente no comêço, a liberdade. A liberdade não se acha no fim; ela está justamente no comêço. Não se pode exercitar a mente para tornar-se livre. Ela tem de ser livre desde o princípio. E nessa liberdade a mente está tranqüila, porque não faz escolha; ela não se está concentrando, não está absorvida em coisa alguma. E nessa tranqüilidade se está concentrando aquilo que é "O Desconhecido".

4 de março de 1953.

NONA CONFERÊNCIA DE BOMBAIM

ACHO que, se pudéssemos investigar a questão do incentivo, haveria a possibilidade de compreendermos o que é autopreenchimento. Para a maioria de nós o preenchimento, sob esta ou aquela forma, se torna uma necessidade urgente. No "processo" do preenchimento, apresentam-se numerosos problemas e contradições e conflitos; e há um sofrer sem fim, no preenchimento. Entretanto, não sabemos como nos livrarmos dêle; não sabemos agir sem nos preenchermos; pois, na própria ação que traz o preenchimento, há sofrimento.

Ação não significa meramente fazer alguma coisa: ela não é também pensamento? Os mais de nós estamos interessados em fazer alguma coisa; e se é satisfatória essa ação, se nos garante suficientemente o preenchimento de nossos desejos, ansêios, anelos, fàcilmente nos pacificamos. Mas, se não descobrirmos o incentivo que determina a ânsia de preenchimento, então, sem dúvida, seremos sempre perseguidos pelo temor e pela frustração. Não é, pois, necessário, descobrirmos o que é êsse incentivo, essa fôrça que nos impele? Êle pode estar revestido com tintas diferentes, com diferentes intenções, diferentes significados; mas, se pudermos explorar esta questão do incentivo,

com tôda a cautela, de modo tentativo, talvez venhamos a compreender uma ação ou um pensamento não nascido dessa consciência de preenchimento.

A maioria dos nossos incentivos resulta das ambições, do orgulho, do desejo de estarmos seguros ou de gozarmos de boa fama. Ora, podeis dizer ou eu posso dizer que minha ação é resultado do desejo de agir bem, de encontrar os valores corretos, de ter uma ideologia, um sistema que seja incorruptível, ou de fazer algo que seja essencialmente útil, etc. Mas, atrás de tôdas estas palavras, atrás de tôdas estas frases bonitas, não se acha, sob esta ou aquela forma, o "motivo", o impulso, a ambição? Procuro o Mestre, o *guru;* quero realizar algo; quero atingir o alvo; quero ter confôrto; quero conhecer uma certeza mental isenta de todo conflito. Meu incentivo é o de alcançar um resultado e ficar bem seguro dêsse resultado, da mesma maneira como o homem que acumula dinheiro procura pô-lo em segurança. Em ambos êsses casos há o impulso que se chama "ambição", o qual limita nossa perspectiva e nossas atividades e consome tôdas as nossas energias. E' possível agirmos sem essas ambições, sem êsses desejos de nos preenchermos? Isto é, desejo preencher-me — desejo preencher-me pela minha nação, pelos meus filhos, pela propriedade, pelo meu nome — desejo ser "alguém". E o orgulho de ser "alguém" é extraordinário, porquanto proporciona uma energia fora do comum, sem precisarmos fazer coisa alguma; o sentimento de "estar orgulhoso" é suficiente, por si só, para manter-me em ação, resistindo, controlando, moldando.

Observai vossa própria mente em função. Vereis as suas atividades e vereis que, na base das mesmas, por mais que o procureis disfarçar com palavras agradáveis, se acha o impulso de preenchimento, de ser

alguém, de alcançar resultado. Nesse impulso da ambição há competição e crueldade; nêle está baseada tôda a nossa estrutura social. O homem ambicioso é considerado uma personalidade de valor, uma personalidade útil à sociedade e que, mercê de sua ambição, criará um ambiente adequado, etc. etc. Condenamos a ambição quando mundana; não a condenamos quando a chamamos "espiritual". Ninguém condena o homem que abandonou o mundo, que renunciou ao mundo para buscar o alvo de suas aspirações. Êsse homem não é também tangido pela ambição de ser algo?

Todos nós estamos em busca de preenchimento — preenchimento por meio de nossas idéias, de nossas capacidades, preenchimento por meio da expressão, no pintar, no escrever um poema, preenchimento no amor, na generosidade, no esfôrço para sermos tidos em bom conceito. Tôdas as nossas atividades não são, pois, o resultado dêsse impulso, para o preenchimento? E atrás dêsse impulso, está a ambição. Ouvindo, sabendo, compreendendo que onde há preenchimento, tem de haver sofrimento, que devo fazer? Entendeis o que quero dizer?

Compreendo que minha vida está baseada na ambição. Embora eu procure disfarçá-lo, embora sofra, embora me sacrifique por uma idéia, tôdas as minhas atividades representam a expressão do meu desejo de preenchimento. Vendo-me inteiramente consumido, vós vos lançais a fazer algo que "valha a pena". Êsse "algo que valha a pena" é o mesmo impulso para o preenchimento. Esta é a nossa vida, êste o nosso ansêio constante, nossa luta constante, tanto consciente como inconsciente. Compreendendo isso, conhecendo tôda a significação dessa luta, que devo fazer?

Essa ânsia de preenchimento é um dos nossos problemas fundamentais, não achais? Essa ânsia de pre-

enchimento está em relação tanto com as pequenas coisas como com as grandes coisas — ser "gente" na minha casa, dominar minha mulher e meus filhos, e ser submisso na repartição, para receber promoções e ser algum dia pessoa importante — eis o processo da minha vida; eis o processo de vossas vidas. Como pode então a mente livrar-se do desejo de preenchimento? Como posso libertar-me da ambição?

Vejo que a ambição é uma forma de autopreenchimento e que quando há preenchimento, sobrevém um sentimento de "tudo acabado", um sentimento de alquebramento, frustração, temor, um sentimento de total solidão, desespêro e interminável expectativa. Assim é nossa vida, não é verdade? Tal é o nosso estado, dia por dia. Atrás de tudo se dissimula o desejo de nos preenchermos, o impulso a sermos ambiciosos, a ambição de poder, de posição, de prestígio, de boa fama. Conhecendo o que está contido em tudo isso, que deve fazer a mente?

Existe alguma atividade, alguma forma de movimento da mentalidade não dependente desta base? Compreendeis? Se ponho de parte, se controlo, se moldo a ambição, ela continua a ser ambição, porque digo: "não me compensará fazer isto, mas me compensará fazer aquilo". Se digo que não devo preencher-me, há então o conflito do não-preenchimento, a resistência ao desejo; e essa mesma resistência ao desejo de preenchimento se torna outra forma de preenchimento.

Por que o espírito busca o preenchimento? Por que é que a mente, o "eu", que é pensamento — por que é que a mente é orgulhosa, ambiciosa? Por que deseja que pensem bem dela? Posso compreender isso? Pode a mente perceber que coisa é essa que busca cons-

tantemente exteriorizar-se? E quando o movimento da consciência dirigido para o exterior é interrompido, êle se volta para o interior, e de novo se vê contrariado.

Nossa consciência, pois, é êsse constante inspirar e expirar — ser importante e não ser — aceitar e rejeitar. Eis a nossa vida consciente de cada dia. E atrás disso tudo está a mente, procurando uma solução. Se eu puder compreender essa coisa, se a minha mente consciente puder estudá-la com todo o vagar e conhecer-lhe o significado pleno, então talvez seja possível haver ação não resultante do orgulho, não resultante do desejo de preenchimento, não procedente do espírito.

Procurar Deus ou esforçar-se para encontrar Deus é outra forma de orgulho; e é possível, a vós e a mim, descobrirmos o que é que nos obriga constantemente a sair, entrar, sair, entrar? Não estamos cônscios de um estado de vazio, em nós, um estado de desespêro, de solidão, o sentimento perfeito de não podermos amparar-nos em coisa alguma, de não termos ninguém que nos possa socorrer? Não conhecemos um momento de extraordinária solidão, de extraordinário sofrimento, sem razão nenhuma, um sentimento de desespêro no auge do sucesso, no auge do nosso orgulho, no auge do pensamento, no auge do amor? Não conhecemos essa solidão? E essa solidão não nos está impelindo sempre a nos tornarmos alguém, a nos tornarmos bem conceituados?

Posso habitar com esta solidão, não fugi-la, não tentar preencher-me por meio de alguma ação? Posso "conviver com ela" sem procurar transformá-la, sem procurar moldá-la e controlá-la? Se a mente é capaz disso, então talvez possa transcender a sua solidão, transcender o seu desespêro; o que não significa en-

tregar-se à esperança, a um estado de devoção, mas o contrário disso.

Se posso compreender aquela solidão, e se posso viver nela, sem fugir, viver naquela estranha solidão que se apresenta quando sinto tédio, quando sinto mêdo, quando estou apreensivo, sem causa ou com causa; é possível a mente conviver com a solidão, sem procurar afastá-la de si?

Escutai isso; não ouçais meramente as palavras. Se enquanto falo, estais observando vossas próprias mentes, deveis ter chegado àquele estado de solidão. Êle está agora convosco. Isto não é hipnose, pelo fato de eu o sugerir. Mas se de fato tiverdes acompanhado os movimentos da vossa mente, tereis alcançado aquêle estado de solidão, em que vos vêdes despojados de tudo, de tôda pretensão, tôda virtude, tôda ação. Pode a mente viver nesse estado de solidão? Pode a mente permanecer nêle, sem condenação, sob qualquer forma? Pode observá-lo, sem procurar influir nêle, isto é, sem estar olhando para êle como observador? Não é a mente, então, ela própria aquêle estado? Entendeis?

Se olho para a solidão, a mente atua então sôbre a solidão, procura moldá-la, ou controlá-la, ou fugir para longe dela. A mente, em si, quando não assume o papel de observador, é só, vazia. O espírito, porém, não pode tolerar, por um minuto sequer, um estado em que se veja completamente vazio, um estado no qual "não sabe", um estado em que não haja ação decorrente do "saber"; assim que a mente se vê em tal estado, sente-lhe mêdo e foge para alguma atividade de preenchimento.

Ora, se a mente puder manter êsse extraordinário sentimento de estar despojada de tudo, de tôdas as idéias, de tôdas as muletas, de todos os arrimos, não

lhe será então possível passar além, não teòricamente, mas de fato? Só quando fôr ela capaz de experimentar plenamente aquêle estado de vazio, aquêle estado de não dependência, só então será possível produzir-se uma ação despida de ambição. Só então poderemos ter um mundo em que não haverá mais competição, não haverá mais a prática desapiedada de atividades egocêntricas. Pois tal ação não é a ação que passa pelo estreito funil do "eu". Não é egocêntrica essa ação. Vereis ser ela criadora, porque é sem incentivo, sem ambição, e não visa a resultado algum. Mas, para encontrá-la, é necessário que a mente passe primeiro por tôdas essas fases? Não pode ela saltar sùbitamente?

O espírito pode saltar, se sei escutar corretamente. Se estou escutando corretamente agora, sem interpôr nenhuma barreira, nenhuma interpretação, escutando de portas abertas, para o descobrimento, há liberdade. E tão-sòmente em liberdade estou habilitado para descobrir.

Essa liberdade é a isenção de todo o temor, a isenção do desejo de ser tido em bom conceito, isenção de todo orgulho e do desejo de preenchimento. E essa liberdade não pode vir senão pela realização da negação completa do pensamento, estado em que a mente se acha totalmente vazia, estado em que não há desespêro nem preenchimento. Só então se tornará possível um mundo de onde desaparecerá a crueldade, a brutalidade e a competição.

PERGUNTA: *Tendes falado a respeito da liberdade. A liberdade não exige deveres? Qual o meu dever perante a sociedade e perante mim mesmo?*

KRISHNAMURTI: São compatíveis a liberdade e o dever? Pode ser livre o filho obediente? Posso ser

obediente à sociedade e ao mesmo tempo livre? Posso ser obediente, e ao mesmo tempo revolucionário — no sentido correto da palavra e não no sentido econômico? Posso ser livre em algum tempo, seguindo um sistema político ou religioso? Ou não faço mais do que imitar e copiar? Êsse sistema não é, todo êle, imitação? Como filho obediente, faço o que meu pai me ordena, faço o que a sociedade considera correto. Estas ações não denotam espírito de imitação? Meu pai quer fazer-me advogado; é meu dever tornar-me advogado? Meu pai diz que devo entrar em tal organização religiosa; tenho obrigação de fazê-lo?

O dever é compatível com o amor? E' só quando não há amor nem liberdade, que a palavra "dever" assume importância extraordinária. E o dever toma então o lugar da tradição. Em tal estado vivemos; essa é a nossa condição, não é verdade? — tenho de ser obediente.

Qual o meu dever perante a sociedade? Qual o meu dever perante mim mesmo? Senhores, a sociedade exige muitas e muitas coisas de vós; tendes de obedecer-lhe, tendes de observar certas cerimônias, celebrar certos ritos, crer. A sociedade vos condiciona em certas formas de pensamento, em certas crenças. Se estais em procura do Real — e não daquilo que constitui dever para com a sociedade e da maneira de vos ajustardes a determinado padrão — se desejais descobrir o que é a Verdade, não deveis ser livres?

Ser livre não implica em que devais repudiar alguma coisa, ser infenso a tudo; isto não é liberdade. A liberdade implica em constante vigilância do pensamento, vigilância que revela tôda a significação do dever. Dessa vigilância — mas não pela mera rejeição de determinado pensamento — resulta a liberdade.

Não podeis compreender a tradição, não podeis perceber-lhe o pleno significado, se condenais, justificais ou vos identificais com um determinado pensamento ou idéia.

Quando começo a inquirir qual é o meu dever perante mim mesmo ou perante a sociedade, como irei esclarecer-me a êsse respeito? Qual o critério? Qual o padrão? Ou não será preferível esclarecer-nos sôbre a razão por que atribuímos tanta importância a tais palavras? Como a mente que busca e investiga se deixa tão prontamente empolgar pela palavra "dever"! O pai que se vai tornando velho, diz para o filho: "E' teu dever sustentar-me!" — e o filho sente-se no dever de sustentá-lo. E embora deseje fazer outra coisa, pintar quadros que lhe não proporcionarão meios suficientes para sustentar o pai e a si mesmo, êle diz que tem o dever de ganhar dinheiro e de renunciar àquilo que realmente deseja fazer; e para o resto da vida fica prêso numa rêde, para o resto da vida é um homem amargurado; com amargor no coração, provê dinheiro ao pai e à mãe. Tal é a nossa vida; vivemos na amargura, e na amargura morremos.

Porque na realidade não temos amor e não temos liberdade, usamos palavras para controlar os nossos pensamentos, para moldar-nos os corações e os sentimentos; e ficamos satisfeitos. Sem dúvida, o amor oferece a única possibilidade de revolução; êle é, de fato, a única solução. Em geral, porém, não gostamos de revolução, nem superficialmente, das revoluções econômicas, nem da revolução mais essencial, mais profunda, mais significativa, que é a revolução do pensamento, a revolução da criação. E visto termos esta aversão, estamos sempre a fazer reformas por cima, remendando aqui e ali, com palavras, com ameaças, com ambições,

Direis, no fim desta resposta, que não respondi à vossa pergunta: "Qual o meu dever perante a sociedade, perante meu pai, e perante mim mesmo?". Digo-vos que esta pergunta é errônea. E' pergunta que faz um espírito que não é livre, que não está em revolta, um espírito que é dócil, submisso, desamoroso. Pode a mente assim dócil, submissa e sem amor, toldada pela amargura, assumir deveres perante a sociedade e perante si mesma? Pode essa mente criar um mundo novo, uma nova estrutura?

Não aceneis com a cabeça! Sabeis o que quereis? Não quereis revolta, não quereis uma revolução da mente; quereis criar os vossos filhos, assim como fostes criados. Quereis condicioná-los da mesma maneira, fazê-los pensar do mesmo modo, fazê-los praticar *puja* e acreditar no que acreditais. Por conseguinte, nunca os estimulais a inquirir e compreender. Assim como vos estais destruindo, no vosso condicionamento, quereis destruí-los também. O problema, pois, não diz respeito ao meu dever para com a sociedade, mas sim a como encontrar ou como despertar êsse amor e essa liberdade. Uma vez existente êsse amor, não vos preocupareis mais com o "cumprimento do dever". O amor é a coisa mais revolucionária que pode haver; entretanto, a mente não pode conceber êsse amor; êle não pode ser cultivado: tem de estar presente. Não é uma coisa que possa ser plantada e cultivada no vosso quintal; êle vem à existência no indagar constante, no constante descontentamento e revolta, quando nunca seguimos autoridade alguma, quando somos sem mêdo, o que significa: quando temos a capacidade de cometer êrros e dêsses próprios êrros extrair a solução correta. A mente sem mêdo é, com efeito, um espírito não mesquinho, capaz de descer às profundezas da Realidade e de descobrir o que é o Amor, o que é a Liberdade.

PERGUNTA: *Explicai o que entendeis por Tempo e o que entendeis por Eternidade. Pode haver libertação do Tempo?*

KRISHNAMURTI: As explicações são coisas relativamente fáceis. Conjuntos de palavras constituem explicações, e em geral nos satisfazemos com explicações, com conclusões. Mas o verdadeiro experimentar requer mentalidade sobremaneira ativa e não a mente que diz: "bastam-me palavras".

Ora, sem dúvida, a mente é o processo do tempo; o pensamento, que é a verbalização de uma reação, é resultado do tempo; as palavras pertencem ao tempo, assim como as explicações pertencem ao tempo. A mente que se satisfaz com palavras, com explicações, com o tempo, tenta transcender o tempo através de uma explicação, através de palavras, de símbolos, através do símbolo da eternidade. Ainda que a mente procure servir-se do símbolo, a fim de passar além, é bem óbvio que ela continua dentro do campo do tempo, sendo o tempo memória — as minhas lembranças de ontem, e a projeção do dia de ontem no de hoje e no de amanhã. O ontem, o hoje e o amanhã constituem o processo do tempo, *o processo do pensamento.*

E há o tempo que transcorre da infância à maturidade e à morte — o tempo entendido como *progresso.* Serei algo amanhã ou na próxima vida; hoje sou escriturário, daqui a três anos serei "o chefe". E há, ainda, o tempo requerido para o cultivo da virtude. Sou medroso, sou violento; vou cultivar a "não-violência". Doce ilusão! A mente violenta nunca pode ser "não-violenta", por mais que se exercite na "não-violência". O próprio exercício de não-violência é violência. Senhores, escutai. Não estejais sorrindo.

A prática da virtude fortalece, justamente, a violência, que é o "eu". Aí está o tempo. A mente que se acha enredada no tempo, diz: "fazei-me o favor de explicar o que é o "Atemporal"; ajudai-me a experimentar algo que não proceda de mim mesmo". A mente, na sua própria essência, é o passado. O passado é tempo, o passado é o futuro, o passado é o que está presente. Essa mente está indagando, querendo descobrir o que é o Atemporal, mas só pode achar o que ela mesma "projeta". Não pode encontrar o Atemporal, visto que seu instrumento é temporal.

Pode a mente conjecturar, argumentar, "projetar" o que seria o atemporal; jamais, porém, experimentar o Atemporal; e se, por uns breves segundos, experimenta o atemporal, ela o expressa e o guarda na memória. Por exemplo: experimentei a beleza do pôr do sol, ontem; quero repetir hoje essa experiência. Tôda a ação da mente, pois, consiste no "processo" de apoderar-se do extraordinário movimento da vida e de incorporá-lo ao passado.

Tende a bondade de escutar. O problema agora não é de descobrir o que é o atemporal, *como posso achar* o atemporal, como pode a mente achar o atemporal, mas, sim, de encontrar o estado em que a mente é capaz de experimentar o atemporal, o qual é um "estado de experimentar" e não uma experiência. No momento em que estou cônscio de ter experimentado, isso já faz parte do passado, a experiência em questão pertence ao passado.

Escutai, por favor, e se vos tornará claro o que estou dizendo; não é uma coisa misteriosa. Não precisais entregar-vos à profunda embriaguez da renúncia, dos *pujas*, dos contrôles; o que tendes de fazer é compreender a estrutura da mente, a anatomia do pensamento.

Ao compreender isso, ao perceber que está tôda enredada no tempo, a mente se torna plenamente focalizada; é tôda atenção, atenção em que não há exclusão de nada. Com essa atenção se observa o vaivém do consciente; observa-se o reagir a êsse ruido da mente; e a reação é memória. O espírito está, ao mesmo tempo, *não* concentrado, porém plenamente focalizado — mas não em virtude de volição, não por ação da vontade. Está plenamente desperto, prestando atenção a si mesmo. Na periferia, há o constante perpassar das impressões e reações.

Entretanto, quando a mente percebe o funcionar do pensamento, quando está perfeitamente focalizada, completamente atenta, não para uma dada coisa, mas só "à escuta", quando está tranqüila de todo, ela está, então, em presença do Atemporal. Mas o homem que faz a mente tornar-se tranqüila, está aprisionado na rêde do tempo. Requer-se, pois, uma extraordinária vigilância, e êsse estado é que é o "experimentar"; não há nêle "experimentador" experimentando, mas só "experimentar". Não há nesse momento "experimentador", mas só "experimentar"; um momento após, surge o "experimentador" e vemo-nos presos no tempo.

Pode a mente achar-se num "estado de experimentar", não num "estado de experiência", que, como já sabemos, é o passado cumulativo, produto do tempo? Fazei-vos esta pergunta e ficai "escutando", que encontrareis a resposta por vós mesmo. Não vos estou hipnotizando com palavras.

Pode a mente pôr-se num "estado de experimentar"? Êsse é o estado em que se "experimenta" o atemporal; e nesse experimentar não há acumulação, não há conhecimento, não há entidade que diz "estou experimentando". Assim que surge o "experimentador", êle introduz o tempo.

Pode, pois, a mente pôr-se no estado de "experimentar" Deus? Isso é meditação, meditação que não é uma busca, que não está em relação com determinada idéia, que não é mera concentração, que significa exclusão. Nessa meditação, há "experimentar" sem experimentador. E asseguro-vos que isto é muito difícil. Não é uma simples questão de nos sentarmos, fecharmos os olhos e nos entregarmos a uma determinada ordem de visões extasiantes.

Se sei "escutar" corretamente, se sei "escutar" o pensamento, o pensamento fará vir inevitàvelmente aquêle estado, o estado em que não há "experimentador", e por conseguinte não há "acumulador" — a pessoa que junta e conserva. O "experimentar", por conseguinte, é um estado de constante "não saber"; é, portanto, atemporal, não é produto da mente.

PERGUNTA: *Os modernos cientistas puseram poderosos meios de destruição nas mãos dos mandantes políticos da América e da Rússia. Parece não haver mais lugar para a simples benevolência entre os homens. Qual o significado da existência humana, nesta era de crueldade?*

KRISHNAMURTI: Diz o interrogante: Não há sentimento de humanidade, a simples benevolência entre um homem e outro. Possuimos — vós e eu — essa singela benevolência? Porque não a possuimos, criamos a América e a Rússia. Não vos separeis da América e da Rússia. Virtualmente, somos americanos e russos. Somos russos e americanos, em nosso íntimo. Fazemo-nos campeões da liberdade, e alcançada essa liberdade, nos tornamos tiranos. Não sois tiranos nos vossos lares, para com vossos filhos; não sois tiranos

nas repartições; não sois tiranos para com vossas espôsas, e vossas espôsas para convosco? Como é fácil rirmos dessas coisas!

Ainda que vivamos a milhares de milhas de distância da Rússia e da América, nós criamos êste mundo, vós e eu; nosso problema é o problema do mundo, porque "o vós" é o mundo. Vós, Senhor Smith, e vós, Senhor Rao, sois o mundo vivendo na América e na Rússia; a miséria dêles é nossa miséria também. Embora nos agrade considerarmo-nos separados, embora estejamos prontos a condená-los e a dizer que êles são isso ou aquilo, polìticamente, que estão empregando tais e tais métodos, etc. — conheceis as coisas cultivadas pela propaganda dos jornais — vós e eu somos russos e americanos. Todos desejamos poderio, posição, prestígio. Somos todos crueis, todos orgulhosos, — impamos de orgulho. Como é então possível sermos benevolentes, confiantes, singelos? Não é possível. E não há vantagem nenhuma em condenarmos a Rússia e a América; e lutar contra elas é tornar-se igual a elas.

Faz-se necessária, pois, uma revolução no nosso modo de pensar. Quando não houver mais identificação com a Índia, com qualquer sistema político ou religioso; quando formos uma humanidade comum, não rotulados de hindus, russos, alemães, ingleses, americanos, cristãos, etc. — haverá então a possibilidade de paz; antes disso não a haverá. Stalin vem e se vai, e outros mais virão. Haverá sempre guerra, enquanto não houver uma revolução verdadeira no nosso coração.

Tal revolução não é possível por meio de nenhuma inovação econômica, nenhuma modificação superficial, uma vez que tal alteração não passa de mera continuidade modificada, ao passo que a verdadeira revolução não é tal. A revolução que se faz necessária não pode

ser produzida por compulsão. Deve nascer espontaneamente de nós mesmos. Porque não queremos tal revolução, recorremos à guerra, a reformas de vários gêneros, as quais necessitam novas reformas; e, dêsse modo, nunca mais sairemos da rêde em que estamos presos.

PERGUNTA: *Que é Deus, que é o Amor, que é a Morte?*

KRISHNAMURTI: Não é possível experimentar, descobrir o que é Deus, o que é o Amor, e o que é a Morte? Não podemos descobrí-lo neste momento, em que aqui estamos reunidos? Não aguardeis minha explicação, porque não vou explicar-vos nada, pois explicações não satisfazem a quem tem fome. A descrição de um farto repasto não me satisfaz, se tenho fome.

Uma vez que tenho fome de saber o que é Deus, o que é o amor, e o que é a morte, posso esclarecer-me a êsse respeito? Só posso, se minha mente libertar-se, de todo, do conhecido. Se puder jogar fora tudo o que aprendeu, o *Bhagavad-Gita*, tôdas as suas experiências, tudo o que disseram os *Upanishads*, se puder limpar-se de todos os seus "condicionamentos" — ser-lhe-á então possível conhecer, "experimentar" aquêle "estado de viver".

Pode-se saber o que é a morte? A morte é o Desconhecido. Um espírito, porém, apegado ao conhecido — o qual é a continuidade daquilo que sou, dia por dia, — um tal espírito não pode conhecer o Desconhecido. O Desconhecido é a Morte, não? A morte não tem nenhuma relação com o saber. Posso ter lido muitas descrições a seu respeito, mas tenho de abrir mão de todos os símbolos. Tenho de pôr fora tôda as palavras,

não achais? E posso pô-las fora sem fazer esfôrço algum, só pelos simples "escutar"?

Posso pôr-me plenamente no "estado de não saber"? Porque, então, embora vivo, posso achar-me em presença do Desconhecido, que é a morte. Quer isso dizer que não deve haver mêdo, mêdo nenhum de morrer, visto que "morrer" é o fim da continuidade. Tudo o que tem existência contínua se deteriora; só o findar é criador.

Assim sendo, posso conhecer a morte, enquanto vivo? "A morte" não é a palavra, o cadáver que se incinera; ela é a coisa que nada tem em comum com a palavra; é um estado de "Descohecimento". Ora, sem dúvida, eu posso "sentir" plenamente êsse estado.

Deus é coisa encontrável pela mente? Deus não pertence ao tempo. Posso imaginar, posso pensar que isto é Deus e que aquilo não é Deus; mas eu não sei o que é Deus. A palavra não é Deus. Visto, pois, que não o sei, pode a mente conhecer o estado de eternidade, no qual se vê completamente vazia, completamente tranqüila, livre de tôdas as fórmulas, não esperando achar nada, num estado de pureza, nada exigindo e nada pedindo? Se pedis, dá-se-vos; e o que se vos dá é acompanhado de maldição. A mente não deve perguntar, pois é tão-sòmente capaz de ouvir a resposta de acôrdo com as palavras, de acôrdo com o passado. Pode então a mente, no escutar, manter-se tranqüila, sem nada pedir e nada esperar?

E o amor não é também uma coisa que não pode ser produzida pela mente? No momento em que a mente tem consciência de amar, isso por certo já não é amor, é? E não posso eu sentir, por um minuto sequer, na tranqüilidade da mente, essa coisa que chamamos Deus — a palavra — e ultrapassar a palavra, para ver

e experimentar o estado em que não há conhecimento, e que é a Morte? E a palavra Amor, que não é da mente e que não é do tempo, pode a mente, na sua absoluta serenidade, senti-la, mas sem ser capaz de reconhecê-la, porque no momento em que o amor é reconhecido já pertence ao tempo? É, portanto, necessário o estado de não-reconhecimento, a experiência sem "experimentador"; é só então, naquela real tranqüilidade da mente, que surge O Incognoscível.

8 de março de 1953.

DÉCIMA CONFERÊNCIA DE BOMBAIM

ACHO que seria proveitoso considerarmos a questão da deterioração da mente — visto que nossa mente está sujeita a deteriorar-se com muita rapidez — bem como os principais fatores que tornam a mente embotada, insensibilizada, sem reação instantânea. Se pudéssemos penetrar bem esta questão, isso seria, sem dúvida, muito significativo, porquanto a compreensão das causas da deterioração da mente talvez nos habilitasse a descobrir o que constitui uma vida verdadeiramente simples.

Notamos, em nos tornando mais idosos, que a mente, o instrumento da compreensão, o instrumento com que investigamos os nossos problemas, com que pesquisamos, indagamos, decobrimos — a mente, quando dela se faz mau uso, se deteriora e desintegra; e a mim me parece que um dos fatôres principais dessa deterioração da mente é o "processo" da escolha.

Todo o nosso viver se baseia na escolha. Escolhemos em diferentes níveis da nossa existência. Escolhemos entre o preto e o azul, entre uma flôr e outra, entre certos impulsos psicológicos de gôsto e aversão, entre certas idéias e crenças; aceitamos umas coisas e rejeitamos outras. Com efeito, nossa estrutura mental está baseada nesse "processo" de escolha, nesse contínuo

esfôrço aplicado no escolher, no distinguir, no rejeitar, aceitar, repelir. E nesse "processo" há uma luta constante, um esfôrço sem fim. Não existe nunca uma compreensão direta, mas sempre só o enfadonho "processo" de acumular e a capacidade de distinguir apenas o que se baseia na memória, na experiência acumulada; e por essa razão temos essa luta incessante, o incessante esfôrço da escolha.

Ora, escolha não significa ambição? Nossa vida é ambição. Queremos ser alguém, ter boa reputação, conseguir nossos fins. Se não sou sensato, quero tornar-me sensato. Se sou violento, quero tornar-me "não violento". O "tornar-se", vir a ser, representa o processo da ambição. Quer meu desejo seja o de vir a ser o mais notável estadista, quer seja o de tornar-me o mais perfeito dos santos, a ambição, o ímpeto, o impulso de vir a ser representa o "processo de escolha", uma vez que o "processo" da ambição se baseia essencialmente na escolha.

Nossa vida, pois, é uma série de lutas, um movimento de um conceito ideológico para outro, de uma fórmula ou desejo para outro; e nesse processo de vir a ser, nesse processo de luta, se deteriora o espírito. A essência mesma dessa deterioração é a escolha; e julgamos necessária a escolha — a escolha, que constitui a essência da ambição.

Ora bem, há possibilidade de acharmos uma maneira de vida não baseada na ambição, não resultante de escolha, mas que seja um "florescimento", no qual nenhum resultado se busca? Tudo o que conhecemos da vida é uma série de lutas conducentes a resultados, resultados êsses logo abandonados por causa de resultados mais importantes. Eis tudo o que sabemos.

Se consideramos o caso do homem vivendo sòzinho numa caverna, vemos que no seu próprio esfôrço de

tornar-se perfeito, há escolha, e essa escolha significa ambição. O homem que é violento esforça-se para tornar-se não-violento; êsse próprio "tornar-se" significa ambição. Não estamos averiguando se a ambição é coisa boa ou má, se é essencial à vida, mas sim se ela pode levar-nos a uma vida de simplicidade. Não me refiro à simplicidade de poucas roupas, porque isso não constitui uma vida simples. O trajar uma simples tanga não indica ser um homem simples; pelo contrário, é bem possível que, pela renúncia das coisas exteriores, a mente se torne mais ambiciosa ainda; porque isso indica que ela está procurando manter-se fiel, a todo custo, ao seu próprio ideal, ideal que ela "projetou", que criou.

Nessas condições, se estamos observando as tendências do nosso próprio pensar, não devemos investigar bem esta questão da ambição? Que significa "ambição"? É possível viver-se sem ambição? Vemos que a ambição gera competição, competição entre colegiais, competição entre políticos poderosos — do mais baixo nível ao mais alto encontra-se a luta pela conquista de recordes.

A ambição pode produzir certos benefícios industriais; no seu séquito, porém, vem sempre o obscurecimento do espírito, o condicionamento tecnológico, perdendo, assim, a mente a sua flexibilidade, sua simplicidade, e se tornando, por conseguinte, incapaz do direto experimentar. Não nos cabe investigar, não como um grupo, mas como indivíduo — vós e eu — não nos cabe investigar o que significa esta ambição e se estamos cônscios da sua presença em nossa vida?

Quando nos propomos servir nossa pátria, com obras nobilitantes, não está aí presente o elemento fundamental da ambição, isto é, a escolha? A escolha, por

conseguinte, não é uma influência corruptora na nossa vida, visto impedir o "florescimento"? O homem que "floresce" é o homem que *é*, e não o homem que *está vindo a ser*.

Não há diferença entre a mente que "floresce" e a mente que "vem a ser"? A mente que " vem a ser" é a mente que cresce sempre, que "vem a ser", que se expande, que acumula experiência como conhecimento. Conhecemos perfeitamente êsse "processo" que opera em nossa vida de cada dia, conhecemo-lhe tôdas as consequências, conflitos, suas misérias e lutas; mas não conhecemos a vida de "florescimento". E não há uma diferença entre as duas coisas, diferença que nos cumpre descobrir — o que não significa procurar uma linha de demarcação, de separação, mas, sim, simplesmente, descobrir essa diferença no "processo" do nosso viver? Descobrindo-a, estaremos talvez aptos a livrar-nos da ambição, que é o "caminho da escolha", e a descobrir o "florescimento", que é o "caminho da vida", da ação verdadeira.

Assim sendo, se nos limitamos a dizer que não devemos ser ambiciosos, sem descobrirmos "o caminho florescente da vida", o mero matar da ambição destroi também a mente, porque representa uma ação da vontade, vale dizer, ação de escolha. Não é essencial cada um de nós descubra, na sua vida, a verdade relativa à ambição? Somos todos estimulados a ser ambiciosos; na ambição se baseia a nossa sociedade e é ela também que dá fôrça ao nosso impulso para o alvo visado. E nessa ambição existem desigualdades, que a legislação procura aplanar, alterar. Êste caminho, êste sentido da vida, é provàvelmente errado; e é possível que haja outro caminho da vida, o "caminho do florescimento", no qual a vida possa expressar-se, sem acumular.

Afinal, nós bem sabemos que, quando lutamos para alcançar alguma coisa, para nos tornarmos algo, que isso é ambição, busca de um resultado.

Entretanto, existe uma energia, uma fôrça, na qual há uma impulsão livre do "processo" de acumulação, livre do *fundo* do "eu", do "ego"; êsse é o "caminho" da criação. Se não compreendemos aquela fôrça, se a não experimentamos verdadeiramente, nossa vida se torna muito sombria, nossa vida se torna uma série interminável de conflitos nos quais não há criação nem felicidade. E, talvez, se formos capazes de compreender — não de rejeitar a ambição, mas de compreender tôdas as características da ambição — se formos capazes de estar abertos, de "escutar" a verdade relativa à ambição, talvez alcancemos aquêle estado criador, no qual há uma expressão contínua, que não é expressão do desejo de autopreenchimento, mas sim a expressão de uma energia livre da limitação do "eu".

PERGUNTA: *Em meio às piores tribulações, quase todos nós vivemos da esperança. A vida sem a esperança parece medonha e intolerável; todavia, quase sempre a esperança é pura ilusão. Podeis dizer-nos por que é tão indispensável na vida a esperança?*

KRISHNAMURTI: Criar ilusões não é uma natural peculiaridade da mente? O próprio "processo" do pensar não é resultado da memória, do pensamento verbalizado, gerador da idéia, do símbolo, da imagem a que se apega a mente?

Vejo-me desesperado; sofro muito; não tenho nenhum meio de resolver esta situação; não sei resolvê-la. Se eu soubesse resolvê-la, não teria necessidade da

esperança. Só quando não sei resolver um determinado problema, fico dependendo de um mito, de uma idéia ou esperança. Se observardes a vossa própria mente, vereis que, quando vos falta confôrto, quando vos achais em conflito, em tribulação, vossa mente busca a maneira de sair de tal situação. O "processo" de fugir do problema é a criação da esperança.

A mente, no fugir ao problema, cria o temor; o próprio movimento de afastar-se, de fuga do problema, é temor. Estou cheio de desespêro, por ter feito qualquer coisa imprópria, por ter sido atingido por alguma desgraça, por ter praticado alguma injustiça grave, por ter morrido meu filho, por não ter o suficiente para comer. Vendo-se incapaz de resolver o problema, o meu espírito cria uma certeza, uma coisa a que possa apegar-se, uma imagem talhada pela mão ou pela mente. Ou se apega a um *guru*, um livro, uma idéia, para me sustentar nas dificuldades, nas tribulações, no desespêro; e, assim, digo que serei mais feliz na próxima vida, etc., etc.

Enquanto eu não fôr capaz de resolver o meu problema, o meu sofrimento, tenho de depender da esperança. Não quero que ninguém me turve essa esperança, essa crença. Converto essa crença numa crença organizada, e fico-lhe apegado, porque dela me vem felicidade. Porque não sou capaz de resolver o problema que tenho à minha frente, a esperança se me tornou uma necessidade.

Ora, sou capaz de resolver o problema? Se eu puder compreender o problema, a esperança não será mais necessária, não terei mais necessidade de amparar-me numa idéia, numa imagem ou numa pessoa, porquanto a dependência implica esperança, implica confôrto. O problema, pois, é êste: se é indispensável a esperan-

ça; se sou capaz de resolver o meu problema; se se pode descobrir *alguma maneira de não viver atribulado*. É êste o meu problema, e não de achar a *maneira de dispensar a esperança*.

Ora bem, qual é o fator essencial à compreensão de um problema? É bem claro que, se eu desejo compreender o problema, não deve haver nenhuma fórmula, nenhuma conclusão, nenhum julgamento. Todavia, se observarmos as nossas mentes, veremos como estão repletas de conclusões; estamos entranhados de fórmulas, com as quais esperamos resolver o problema. E assim julgamos e condenamos. E assim, enquanto temos uma fórmula, uma conclusão, um julgamento, uma atitude condenatória, não compreenderemos o problema. Portanto, o problema não é importante, mas a maneira como abordamos o problema. Assim sendo, *a mente que deseja compreender um problema, não deve preocupar-se com o problema, mas só com as atividades do seu próprio mecanismo de julgamento*. Estais compreendendo?

Para começar, estabeleci uma esperança, dizendo ser ela essencial, porque sem esperança estou perdido. Minha mente, por conseguinte, está ocupada com essa esperança, eu a ocupo com ela. Entretanto, ela não constitui o meu problema; meu problema é o problema do sofrimento, da dôr, dos meus erros. Mas é mesmo isso que constitui o meu problema, ou o problema é o "como considerar o próprio problema"? O que é importante, pois, é a maneira como a mente considera o problema.

Afastei-me da esperança, completamente, porque a esperança é ilusória, irreal, não é uma coisa positiva. Não posso ocupar-me com uma coisa que não é positiva, criada pela mente, que, por conseguinte, não é uma realidade, porém uma ilusão. Não posso ocupar-me

com essa coisa. O que é real é o meu sofrimento, meu desespêro, as coisas que pratiquei, as lembranças acumuladas, as dores e as desditas da minha vida. A maneira como eu considero as dores e sofrimentos e tribulações da minha vida, é que é importante, não a esperança; porque, se sei considerá-las corretamente, estarei então em condições de atendê-las.

Vemos, pois, que o importante não é a esperança, mas a maneira como considero o meu problema. Vejo que sempre considero o meu problema à luz do julgamento — seja condenando, seja aceitando, seja procurando transformá-lo; ou o considerando através de vidraças, através da cortina das fórmulas, das coisas ditas por outro, das coisas ditas pelo Bhagavad-Gita, pelo Buda, pelo Cristo. Estando pois o meu espírito entravado por essas fórmulas, julgamentos, citações, jamais será capaz de compreender o problema, de considerar o problema. Pode, pois, a mente libertar-se dêsses juízos acumulados?

Segui atentamente esta questão — não as minhas palavras, mas a maneira como considerais o problema. O que sempre estamos fazendo é perseguir a esperança, acabando sempre frustrados. Se me falha uma esperança, ponho outra no seu lugar, e assim por diante. E como não sei a maneira de considerar o problema, como não sou capaz de compreender o próprio problema, apelo para vários meios de fuga. Mas se eu soubesse considerar o problema, não teria então necessidade da esperança. O importante, por conseguinte, é descobrir como a mente considera o problema.

Quando vossa mente começa a considerar um problema, fá-lo sempre com uma atitude condenatória. Ela o condena, distinguindo-o, reagindo contra êle, ou querendo transformá-lo numa coisa que *não é*. Se sois violento, desejais modificar-vos para não violento. A

não-violência é irreal, não é um fato positivo; o que é real é a violência. Ora, o perceber como devemos considerar o problema, com que atitude devemos fazê-lo — isto é, se o condenamos, se lhe aplicamos as lembranças dos ditos dos chamados instrutores — êsse percebimento é que é importante.

Pode a mente desarraigar essas condições, libertar-se dessas condições, e considerar o problema? Pode ela deixar de preocupar-se sôbre como libertar-se dessas condições? Se a mente se preocupa a êsse respeito, cria-se, em consequência disso, um novo problema. Se puderdes, porém, perceber como essas condições vos impedem de considerar o problema, essas condições perdem então todo o valor; porque, o problema é importante, a dôr é importante, a tribulação é importante. Não podeis dizer que o sofrimento é uma idéia, e pô-lo de parte. Êle existe realmente.

Assim, pois, enquanto a mente fôr incapaz de considerar o problema, enquanto não fôr capaz de resolver o problema, tem de haver vários meios de fuga ao problema; e essas fugas são esperanças, constituindo o mecanismo de defesa.

A mente está sempre criando problemas. Mas o que é essencial é que, quando cometemos erros, quando sofremos, enfrentemos êsses erros, êsses sofrimentos, sem julgamento; que os examinemos sem condenação, fiquemos "vivendo com êles" até desaparecerem. E isso só pode acontecer quando a mente se acha no estado de não condenação, e desprovida de qualquer fórmula; o que significa: quando a mente está essencialmente tranqüila, fundamentalmente tranqüila; só então é possível a compreensão do problema.

PERGUNTA: *Podeis dizer-nos o que entendeis pelas palavras "nossa vocação"? Parece-me que enten-*

deis coisa diferente da significação comum destas palavras.

KRISHNAMURTI: Cada um de nós segue uma dada vocação — o advogado, o militar, o policial, o negociante, etc. É bem óbvio que há certas profissões prejudiciais à sociedade: o advogado, o militar, o policial, o negociante que não cuida de tornar outros homens igualmente ricos.

Quando desejamos, quando escolhemos uma dada vocação, quando estamos educando os filhos para seguirem uma determinada profissão, não estamos criando um conflito com a sociedade? Escolheis uma profissão, e eu escolho outra; e isso não faz nascer conflito entre nós dois? Não é isso o que está acontecendo no mundo, visto que nunca pudemos achar a nossa verdadeira vocação? Estamos apenas sendo condicionados pela sociedade, por uma determinada civilização, a aceitar certas profissões, que geram competição e ódios entre os homens. Sabemos disso, estamo-lo vendo.

Ora, existe alguma outra maneira de viver, em que vós e eu possamos exercer as nossas verdadeiras vocações? Não existe uma vocação única para o homem? Tende a bondade de prestar atenção, Senhores. Há vocações diferentes para o homem? Vemos que as há: um é funcionário de escritório, outro engraxate; um é engenheiro, outro político. Vemos que há inúmeras variedades de profissões e que tôdas elas estão em conflito entre si. Assim, pois, por causa da sua vocação o homem está em conflito com o homem, o homem odeia o homem. Sabemos disso. São-nos familiares êsses fatos da vida, de cada dia. Pois bem, vejamos se não existe *uma só* vocação para o homem. Se pudermos descobrí-la, então a expressão de diferentes capacidades não produzirá conflito entre os homens. Eu

afirmo existir apenas uma vocação para o homem. Uma só, e não muitas. *A vocação única do homem é a de descobrir o que é o Real.* Senhores, não vos mostreis espantados; isto não é uma asserção mística.

Se estamos, vós e eu, aplicados a descobrir o que é a Verdade, o que constitui a nossa verdadeira vocação, então, nessa busca, não haverá competição entre nós. Não competirei convosco, não lutarei contra vós, ainda que expresseis essa verdade de maneira diversa. Podeis ser Primeiro Ministro, mas eu não serei ambicioso e não desejarei tomar-vos o pôsto, porque estou buscando, do mesmo modo que vós, a Verdade. Por conseguinte, enquanto não descobrirmos aquela verdadeira vocação do homem, estaremos necessàriamente em competição uns com os outros, e haveremos de odiar-nos mùtuamente; e, sejam quais forem as leis que promulgardes, nesse nível só podeis produzir mais caos.

Não é possível, pois, desde a infância, mediante educação adequada, ministrada por verdadeiros educadores, ajudar o jovem, o estudante, a ser livre, para descobrir o que é a Verdade, a Verdade relativa a tôdas as coisas, e não simplesmente a Verdade em abstrato; descobrir a Verdade existente em tôdas as relações — a relação do jovem com a máquina, com a natureza, com o dinheiro, com a sociedade, o govêrno, etc.? Requer isso, não achais? — uma outra espécie de preceptores, cujo interêsse seja o de ajudar o jovem, o estudante, dando-lhe liberdade, para que seja capaz de descobrir a maneira de cultivar uma inteligência nunca susceptível de ser condicionada por uma sociedade em perene decomposição.

Não existe, pois, *uma* vocação para o homem? O homem não pode existir no isolamento; êle só existe em relação. E quando, nessas relações, não há o desco-

brimento da Verdade respeitante ao estado de relação, há então conflito.

Há tão-sòmente uma vocação para vós e para mim. E na busca dessa vocação encontraremos a expressão em que não entraremos em conflito um com o outro, em que não nos destruiremos mùtuamente. Mas tudo deve começar, sem dúvida, pela educação correta, ministrada por educador adequado. O educador também necessita de educação. Fundamentalmente, o verdadeiro preceptor não é meramente um homem que transmite conhecimentos, mas aquêle que faz nascer no estudante a liberdade, a revolta que o habilitará a descobrir o que é a Verdade.

PERGUNTA: *Quando respondeis a perguntas, que é que funciona, a memória ou o conhecimento?*

KRISHNAMURTI: Eis uma questão muito interessante, não achais? Investiguemo-la.

Conhecimento e memória são a mesma coisa, não? Sem o conhecimento, sem a acumulação de conhecimentos, que é a memória, podeis dar uma resposta? A resposta é a verbalização de uma reação, não é? Fez-se esta pergunta: "Que é que funciona, a memória ou o conhecimento?" Eu estou apenas dizendo que a memória e o conhecimento são essencialmente a mesma coisa, pois se temos conhecimento, mas não temos memória, o conhecimento nada vale.

Perguntais o que é que funciona quando respondo a uma pergunta. É o conhecimento que funciona? É a memória que funciona? Ora bem, que funciona na maioria de nós? Prestais atenção a isso, por favor. Que funciona na maioria de nós, quando se nos faz uma pergunta? O conhecimento, é óbvio. Quando vos pergunto pelo caminho de vossa casa, funciona o vosso

conhecimento, a vossa memória. E, no que respeita à maioria de nós, é só isso que funciona, visto termos conhecimentos acumulados, do Bhagavad-Gita, ou dos Upanishads, ou de Marx, ou de coisas ditas por Stalin, pelo vosso *guru* favorito, ou sugeridas por vossa própria experiência, vossas reações acumuladas. E, dêsse *fundo*, dais a resposta. Isso é tudo o que sabemos. Tal é o fato real. Na vossa ocupação é isso o que funciona sempre. Quando construis uma ponte, é isso que funciona.

Quando escreveis um poema, há duas funções em exercício: a verbalização, a memória e o impulso criador; o impulso criador não é memória, mas quando expresso se torna memória.

Por conseguinte, sem a memória, sem a verbalização, sem o "processo verbalizante" não há possibilidade de comunicação. Sem fazer emprêgo de certas palavras, de palavras inglesas, eu não poderia estar-vos falando. O próprio falar, a verbalização, é função da memória.

A questão agora é esta: que funciona, quando vos respondo, a memória ou outra coisa? A memória, naturalmente, visto que estou empregando palavras. Mas é só isso?

Extráio as minhas respostas das lembranças acumuladas, de inúmeros discursos que fiz nestes últimos vinte anos, os quais repito e torno a repetir, como um toca-discos? É assim que procedemos quase todos nós. Temos certas ações, certos padrões de pensamento, que repetimos continuamente. A repetição de palavras, porém, é coisa muito diferente, visto ser êsse o nosso meio de comunicação. Na repetição de experiências, as experiências estão acumuladas e guardadas; e, qual máquina, eu repito o que está nesse depósito. Aqui, mais uma vez, temos a repetição, ou seja, a memória em funcio-

namento. Mas vós me perguntais se é possível, enquanto vos falo, estar "experimentando" realmente, e não respondendo do meu *fundo* de experiência. Ora, positivamente, há uma diferença entre *a repetição da experiência e a liberdade de experimentar expressa através da memória*, isto é, da verbalização. Tende a bondade de escutar. Isso não é difícil de compreender.

Desejo verificar o que é a ambição, verificar tudo o que ela implica. Enquanto vos falo, investigo realmente, de maneira nova, o inteiro processo da ambição? Ou repito a investigação que fiz ontem, a respeito da ambição, que é simples repetição? Não me é possível investigar, experimentar de novo, a todos os momentos, sem me apoiar meramente num registro, na memória, na experiência de ontem? Não me é possível "florescer", durante todo o tempo que vos falo, sem a monótona repetição da experiência de ontem, embora empregue palavras para me comunicar convosco?

Vossa pergunta é: "que funciona, quando falo?" Se me limito a repetir o que disse há dez dias, isso tem muito pouco valor. Entretanto, se ao mesmo tempo que falo, estou experimentando a realidade e não um sentimento criado pela imaginação, que é que está em função? Está em função o "florescer", não como meio de expressão do "eu", visto que o "eu", que é memória, não está funcionando.

É importantíssimo, pois — não só para mim mas para todos nós — averiguarmos se podemos impedir a nossa mente de ser êsse depósito do passado, ver se a mente pode estabilizar-se sôbre as águas da vida e deixar desfilarem as lembranças, flutuando na corrente, sem se apegar a nenhuma lembrança em particular, embora, quando necessário, faça uso dela, para efeito de comunicação. *Isso significa um estado em que a mente deixa constantemente o passado desfilar, jamais*

se identificando com êle, nunca se ocupando com êle, estando assim a mente firme, não na experiência, não na memória, não no conhecimento, porém firme e estável no "processo", no movimento do contínuo experimentar.

Tal é o fator que não produz deterioração, de modo que a mente se renova constantemente. A mente que acumula, já se acha em decomposição. A mente, porém, que deixa as lembranças desfilarem e se mantém firme no contínuo experimentar, essa mente é sempre nova, está vendo as coisas sempre de maneira nova. Só pode manifestar-se essa capacidade quando a mente está muito tranqüila. Essa tranqüilidade, essa serenidade, não pode ser provocada, não pode ser produzida por disciplina, por ação da vontade, mas tão-sòmente o espírito quando compreende, no seu todo, o processo da acumulação de conhecimento, memória, experiência. Então, êle se estabiliza sôbre as águas da vida, sempre fluentes, palpitantes, vibrantes.

PERGUNTA: *Com o que deve a mente ocupar-se? Desejo meditar. Podeis dizer sôbre o que devo meditar?*

KRISHNAMURTI: Ora, vejamos o que é meditação. Vamos averiguá-lo juntos, vós e eu. Não vou dizer-vos o que é meditação. Nós ambos vamos descobrí-lo, como coisa nova.

A mente que aprendeu a meditar — que significa concentrar-se — a mente que aprendeu a técnica de excluir tôdas as coisas e a concentrar-se num determinado ponto, essa mente é incapaz de meditação. É isso o que quase todos desejamos. Queremos aprender a concentrar-nos, a ficar ocupados com um só pensamento, com exclusão de todos os demais pensamentos, e a

isso chamamos meditação. Mas meditação é coisa inteiramente diferente, conforme vamos averiguar.

Nosso primeiro problema, por conseguinte, é: porque exige a mente ocupação? Compreendeis? Minha mente diz: "preciso estar ocupada com alguma coisa, uma ansiedade, uma lembrança, uma paixão, ou sôbre como ser sem paixão, ou como livrar-me de algo, ou como encontrar uma técnica que me ajude a construir uma ponte". Assim, pois, se observardes, vereis que a mente reclama constante ocupação; não é verdade isso? É por essa razão que dizeis: "Minha mente precisa estar ocupada com a palavra OM"; é por isso que recitais *Ram Ram;* é por isso que vos ocupais com o hábito de beber. A palavra OM, ou a palavra *Ram Ram*, ou a palavra "beber", é tudo a mesma coisa, porque a mente quer estar ocupada, porque pensa que, se não estiver ocupada, praticará algum malfeito, se não estiver ocupada ficará andando sem rumo. Se a mente não está ocupada, que finalidade tem então a vida? Inventais assim uma finalidade da vida — nobre, ignóbil ou transcendental — e ficais apegado a ela, ficais ocupado com ela. É a mesma coisa estar a mente ocupada com Deus ou estar ocupada com seus negócios, porque a mente, consciente ou inconscientemente, diz que precisa estar ocupada.

Por conseguinte, a primeira coisa que devemos fazer é averiguar porque a mente exige ocupação. Prestai atenção a isto. Estamos agora meditando. Isto é meditação. A meditação não é um estado que se alcança no fim. A liberdade não se obtém no fim; a liberdade se acha no começo. Se não tendes liberdade no comêço, não a tereis, tampouco, no fim. Se não tendes amor agora, não tereis amor daqui a dez anos. O que agora estamos fazendo é investigar o que é meditação. *E o próprio indagar do que é meditação, é meditar.*

Diz a mente: "preciso estar ocupada com Deus, com a virtude, com minhas ansiedades, com meus interêsses comerciais"; está ela, pois, incessantemente ativa, na sua ocupação. A mente, pois, só pode existir enquanto ativa, enquanto consciente de si mesma em ação, e não de outro modo. A mente se conhece como existente, quando está ocupada, quando está agindo, quando alcança resultados. Ela se conhece como existente, quando em movimento. O movimento é a ocupação no sentido de um resultado, um ideal, ou a negação dêsse ideal.

Assim, pois, só estou cônscio de mim mesmo, quando há movimento, para dentro e para fora. A consciência, por conseguinte, é êsse movimento da ação, para fora e para dentro; é êsse "exalar" de reações, de lembranças, e o recolhê-las de novo. A minha mente, pois, o "eu sou", só tem existência quando estou pensando, quando estou em conflito com uma coisa, quando há sofrimento, quando há ocupação, quando há tensão, quando há escolha.

A mente, pois, só se conhece quando está em movimento, quando é ambiciosa e se arrasta por êsse caminho. E, percebendo que a ambição é uma coisa estúpida, diz a mente: "preciso ocupar-me com Deus". A ocupação da mente com Deus é a mesma coisa que a ocupação da mente com dinheiro. Pensamos que o homem cuja mente se ocupa com Deus é mais sagrado do que aquêle cuja mente se ocupa com dinheiro; ambos, porém, são de fato idênticos; ambos querem resultados, ambos precisam estar ocupados. Pode, pois, a mente estar sem ocupação? Êste é o problema.

Senhores, pode a mente estar "em branco", sem comparar, visto que o "mais" é o modo pelo qual a mente sabe que existe? A mente que tem conhecimento de sua existência, nunca está satisfeita com *o que é;*

está sempre adquirindo, comparando, condenando, exigindo mais e mais. Na exigência, no movimento do "mais", a mente conhece a si mesma como existente, sendo isso o que chamamos "consciência de si mesmo", o consciente que está à superfície, e o inconsciente. Tal é a nossa vida, tal a conduta de nossa existência de cada dia.

Desejo saber o que é meditação; digo, por isso, que preciso estar ocupado com a meditação; e está, pois, a minha mente, de novo, ocupada com a meditação. Ora, a mente ocupada — prestai atenção a isso, "escutai" — a mente que está sempre ocupada será capaz, em algum tempo, de meditação? A meditação, sem dúvida, é a compreensão das tendências da mente. Se não sei como o meu espírito opera, funciona, trabalha, como posso meditar? Como posso descobrir realmente o que é a verdade? A mente, pois, tem de descobrir a maneira como está ocupada; começa ela então a perceber o com que está ocupada, e descobre que tôdas as ocupações são a mesma coisa; porque, nelas, a mente se está enchendo de palavras, de idéias, está em movimento constante, e por isso nunca pode haver tranqüilidade.

Quando o espírito se ocupa com o descobrimento do que é o Amor, isso constitui uma outra espécie de ocupação, não é? É o mesmo caso do homem que se ocupa com a paixão. Quando dizeis que tendes de descobrir a Verdade, podeis descobri-la? Ou a Verdade só desponta quando a mente não está ocupada, quando a mente está vazia para receber, e não para juntar e acumular? Porque só podemos receber uma vez. Se transformarmos, porém, aquilo que recebemos, numa lembrança, e com ela ficarmos ocupados, nesse caso nunca mais receberemos nada. Porque o receber acontece momento por momento. Êle, por conseguinte, está em relação com o Atemporal.

A mente, pois, que é coisa do tempo, não pode receber o Atemporal. Ela deve, portanto, estar completamente tranqüila, completamente vazia, sem fazer nenhum movimento em qualquer direção. E isso só pode acontecer quando nossa mente não está ocupada — quando não está ocupada com o "mais", com um problema, uma ansiedade, ou com fugas; quando não está condicionada em nenhuma crença, nenhuma imagem, nenhuma experiência. Só quando a mente é totalmente livre, só então existe a possibilidade de uma tranqüilidade imensa e profunda; e, nessa tranqüilidade, se manifesta na existência o Eterno. Eis o que é meditação.

11 de março de 1953

Índice e Resumo das Perguntas

Obras já editadas pela

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI

do mesmo Autor:

PERCEPÇÃO CRIADORA
PODER E REALIZAÇÃO
CLARIDADE NA AÇÃO
NOSSO ÚNICO PROBLEMA.
A RENOVAÇÃO DA MENTE.
QUE ESTAMOS BUSCANDO?
NOVO ACESSO A VIDA.
NOVOS ROTEIROS EM EDUCAÇÃO.
A ARTE DA LIBERTAÇÃO.
DA INSATISFAÇÃO A FELICIDADE.
VIVER SEM CONFUSÃO.
PORQUE NÃO TE SATISFAZ A VIDA?
A CONQUISTA DA SERENIDADE
NÓS SOMOS O PROBLEMA.
SOLUÇÃO PARA OS NOSSOS CONFLITOS.
O CAMINHO DA VIDA.
QUE TE FARA FELIZ?
UMA NOVA MANEIRA DE VIVER.
O EGOISMO E O PROBLEMA DA PAZ.
A FINALIDADE DA VIDA.
QUE O ENTENDIMENTO SEJA LEI.
AUTOCONHECIMENTO, CORRETO PENSAR, FELICIDADE.
A LUTA DO HOMEM.
O MÊDO (2.a ed.).
A BUSCA (poema).
AUCKLAND, 1934.
OJAI E SAROBIA.
ADYAR, INDIA, 1933/34.
ACAMPAMENTO EM OMMEN, 1937/38.
ITALIA E NORUEGA. 1933.
NOVA IORQUE, EDDINGTON E MADRASTA, 1937.
PALESTRAS EM OMMEN, 1936.
PALESTRAS EM OJAI, CALIFÓRNIA, 1936.
PALESTRAS NO CHILE E NO MÉXICO, 1935.
PALESTRAS NO URUGUAI E ARGENTINA, 1935.
PALESTRAS NO BRASIL, 1935.

Krishnamurti - AUTOCONHECIMENTO - Base da Sabedoria